

CARGA AÉREA
 IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO
 TRANSPORTOS FRETAMENTOS
 VIAGENS

SECCÃO DE
AGÊNCIA ABREU
 Lisboa — Av. da Liberdade, 160
 Porto — Av. da República, 379

SECCÃO DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
AGÊNCIA DE SERVIÇOS
 Lisboa — Av. da Liberdade, 160
 Porto — Av. da República, 379

Jornal do Comércio

FELTROS INDUSTRIAIS
 macios e comprimidos
 — alemães —

CASA S. JAVIER
 Lda
 Porto

CORRIDA PRESIDENCIAL FRANCESA

ESCRITURAS CRÍTICAS



MEDALHA DA IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA PARA O CHEFE DO ESTABELECIMENTO
 Thomaz ao receber ontem à tarde, no Palácio Nacional de Belém, o administrador-geral do Estabelecimento Nacional-Casa da Moeda, dr. Higinio de Menezes, e os demais elementos do conselho de administração da empresa pública, deputado Silva Mendes, drs. Ruben Leitão e Ramiro Farinha, e José Manuel Chartens, que foram a receber-lhe exemplares das medalhas comemorativas da fusão das duas empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença do ministro do Interior, da Livraria do Estado na cidade de Porto

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e taing, distanciou-se mais um ponto à frente do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda suas perspectivas de se debruar com candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio. Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante. (Continua na 6.ª página)

PROSPECÇÃO DE ENERGIA A PARTIR DO CALCULO

por NIGEL H. ...
 A primeira tentativa para atingir as enormemente aquecidas das profundidades a 20 milhas de Los Alamos, no Novo México, começou a perfurar através da crosta terrestre. A esta profundidade calcula-se que se encontra a superfície, armazenando vastas quantidades de energia. A experiência é quase incalculável.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR EXERCÍCIO DE 1973

O conselho de administração do Banco Pinto & Sotto Mayor, no relatório apresentado à assembleia geral dos accionistas, refere-se ao projecto do IV Plano de Fomento aprovado pela Assembleia Nacional e lamenta que no domínio financeiro referido projecto preveja algumas medidas...

BOLSA DE LISBOA

TOM FROUXO
 Poucas indicações de ligeira melhoria, verdadeiramente modesta, sobretudo por parte dos valores diversificados. Não modificaram a tendência geral do mercado das acções, que continuou a exibir características de baixa.

ESTABELECIDOS
OS TEMAS DO II ENCONTRO ECONÓMICO
ANGOLA-MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 24 (L.) — Encontram-se já estabelecidos os temas a ser discutidos por empresários e homens de negócios de Moçambique e de Angola que, por iniciativa do Banco de Crédito Comercial e Industrial, se vão reunir em Lourenço Marques...



HOJE
40
 páginas
 NO 30º
 CADERNO
 automobilismo



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao sprint todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Sworts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em Desportos, na página 9)

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - Aspeur
Universidade Feevale

ESCRITURAS CRÍTICAS

Organização:
Claudia Schemes
Daniel Conte



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2024

PRESIDENTE DA ASPEUR

- Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

- José Paulo da Rosa

PRÓ-REITORA DE ENSINO

- Maria Cristina Bohnenberger

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**

- Fernando Rosado Spilki

**DIRETOR DO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS**

- Cássio Schneider Bemvenuti

**DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
CRIATIVAS E TECNOLÓGICAS - ICCT**

- Edvar Bergmann Araujo

**DIRETORA DO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICS**

- Caren Mello Guimarães

**DIRETORA DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS E INSTITUCIONAIS**

- Paula Casari Cundari

DIRETORA DE INOVAÇÃO

- Daiana de Leonço Monzon

**DIRETORA DE CAPTAÇÃO
E NOVOS NEGÓCIOS**

- Claudia Lunkes Schmitt

EDITORA FEEVALE

- Mauricio Barth (Coordenação)
- Eduarda Camilly Candido (Revisão textual)
- Tífani Müller Schons (Design editorial)

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS

- Claudia Schemes
- Daniel Conte

CAPA

Interferência sobre a obra *L'oreille laiique de l'État*, de Daniel Conte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471

Escrituras críticas [Recurso Eletrônico]/ Organização: Claudia Schemes, Daniel Conte. – Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2024..
201 [9] p.

Obra que reúne estudos desenvolvidos no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN: 978-65-86341-35-5.

1. Questões sociais – Prática social. 3. Produção intelectual. 4. Identidade cultural. 5. Manifestações culturais. 6. Sociedade – Sujeitos. I. Schemes, Claudia, org. II. Conte, Daniel, org. III. Título.

CDU 304

CDD 300

Bibliotecária responsável
Fernanda Motta Ferreira CRB10°/2058

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS

Homepage: www.feevale.br

CARGA AÉREA
 IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO
 TRANSPORTES FRETEamentos
 VIAGENS
 SERVIÇOS ESPECIALIZADOS
AGENCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 100
 Tel. 32 00 21
 Porto — Av. dos Aliados, 287
 Tel. 3 75 21

FELTROS INDUSTRIAIS
 macios e comprimeidos
 — alemães —
GASA CHAVES GAMINHA
 Lisboa Porto

Jornal do Comércio

CONSELHO EDITORIAL

Altair Teixeira Martins - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Anselmo Peres Alós - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Eduardo Marks de Marques - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Gerson Luiz Roani - Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Imara Bemfica Mineiro - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Jane Fraga Tutikian - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Liliam Ramos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ludovic Heyraud - Université de Montpellier (Paris V)

Mauro Meirelles - Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais (LapCAB/Unisinos)

Paul Dixon - Puerdue University (Estados Unidos da América)

Paula Regina Puhl - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Ricardo Postal - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Roberto Tietzmann - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Rubelise da Cunha - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

CORRIDA PRESIDENCIAL FRANCESA

MELHORA A POSIÇÃO DE RICHARD D'ESTAING

...também distanciou-se mais um pouco à frente do seu rival gaullista.

Jacques Chabanolles, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se derrotar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 18 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino "France Soir" mostram Mitterrand ligeiramente vacilante.

(Continua na 6.ª página)

HOJE
40
 páginas
 Nº 3º
 CADERNO
 automobilismo

PROSPERIDADE A PARTIR DE...

MEALHA DA IMPRENSA NACIONAL

PROSPERIDADE A PARTIR DE...

O BANCO & SOTTO M...

NO EXERCÍCIO

ESTAB...

OS TI...

DO II ENCONTRO

ECONOMICO

ANGOLA-MOÇAMBIQUE

TOM FROUXO

As poucas indicações de ligeira melhoria, verificadas sobretudo por...

O conselho de administração do Pinto & Sotto Mayor...

ESTAMOS CERTOS COM O NOSSO TEMPO!

A PRIMEIRA ETAPA DA 'VUELTA' — Edla Pedreira —

ESTAMOS CERTOS COM O NOSSO TEMPO!

CARGA AÉREA
 IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO
 TRANSPORTES AEROTRANSPORTES
 VIAGENS
 SERVIÇOS ESPECIALIZADOS
AGENCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 100
 Tel. 32 00 21
 Porto — Av. dos Aliados, 207
 Tel. 3 75 21

FELTROS INDUSTRIAIS
 macios e comprimeidos
 — alemães —
GASA CHAVES GAMINHA
 Lisboa Porto

Jornal do Comércio

SUMÁRIO

07

APRESENTAÇÃO

Claudia Schemes e Daniel Conte

09

MEMÓRIAS DE MULHERES ÍTALO-BRASILEIRAS: NOVA MILANO - FARROUPILHA (RS)

Daniela Cristina Menti e Claudia Schemes

41

A COMIDA – HUMANIDADE E CULTURA

Rogério de Vargas Metz e Cleber Cristiano Prodanov

58

NARRATIVAS E CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA: ANÁLISE DO CONTO *RAPUNZEL* (SÉC. XIX) E DO LONGA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO *ENROLADOS* (2010)

Cláudia Gisele Masiero e Cristina Ennes da Silva

76

A FENOMENOLOGIA DA VOZ POÉTICA OU DO CARÁTER ONTOLÓGICO DA ORALIDADE PLENIFICADORA

Rafael Hofmeister de Aguiar e Daniel Conte

100

“AGORA NÓS É POETA, QUE NEM ELES LÁ”: POESIA *SLAM* COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA EJA

Fernanda Rodrigues da Silva e Ernani Mügge

CORRIDA PRESIDENCIAL FRANCESA

MELHORA A POSIÇÃO
DE RICHARD D'ESTAING

... e ting, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista.

Jacques Chabanol-
mas, na corrida pre-
sidencial francesa, me-
lhorando mais ainda as
suas perspectivas de
se defrontar com o
candidato da Esquerda
Unida, François Mitter-
rand, no escrutínio deci-
sivo de 18 de Maio.

Os dados obtidos por
uma sondagem publi-
cada hoje pelo vesper-
tino "France Soire"
mostram Mitterrand li-
geramente vacilante,
resistindo na 6ª posição

... EN FACE DA CRISE

... NA PETROLÍFERA
DIFICULDADES
... DE PLÁSTICOS

... RA-INDÚSTRIA

HOJE

40

páginas

N.º 36

CADERNO

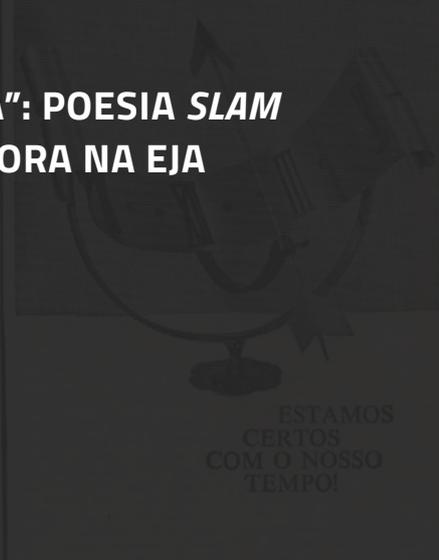
automobilismo

NOTÍCIAS
ESTABELECIDOS
OS TEMAS
DO II ENCONTRO
ECONÓMICO
ANGOLA-MOÇAMBIQUE

TOM FROUXO
 As poucas indicações
de ligeira melhoria, veri-
ficadas sobretudo por
parte dos valores diver-
sos, não modificaram a
tendência geral do mer-
cado das ações, que
continuou a exibir caracte-
rísticas de baixa.

LOURENÇO MANTOUELO
 (L) — Encerramos a
discussão na reunião
de abertura do Encontro
de Moçambique e de An-
gola, que, por iniciativa do
Banco de Crédito Comer-
cial e Industrial, se vão re-
sumir a Lourenço Marques.

A PRIMEIRA ETAPA DA "VUELTA" — Eddy Peleman, Bélgica, que operou na Gre-
noble a favor de agosto, tendo os demais concorrentes à chegada a Alentejo, foi o vencedor
da 1.ª etapa da "Vuelta". Logo depois partilharam com a vitória o galego, inter-
nacionalista Joaquim Aguirre, na 10.ª etapa, e um espanhol, dos segundos da corrida
salsa. (Desenvolvimento em "Diário", na página 91)



ESTAMOS
CERTOS
COM O NOSSO
TEMPO!

CARGA AÉREA
 IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO
 TRANSPORTES AEROTRÁNSITOS
 VIAGENS
 SERVIÇOS ESPECIALIZADOS
AGENCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 160
 Tel. 32 00 21
 Porto — Av. dos Aliados, 287
 Tel. 3 75 21

Jornal do Comércio

Director: CARLOS MACHADO

FELTROS INDUSTRIAIS
 macios e comprimeidos
 — alemães —
GASA CHAVES GAMINHA
 Lisboa Porto

117

THEATRUM MUNDI NA LITERATURA UNIVERSAL E EM MACHADO DE ASSIS

Isaque Gomes Correa e Juracy Assmann Saraiva

127

TERRITORIALIDADES REVELADAS: ESPAÇO, TEMPO E PERTENCIMENTO NA FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL

Karina Koch, Laura Ribero Rueda e Aurora Alcaide Ramírez

149

MEMÓRIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NA BATINGA SUL (BROCHIER, RS, BRASIL)

Thais Gaia Schüler, Magna Lima Magalhães e Roswithia Weber

169

PLATAFORMAS DIGITAIS E PRÁTICAS ALTERNATIVAS: OS IMPACTOS DA DEPLATAFORMIZAÇÃO NO CASO ALLAN DOS SANTOS

Eduardo Gabriel Velho e Sandra Portella Montardo

189

TEMPOS DE DISCRIMINAÇÃO E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA: DESAFIOS DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE ANTIDISCRIMINATÓRIA

Marluci Meinhart, Alissom Roberto Brum e Saraí Patrícia Schmidt

202

SOBRE OS AUTORES



APRESENTAÇÃO

ESCREVER PARA RESPIRAR

Pensar os movimentos de significação do sujeito na ordem contemporânea passa, inevitavelmente, por pensar a produção do conhecimento à guisa de entendimento da realidade em suas emergências e suas possibilidades. Não há outra contingência para que nos entendamos como sujeitos singulares e vetores identitários; desse modo, a escritura autoral e as materialidades oriundas das reflexões resultantes dos embates teórico-críticos não pretendem, por óbvio, transmitir verdades já estabelecidas ou ostentar efeitos de sentidos instrumentalizantes, mas desordenar nossos entendimentos pré-existentes. Produzimos conhecimento e escrevemos com o interesse íntimo de nos libertarmos das fronteiras impostas pelas verdades fossilizadas em nosso imaginário social, o que nos consente um movimento fundamental na ossatura das gentes: transcender nossa identidade atual em direção a algo inédito que se encontra sempre no Outro.

De igual modo, a produção intelectual no âmbito investigativo dos processos e das manifestações da Cultura, que vai tomar como orgânicas áreas de estudo tal qual a memória, as identidades, a linguagem, bem como os processos estéticos e educativos, tentam não apenas comunicar conhecimentos estáveis, mas, ainda, transformar nosso entendimento a respeito daquilo que nos está posto à análise e à relativização epistêmica.

O ato de entendermo-nos como sujeitos e como operadores das performances sociais de nosso tempo presente é impulsionado, a todo momento, pela esperança de que essa experiência possa nos libertar de axiomas que nos restringem, permitindo-nos caminhar para além de nossas limitações e de nossos conceitos atuais. Estas *Escrituras Críticas* buscam vislumbrar as experiências investigativas nas manifestações e nos processos da cultura por meio de análises consistentes e metodologicamente posicionadas em relação a seus objetos. Não é intenção a imposição de revelações, conversões ou doutrinas. Não há um ativismo teórico-crítico, portanto, o que o leitor encontrará nestas páginas, isso, sim, é o evidente propósito de apresentar formas de investigações críticas que ajudem a nos descativar dos conjuntos de verdades que ainda moldam nossos olhares, por vezes despóticos, e as nossas próprias identidades na condição de professores, educadores e pesquisadores.



É provável que, ao fazermos isso, possamos ampliar nossa liberdade de pensar sobre a cultura, seus movimentos e suas materialidades, além de considerarmos dizentes os efeitos que essa análise provoca em nós, sujeitos desamparados e imersos em um contexto repleto de incertezas e angústias características do momento histórico que vivemos. Em meio a deslocamentos de milhões de pessoas, a guerras e a desastres naturais, é a ciência, em seus fazeres investigativos, que anuncia o caminho de dias menos desastrosos. São os estudos das culturas e das identidades em suas reverberações semânticas que apontam aquilo que deve ser entendido por entre as gentes que sofrem as dores do humano. Podemos considerar esta reunião de estudos uma materialidade a qual possibilita que nos renovemos intelectualmente, à medida em que ela se coaduna com o fazer analítico que busca a liberdade de pensamento. É nosso desejo que os sentidos expressos nos textos de *Escrituras Críticas*, obra que reúne significativos estudos desenvolvidos no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, possam testemunhar e nos instrumentalizar à ordem do entendimento de nós mesmos como sujeitos, investigadores, professores e leitores que escrevem para respirar.

Novo Hamburgo, maio/junho de 2024.

Claudia Schemes & Daniel Conte

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

BB ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC... ARREST

or NIGEL H...

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

ON

973

mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)

página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



Daniela Cristina Menti
Claudia Schemes

ESTAMOS
COM O NOSSO
TEMPO!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês cada um mês cada um mês cada um mês

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre o fenômeno da imigração no Brasil é imprescindível para compreendermos as diversas manifestações culturais no País. Assim sendo, este estudo tem como foco a Região Sul do Brasil, mais especificamente o Rio Grande do Sul, devido ao fluxo migratório de pessoas provindas da Itália entre 1875 e 1930, tornando-se um assunto que merece ser discutido.

Os primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul estabeleceram-se na atual região de Nova Milano, na cidade de Farroupilha. Naquela época, ambas as cidades pertenciam à Colônia Caxias do Sul. Em decorrência das imigrações, a Região Nordeste do Rio Grande do Sul é, ainda hoje, com frequência, tratada, por diversos pesquisadores, como Região de Colonização Italiana (RCI).

Para compreendermos a questão da formação cultural de Nova Milano, é preciso contextualizar a situação da Itália antes dos movimentos migratórios. A situação que o país encarava na recém Unificação Italiana era de greves, crises econômicas, crise agrária e difíceis condições para os trabalhadores rurais, que se viam perdendo suas safras e seus empregos com o avanço do capitalismo. A solução encontrada pelo governo italiano foi facilitar que esse excedente de pessoas emigrasse para as Américas.

A situação no Brasil, sobretudo na Região Sul, por sua vez, coincidiu de modo positivo com a crise italiana. Com o processo de abolição da escravatura, que acontecia aos poucos desde 1850, seria necessária mais mão-de-obra no País, de preferência que fosse barata. Com isso, o governo brasileiro passou a incentivar a vinda de navios partidos, em particular, do porto de Gênova, para o Brasil. No caso do Rio Grande do Sul, mais um fator influenciou o grande número de italianos chegados: a colonização de terras devolutas que não se desenvolveram pela colonização de iniciativa privada.

Os melhores lotes de terra do Rio Grande do Sul já haviam sido povoados pelos imigrantes alemães, que haviam iniciado o processo de imigração em 1824. Eles foram ocupando as terras próximas ao Rio do Sinos (atual são Leopoldo, Novo Hamburgo e regiões próximas). Para os imigrantes italianos, sobraram as terras no topo da serra, com mata fechada e de difícil acesso.

Assim, chegaram a Nova Milano as três famílias pioneiras: Radaelli, Crippa e Sperafico. Com a chegada dessas famílias e, em seguida, de outras, foram trazidos os costumes de suas regiões, como dialetos, festividades, crenças, técnicas de plantio, orações, costumes, ou seja, memórias.

Esses costumes misturaram-se aos de imigrantes provindos de outras regiões da Itália. Alguns mesclaram-se com características locais e formaram, assim, uma nova forma de cultura híbrida. Nessa perspectiva, esta pesquisa aborda questões referentes à imigração italiana na cidade de Farroupilha, evidenciando identidade e memória por meio de relatos de mulheres descendentes de imigrantes italianos.

Como objeto deste estudo, elegemos mulheres com mais de 70 anos que residem na área rural da cidade de Farroupilha, mais especificamente nos arredores de Nova Milano, distrito onde os primeiros imigrantes italianos se instalaram. A questão norteadora desta pesquisa é: de que modo as memórias de mulheres descendentes de imigrantes italianos ajudam a compreender as manifestações culturais da cidade de Farroupilha?

As mulheres que estiveram presentes na história do Brasil, assim como em outros países do mundo ocidental, sempre estiveram à sombra de seus pais, maridos e irmãos. Quando falamos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, temos, pois, o cenário da colonização patriarcal de base familiar. Durante anos, a mulher desempenhou o papel delegado pelos homens, mantendo-se em silêncio e aceitando sua condição de “inferioridade” como algo natural.

As mulheres que fazem parte deste estudo compõem a terceira geração de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1875 e 1920. São pessoas com um determinado grau de escolaridade e que, em algum momento da vida, foram casadas e tiveram filhos. Optamos por não revelar o nome das entrevistadas, já que suas identidades não são necessárias para a compreensão do estudo e, também, por questões éticas, a fim de manter a privacidade das fontes.

A metodologia da história oral utilizada nesta pesquisa é a que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar um entendimento de fatos subjetivos do grupo estudado. Ferreira (2002) pontua que, conseqüentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não es-

tão essencialmente voltadas para a checagem das informações e para a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. Buscamos, outrossim, o subjetivo, as falas daquelas que não foram caladas, mas que, na verdade, nunca foram ouvidas.

A preservação da memória é outro ponto importante a ser mencionado como parte da justificativa deste estudo; preservar a memória é resguardar a identidade de uma sociedade. Para o sociólogo Halbwachs (2013, p. 29), “A memória não é factual ela é reconstruída”. Reconstruir a memória desse grupo social, que tanto fez pelo desenvolvimento da cidade, é um exercício árduo, mas considerável para o reflexo da memória coletiva e do entendimento da participação desse grupo no cenário cultural de Farroupilha.

Para tanto, são reconstruídas as memórias traumáticas dessas mulheres e o seu resgate é relacionado a eventos históricos, pressupondo-se uma luta política em torno do significado e da representação dos fatos ocorridos. De acordo com Pollack (1992), essa ferida na memória, que é o próprio trauma, manifesta-se usualmente na incredulidade do próprio narrador diante do que tem a dizer, o que se evidencia nas entrevistas das mulheres deste estudo. Os contatos, cabe considerarmos, foram feitos de modo direto e informal, a partir de um vínculo de conhecimento de uma das autoras que reside na comunidade estudada, e foram divididos em três categorias de análise: família, educação e festividades.

2 NOVA MILANO: O BERÇO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA

Nova Milano é o quarto distrito de Farroupilha, Rio Grande do Sul, localizada a, aproximadamente, 100 quilômetros da capital, Porto Alegre. De acordo com dados do IBGE, no censo realizado em 2008, estimava-se que a população era de 3.258 habitantes, sendo 1.184 da zona urbana e 2.074 da zona rural. Como Nova Milano é um distrito do município, ele abriga diversas comunidades do interior, como, por exemplo: Linha Boêmios, Linha Machadinho, Linha Amizade, São Miguel, São João, entre outras. A história de Nova Milano teve início em maio de 1875, quando, vindos da região de Milão, chegaram as três primeiras famílias de colonizadores: Radaelli, Crippa e Speraffico.

Aproximadamente 110 famílias de italianos chegaram a Farroupilha nessa época, mas logo foram transferidas para povoar o Campo dos Bugres (atual Caxias do Sul), a sede

da colônia, de modo que somente as três famílias supracitadas se estabeleceram em Nova Milano. Comprando colônias de 24 hectares, cada uma foi para uma localidade e prosperou de maneira diferente: a família Radaelli estabeleceu-se em Nova Milano; os Crippa foram para o Travessão Milanês, localidade hoje conhecida como Linha Amizade; e a família Sperafico instalou-se em São Miguel.

A forte fé católica era o que dava esperança aos colonos em meio às dificuldades das terras recém-desbravadas. Todos esses indivíduos estavam em um contexto social e econômico muito semelhante e, mesmo que não houvesse um sentimento de italianidade entre eles, resultado do processo de *Risorgimento*, em que nem o idioma era o mesmo entre as famílias, tinha-se o catolicismo como um forte elo. Com a religião sendo o âmago da colônia italiana, criou-se o sentimento de identidade e pertencimento.

Apesar das tantas dificuldades impostas aos emigrantes, o legado cultural deixado por eles é de grande importância. Como supracitado, os emigrantes italianos, homens, mulheres e crianças, traziam consigo costumes e tradições, muitos dos quais preservados entre as gerações - alguns, inclusive, podem ser vistos nas festas de comunidade, em associações culturais e, principalmente, na memória de muitos deles, como será evidenciado ao longo deste estudo.

A partir dessas informações a respeito da imigração italiana para o Brasil, pode-se entender que a comunidade que se estabeleceu na RCI forma um sistema cultural, o qual se caracteriza não apenas por meio de traços culturais diferenciados, mas também de certas condições ambientais (Pozenato; Ribeiro, 2004). No que se refere à imigração italiana, no sul do País, duas dessas condições foram fundamentais: a primeira é a de “um ambiente geográfico próprio, que determinou tanto a criação de uma cultura adequada a ele como a diferenciação, baseada num relativo isolamento, com relação a outros ambientes geográficos” (Pozenato; Ribeiro, 2004, p. 19). O isolamento aconteceu, de fato, quando as melhores terras na encosta dos rios ficaram com os imigrantes alemães chegados em décadas anteriores. Os imigrantes italianos estabeleceram-se na encosta da serra, um ambiente geográfico que dificultava o contato com centros urbanos, ou mesmo com outras colônias de imigrantes.

Frosi e Mioranza (1975) destacam que a divisão dos grupos nas colônias do Rio Grande do Sul não seguiu critérios étnicos-linguísticos por muito tempo. Tal desorganização

resultou na formação de comunidades com identidades mistas, que decorreu no desaparecimento de alguns dialetos e na criação de novos, como foi o caso do *talian*, dialeto falado até hoje no *locus* de pesquisa. Essas duas características apresentadas são responsáveis pela formação do sistema cultural da RCI estudada.

A junção de grupos culturalmente diferentes em áreas isoladas dos centros urbanos, onde o uso do português não se fazia necessário, fez com que os dialetos se misturassem e alguns, inclusive, se dissolvessem. Isso também aconteceu com diversos costumes, desde técnicas de plantio, vestimentas, orações e canções até festas comunitárias.

3 AS MULHERES NO CONTEXTO FAMILIAR NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

As famílias italianas eram numerosas, pois muitos filhos seriam a garantia do sustento por meio da força braçal na lavoura, envolvendo até as mulheres e as crianças nessas atividades. Geralmente, as mulheres costumavam voltar para a casa um pouco antes dos homens para acender o fogo e começar o preparo da refeição. A ela também cabia a função do trato dos animais, tirar leite, preparar o queijo, cuidar da horta, organizar a casa e a educação moral e religiosa dos filhos pequenos (De Boni; Costa, 1979).

Segundo Constantino (2006, p. 65), “o papel da mulher na imigração foi sempre irritantemente um assunto masculino”. Sob esse viés, compreende-se que as mulheres das comunidades de origem italiana tiveram suas vidas marcadas por diversos processos alheios a elas, os quais constituem uma memória social.

A divisão sexual do trabalho demarcava-se nitidamente nos primeiros tempos da colônia (De Boni; Costa, 1979). Os homens se ocupavam do trabalho do campo, dos parreirais da estrebaria, dos paióis, das cantinas, das matanças dos porcos, carneiros, reses, do preparo do salame, da conservação das carnes salgadas, defumadas, charqueadas, lavar e dirigir carroças, chamadas de “*slitas*”, ou seja, esses eram serviços exclusivamente destinados aos homens.

De acordo com Bassanezi (2013), na pequena propriedade rural dos núcleos coloniais, o trabalho da mulher imigrante era semelhante ao da colona do café. Tanto na propriedade rural da RCI como nas fazendas cafeeiras de São Paulo, o chefe da família, que também era o dono da terra, era quem determinava as atividades que propiciariam a ma-

nutrição da família e a garantia da propriedade da terra. Nesse contexto, conforme De Boni e Costa (1979), as funções femininas eram aquelas voltadas ao lar, à educação dos filhos e a algumas tarefas na lavoura, como o trato dos animais e a produção de alimentos com os insumos, como a fabricação do queijo e da manteiga. Para Bassanezi (2013), as mulheres participam com os outros membros da família do preparo das lavouras, do plantio, do trato, do cultivo e da colheita de culturas temporárias e permanentes, além de dar conta dos afazeres domésticos.

A gerência do dinheiro da família, destacamos, dificilmente passava pela mão da mulher, dado que ela era considerada incapaz de tal administração. Estudos, como o de Giron (2008) sobre as proprietárias de terras na colônia de Caxias do Sul, apontam como a mulher era mais econômica que o homem, revendendo as sobras da produção da horta para ter um dinheiro extra, enquanto o homem gastava, sem maiores preocupações, em jogos, bodegas e nas festas da comunidade.

Segundo Bassanezi (2013), com mais liberdade de locomoção que as mulheres nas fazendas cafeeiras, as dos núcleos coloniais localizados próximos às cidades vendiam aí os produtos de suas terras: ovos, galinhas, leite, queijos, legumes, frutas, feijão. Até nos domingos a mulher trabalhava, enquanto o homem podia desfrutar do lazer: “no domingo, quando o homem descansava, jogando e bebendo com os amigos no salão da capela, a mulher ocupava-se da lavagem de roupas da família” (Giron, 2008, p. 30).

Às mulheres também cabiam outras atividades que não lhes eram lucrativas, como a produção dos ricos enxovais que suas filhas deveriam ter para quando arrumassem um marido. Dessa forma, a divisão do trabalho desigual entre o homem e a mulher não estava relacionada apenas à força física, mas às determinações existentes no núcleo da família. Giron (2008) define os papéis de cada integrante da família: ao homem, cabia o papel de proprietário da terra, chefe de família e dono da casa; à mulher, os papéis de mãe, doméstica e auxiliar geral; e aos filhos, a obediência, o trabalho e a subalternação como membro da família. A numerosa família da colônia, assim, garantiria a prosperidade e os filhos eram considerados uma extensão das terras do patriarca, ou seja, eles é que iriam trabalhar nelas e, possivelmente, herdá-las. Por isso, era preciso que o homem encontrasse uma mulher forte e trabalhadora que pudesse garantir a existência da prole e a realização de todos os trabalhos. Giron (2018, p. 36) compara a escolha da esposa ao cuidado com a escolha de

uma terra: “ambas deveriam produzir riquezas e filhos. Tanto a terra quanto as mulheres deveriam ser férteis e reproduzir as sementes plantadas pelo homem”.

A mentalidade patriarcal e de supremacia masculina fizeram com que se generalizassem conversas e desabonos às mulheres comunicativas, alegres e extrovertidas, amantes de festas, de músicas e amizades. De Boni e Costa (1979, p. 124) reúnem em seu estudo alguns dizeres comuns dialetais que reforçam essas relações de poder. “*Una brava donina la fá sú el leto ala matina. La dona cosi, cosi, lofá al mezzodia. La dona mussata lo fa quando che la mete dô la culata*”¹. Outro ditado comum na colônia, refletindo que todo o marido devia ser rigoroso com sua esposa, é “*Una dona e um bacalá, lé mai pestá assã*”, ou seja, mulher e bacalhau nunca são pisados o suficiente.

O casamento era o momento em que a mulher saía da tutela do pai para a do marido. Muito esperado pelas moças, era preciso seguir alguns passos para que se obtivesse a aprovação dos pais de ambos os lados do casal. É preciso entender que a extensão natural da família era o grupo vicinal, que tinha grande importância na vida na colônia, comparando-se ao grupo parental.

Era, pois, por meio do matrimônio que se constituía a família, importante elo identitário do imigrante e seus descendentes. A supervalorização da família pelo casamento e batismos era necessária para criar vínculos de apadrinhamento com outras famílias.

Na perspectiva de Matté (2008, p. 93), o casamento na RCI “constitui um dos mais fortes discursos em relação à cultura do imigrante italiano. É através do matrimônio que se constitui a família, importante elo identitário do imigrante e seus descendentes”. O casamento era o ato que iria legitimar a união do casal e, a partir daí, o sexo era permitido sem que a mulher fosse desonrada.

De Boni e Costa (1979) descrevem casos de famílias em que a mulher dava ordens para o marido. Para ridicularizar o fato de o homem ser mandado pela mulher, equiparava-se o uso das vacas nos trabalhos na lavoura, por esta ser mais fraca que o boi, como é visto no dito popular “*Dove se ara com le vache, comândano le femme*”, que, em tradução livre, significa “onde se lavra com as vacas, comandam as mulheres”. Os homens que se

¹ Uma boa esposa arruma a cama pela manhã. A mulher mais ou menos o faz ao meio dia. A mulher displicente o faz ao deitar.

casassem com mulheres mais velhas, ou mesmo mulheres mais altas do que eles, recebiam comentários, como “*la cesa pi alta del campanile*”, algo semelhante a “a igreja é mais alta que o campanário”.

Consoante Jussara Della Flora (2005, p. 102), para a comunidade italiana, a “esposa ideal era aquela que tivesse a boca de porco, ou seja, não se importasse com a comida, e as costas de asnos, para suportar qualquer trabalho”. A importância da mulher colona em relação ao lar era muito forte, conforme este fragmento do jornal *Il colono italiano*, de 1913, apresenta:

A casa é o ninho de todos os afetos, a fonte de todos os bens, a mestra de todas as mais belas ações. Um povo é tanto mais honesto e civil quanto mais a ama e a honra [...] Mas da casa a rainha é a mulher. A mãe é a confidente e a mestra de seus filhos, a irmã é a doce mediadora, o anjo modesto que guia pelas vias suaves o ânimo dos irmãos à bondade. Esposa e filha, a mulher tem, entre as paredes domésticas, tarefas importantes e especiais, e de sua inteligência, de sua fidelidade e de seu cumprimento depende a felicidade de toda a família (*Il Colono Italiano*, 28 ago. de 1913 *apud* Valduga, 2007, p. 94).

A docilidade e submissão também eram características fundamentais na hora da escolha da moça para se casar, como é evidenciado em outro trecho do jornal *Il Corriere d'Italia*, de 1919: “Quando uma jovem mulher for bem-educada e dócil, modesta e pia e souber educar seus filhos igualmente, qual obra de arte poderia haver no mundo maior que está?”.

Para um bom casamento, era necessário, também, que o noivo não tivesse vícios, como alcoolismo ou vício em jogos de cartas, fosse um bom trabalhador, tivesse terras e que fosse cristão, assim como a futura esposa. A noiva, mulher trabalhadora, não deveria ser vaidosa, pois era sinal de preguiça, e sua vaidade poderia vir a gerar custos para o novo casal, ou mesmo despertar o desejo de outros homens. Desse modo, “ela deveria valorizar a resignação e a humildade, ser econômica e gerar filhos” (De Boni; Costa, 1979, p. 62).

Conforme afirma Perrot (2001, p. 250), “a família é um capital simbólico de honra. Tudo que arranha a sua reputação, que mancha seu nome, é uma ameaça”, por isso a questão da virgindade da noiva era a maior preocupação dos pais, que tinham cuidado redobrado sobre as filhas durante a fase do namoro. Segundo Scott (2013, p. 12), o namoro deveria ser “sério” e não apenas um passatempo. Se assim o fosse, a moça correria o risco de ser malvista, rotulada como “fácil” e perderia a chance de arranjar “um bom partido”,

isto é, um homem “sério e trabalhador” que pudesse prover as necessidades da futura esposa e mãe de seus filhos, mas cabia à mãe da noiva ensinar-lhe como ser uma mulher casada naquela sociedade.

A moral católica também tinha alguns preceitos básicos, sendo um deles a repressão ao prazer sexual, considerado pecaminoso, ou seja, de acordo com a Igreja, o sexo só podia ser relacionado com a procriação. Além disso, o medo dos “castigos divinos pregados pelos discursos de sacerdotes nos confessionários, além de uma educação moral que proibia qualquer tipo de comentário sobre o sexo”, acabou gerando jovens que estranhavam os temas referentes ao sexo (Matté, 2008, p. 68).

Em relação à viuvez, Bassanezi (2013, p. 87) diz que “na fazenda cafeeira, assim como nas áreas de pequena propriedade rural, as mulheres, ao perder o marido (por viuvez ou abandono), acabam por executar todas as atividades antes exercidas pelo homem chefe de família”. No entanto, elas não assumiam seu próprio nome e eram reconhecidas, por exemplo, como “Viúva Fulano de Tal em contratos assinados com as fazendas, nos livros Conta-Corrente ou em documentos da Diretoria de Terras em que vivem” (Bassanezi, 2013, p. 88). Poucas passavam a se identificar como pessoa autônoma e a reassumir o nome de solteira. A mulher só conseguia se tornar proprietária de suas terras em três hipóteses: a primeira era quando recebiam uma terra por herança devido ao falecimento do pai ou do marido; a segunda era quando a mulher era abandonada pelo marido; ou, então, quando o marido passava por alguma incapacidade física ou mental (Giron, 2008).

A partir desse contexto, Mac Dowell Santos e Izumino (2005) consideram que a sociedade patriarcal era responsável por um tipo de violência sofrida pelas mulheres, tanto na RCI quanto no restante do País. Segundo as pesquisadoras, eram três os motivos de violência contra as mulheres: a dominação masculina, que resultava na anulação da autonomia das mulheres; a dominação patriarcal, na qual as mulheres eram vistas como vítimas do controle social masculino; e a dominação relacional, que considerava serem as mulheres cúmplices da violência sofrida.

Sílvia Petersen (1986), ao analisar a construção da imagem feminina no Rio Grande do Sul, recorda que o imaginário positivista, fortemente marcado no Estado, conferia às mulheres a superioridade espiritual em relação a dos homens, ou seja, atribuía-lhes, como funções fundamentais, a maternidade, a guarda do lar e a instrução dos filhos.

Esse cenário local não diferia muito da imagem das mulheres do restante do País, as quais, até o século XIX, estavam inseridas em uma sociedade patriarcal. Segundo Magalhães, Araújo e Schemes (2013), com o advento da República e as transformações que daí resultaram, esse modelo patriarcal de família começou a mostrar sinais de fraqueza. A crescente urbanização e industrialização obrigou as mulheres a entrarem no mercado de trabalho e, conseqüentemente, sua participação na vida política e social começou a acontecer.

Um exemplo do patriarcalismo, não só na RCI como no meio urbano recorrente na sociedade dos anos 50, era com a moral e a sexualidade das moças. A proteção da honra da família estava fortemente ligada à virgindade da moça e a como ela era vista por outras pessoas do seu círculo. De acordo com a descrição de Bassanezi (2004, p. 510),

As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes.

Fica claro no trecho de uma das depoentes o medo de que o pai achasse que as filhas não fossem mais virgens: “o pai ameaçava passar o facão na gente (nela e nas irmãs) se achasse que nós tinha se engraçado com algum rapaz”. A mesma depoente conta que teve uma amiga que foi espancada pelos pais, pois descobriram que ela não era mais virgem, e a expulsaram de casa, tendo que ir morar numa “pensão na cidade”, que era um antigo prostíbulo.

Battistel (1981, p. 22) reforça que a honra da família dependia da virgindade da filha e se ela “caísse no ‘erro’, a família ficaria desonrada. Os pais, indignados, muitas vezes deserdavam tal filha e a castigavam e reprimiam de uma ou outra forma. Uma moça assim era ridicularizada e apontada por todos”.

Essa ligação da honra da família com a manutenção do corpo feminino, ou seja, a virgindade da filha, é um exemplo do papel de gênero que ela desempenhava. A violência de gênero, seja ela física, sexual, verbal, explícita, seja camuflada em um relacionamento abusivo, é diretamente relacionada aos atos de manutenção de uma relação desigual de poder. Trata-se de uma questão cultural que se “situa no incentivo da sociedade para que

os homens exerçam sua força de dominação e potência contra as mulheres, sendo essas dotadas de uma virilidade sensível” (Oliveira, 2016, p. 1). A violação do corpo, mente e dos direitos das mulheres é um ato de reafirmação do poder de dominação masculina.

Aliadas às questões da violência de gênero, percebemos que duas questões aparecem com frequência na região estudada: a gravidez e os relacionamentos amorosos, que eram temas restritos às rodas de conversas de mulheres; não cabia ao homem entender sobre anatomia do corpo feminino e outras superstições que eram comuns a seu respeito. Assuntos como menstruação, andamento da gravidez, alterações hormonais, o ato de partejar era confidenciado para uma amiga próxima ou vizinha de confiança.

É preciso lembrar, também, que o estado de gravidez ou a *quarentina* (quarenta dias após o parto) não significava que as mulheres interrompessem seus afazeres na lavoura. Conforme Bassanezi (2013, p. 84), “a gravidez não é empecilho para que deixem de trabalhar e não são raros os casos de darem à luz no cafezal”. Diversos depoimentos relatam mulheres que sofreram abortos espontâneos na roça ou adoeceram por infecção no útero.

O parto, por sua vez, acontecia geralmente no quarto do casal e era um evento que permitia somente a presença feminina de amigas íntimas. Quem tinha sorte, recursos ou tempo conseguia a presença de uma parteira para fazer o nascimento do bebê. O pudor feminino era tanto que muitas mães faleciam por ocasião do parto, uma vez que muitas passavam por infecções no útero ou outras doenças provenientes de uma tentativa de aborto malsucedida.

Matté (2008, p. 88) apresenta casos de parteiras que induziam abortos com chás ou ferramentas domésticas, o que, muitas vezes, resultava na morte da mulher. Sempre reforçado pela família e pela Igreja, o corpo da mulher era sinônimo de pecado original, tornando qualquer assunto referente às suas alterações orgânicas um grande tabu.

Junto à gestação, eram comuns as superstições, muitas delas plantadas pelo padre da paróquia, como a proibição de mulheres no sexto mês de gestação de saírem de dentro de casa à noite ou frequentarem alguma festa ou baile, pois, se o fizesse, a criança nasceria sem os membros. Muitas foram as histórias relatadas pelas mulheres entrevistadas sobre os mitos em torno do nascimento, como a ideia de que era preciso que enfaixassem os

recém-nascidos do pescoço até os pés, com longas faixas apertadas, para que assim fosse evitado de ficarem “tortos” ou deformados.

As benzedeadas também tiveram muita importância na época das gestações, como afirma Boscatto (1994, p. 41):

Os benzedores também tinham grande fama entre os primitivos colonos. Quase todos eles eram caboclos, mulatos ou luso-brasileiros, que passavam por aqui ou que se empregavam como peões nas propriedades dos colonos mais abastados. Isto ocorreu somente no início do século, porque, no princípio, os imigrantes não queriam ter contato com gente estranha. Por volta da década de 20, mais ou menos, começaram a surgir os primeiros benzedores filhos de italianos.

Algumas entrevistadas realizadas para este estudo definem as benzedeadas ou benzedores como *strioni* ou *strie* (bruxo ou bruxa). As mulheres comentaram que acreditavam em seus poderes para que ajudassem os bebês que nasciam magrinhos, com o desenvolvimento cognitivo um pouco atrasado em relação ao dos irmãos – nesses casos era dito que haviam sido amaldiçoados pelo *Mal do Simiot* (doença do símio).

Geralmente a criança sofria de desnutrição e suas feições deformavam-se, lembrando as feições do animal, quando era chamada a benzedeadas ou o padre da paróquia para benzer a criança. Segundo o conhecimento popular evidenciado em alguns depoimentos, outra atividade que poderia deformar o feto durante a gestação era se a mulher guardasse em sua mente imagens de medo ou infortúnio. Era recomendado que a gestante não tomasse sustos, pois também deixaria sequelas no filho.

De Boni (1979) traz algumas superstições vistas na colônia, mas é importante salientar que elas não são generalizadas, e cada comunidade e família tinha as suas:

Para evitar que o cordão umbilical estrangulasse o pequeno em gestação, a mãe, ao passar debaixo de uma escada ou sob um fio esticado deveria abaixar-se e passar sem olhar pra trás, a fim de evitar o estrangulamento do filho pelo cordão umbilical. Pela mesma razão as mães gestantes não deviam levar qualquer colar, apenas uma medalha ou um escapulário (De Boni, 1979, p. 217).

Durante a quarentena, era vetado às mulheres que podiam desfrutar do período completo para o repouso ou que lavassem os cabelos, pois resultaria em loucura ou depressão pós-parto. Era preciso que deixassem os trabalhos pesados de lado, alimentando-se de

sopas com muito caldo de galinha (*brodo*). Era uma obrigação das vizinhas e parentes da nova mãe dar uma bela galinha gorda para que lhe fossem feitos os caldos que ajudariam na sua recuperação.

Já o lazer reservado para as mulheres era diferente daquele dos homens. Para estes, as atividades, como a caça e a pesca, eram um costume; já para os jovens, um importante evento era a época de malhar o trigo. De acordo com De Boni (1979), a trilhadeira era motivo de encontro e festa, porque exigia a presença de famílias diferentes, comida e bebida abundantes e, unindo vários italianos comendo, bebendo e cantando, transformava-se em festa até o árduo trabalho de trilhagem do trigo.

As formas de lazer e de diversão das populações urbana e rural da RCI não se resumiam à missa ao domingo. Consoante Matté (2008, p. 75), “os cafés e as bodegas eram espaços preferencialmente masculinos, onde os homens reuniam-se diariamente após o trabalho ou aos domingos após a missa para conversar, beber e jogar”. Era comum que os homens fizessem viagens para o litoral ou águas termais, e as mulheres ficassem em casa tomando conta da propriedade.

Os encontros dominicais na missa também eram uma forma de lazer entre homens e mulheres, dado que prezar pela vida religiosa era um dever de todos os integrantes da família. Depois que a comunidade estava estabilizada, por vezes, eram organizados bailes, que seriam frequentados por toda a vizinhança. Muitas vezes, esses eventos eram mal-vistos pelos padres, que proferiam censura. Os bailes que aconteciam na zona rural eram realizados no salão da comunidade ou em alguma casa de família. O evento era muito esperado também pelas moças, pois dançavam e podiam namorar escondidas.

Para De Boni e Costa (1979), as festas da paróquia também foram eventos importantes para a comunidade camponesa e, ainda hoje, em muitas linhas do interior, as festas nos salões paroquiais, organizadas pelas mulheres, que se encarregavam das comidas servidas ao meio-dia, enquanto os homens encarregavam-se do churrasco para que, durante a tarde, houvesse o baile.

De Boni e Costa (1979) ainda informam que as moças solteiras deviam pedir autorização de seus pais ou irmãos para comparecer ao evento, e algum membro da família deveria acompanhá-las. O papel de acompanhante da moça era feito pelo pai ou pelos irmãos

mais velhos. A atenção dada à indumentária a ser usada era primordial e jamais a moça solteira poderia deixar o corpo à mostra nessas festas. A erotização do corpo era vetada na sociedade camponesa, sendo reservada para as mulheres que trabalhavam no entretenimento dos homens nos bordéis e pensões do centro urbano, por isso elas deveriam optar por vestidos mais recatados.

4 NARRATIVAS DE MULHERES DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS

Lidar com a memória é mexer com gente, com interpretações, com fatos históricos e, principalmente, com muita subjetividade. Lembrar nem sempre é um exercício feliz; muitas vezes é doloroso remexer com os demônios do passado. Além disso, o que se procura investigar nem sempre é encontrado na resposta verbalizada, mas, sim, em um olhar, em uma expressão corporal, em uma risada ou em uma lágrima discreta.

O papel da narração, da lembrança, da experiência, da temporalidade e dos espaços, na tentativa de compreender processos que permitiram a reconstituição de fragmentos de memória, expressos por idosas que permanecem no meio rural, é tentar compreender o conteúdo da memória e do hibridismo dos costumes ítalo-brasileiros. As mulheres entrevistadas nesta pesquisa moram na mesma localidade e são de idades semelhantes. Muitas delas foram colegas de colégio e continuam amigas, outras se conhecem por meios familiares ou são parentes distantes. Todas elas foram casadas, tendo o casamento interrompido apenas por viuvez. Essas mulheres narram questões de suas vidas, bem como o casamento, a família, o lazer, a sexualidade e a educação.

É preciso que a mulher seja uma mediadora entre as duas realidades, aquela que abandonou no outro continente e aquela que encontrou aqui, esse conhecimento entre as duas realidades, a italiana e a brasileira, foi transmitido por gerações. Concordamos com Constantino (2006, p. 65) ao afirmar que se ouvem mulheres, "porque estão mais dispostas a falar, porque vivem intensamente o dia a dia e para que seja considerado o papel da mulher na imigração que, entre nós, foi sempre irritantemente um assunto masculino". Essas mulheres que olham mais atentamente ao que escapa dos olhos dos homens tomam forma de memória coletiva.

A memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que se possa inserir nova vida em uma tradição comum. A categoria “memória coletiva” foi criada por Halbwachs (2013). Para o estudioso, o fenômeno de recordação e das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. O autor pontua, ainda, que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, de modo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social.

Nesse sentido, a memória de um indivíduo é constituída pela combinação das memórias dos diferentes grupos em que está inserido, os quais podem ser a família, a igreja, a escola, o trabalho, entre outros. Ortiz (2006, p. 133) considera que além da memória coletiva se apresentar como tradição, “ela se estrutura internamente como uma partitura musical”. É, pois, na trama da interação social que o teatro da memória coletiva é atualizado. Para que ela seja efetiva, contudo, é preciso que haja a repetição, mesmo que não linear, através da encenação dos mitos, e que se reviva sua teatralidade.

Na concepção de Halbwachs (2013), a memória é vista como uma ferramenta que mantém viva a tradição, ou seja, é transmitida às gerações seguintes e ao restante da comunidade, para que novas pessoas assumam a responsabilidade de continuar a encenar o rito: “As lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 2013, p. 30).

Consoante a isso, Michael Pollack (1992, p. 2) considera que a “memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Ainda, o autor descreve os principais constituintes da memória: o primeiro aspecto diz respeito aos acontecimentos vividos pessoalmente pelo indivíduo; o segundo são as “vivências por tabela”, isto é, o sujeito está inserido em determinado contexto social e, em decorrência da proximidade e da semelhança, ele passa a viver o sentimento de coletividade e de inclusão do grupo.

Neste estudo, os relatos orais foram realizados diretamente, em momentos alternados e em situações também diferenciadas, individualmente, ou, inicialmente, com a pre-

sença de um membro da família. Algumas mulheres optaram por conversar sentadas, com seus panos de bordar em mãos, ou caminhando, fazendo questão de mostrar objetos que contam histórias: fotografias, pequenos baús, caixinhas de joias, medalhas santas, até fro-nhas e máquinas de costura.

Para contextualizar, todas as seis entrevistadas nasceram em Linha Bômios ou Nova Milano, na cidade de Farroupilha. Como o nome dessas mulheres não será revelado, utilizar-se-á a denominação Entrevistada X1, X2, X3, X4, X5, X6. Destacamos, nesse senti-do, não ser necessário explicitar a identidade das mulheres na pesquisa, pois seus nomes, neste momento, não se fazem importantes, mas, sim, as suas histórias. Ainda, os familia-res das mulheres entrevistadas, assim como algumas delas também, solicitaram que seus nomes não aparecessem na pesquisa.

As seis mulheres entrevistadas nasceram entre os anos de 1929 e 1933 e todas compõem a terceira geração de imigrantes italianos de diferentes partes do Vêneto. São agricultoras, cresceram entre a lavoura e os serviços domésticos e, ainda hoje, residem no mesmo local de nascimento. Elas frequentaram Escolas Étnicas e Grupos Escolares esta-belecidos no interior.

Informações acumuladas de outras análises, resíduos e fragmentos de memória e narrativas aleatórias também foram incluídos nesta pesquisa e foram revelando aspec-tos da experiência dessas mulheres, atribuindo significados e sentimentos do passado. Os tópicos não seguem uma ordem cronológica pré-determinada porque não existe lógica no ato de narrar o que está sendo lembrado.

A intenção da entrevista foi sempre deixar as mulheres falar, interferindo o mínimo possível. Sobre isso, Tedesco (2014, p. 23) afirma que “para os idosos, o simples fato de falar já era uma conquista de nossa parte e uma bela oportunidade de torná-los agentes e sujeitos de suas vivências, permitindo que pudessem se presentificar pelo passado por intenções transtemporais”.

Para este estudo, foi utilizado um modelo de entrevista semiestruturada, na qual as perguntas não ocorreram objetivamente, e a entrevista desenvolveu-se como uma con-versa informal, porém seguindo o seguinte roteiro:

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINAS:

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO I
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja

(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

- 1) Me descreva uma memória de infância que te traga felicidade. Ou um momento feliz da sua infância/adolescência.
- 2) O que você lembra dos seus pais enquanto você morava com eles.
- 3) O que você lembra sobre o trabalho na lavoura e na casa?
- 4) Me fale um pouco sobre o seu casamento. Como era a vida, o cuidar dos filhos, o lazer?
- 5) Você conhece outras mulheres que passaram por isso? Pode me contar um pouco?
- 6) Você considera que trabalhava mais que o seu marido?
- 7) Hoje, qual o momento mais feliz que você se lembra do seu casamento?

Optamos pelo modelo semiestruturado, pois a vantagem dessa técnica é a sua flexibilidade e a possibilidade de rápida adaptação. A entrevista pode ser ajustada quer ao indivíduo quer às circunstâncias. Visto que os indivíduos deste estudo, ao serem entrevistados, nunca passaram por um processo similar, algumas mulheres não utilizaram a Língua Portuguesa para se comunicar, e se sentiram mais à vontade quando as perguntas foram elaboradas no dialeto italiano que elas conhecem. As entrevistas foram gravadas e, por fim, transcritas.

Ao iniciar a conversa com a entrevistada, foi-lhe dito para que pensasse em algo que havia marcado muito sua infância - poderia ser uma história que havia acontecido com ela ou com algum conhecido. A depoente X1, com um pouco de esforço, narrou um acontecimento da vida do seu marido que a marcou:

Os avós do meu marido pegaram um barco da Itália pra cá, só que a *nona* tinha um bebê de dois aninhos, e ele ficou muito doente na viagem. Ele morreu nos braços dela e tiveram que jogar ele no mar. Eles contam que um monte de gente morria no barco e eram jogados no mar. A tristeza deixou a *nona* louca. Eles chegaram aqui nessas terras e ela viveu uns 2 ou 3 anos, morreu doente do desgosto. Ela só queria enterrar o filho dela, mas não deixaram, não tinha como (Entrevistada X1).

Essa conversa inicial mostra um dos inúmeros casos de mortes que aconteciam nos navios precários que faziam a travessia dos imigrantes para a América. As doenças proliferavam-se com uma velocidade absurda, aliadas à falta de higiene e de condições sani-

tárias precárias dos navios. Como enuncia o poema musical de Angelo Giusti (1924) sobre a chegada dos imigrantes na colônia: "*Trentasei giorni di macchina e vapore, e nella Merica noi siamo arriva*²" - na difícil travessia, as pessoas chegavam com suas poucas roupas nas malas, mas traziam consigo certos costumes da sua região de origem.

Quando questionada acerca de sua opinião sobre quem trabalhava mais na vida pós-matrimônio, a resposta foi enfática: "péssima! com certeza nós (as mulheres) trabalhavam mais que eles. Porque *nós cuidava* de tudo enquanto eles iam se divertir".

A entrevistada X2 também comentou sobre a violência que sofria em casa: "*Nós era* pobre, tinha que dividir 1 ovo em 5 pessoas. O pai voltava pra casa da bodega sempre bêbado, batia em mim e na mãe". Enquanto os homens usufruíam do seu período de descanso, indo caçar, pescar ou jogar cartas nas bodegas, as mulheres assumiam a jornada dupla de trabalho, exercendo outras tarefas como renda complementar.

Giron (2008) explica que da comercialização de produtos provenientes da horta e da criação de animais, as mulheres ganhavam o dinheiro extra que era revertido na confecção dos enxovais das filhas ou na compra de objetos para o lar, considerados como não importantes pelos maridos. Sendo assim, proliferavam as costuras para fora, a "confecção de tranças para fazer chapéus e cestas, de cortar palhas para cigarros, entre outras atividades" (Giron, 2008, p. 31).

Quando questionadas sobre medicina, X 1 e X2 afirmaram que ir ao médico era um luxo, e que somente em caso extremo visitava-se o "doutor", que morava na cidade próxima. A entrevistada X2 foi enfática em sua resposta quando lhe foi perguntado sobre o que ela fazia ao ficar doente: "não podia ficar doente". A entrevistada X1 reforçou que o marido não deixava que nem as crianças fossem ao médico e que, se quisesse, que chamasse a *stria* - mulher que realiza curas através de rezas, uso de ervas e outras simpatias. A depoente X2 comentou: "as mulheres tinham que trabalhar menstruadas e com dor e não podiam reclamar".

Acreditava-se que se uma mulher pegasse muito sol durante a menstruação, ficaria doente, sentiria muitas dores, o que pode ser explicado pelo esforço que muitas faziam na lavoura. As mulheres sofriam de cólicas, desconforto e fortes hemorragias, causadas por

² Trinta e seis dias numa máquina a vapor, e assim chegamos na América.



disfunções uterinas que lhes eram desconhecidas. O trabalho durante a gravidez também era realizado, como a depoente X1 reforçou:

Eu tinha que fazer o almoço pra levar pros homens na roça, era almoço pra 12 pessoas, eu pegava a mula e ia com as viandas pra eles. Eu estava de uns 6 ou 7 meses, quando fui atravessar um rio e a mula viu uma cobra na margem. Ela se assustou, eu acabei caindo e me machucando, mas mesmo assim levei a comida pra eles e matei a cobra com uma pedra. Ainda levei um tapa do meu irmão por ter virado a comida” (relato da Entrevistada X1).

Quando doentes, muitas mulheres optavam por chamar o padre da colônia para dar uma bênção. Entretanto, o pudor fazia com que elas não comentassem certos problemas de saúde relacionados ao sistema reprodutor feminino, como explica Del Priore (2005, p. 66):

Num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença, qualquer mazela que atacasse uma mulher, era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. Esse imaginário, que tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria provisoriamente as lacunas de seus conhecimentos.

Com isso, as benzedeadas e as parteiras ganhavam seu espaço na colônia, tanto na cura de doenças relacionadas à gestação como com abortos, controle de natalidade e até bênçãos de proteção nos bebês.

Nos relatos orais da depoente X3, que realizou esse tipo de trabalho na RCI, quando questionada - “alguma simpatia para o pós-parto, ou algum tipo de cura que as mulheres já procuraram a senhora?” -, comentou:

Quando elas ganhavam a criança e o médico dizia que ele nasceu com o *simiot* (raquitismo ou desnutrição infantil), eu ia lá benzer. Mas hoje tem bem menos que antigamente. Eu benzo também bebês com amarelão - hepatite ou outra doença que enfraquecesse a criança deixando-a com aspecto amarelado-, faço uma oração, mas não posso te falar o que é e a criança fica curada (Entrevistada X3).

Ao ser questionada sobre a procura de mulheres que desejavam interromper a gravidez, ela foi veemente: “eu trabalho para o bem e não para o mal”. Essa fala mostra como a indução ao aborto era vista na RCI, apesar de ser um ato proibido pela legislação brasileira, as práticas de aborto faziam parte dos serviços prestados por algumas parteiras ou benzedadeiras. A depoente X3, quando indagada se alguém já a havia procurado para tal finalidade, responde espantada: “iiiih já perdi as contas, mas eu não paro a criança não, isso quem faz é aquelas lá de baixo³ e eles cobram caro. Antigamente vinha muita mulher solteira e, também, as casadas me pedir chá para deitar a criança⁴, hoje em dia vêm poucas, mas ainda tem”. A fala da entrevistada mostra como ainda existe procura por métodos naturais, como o uso de chás abortivos, para interromper gravidez indesejada.

No que se refere à quarentena, que são os quarenta dias pós-parto, período em que a mulher deveria resguardar-se de esforços físicos, quando questionada se as mulheres descansavam nesse período, a entrevistada X2 relatou: “Não tinha isso, já na semana seguinte a mulher já deveria estar de volta a suas atividades normais, e a irmã mais velha cuidaria do filho”. Ainda, ela contou uma história sobre sua sogra: “ela teve 12 filhos, um deles ela perdeu enquanto passavam o arado puxado a boi. Ela ‘despejou a sujeira’ lá na roça mesmo e teve que continuar passando o arado”.

Giron (2008) descreve que o resguardo da quarentena eram privilégios que poucas mulheres tinham. No período do aleitamento, acumulava-se o trabalho da casa com outras atividades da propriedade. Esse excesso de trabalho explica em parte o “grande número de criança que morriam antes de completarem um ano de idade, e também o elevado número de abortos nos registros de óbitos de fetos” (Giron, 2008, p. 37).

A depoente X4 relatou que perdera a mãe muito jovem, quando ela apenas tinha 5 anos de idade. Nesse ponto, o tom animado da conversa mudou, e algumas lágrimas tentaram aparecer nos olhos da mulher, que contou o ocorrido: “minha mãe perdeu um bebê (aborto espontâneo) e acabou falecendo no hospital, ela teve hemorragia e perdeu muito sangue por uma semana, até que ela faleceu”. E continuou: “ela tinha 33 anos, e já tinha 6 filhos e perdido 3 por abortos espontâneos, mas não sei o motivo”. Por fim, finalizou com a

³ “Aquele lá de baixo” refere-se aos curandeiros que moram em cidades na encosta da Serra, como São Vendelino, Feliz e Vale Real.

⁴ Deitar a criança: expressão usada para referir-se ao aborto.

frase: “aquela época, se não tinha muito filho não era família”. Essa última fala demonstra que a valorização e a exigência por famílias numerosas eram reforçadas pela comunidade e pela Igreja.

De acordo com Fuchina (2011), casais que demorassem a ter filhos poderiam sofrer represálias, pois estariam vivendo no pecado mortal, por não estarem seguindo os preceitos da Igreja ao praticarem eventuais técnicas pré-natalistas⁵. Conforme Giron (2008), o intervalo entre as gestações das mulheres se dava quando os maridos viajavam para trabalhar longe da propriedade, como confirma a entrevistada X2: “Éramos em 9 irmãos, a cada dois anos a mãe engravidava, nós era (sic) concebido na cachaça⁶”. Em diversos casos, a diferença de idade das crianças era de menos de um ano. Sendo assim, a mãe não conseguia delegar a atenção apropriada para o bebê, passando a responsabilidade para a irmã mais velha. As crianças, “espelhando-se nas atitudes dos pais, quando adultos repetiam os mesmos costumes, como um ciclo a ser cumprido durante a vida” (Fuchina, 2011, p. 60).

No fragmento da entrevistada X2, é visto um dos exemplos de como funcionavam os papéis de gênero na RCI: “Ela (a mãe) fazia todo o serviço, semear trigo, cevada e centeio. Depois cuidava da casa e dos filhos. Os homens, no tempo livre, iam caçar, pescar ou jogar cartas. Nós cuidávamos dos animais, da casa e dos filhos”.

A identidade, destacamos, está vinculada, também, a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como submisso à figura masculina da casa, como no caso das mulheres estudadas, isso terá efeitos reais, porque o grupo será socialmente visto como tal. Nesse contexto, a recusa em acatar as normas comportamentais vigentes implica na discriminação do grupo. Assim, entendemos que as construções dos papéis de gênero são tanto simbólicas quanto sociais.

A depoente X3, quando questionada sobre outra simpatia muito procurada por mulheres, comentou sobre a quebra de casamentos: “muita mulher me pede para quebrar casamento ou fazer o homem se apaixonar, mas isso é fazer o mal e eu não faço, quem faz vai cobrar caro”. Essa fala, em parte cômica, revela como os sentimentos e casamento são algo distintos na colônia. Na RCI, entende-se que, para se casar, não é necessário que haja

⁵ Técnicas pré-natalistas incluem qualquer método contraceptivo primitivo, desde o uso de chás, exemplo o chá de canela, carqueja ou arruda, pomadas, camisinhas ou simpatias populares que viessem a evitar a gravidez.

⁶ Ela contou que o pai sofria com o alcoolismo.

o sentimento romântico, como afirma a depoente X3: “um homem queria casar comigo, eu tinha 16 anos e ele não veio pedir pra mim se eu queria casar, ele foi pedir pro meu pai, mas a mãe me disse: ele tem 5 filhos pequenos e é viúvo, tu vai dar conta de fazer tudo? Aí eu disse que não e ficou por assim”. Nesse caso, a mulher pôde escolher se casaria ou não com o pretendente. Ela continuou o relato: “meu irmão casou sem nunca ter conversado com a noiva, ele achava que o casamento era para ter uma mulher que ia ajudar a mãe no serviço, ele nem sabia o que se faz na noite de núpcias” conta ela rindo, referindo-se à ignorância do irmão ao não saber da existência de relações sexuais no casamento.

A Igreja apropriou-se, também, da mentalidade patriarcal presente no caráter colonial e explorou relações de dominação que presidiam o encontro entre os sexos. Del Priore (2005, p.22) explica que “a indissolubilidade do matrimônio, estabelecida pela doutrina da Igreja Católica, era usada como principal argumento a favor de uma escolha cuidadosa visando ao futuro do que um entusiasmo presente ditado pelo interesse físico ou outros”.

Alguns provérbios antigos confirmam que a escolha do casamento não deveria ser associada ao amor, por exemplo: “quem casa por amores, maus dias, piores noites”; “por afeição te casaste, a trabalhos te entregastes”. Entende-se que a racionalidade devia marginalizar a paixão ou a atração física.

O controle da Igreja exigia, também, que a moça fosse virgem. A depoente X1 pontua que sua lua de mel foi na lavoura: “A minha lua de mel foi colhendo trigo”. Ela também descreve que “(o pai) ameaçava as filhas que ele desconfiava não serem mais virgens, a matá-las com o facão”, reforçando a ideia do patriarcalismo na colônia.

Esse controle da moral pela Igreja pode ser explicado historicamente, já que, nos primeiros momentos em terras brasileiras, os imigrantes italianos necessitavam de uma orientação espiritual entre as famílias, o que só veio a acontecer cerca de um ano depois da sua chegada, como explica Manfroi (2001, p. 7):

Para uma vertente historiográfica eclesial, esta religião presente nas comunidades de imigração italiana seria o eixo organizador da experiência colonial, sendo que a reconstrução de seus valores culturais, centrais, centralizados em torno da religião católica teria permitido ao imigrante italiano, superar as dificuldades iniciais e fazer esquecer a terra natal.

O papel da memória foi muito importante na construção da identidade desse grupo social rural. A manipulação das memórias é capaz de criar um imaginário coletivo, no qual a religião torna-se âncora da colônia italiana e traz o sentimento de identidade e pertencimento que estava faltando desde a unificação da Itália entre o grupo social, como reforça De Boni (1979, p. 235):

o que os unia (os imigrantes) não era o sentimento de pátria, pois a Itália recém unificada implantou um Estado Moderno, para os imigrantes “pagão e subversivo”, que substituiu o papa pelo rei e deu as costas para a sua situação; nem mesmo a língua, pois cada grupo falava seu próprio dialeto, mas sim a religião.

Pollack (1992, p. 4) retoma que “a memória é um fenômeno construído”, ou seja, sua organização, em função das preocupações pessoais e políticas, transforma a memória individual e, com isso, pode alterar a memória coletiva. Toma-se como exemplo a força da Religião Católica na colônia; a Igreja procurava criar uma identidade coletiva católica ao redor de ritos, orações, festejos, controle da moral e, também, da própria instituição, ao integrar o imigrante ao programa eclesial.

Era imprescindível a presença de uma força reguladora na colônia, pois não havia nada que pudesse guiar os imigrantes em meio às florestas. Mesmo com o desenvolvimento urbano, essas mudanças não chegavam no interior, por falta de infraestrutura e pela distância geográfica. Esse controle religioso foi, pois, fundamental para o desenvolvimento cultural da sociedade e foi essa ligação forte com o catolicismo que criou o sentimento de continuidade e pertencimento a um grupo.

Em um dos relatos apresentados pela depoente X1, ao ser questionada sobre a presença do padre na comunidade e da importância que sua família dava à religião, ela respondeu:

Tínhamos que rezar toda sexta feira de Quaresma, tinha que cantar e rezar toda tarde. Era importante rezar. Se rezava o terço de noite, antes de dormir. A mulher puxava o terço ou filhos. Quando uma mulher engravidava se fazia novena, pro filho nascer normal. O padre dizia que não se podia ir pro cinema porque o bebê nascia “sem uma perna ou sem uma mão”. Também a grávida não podia sair depois dos 6 meses de dentro de casa, só em motivo de doença. Durante a Quaresma não se podia comer carne nem podia cantar uma música alegre, somente podia cantar música de igreja, muito menos ir pros bailes pois o padre dizia que era pecado. Na semana santa se fazia vigília desde a quinta-feira, voltando a comer no sábado as 10:00 ho-



ras da manhã quando tocava o sino da igreja, aí tínhamos que lavar o rosto e comer alguma coisa. Ninguém se arriscava a não fazer o que o padre dizia pois tinha medo que ele falasse na igreja (Relato da Entrevistada X1).

Nessa fala, é possível perceber que existia um processo de regulação da vida em família. Essa regulação era exercida pela Igreja, como descreve Pollack (1989, p.5): um “fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros”. A Entrevistada X1, ao afirmar que “ninguém se arriscava a não fazer o que o padre dizia pois tinha medo que ele falasse na igreja”, reforça que a busca pelo sentimento de pertença é algo inevitável. Ser apontada pelo padre durante um sermão resultaria na exclusão dessa pessoa do grupo.

A esse exemplo, aplica-se o conceito de memória enquadrada, descrito como o processo de enquadramento, que é “dar à memória uma forma específica, não permitindo outra que aquela predeterminada” (Pollack, 1989, p. 9). Ainda, temos que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (Pollack, 1989, p. 54). Esse trabalho de enquadramento da memória é direcionado com uma intencionalidade de dominar o outro.

Pollack (1989, p. 8) observa, nesse sentido, que:

Toda organização política, por exemplo - sindicato, partido etc. -, veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma. Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização.

Sendo assim, a Igreja é uma organização na qual se trabalha com o conceito do enquadramento da memória. Os sacerdotes, por vezes, intencionalmente ou não, produzem discursos que alteram o entendimento de cada pessoa. É nas memórias enquadradas que existe a possibilidade de coordenação das condutas humanas e, com isso, abre-se espaço para a permissão da injustiça e da violência.

Quanto a isso, Pollack (1989, p. 7) ressalta que “Esse fenômeno torna-se bem claro em momentos em que, em função da percepção por outras organizações, é preciso realizar o trabalho de rearrumação da memória do próprio grupo”. A Igreja construiu a sua imagem de acordo com as necessidades da colônia, colocando tanto poder no seu centro que, ainda hoje, encontram-se nas comunidades, principalmente nas do interior, temerosos ao poder dos padres. Como discute Marques (2001, p. 619), “é inadmissível alguém se separar da esposa. O desquitado e o amasiado são isolados dos grupos comunitários”. A construção do controle religioso e sua autonomia na liberdade familiar era necessária para que se estabelecesse o controle daquela população.

A questão da virgindade como pureza da mulher, que a Igreja reforçava, foi uma regra que vigorou nos costumes sociais por muito tempo. Durante a década de 1950, circulavam, no Brasil, várias revistas que tratavam de “assuntos femininos”. Essas revistas traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família ideal – branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos – traziam regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. Segundo Bassanezi (2004, p. 509), “Essas imagens, mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época”.

O casamento funcionava, em grande parte dos casos, como um contrato de preservação da propriedade, ou seja, com os pais criando alianças e realizando casamentos entre primos, o que fazia com que as divisões das terras na hora da partilha das heranças fossem favoráveis, como explica Colbari (1997, p. 7):

Outra maneira de preservar a propriedade, *neutralizando* a divisão da herança, era casar uma das filhas com o irmão da mulher de um dos irmãos (troca de casamento entre as famílias). Alguns filhos, ao se casarem, ou quando encontravam outra forma de sobreviver, renunciavam à herança; também acontecia a migração de famílias inteiras com apoio financeiro dos que ficavam.

Ao ser questionada sobre o seu casamento, a Entrevistada X3 comentou:

Fui casada, por 27 anos, no começo *tava* bom porque ele não bebia, eu conhecia ele de tempo. Quando ele começou a beber foi horrível. Eu tinha 25 cabeças de gado para cuidar, mais 7 vacas de leite, tirava 80 litros de leite por dia, tudo a mão eu so-

zinha, para fazer queijo e vender. Todo dinheiro que eu ganhava do queijo ele levava pro centro para gastar em bebida (Entrevistada X3).

No que se refere à divisão do dinheiro dentro de casa, as entrevistadas reforçaram o que Giron (2008) explica: não cabia à mulher ficar com o dinheiro da família, mas ao homem. Tanto o pai quanto o marido jamais deixavam as mulheres cuidar do dinheiro. De acordo com a Entrevistada X1, ela não ganhava dinheiro nem para ir ao médico. Ela ainda contou que se quisesse algum conforto dentro de casa, era necessário que ela própria o conseguisse: “Num domingo saí de carreta com os 2 filhos e os 3 sobrinhos, na chuva de inverno, até a outra cidade buscar uma cristaleira (armário de cozinha) que consegui comprar vendendo laranjas, enquanto ele *tava* na bodega jogando cartas”.

A Entrevistada X2 afirmou que somente o marido e o cunhado podiam mexer no dinheiro: “A primeira vez que eu vi dinheiro foi quando recebi minha primeira aposentadoria”. Giron (2008, p. 39) reforça que o papel da mulher na família e na propriedade “era subalterno, derivava daí sua submissão à vontade do chefe da família e a do dono da propriedade, que poderia ser seu pai, seu irmão ou seu próprio filho”.

A Entrevistada X4 comentou que também tinha uma renda extra além do trabalho na lavoura: “Perdi minha mãe com 5 anos, éramos em 6 irmãos, fomos morar perto da minha avó. Ela tinha uma criação de marrecas, onde ela colhia os ovos para vender, e nós tirávamos as penas das marrecas para vender na cidade nas fábricas fazer travesseiro”.

A Entrevistada X2 contou um caso em que, com muito esforço, conseguiu juntar dinheiro vendendo o excedente de sua horta na vizinhança: “Juntei o dinheiro vendendo repolho para comprar o telhado para fazer uma casa para nós, pois tínhamos o terreno e meu marido deu os materiais do telhado para fazerem o ‘salão da igreja’” - conta com lágrimas nos olhos -, “por causa disso, tivemos que continuar morando com meu cunhado, que me xingava sempre, e minha cunhada, que jogavam a comida que eu fazia fora da janela”. Finalizou com um vago: “só deus sabe quantas vezes eu me arrependi de casar”. A entrevistada teve que cuidar do cunhado que a maltratava, mesmo após a morte de seu marido.

Outro problema enfrentado pelas mulheres era a divisão desigual dos bens. No caso da Entrevistada X1, ela contou: “Ele (o marido) vendeu 2 hectares de terra que ganhei de herança. Uma tarde, ele chegou com uns papéis desenha teu nome aqui que é pra pagar o

imposto da terra. Eu escrevi, mas era um papel que eu tava vendendo a minha parte. Sem eu saber ele vendeu e deu o dinheiro pro irmão que nunca pagou de volta. Fiquei sabendo dez anos depois". Os maridos ou irmãos das mulheres acabavam repassando suas terras, deixando-as na ignorância.

Sobre isso, Giron (2008, p. 43) explica:

Não sabendo ler, a mulher assinava sem saber os acordos desiguais. Não sabendo fazer contas, não poderia controlar os ganhos da propriedade, nem entender as ligeiras explicações que o marido as vezes fornecia. A ignorância afastava as mulheres da direção dos negócios e encaminhava-as para a total submissão às decisões do marido na aplicação da receita da produção.

O homem ganhava a terra dos pais e em troca teria que cuidá-los na velhice. A Entrevistada X1 afirmou: "Eu tive que cuidar dos meus sogros até a morte, a minha sogra cuspiu em mim". Também, cuidavam das cunhadas e dos cunhados que ficavam solteiros. A mesma depoente declarou: "cuidei por 40 anos meu cunhado, que pagava para eu lavar as roupas dele, e meu marido nunca me repassou esse dinheiro, fiquei sabendo disso quando ele morreu".

Era, pois, função da mulher casada cuidar, além dos sogros, dos cunhados e cunhadas que, porventura, ficassem viúvos ou não se casassem:

Eu tive que morar com as cunhadas que não gostavam de mim por minha família ser pobre, eles não tinham muitas terras. Eu tinha que cozinhar pra elas, eram 3 cunhadas, uma com problemas mentais, pro marido e pro cunhado e os sogros. Minhas cunhadas roubavam tudo que eu tinha, ovos, sabão, até a minha medalha da Nossa Senhora (Relato da Entrevistada X2).

A Entrevistada X1 também teve que cuidar do cunhado, que não se casara, por cerca de 40 anos. Ela contou que assim que se casou, foi morar com o marido, o qual tinha oito irmãos, mais os sogros. Ela precisava cuidar de todos e relatou que foi a pior época de sua vida: "se eu não fizesse tudo o que minha sogra mandava, ela dava a comida dos porcos para o meu filho comer. Mesmo assim cuidei dela e do meu sogro quando ficaram enfermos". Depois da morte dos sogros e após todos os irmãos terem casado, o que ainda estava solteiro continuou morando com eles: "por quase quarenta anos eu tive que cozinhar e lavar as roupas pra ele".

Podemos entender, por meio desses fragmentos de narrativas de mulheres, como era a vida delas na RCI, a dura lida na lavoura e nos afazeres domésticos, aliada a inúmeras gestações. Compreendemos, também, o que fez com que esse grupo de imigrantes encontrasse sua fé na Igreja, mesmo que esta funcionasse como um órgão regulador da colônia. Os relatos mostraram como a condição da mulher era difícil na RCI, também, como os ciclos de violência de gênero funcionavam, pois os filhos repetiam o que viam os pais fazerem na infância e levavam para a vida de casado o mesmo modo de agir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Rio Grande do Sul, a imigração tinha o propósito de ocupação de terras devolutas que haviam sido preteridas pelos processos colonizatórios anteriores, restando, aos colonos italianos, lotes de difícil acesso e lida, localizados nas encostas da Serra e na mata fechada. A porta de entrada desses imigrantes, nesse estado, foi Nova Milano, atual município de Farroupilha, então pertencente à Colônia de Caxias do Sul.

Nas escolas, estudamos a Imigração Italiana como algo heroico, em que os homens subiram as encostas de mata fechada enfrentando indígenas e animais selvagens, construíram casas, iniciaram o plantio das lavouras e suportaram as noites geladas de inverno. Porém, raramente foi questionada a participação e a posição da mulher imigrante durante esse processo, o que nos levou a buscar, através de entrevistas, essa memória, procurando compreender de que modo as mulheres participaram dessa história.

Nesse sentido, foi percebido que a memória está sempre vulnerável a mudanças culturais e políticas do presente, é um constante olhar do presente em direção ao passado, que é seletivo e totalmente vulnerável aos grupos que as disputam, pois todas as sociedades têm memórias antagônicas. A memória sobre o passado também muda dependendo de quem tem o poder da narrativa naquele momento: quem tiver mais condições de defender e passar adiante uma narrativa é quem detém o poder sobre ela, com isso é possível alcançar a manipulação social de ideias.

Não podemos excluir o papel relevante da religião como sustentação da tradição do imigrante italiano, pois ela marcou a memória de gerações nos mais diversos aspectos. Isso se evidencia desde como um elo entre o grupo, como disseminadora de um sentimen-

to de nacionalismo, através da lembrança e culto a santos italianos, até mesmo passando por uma força reguladora, caracterizada pelo trabalho do enquadramento da memória, em que a Igreja influenciava diretamente a vida das pessoas na colônia.

As mulheres, isoladas dos centros urbanos, faziam da pequena propriedade o seu mundo, as comunidades nas quais estavam inseridas faziam com que elas se voltassem para extensas jornadas de trabalho, tanto na lavoura quanto no cuidado com os animais e nas tarefas domésticas. Demonizadas pelo forte e controlador discurso católico, o comportamento devia ser recatado, ao mesmo tempo em que uma boa mulher precisava ser trabalhadora e caprichosa dentro de casa. Sua moral era comandada pelo padre da paróquia, figura de extrema importância na comunidade.

O trabalho de questionar o passado e fazer com que a lembrança aconteça é um processo difícil e, muitas vezes, doloroso para quem o vivencia e, como a memória é moldável, ela se altera por diversos fatores. Muitas mulheres precisaram reviver a morte de filhos, irmãos, pais, maridos, muitas com tristeza, algumas com um tom de alívio ao falar de um marido falecido.

Podemos concluir que as mulheres, mesmo que invisibilizadas pela historiografia tradicional, protagonizaram boa parte da história de Nova Milano e da cidade de Farroupilha, exercendo grande importância na vida da comunidade. Percebemos, ainda, a importância do papel da memória social na construção das identidades culturais, pois ela é responsável por estabelecer diálogos entre o passado e o presente, reconstruindo a história do trabalho dessas mulheres na produção do vinho, no cultivo das lavouras, nos bordados, na arte e no artesanato, nas músicas, na culinária, nas festas, trazendo à tona essas vozes silenciadas e, muitas vezes, desprezadas.

REFERÊNCIAS

- BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. (org.) São Paulo: Contexto, 2004.
- BASSANEZI, M. S. Migrações Internacionais - Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.) São Paulo: Contexto, 2013.

BATTISTEL, A. I. **Colônia Italiana: religião e costumes.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. 112p. p. 21.

BOSCATTO, C. A. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento.** Flores da Cunha: O Florense, 1994.

COLBARI, A. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 53-74, 1997.

CONSTANTINO, N. S. de. **Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes.** Estudos Ibero-Americanos, v. XXXII, p. 63-73, 2006.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Os italianos no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Caxias do Sul, UCS, 1979.

DELLA FLORA, J. M. **Rosas na coroa, pranto na vida: a história silenciosa da camponesa cestina ítalo-catarinense.** Dissertação (Mestrado em História) Orientado por Mário Maestri. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

FERREIRA, M. de M. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira.** 1. ed. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

FUCHINA, R. **Mulheres Interrompidas: Relatos de Violência contra mulheres na Região Colonial Italiana 1980-1920.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2011.

GIRON, L. S.; BERGAMOSCHI, H. E. **A força das mulheres proprietárias: histórias de vida 1875-1975.** Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MAGALHÃES, M. L.; ARAÚJO, D. C.; SCHEMES, C. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(3): 496, setembro-dezembro/2013

MANFROI, O. **A colonização Italiana No Rio Grande do Sul: Implicações econômicas, políticas e culturais.** 2. Ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MATTÉ, A. K. **Prazeres velados e silêncios suspirados: sexualidade e contravenções na região colonial italiana (1920-1950)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, G. F. de. **Violência de gênero e a lei Maria da Penha**. Conteúdo Jurídico, Brasília: 06 out. 2016.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PERROT, M. "As mulheres, o poder, a história." In: Os **Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 167-184.

PETERSEN, S. **A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX**. *Revista História*, v.1, p. 183-110, 1986.

POLLACK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro vol. 2 n.3 p. 3-15. 1989

POLLACK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

POZENATO, J. C.; RIBEIRO, C. M. P. J. Projeto ECIRS: Guardião de uma Cultura. In Cultura, Imigração e Memória: **Percursos & Horizontes**. EDUCS, Caxias do Sul. 2004

PRIORE, M. del. **História do amor no Brasil - 2. ed.** São Paulo: Contexto, 2005

SCOTT, A. S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória- temporalidade, experiência e narração**. Editora Universidade de Passo Fundo. 2014

VALDUGA, G. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

ÉLEBRE NIEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H...

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató...
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

973

mediu...
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D'sportos, na página 9)



A COMIDA – HUMANIDADE E CULTURA

Rogério de Vargas Metz
Cleber Cristiano Prodanov

ESTAMOS
COM O NOSSO
TEMPO!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês um crédito maior do que a sua conta

1 INTRODUÇÃO

Este estudo explora a comida como cultura pela perspectiva de sua produção, ou seja, quando o homem se relaciona diretamente com a natureza. Assim, analisam-se fatos históricos sobre a agricultura e a domesticação de animais, o início dos processos de adequação das sazonalidades e como se lidava com o tempo da terra, além da conservação dos alimentos. Também se aborda sobre o domínio e o conhecimento do espaço necessário para o desenvolvimento da agricultura, sendo que esses conhecimentos geraram conflitos importantes no desenvolvimento da humanidade e da cultura.

Sobre a importância da comida como tema de estudos, Prodanov, Silva e Metz (2019, p. 2) consideram que:

Somos uma cultura que come, e que consome, e *o ato de comer, a comida* e uma infinidade de derivações do tema tem despertado e sido foco de atenção e de estudo na atualidade. O tema conquistou a grande mídia, o país e o mundo. Jornais produziram cadernos ou ampliaram seu espaço editorial específicos. Revistas utilizaram cada vez mais o tema, discutindo todas as nuances do assunto, apresentando receitas globalizadas e sugerindo o uso de insumos regionais em adaptações de pratos com assinatura de “chefs” locais.

Importante ressaltar que essa visão sobre a comida está relacionada com um conceito de cultura específico. A cultura, por sua vez, não pode ser definida com somente um conceito, estático, pelo contrário, os conceitos de cultura, assim como ela própria, são vivos, mutáveis, sempre em movimento. Dessa mesma forma, opera a comida, muda conforme a necessidade ou os desejos das sociedades, pode ser abundante ou escassa, rústica ou sofisticada, transformada ou transformadora.

Nessa perspectiva, tem-se como objetivo analisar as formas que a cultura se utiliza para manifestar a produção de comida. Para tanto, realiza-se uma pesquisa Bibliográfica, construída a partir de material publicado, como livros e artigos (Prodanov; Freitas, 2009). Também se utiliza a História Oral como método de obtenção de respostas, através de entrevista com moradores da comunidade de Forqueta, região rural de Caxias do Sul - RS. A História Oral, cabe considerar, é inovadora, pois dá atenção à história do cotidiano e da vida privada, à história local. Também pelas suas abordagens, que dão prioridade para uma história vista de baixo, uma vez que dá atenção às maneiras de ver e sentir, preferindo as

estruturas objetivas e as visões subjetivas, assim como percursos individuais, em uma deliberação micro-histórica (François, 2006).

Essa metodologia privilegia o feito de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos para que o pesquisador possa se aproximar do objeto de seu estudo. Por consequência, este método produz fontes para consultas para outros estudos, podendo fazer parte de um acervo acessível a outros pesquisadores (Alberti, 2004).

Para a utilização da História Oral como método, neste estudo, foram entrevistadas 6 pessoas, com mais de 75 anos de idade, todas moradoras da comunidade de Forqueta¹, região rural de Caxias do Sul - RS. O grupo entrevistado recebeu explicação acerca das razões que o levaram a ser escolhido. No início da entrevista, explicou-se, ainda, o projeto e o destino das gravações. O local da entrevista foi pré-agendado, sendo de escolha do entrevistado. O tempo de entrevista foi premeditado, e todos os entrevistados utilizaram a mesma quantidade de tempo. Então, há a passagem do oral para o escrito, e esse processo é complexo e demanda tempo. Por isso, salientou-se aos entrevistados que poderia demorar até eles visualizarem o resultado (Meihy; Holanda, 2007).

Como descreve o procedimento, as entrevistas aconteceram nas casas dos entrevistados, em horários que melhor lhes convinham, nos dias 12 e 13 de maio de 2018. A média de tempo de entrevista que cada uma das pessoas utilizou para responder o questionário semiestruturado foi de 45 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas com dispositivo móvel e transcritas posteriormente. O grupo escolhido para participar das entrevistas têm uma forte ligação com a cultura italiana, visto que todos são descendentes de imigrantes italianos que vieram para o sul do Brasil nos anos de 1875.

Os resultados provenientes das entrevistas tornaram-se documentos de base escrita, mesmo que derivados de diálogos verbais. “A oralidade quando transformada em escrita congela a narração e a realidade do momento da fala. O estado fluído da fala se estratifica, tornando o momento de fala prisioneiro das letras escritas” (Prodanov; Metz, 2019, p. 4). Pode-se chamar os resultados da História Oral de cultural ou social, uma vez

¹ O nome Forqueta, ao que tudo indica, está relacionado a uma casa de comércio que se situava na Estrada Geral e que conduzia à localidade conhecida como Santos Anjos, cujo desenho se assemelha a uma “forchetta” (garfo em italiano). Elementos culturais vinculados aos imigrantes italianos e a seus descendentes estão presentes na arquitetura das casas e igrejas da região, bem como na culinária “típica italiana” e na religiosidade dos moradores da localidade (Prodanov; Magalhães; Metz, 2018, p.48)

que criam vínculos entre as pessoas, já que suas memórias são expressas em termos comunitários, revelando uma construção de identidades.

2 COMIDA COMO CULTURA

É importante iniciar abordando o conceito de cultura que mais se aproxima da temática deste estudo. Colaborando com o vínculo entre homem e natureza, Bronislaw Malinowski (1884-1942) compôs sua teoria sobre cultura utilizando a natureza e o homem. Para ele, o entendimento da cultura deve atingir as mais variadas áreas do conhecimento. Além disso, acredita que a cultura deve ser definida baseada no fator biológico:

Os seres (sic) humanos são uma espécie animal. Estão sujeitos a condições elementares que têm de ser atendidas de modo que os indivíduos possam sobreviver, a raça continuar e os organismos em conjunto ser mantidos em condições de funcionamento. Ademais, com sua bagagem de artefatos e sua capacidade para produzi-los e apreciá-los, o homem cria um ambiente secundário (Malinowski, 1975, p. 42).

Satisfazer as necessidades orgânicas e básicas da humanidade é apontado por Malinowski (1975) como condição imposta em cada cultura, ou seja, deve-se sempre procurar uma forma de satisfação das necessidades nutritivas, reprodutivas e higiênicas do homem, em qualquer cultura. Isso leva à construção de um novo ambiente, que ele chama de artificial, o qual é a personificação da cultura, pois deve ser continuamente reproduzido, mantido e administrado.

Partindo desse pressuposto, o homem precisa manter saciado o seu organismo. Então, procura elaborar condições para ser possível se alimentar, se aquecer e se abrigar. Essas questões são resolvidas através da criação de artefatos, de organização em grupos e pelo desenvolvimento de conhecimento. Para Malinowski (1975, p. 73),

Quando as pessoas comem ou repousam, quando elas se atraem mutuamente ou se envolvem na côrte, quando elas se aquecem ao fogo, dormem sôbre um catre, quando elas buscam alimento e água para preparar uma refeição, nós não nos surpreendemos, não temos dificuldade em fazer um relato claro ou revelar a membros de uma cultura diferente, em nosso país, o que está realmente acontecendo.

Importante considerar, nesse sentido, que todas as relações com a nutrição humana, os ciclos de vida, sexo, nascimentos, crescimentos e morte, são fatalmente cheias de perturbações fisiológicas do corpo dos participantes. Assim sendo, se as complexidades dos comportamentos culturais forem abordadas, é necessário relacioná-los a processos orgânicos do corpo humano e aos desejos e emoções ou perturbações que devem ser controladas pela cultura. Nessa perspectiva, corroboram-se os estudos de Massimo Montanari (2013) e temos como base teórica, em especial, seu livro *Comida como Cultura*.

Massimo Montanari, historiador italiano, atualmente leciona História Medieval na Universidade de Bolonha, na Itália. Sua área de interesse está, devido a suas pesquisas em História Agrária Medieval, diretamente ligada ao estudo dos alimentos na história. Seus estudos focam as relações de comida e cultura atreladas à história europeia, principalmente à italiana. Essa relação, presente no livro de Montanari, é pertinente a esta pesquisa, pois o grupo estudado é descendente de italianos e, mesmo que tenham nascido no Brasil, se sentem pertencentes à cultura italiana.

Com o conceito de cultura definido, o aspecto da comida, quando produzida, inicia pela invenção da agricultura e a domesticação de animais. Nas primeiras sociedades, onde viviam caçadores e coletores, era suficiente o aproveitamento de recursos vindos da natureza. Porém, com o crescimento, as populações se viam necessitadas a aumentar a quantidade de comida, o que diversificou as sociedades que se dedicavam à agricultura e ao pastoreio, gerando a própria comida, fazendo uma seleção dos recursos que tinham à disposição. Assim, houve mudanças de uma economia predatória para uma economia de produção, o que foi decisivo na relação do homem com o ambiente e a sua cultura (Montanari, 2013).

Essa relação é possível estabelecer a partir das lembranças dos descendentes de imigrantes italianos que participaram desta pesquisa. Os primeiros imigrantes chegaram a uma terra intocada, mas necessitavam comer e tirar seus sustentos financeiros da terra. Guardadas as devidas proporções, os povos que desenvolveram a agricultura e a domesticação dos animais, na Antiguidade, estavam realizando essas tarefas sem conhecimento prévio, sem saber que esse era o nome do que estavam fazendo. A leitura aqui se dá através da relação dos imigrantes com uma terra intocada, que não havia ainda sido utilizada para fins agrícolas. Os imigrantes que realizaram essas tarefas já sabiam como fazer, pois,

havam trabalhado nas terras de seus senhores na Itália. Destacam-se, a seguir, algumas falas dos entrevistados que evidenciam essa relação:

[...] a chegada não foi fácil, foi bem difícil, porque chegaram e não tinha nada nada além de uns galhos de árvore pra eles dormi [...], e não sei como é que eles comiam naquelas horas né (Entrevistado A).

Nós que plantava, feijão a gente plantava (Entrevistado B).

[...] só tinha mato naquela época né, floresta, floresta fechada, e eles começaram a derrubada de árvores, e cortaram, fizeram as tabuas, as coisas pra construir as casinha deles (Entrevistado C).

[...] depois foram derrubando o mato e aí então eles começaram a planta, plantavam a coisa principal que começaram a planta porque o italiano gosta muito de polenta (Entrevistado D).

[...] trouxeram umas muda de parreira da Itália, [...], e plantaram, então ai começaram com o cultivo da parreira né (Entrevistado E).

Por mais satisfatório que seja o pensamento de que a agricultura é um processo natural, antigamente ela era inovadora. Os antigos pensavam na agricultura como o momento de quebra com o passado, de inovação, diferenciando-a da natureza, separando-a dos animais e do homem selvagem que era considerado antes (Montanari, 2013).

Por volta de 11 mil anos, iniciou-se, de forma mais ampla, o cultivo de alimentos, anteriormente havia a coleta na maioria das comunidades, o que foi decisivo para uma mudança no estilo de vida, pois antes esses povos eram nômades e utilizavam da caça e da coleta para se nutrir. A troca de um meio natural para um tecnológico, de coleta para produção de alimentos, foi repentina e muito recente (Standage, 2010).

Massimo Montanari (2013, p. 22 e 23) afirma:

O fato é que a domesticação das plantas e dos animais de certo modo permite ao homem tornar-se dono do mundo natural, declarar-se fora da relação de dependência total em que sempre viveu (ou melhor, imaginava ter sempre vivido: porque também o aproveitamento do território por meio das atividades de caça e coleta exige um saber fazer, um conhecimento, uma *cultura*).

Hoje, é possível afirmar que o nascimento das cidades está efetivamente relacionado com o desenvolvimento da agricultura, pois as questões materiais eram e ainda são importantes, como a possibilidade de níveis de alimentação e estoque de excedentes, o acúmulo de bens, riquezas e o desenvolvimento tecnológico, assim como questões mentais, por separação do homem da natureza, tornando-se senhor de si, ocupando um espaço próprio para habitar (Montanari, 2013).

Debater o gosto alimentar de povos muito antigos é um desafio, já que esses povos não registravam seus hábitos. Historiadores procuraram resquícios materiais que foram deixados há milhares de anos. O trabalho é basicamente revirar o lixo antigo à procura de comidas e cultura material. Pela comida encontrada e pelo descobrimento de itens, como fornos, lareiras, panelas e utensílios, foi possível imaginar como a comida era preparada e consumida. Porém, entender por que se escolhia aquela comida e se gostava dela ainda é uma tarefa difícil (Outram, 2009).

O formato cultural que as primeiras organizações sociais agrícolas mantinham criou a representação de um homem civil, que organiza artificialmente a sua comida - é artificial, pois não existe na natureza e serve para demarcar a diferença entre natureza e cultura, distinguindo os animais dos homens. O pão, como símbolo, não existe na natureza e somente os homens sabem como fazê-lo. O ato de fazer o pão envolve uma sofisticada tecnologia, que inicia no cultivo do grão e vai até o final da preparação do produto. Nesse espectro, destaca-se, há uma série de etapas complexas, que são resultantes de diversas experiências e observações. Assim, torna-se um marco da saída da humanidade de uma condição animal para uma situação civilizatória (Montanari, 2013).

O pão é popular até os dias de hoje, consumido por milhões de pessoas em diferentes culturas e preparado de maneira tão diferenciada que somente ele seria um caso de estudo. Os imigrantes, antes de sair de seu país, sabiam como prepará-lo e o apreciavam. Porém, quando aqui chegaram, não tinham condições de reproduzir as receitas, por falta de ingredientes, como evidenciam os relatos que seguem:

Era muito difícil pra fazer pão, meu pai dizia sempre: tem que plantar trigo. Mas nem tinha trigo né (Entrevistado D).

Se fazia polenta, a única coisa que se comia era a polenta, porque pão não tinha (Entrevistado E).

Assim como o pão, o vinho e a cerveja não são extraídos da natureza, mas representantes de um saber e de uma tecnologia aplicada aos seus ingredientes, evidenciando o domínio do homem sobre os meios naturais, para seu próprio benefício. Assim, a cultura é responsável pela união entre a tradição e a inovação. A tradição, cabe considerar, traz os saberes, as técnicas aplicadas e os ensinamentos transmitidos, já a inovação agrega saberes, técnicas e ensinamentos que deslocam o homem do ambiente, possibilitando-lhe viver novas realidades, “inovação bem-sucedida: assim poderíamos definir a tradição. A cultura é a interface entre as duas perspectivas” (Montanari, 2013 p. 27).

A implantação da agricultura está direcionada, pois, ao crescimento da população; além da caça, o sustento alimentar necessitava de outros ingredientes, antes obtidos diretamente da natureza. Ao deixarem de ser nômades, as famílias poderiam ter quantos filhos quisessem, sem dificuldades de deslocamentos. Assim, a demanda por alimento nos arredores desses locais aumentou, incentivando um plantio excedente, chegando assim à agricultura, que também nos leva à fome.

Quando de sua chegada ao sul do Brasil, uma das alternativas encontradas pelos imigrantes italianos para saciar a fome foi a caça. E, tratando-se de matas virgens, conseguiam caçar animais selvagens com facilidade, como trazem os relatos que seguem:

O que mais eles comiam então era caça, tinha caça que dava medo, comiam até carne pura (Entrevistado A).

[...] ele dizia pros filho: comem carne, porque a polenta tá escassa tem pôca, comem carne bastante, porque carne tinha até (Entrevistado C).

[...] naquela época eles se alimentavam mais de caça, porque não tinha outra coisa pra come (Entrevistado D).

E a carne eles caçavam, eles adoravam a caça, os italiano “bah”, pra caça é, então tudo que era bicho eles matavam e comiam né, então era mais fácil pra eles do que a polenta (Entrevistado E).

Importante considerar que comer carnes na Itália daquela época era somente para as pessoas mais ricas. A maioria daqueles que imigraram não tinham esse privilégio. Chegando ao Brasil, uma das únicas possibilidades de comer era caçar animais. Essa fonte

de proteína gerou uma nova forma de se alimentar e perdura até hoje, com a cultura do churrasco.

Assim, o homem se projeta fora da natureza, porém ela é um modelo cultural não só válido para modelos antigos de sociedade, mas também a épocas recentes. Até a Idade Média, os modelos alimentares eram símbolo de duas civilizações distintas, que depreciavam uma à outra. Com as invasões bárbaras no Império Romano, as quais deram o poder aos bárbaros, a cultura bárbara, incluindo a alimentar, passou a ser referência, tal qual como acontece atualmente com o *american way of life* (estilo de vida americano) (Montanari, 2013).

Salienta-se, ainda, que, tanto pastorear e caçar, assim como as tradições agrícolas romanas que passaram a ser incorporadas pelos bárbaros, geraram uma nova economia. Quando essas duas formas de cultura se encontraram e interagiram entre si, iniciou-se, na Idade Média, uma nova forma de se alimentar, reconhecida hoje como europeia, que dá o mesmo peso simbólico ao pão e à carne. Daí em diante, não se tem mais duas opções culturais divergentes, mas elementos de um cruzamento que representavam dois processos, duas práticas culturais.

No Rio Grande do Sul, um dos símbolos da cultura gastronômica que representa os italianos é a polenta. A facilidade de prepará-la atualmente faz com que o prato seja reproduzido em muitas dietas domésticas e em restaurantes. Mas nem sempre foi assim, pois, quando os primeiros imigrantes chegaram, não tinham fácil acesso aos ingredientes para produzi-la, como demonstram os relatos que seguem:

[...] antigamente era a farinha de moinho verdadeiro, o nosso milho, que a gente ia, só que agora tu compra a farinha e tu faz aquela polenta com farinha mais grossa (Entrevistado A).

Plantado aqui, colhia o milho, plantava no saco botava nas costa, cortava o mato e ia embora, de a pé, olha que passaram errado né? (Entrevistado B).

[...] primeiro ano que a gente não tinha condição montava numa mula com o saco em cima, sacos comprido, dois metro (risos), montava em cima da mula e ia no moinho (Entrevistado C).

[...] então eles plantaram milho né, só que só tinha um moinho que era lá em Nova Milano e como aqui é longe até lá né e não tinha transporte não tinha nada, então eles

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
iados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO
O M
CÍCIO
de adminis
ito Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-
LOI
24 (L
estabi

tinham que carrega nas costas, então eles pegavam aquele saco de milho e iam, porque demorava horas pra chega lá né, pra ir no moinho, então lá faziam a farinha, pra depois faz a polenta pra come junto com a carne né e ai então os pais sempre diziam pros filho: comam carne poupem a farinha. Porque era muito sacrificio ir até lá, muito trabalho (Entrevistado D).

Juntamente com a carne de caça, a polenta teve um papel muito importante para a cultura alimentar dos descendentes de italiano de Forqueta. Foi o milho que ajudou muitas famílias a aliviarem a fome, substituindo o trigo para o feitio do pão, de modo que a polenta e a carne de caça geraram uma tradição nas casas dos entrevistados e até hoje é servida acompanhada de molho e carne. O pão também tinha seu lugar de destaque. Por ser uma comida que sacia a fome, e não apresenta muita complexidade em seu preparo, foi muito utilizado pelos imigrantes antes de saírem da Itália. Porém, quando chegaram ao Brasil, precisaram adaptar os ingredientes em novos preparos, mas ainda tinha a função de matar a fome das famílias.

Destaca-se que, nas sociedades tradicionais, a relação entre natureza e cultura também pode ser problematizada com respeito ao tempo, ou seja, na sazonalidade dos alimentos, ou seja, a época do ano determina tanto as espécies vegetais disponíveis como o comportamento dos animais. Apesar de ideias que pregam um equilíbrio perfeito entre homem e natureza, o objetivo sempre foi atingir um ambiente sem estações climáticas, em que o tempo estivesse sob controle (Montanari, 2013).

Então, a ciência e a tecnologia, em um primeiro momento, visando à economia agrícola e, mais tarde, voltando-se para a Revolução Industrial, sempre buscaram dois fatores principais: alongar o tempo ou pará-lo. Para tanto, usou-se da diversificação das espécies e de formas para a conservação de alimentos. No caso dos alimentos perecíveis, por exemplo, muito se estudou para o desenvolvimento de técnicas que aumentassem o seu tempo de vida (Montanari, 2013).

Os esforços foram direcionados para a identificação de espécies de uma mesma fruta e verduras, por exemplo, para que fosse possível estudá-las e forçá-las a dar frutos durante o ano todo. Então, iniciaram a elaboração de métodos de conservação de produtos vegetais e animais para utilizá-los além do ciclo natural do produto. Tentativas de tirar os alimentos do contato com o ar, através de envolver o alimento em argila, por exemplo. A



desidratação através do calor do sol também foi muito utilizada e, em locais onde o sol não ajudaria, a fumaça foi utilizada para a mesma finalidade. O grande protagonista dessa técnica foi o sal, que além de desidratar os alimentos, conferia-lhes sabor salgado.

Há também relatos de conservação com vinagre, ingrediente acessível aos camponeses; óleo, mais caro, não sendo muito utilizado; mel e açúcar, que entrou na Europa na Idade Média, sendo item disponível a poucos, perdendo esse *status* no início de 1800. Daí, nascem queijos e outros derivados do leite, presuntos e outros embutidos que fermentam com o sal. Essa fermentação, aplicada a verduras, gerou o chucrute na Europa setentrional, sendo aplicada também pelos japoneses e em diversas outras regiões do mundo. Assim, desenhou-se um gosto doce e um gosto salgado como modelos alimentares, os quais, cabe considerar, traziam consigo distinção social (Montanari, 2013).

Segundo Massimo Montanari (2013 p. 40),

Os métodos de conservação dos alimentos, aprimorados pelo impulso da fome, rapidamente ultrapassaram tal dimensão com um tipo de transferência tecnológica que os viu aplicados à alta gastronomia: assim nasceram muitos “produtos típicos” que constituem uma parte decisiva do nosso patrimônio gastronômico. Revelam-se, dessa forma, vínculos talvez insuspeitos entre o mundo da fome e o mundo do prazer.

É possível identificar que as técnicas e ideias nascem não somente do poder e do luxo, mas também da necessidade e da pobreza. Com os esforços para acabar com a angústia da fome, além da pressão populacional, também se procuram oportunidades de sentir prazer. Essa luta pelo controle do tempo está diretamente ligada à luta por espaço.

Com o passar do tempo, a ação sobre o espaço tornou-se progressivamente mais importante do que a ação sobre o tempo. É possível perceber essa importância já na Idade Média ocidental, pois foi ali que as correntes comerciais mundiais começaram a se engrandecer, demonstradas pelas viagens que percorreram o globo terrestre e cresceram no século XVI. Assim, os europeus mais ricos podiam comprar produtos fora de época na Europa, de lugares que produziam esses alimentos. É assim que inicia o intercâmbio de produtos regionais pelo mundo, como a chegada da batata, do milho, do tomate na Europa, vindos de diferentes localidades do globo. Se o produto não estivesse disponível, mandavam

buscar em determinado local. Essa relação do homem com o espaço, ao longo do tempo, evoluiu até culminar na globalização como é conhecida hoje (Montanari, 2013).

Em decorrência dessa demanda, surgiram conflitos, pois pouco ganhavam os produtores desses produtos. Ou, ainda, localidades inteiras eram obrigadas a destinar toda a sua produção para a Europa, ficando somente com os restos de pouca qualidade ou outros produtos que não eram suficientes para o sustento das famílias. Assim, muitos desses produtores se revoltavam e, em muitos casos, foram subjugados pelos mais fortes, e a fome também passou a fazer parte desses conflitos.

Sobre as formas de conservação de alimentos e comidas, é de amplo conhecimento que, nos primeiros anos da chegada da imigração ao sul do Brasil, utilizavam-se formas diferentes das de hoje para manter a integridade de alimentos e comidas. Seguem algumas das formas utilizadas pelos ancestrais dos entrevistados, e alguns comentários sobre a conservação de itens alimentícios:

A gente fazia então tudo na hora, fazia e comia (Entrevistado B).

[...] as miudezas assim, os ossinho, os pezinho do porco salgavam e guardavam na salmoura, pra vive era assim (Entrevistado C).

[...] e era uma tradição assim porque não tinha o que tem hoje, geladeira, freezer pra conservar essas coisa então quando vinha um pedaço assim era uma festa, magina, era uma coisa nova né (Entrevistado D).

[...] naquela época por exemplo tu comia tomate só na época né, quando tu plantava que vinha porque não era sempre que dava, agora com as estufa, com todos esses coisas novas que têm ali, tem toda hora, todo dia, vai no mercado se não tem aqui eles vem de fora né, então agora é super bom (Entrevistado E).

Na atualidade, é possível encontrar produtos frescos em todas as estações do ano, já que a distribuição das diferentes zonas de produção mundial é eficiente. Essa situação configura uma realidade revolucionária, quando se trata de um país rico, equiparada com a dimensão planetária da economia alimentícia e a grandiosidade das sociedades existentes, porque os custos para essa distribuição mundial de produtos alimentares diminuíram muito, e ficou facilitada devido às técnicas mercadológicas atribuídas a esse segmento

da economia, possibilitando o acesso para várias faixas sociais a produtos diferenciados (Montanari, 2013).

Olhando pela lente cultural, essa revolução é mais significativa. Hoje, encontram-se, nas prateleiras dos supermercados, produtos exóticos vindos de lugares distantes, mas há um paradoxo, já que a atenção se volta para os produtos provenientes do nosso território, pois, por mais que tenhamos acesso a produtos vindos dos mais distantes lugares do planeta, estamos ressignificando a importância do que cultivamos por perto da onde consumimos (Montanari, 2013).

A condição de controle dos mais fortes, ou mais ricos, sobre os mais fracos, ou mais pobres, gerou a comida de pobre. O vinho e o pão foram pilares alimentares da civilização ocidental até o século XX. Há, inclusive, uma expressão francesa - *tremper la soupe* -, que significa despejar o caldo da sopa sobre fatias de pão (em algumas regiões da França, os camponeses misturavam vinho a esse caldo). Até que as batatas não chegaram, vindas da América para a Europa, o trigo manteve o papel principal na alimentação humana (Revel, 1996). Porém, ainda no século XX, o pão perdeu o seu papel na sociedade para a carne, que, até então, tinha um preço alto e era consumida somente em dias de festa.

Mesmo quando as sociedades progridem e se tornam mais complexas, a relação entre dominadores e dominados continua existindo. Como exemplo, pode-se descrever a relação existente entre a Inglaterra e a Irlanda, em que os ingleses ficavam com produtos, como carne e trigo, deixando para consumo dos irlandeses só produtos com menos valor comercial e nutritivo. Ao longo do século XIX, os irlandeses se alimentaram quase que somente por batatas, levando a uma grande desnutrição em 1846 e 47, que só não matou quem emigrou para outros locais, fato este que não foi causado pela falta de alimento, mas pela dominação do mais forte sobre o mais fraco (Montanari, 2013).

Dante, na Divina Comédia, define fome, cuja consequência é a morte mais miserável de todas, como a primeira das desgraças que arruinam a humanidade. A fome provoca um tormento lento, dores prolongadas, entre outras mazelas (Carneiro, 2003).

A questão da fome está muito presente também nas histórias contadas pelos descendentes dos imigrantes italianos entrevistados, como evidenciam os relatos que seguem:

[...] meu pai dizia se comia só feijão de noite era só sopa (sopa de feijão) e vai (Entrevistado A).

Era tudo bem diz diferente agora né, [...], a gente comia um ovo em 7 pessoa, na minha família (Entrevistado B).

Olha meu pai contava pouca coisa porque ele passa os dele né, a gente quando era pequeno a gente passava fome, que nem eu, não tinha, nem conheci minha mãe, ela tava sempre doente, meu pai cuidava dela e era 8 irmão, daí a gente passava fome, não foi fácil (Entrevistado C).

[...] naquela época a gente tinha fome, porque tu ia trabalhar na colônia era pesado (Entrevistado D).

Eles eram 14 irmãos do meu pai né, então se dividia, depois com os vizinhos também quando carneava algum porco era sempre um pedaço pra cada vizinho, era sempre assim e se trocava, por exemplo meu pai eu lembro do meu pai fazo isso, era um pedaço pros Marchesini, pedaço pros Caberlon, pedaço pros Postalli, e assim quando eles carneava então também voltava o pedacinho (Entrevistado E).

[...] e naquela época só tinha, é tudo limitado né porque a família era grande, tudo famílias de 10 12, tive uma tia que ela tinha 21 filhos (Entrevistado D).

É sabido que a fome foi o motivo que levou seus antepassados a saírem do seu território natal e virem ao Brasil. Porém, aqui chegando, como explicitado, depararam-se com ela novamente, de forma diferente, mas, ainda assim, lidaram com a fome. Nesse sentido, destaca-se que o embate entre nações ricas e pobres demarca cada vez mais o grandioso conflito de interesses que define a sociedade atual, como se houvesse uma versão ampliada dos conflitos pelo domínio dos recursos alimentares que sempre participaram da história dos homens. De toda forma, mesmo alterando o contexto para a atualidade, há uma representação da luta de classes (Montanari, 2013).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a comida como manifestação de cultura e como ela se transforma em um processo cultural quando é produzida. Trata-se de temática relacionada com a evolução da própria humanidade, ao nascimento da agricultura, ao trato com os animais e à conservação dos alimentos. Para tanto, discutiu-se o conceito de cultura,

com base, em especial, nos estudos de Malinowski (1975), e as relações entre natureza e cultura, tempo e espaço. Através da história oral como metodologia, apresentaram-se entrevistas com os descendentes de imigrantes italianos, moradores de Forqueta, região de Caxias do Sul-RS.

As análises realizadas possibilitaram identificar forte ligação entre os aspectos teóricos acerca da cultura com as realidades dos entrevistados na região de Forqueta. A chegada dos antepassados dos entrevistados a uma terra intocada não foi nada fácil -, tiveram até mesmo que abrir caminhos pela mata para se instalar e aí, então, lavrar a terra para que ela lhes proveesse o sustento. Essa situação é semelhante à contada por Montanari (2013) quando do nascimento da agricultura.

As primeiras sociedades agrícolas usavam como base os ritmos naturais da terra e o ciclo das estações, surgindo aí a ideia de civilidade, ou homem civil, que constrói a sua comida, artificialmente, ou seja, aquela que não existe na natureza para ser colhida. Essa dicotomia aparece para evidenciar o que é natureza e o que é cultura.

Porém, mesmo querendo manter a diferença marcada entre natureza e cultura, para se afastar do passado, onde não se considerava existir civilidade, o afastamento da natureza como cultura se mostrou falsa. Isso acontece quando a natureza se mostra como uma escolha intelectual alternativa à cultura. Nesse caso, voltar a viver da colheita do que a natureza oferece, sem a agricultura, passa a ser uma escolha e, assim, passa a ser uma forma de manifestação cultural.

Outras formas de demonstrar a cultura da comida quando produzida foi a constante procura por formas de alongar o tempo de vida dos produtos excedentes das colheitas. Nesse sentido, muitas das técnicas que ainda estão em uso hoje em dia nasceram, por necessidade, quando não se tinham as tecnologias atuais à disposição.

Destaca-se, por fim, a contribuição científica deste estudo, ao dar voz e evidenciar vivências de pessoas comuns, que normalmente não seriam contabilizadas pela história, mas que, expondo suas vivências, engrandecem os projetos em que estão envolvidas. Trata-se de pessoas que valorizam a terra e o que ela provê, o que torna a localidade e seus moradores objeto de estudo ideal para pesquisas que relacionam a cultura e a gastronomia. Olhar para a cultura de uma localidade através da comida foi um exercício mui-

to revigorante para a ciência, contribuindo com a dinamicidade dos estudos da cultura e sua vastidão. Além disso, destaca-se sua contribuição social, pois utilizou e imortalizou histórias de pessoas comuns, transformando seus relatos em documentos permanentes, perpetuando suas experiências de vida e de seus antepassados para todos aqueles que se demonstrarem interessados na temática. Uma das preocupações dos entrevistados é que suas histórias e as tradições, que se esforçam para manter até hoje, se percam com seus parentes mais novos, pois eles não são procurados por eles para que contêm suas histórias e vivências. Também não sabem falar os dialetos da região, não sabem cantar as músicas típicas e não se interessam em aprender as receitas das bisavós e bisavôs. Com as entrevistas, sentiram-se valorizados e com esperanças de que haverá pessoas interessadas em suas histórias, mantendo-as vivas.

Portanto, evidencia-se que a comida pode ser analisada através do olhar cultural. Assim como o estudo de qualquer processo e qualquer manifestação cultural será sempre necessário, estudar a comida pelo viés cultural eleva tanto a cultura que está sendo observada como a comida que faz parte dela. Ademais, frisa-se que o estudo contribui, também, para que se entenda que a cultura é composta por mais que música, teatro e outras manifestação que comumente são divulgadas por grandes mídias.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CARNEIRO, H. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- FRANÇOIS, E. **A fecundidade da história oral**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

OUTRAM, A. K. Caçadores-coletores e primeiros agricultores. IN: FREEDMAN, P. (org.). **A história do sabor**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico**: método e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

PRODANOV, C. C.; MAGALHÃES, M. L.; METZ, R. de V. Sopa, família e trabalho: percepções constituídas entre Forqueta e Itália. **Polêm!ca**, v.18, n. 4, p. 46-59, out./nov./dez. 2018.

PRODANOV, C. C.; METZ, R. de V. M. A comida como manifestação da cultura quando preparada. **Estudios Históricos**, n.24, Año XII, dez. Uruguay, 2020.

PRODANOV, C. C.; SILVA, C. E. da; METZ, R. de V. Do cinema para a mesa: a construção de um imaginário acerca da excelência da comida italiana. **Estudios Históricos**, n.21, Año XI, jul. Uruguay, 2019.

REVEL, J. **Um banquete de palavras**: uma história da sensibilidade gastronômica. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STANDAGE, T. **Uma história comestível da humanidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante,

(Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

ÉLEBRE NIEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H...

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p... grupo de
laborató... fisco de
Los Alamos, tenta
tiva para expl... reser-
va muito mais... as ro-
chas quentes.
A técnica que... a apli-
(Continua... pág.)

ON

973

mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá-
negócios
de Ango-
iativa do
Comer-
vão reu-
Marques,
página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



NARRATIVAS E CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA: ANÁLISE DO CONTO *RAPUNZEL* (SÉC. XIX) E DO LONGA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO *ENROLADOS* (2010)

Cláudia Gisele Masiero
Cristina Ennes da Silva



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês um crédito maior do que a sua conta

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
ds. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO I
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-

“O conto maravilhoso, que ainda hoje é o primeiro conselheiro das crianças porque outrora foi o primeiro da humanidade, continua a viver secretamente na narrativa. O primeiro e verdadeiro narrador é e permanece sendo o narrador de contos maravilhosos.”

Walter Benjamin

1 INTRODUÇÃO

A origem dos contos de fadas se perde no tempo. Oriundos da tradição oral, fizeram parte da cultura de vários povos e influenciaram comunidades com seus ensinamentos e preceitos morais e ainda se fazem fortemente presentes entre nós na atualidade. Essas histórias foram sendo transferidas de um ambiente adulto para o infantil, conjuntamente com a constituição de um modelo moderno de infância e o respectivo universo cultural que foi sendo construído e apresentado às crianças nos últimos séculos. Como abordado por Maria Tatar (2013), esses contos, antes proferidos por camponeses ao pé da lareira para afugentar o tédio dos afazeres domésticos, por exemplo, “foram transplantados com sucesso para o quarto das crianças onde floresceram na forma de entretenimento e edificação” (Tatar, 2013, p. 9).

Estudiosos e compiladores dessas narrativas contribuíram para a sua aproximação com as crianças à medida que optaram por suavizá-las no momento de transplantá-las da oralidade para o registro escrito. O francês Charles Perrault (1628 - 1703), os irmãos alemães Jacob Grimm (1785 - 1863) e Wilhelm Grimm (1786 - 1859) e o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805 - 1875) são os mais conhecidos em nosso país, mas se poderia citar a contribuição de muitos outros, como o australiano Joseph Jacobs (1854 - 1916) e Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711 - 1780), de origem francesa. Cabe destacar que “foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus” (Burke, 2010, p. 26). Assim, nessa época, ocorre o que Peter Burke (2010) conceitua como “descoberta da cultura popular” e os autores já citados fazem parte desse movimento de valorização do folclore em cada região.

Na primeira metade do século XX, proliferaram as narrativas impressas, cujas ilustrações tornaram-se cada vez mais lúdicas e encantadoras, e surgiram as narrativas audiovisuais, que herdaram essa temática e estética. Por exemplo, o primeiro longa-metragem de animação foi *Branca de Neve*, em 1937. De lá pra cá, além da permanência das histórias clássicas, muitas obras foram feitas explorando a temática dos contos de fadas, por meio de novas edições, versões e releituras, produzidas em diversos formatos.

O historiador Robert Darnton (1986) sugere que os contos de fadas são testemunhas de que mentalidades mudam, o que pode ser observado nas diferentes transformações sofridas por essas histórias em diferentes tradições culturais. É nesse sentido que se considera que tais narrativas se entrelaçam à história da infância no que diz respeito às concepções que foram sendo edificadas ao longo do tempo. São fonte propícia para o estudo de sua história, considerando-a como construção social que pode apresentar transformações segundo tempo e lugar, até mesmo dentro de uma mesma sociedade.

Neste sentido, o presente estudo tem como tema a representação da concepção de infância presente no conto de fadas *Rapunzel*, escrito pelos Irmãos Grimm, no início do século XIX, e no filme de animação *Enrolados* (2010), que nele se inspira. O objetivo é analisar e refletir sobre a concepção de infância representada nesses produtos culturais, que são de tempos e sociedades distintas. Para tanto, será considerada uma categoria basilar, ou seja, como a personagem principal age nas situações de conflito ou de aprendizagem. A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2004), considerando seus três polos cronológicos: a pré-análise, compreendida pela escolha e organização do material; a exploração das fontes, observando a categoria estabelecida na etapa anterior; e o tratamento dos resultados, momento no qual é feita a interpretação dos dados obtidos e as inferências.

A categoria levada em consideração para analisar as fontes em questão se preocupa com a maneira como a personagem principal age em situações de conflito e de aprendizagem, possibilitando que se pense sobre as suas ações, sobre sua forma de gerenciar experiências e de aprender. Por meio das situações-problemas, que as narrativas trazem e pelas quais as personagens são postas à prova, há sempre presente um conflito, um obstáculo a ser superado, que resultará em crescimento e aprendizagem. Essa categoria também tem relevância para a análise da concepção de infância presente nos produtos

culturais em questão, porque permite que se reflita sobre a maneira como cada um deles construiu as ações das personagens, podendo-se verificar a capacidade de tomar decisões.

O que ocorre no desenrolar de uma narrativa, especialmente com os principais personagens, constitui-se de um modelo de pensamento, comportamento e atitude. Por isso, tenham a idade que tiverem, passam um exemplo a ser seguido para seus leitores ou espectadores. Esse talvez seja um dos elementos mais pedagógicos nas narrativas, pois o modo de agir e de falar das personagens é facilmente imitável, o que se dá tanto de maneira implícita quanto explícita. Essas constatações sobre as narrativas talvez tenham mais sentido ao se dizer que “o significado dos desenhos animados opera em vários registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles desempenham como as ‘novas máquinas de ensino’, como produtores de cultura” (Steinberg; Kincheloe, 2004, p. 89). Já se sabe sobre o papel terapêutico dos contos de fadas, por meio dos estudos de Bettelheim (2007), e sobre sua importância na construção dos sujeitos, como afirma Maria Tatar (2013), dizendo que eles modelam códigos de comportamento e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos forneceram termos com que pensar sobre o que acontece em nosso mundo. Por sua vez, a partir das ideias acima citadas, pode-se considerar que a forma como os personagens agem, também nos filmes, pode ser um modelo comportamental oferecido às crianças.

Sob essa perspectiva, os dados são organizados em quadros, que correspondem a trechos e a cenas de cada narrativa em questão, com base na proposta de Diana Rose (2008), para analisar imagens em movimento, propondo que se exponha a dimensão visual e verbal de cada cena, tornando-a uma unidade passível de análise.

2 O CONTO *RAPUNZEL*: A INFÂNCIA NA TORRE

De acordo com as pesquisas de Maria Tatar (2013), o conto *Rapunzel* é conhecido pelos folcloristas como “A donzela da torre” que, por sua vez, é baseada na lenda de Santa Bárbara, que foi trancada pelo pai numa torre por recusar propostas de casamento. Os Grimm, segundo ela, basearam a sua *Rapunzel* numa transcrição do século XVIII, de autoria de Friedrich Schultz. Dito isso, a versão literária considerada para análise neste estudo é a tradução contida na obra *Contos de Grimm*, de 2008, tradução feita por David Jardim



Júnior do original dos Irmãos Grimm, *Kinder-und Hausmärchen*, primeiramente publicado em dois volumes, respectivamente em 1812 e 1815.

Jacob Ludwig Grimm e Wilhelm Carl Grimm nasceram na cidade de Hanau e viveram grande parte de suas vidas em Kassel. Formaram-se em Direito, foram professores nas universidades de Göttingen e Berlim, também trabalharam em bibliotecas, além de se inclinarem aos estudos linguísticos, folclóricos e históricos, assim como à Literatura. A coletânea reúne mais de duzentas histórias e foi resultado do trabalho de pesquisa de ambos em manuscritos e fontes orais. O objetivo primeiro era salvaguardá-las, pois acreditavam de fato que elas exprimiam a natureza do “povo”, expressando o espírito da nação, como colocado por Peter Burke (2010). Ao que se conecta o fato de que

Imbuídos do espírito romântico alemão do final do século XVIII e princípio do século XIX, identificaram os contos populares com a mente ‘pura’ e ‘inalterada’ das crianças. Assim, a voz da gente comum, expressa na literatura de transmissão oral, também seria pura, conservando a essência original do povo alemão (Merenge, 2020, p. 52).

É no século XIX que a edição dos Irmãos Grimm se converte, de certo modo, em sinônimo de literatura para as crianças, segundo Lajolo e Zilberman (2007). Segundo as autoras, é a partir de então que se passa a definir com maior segurança os tipos de livros que agradam mais aos pequenos leitores e se determina melhor suas principais linhas de ação, ou seja, a predileção por histórias fantásticas e por histórias de aventuras.

O conto *Rapunzel* inicia falando de um casal que desejava muito ter um filho e que finalmente o esperava. A esposa, grávida, avista da janela de sua casa alguns “rapúncios”, uma espécie de verdura, e sente desejo de comê-los. Porém, eles estão no jardim de uma feiticeira, o que os torna impossíveis para a mulher, que acaba adoecendo de tanta vontade de comê-los, e seu esposo, para não a ver definhando ainda mais, pega alguns escondido. A mulher os come, mas não se satisfaz e, quando ele retorna no outro dia para pegar mais da verdura, é surpreendido pela bruxa, Gothel. Ela o interroga sobre o atrevimento de entrar no seu quintal e furtar os rapúncios. O homem responde que é devido ao desejo de sua esposa. A malvada, então, deixa que ele leve mais alguns, mas com a condição de que ele entregue a criança que estão esperando, imediatamente após o nascimento. Apavorado, ele concorda e vai embora. Quando o bebê nasce, a bruxa aparece e leva a menina. Quando

esta faz doze anos, a bruxa a tranca numa torre, sem porta e sem escada, na qual entrava subindo pelos longos cabelos de Rapunzel, adentrando por uma janela, que ficava bem no alto. Um príncipe que passava pelo local ouve a jovem cantando e, após observar como a bruxa fazia para entrar na torre, ele entra também. Os dois passam, então, a se encontrar outras vezes. Quando a bruxa descobre os encontros entre os jovens, corta as tranças de Rapunzel e a leva para um deserto, sendo que ela já estava grávida de gêmeos. A senhora Gothel volta para a torre, espera o príncipe chegar e o aterroriza. Assustado, ele se joga da torre, o que o deixa cego ao cair sobre espinhos. Nessa condição, o príncipe passa anos vagando até que reencontra Rapunzel, reconhecendo-a por sua voz. O choro dela cura a sua cegueira, e eles retornam com os filhos para o reino onde vivem felizes por muitos e muitos anos.

Dessa narrativa, a partir da categoria de análise escolhida, apresenta-se o seguinte quadro¹:

Quadro 1 – Rapunzel nas situações de conflito e aprendizagem

Momento da narrativa	Frases
Primeira aparição do príncipe na torre	A princípio, Rapunzel ficou terrivelmente assustada ao ver aproximar-se um homem que jamais vira antes.
Rapunzel pensa em como escapar da torre com o príncipe.	Eu te acompanharei de boa vontade, mas não sei como sair daqui – disse: – Todas as vezes que subires aqui traze contigo uma meada de seda, e vou tecer com elas uma escada, e, quando ela ficar pronta, eu descerei e partirei contigo em teu cavalo.
Rapunzel se trai e deixa a bruxa saber que o príncipe a visita.	- Por que será, senhora Gothel, que é tão mais difícil para mim sustentar nos meus cabelos a senhora do que o jovem príncipe?
Reencontro de Rapunzel e o príncipe	Assim viveu durante anos e afinal chegou ao deserto onde a desventurada Rapunzel vivia com gêmeos, um menino e uma menina, que no deserto haviam nascido. Ele ouviu uma voz que lhe era familiar e caminhou na direção de onde ela vinha. Ao vê-lo, Rapunzel reconheceu-o e caiu em seus braços chorando.

A personagem Rapunzel é apresentada no conto como uma garota ingênua e pouco questionadora. Assusta-se “terrivelmente ao se aproximar de um homem que nunca vira antes”, primeira frase destacada. Mas se inicialmente tem medo do príncipe, logo muda seu sentimento quando subitamente é pedida em casamento por ele. A entrega e a confiança no príncipe foram tão intensas que a jovem pensa em fugir com ele e traça a estratégia: tecer uma escada com as meadas de seda que ele trouxesse cada vez que viesse

¹ Todos os quadro foram elaborados e são de autoria das autoras.

visitá-la. Pode-se pensar, no entanto, que, ao mesmo tempo que é pueril, tem consciência de que o que está fazendo é errado. Nesse seu ato, vê-se um momento de autonomia.

Entretanto, ao deixar escapar o segredo de estar se encontrando com o príncipe, quando compara, diante da senhora Gothel, o peso desta ao do príncipe ao puxá-la para dentro da torre, novamente aparece tola e imatura.

Além de representar a sensação de alívio, pode-se ver fragilidade e sofrimento ao chorar no reencontro com o príncipe. É este choro, porém, que salva o príncipe, que estava cego devido a ter se jogado da torre quando lá viu a bruxa, no lugar de Rapunzel, tendo furado seus olhos em espinhos.

A resolução do conflito se dá por meio do príncipe. Ele é quem acha a jovem. Vale dizer que a cura de sua cegueira se dá por magia, não por meio de uma ação consciente sua. Assim sendo, Rapunzel é representada de forma pouco autônoma quanto às suas decisões e está sempre amparada por outros.

O conto de fadas não descreve o que a personagem aprendeu depois da experiência vivida, não sendo possível refletir com mais profundidade sobre a construção do seu pensamento. Porém, essa aprendizagem pode estar explicitada em algumas questões que o conto aponta, como: a) é preciso saber em quem confiar; b) depois dos problemas e do sofrimento, virá a felicidade.

É claro que a frase “a infância na torre” é metafórica, mas com ela se busca evidenciar o momento inicial dessa construção do “modelo moderno de infância”, que se estruturava e ganhava contornos no período em que os Irmãos Grimm publicaram seus contos. Contos esses que não podem ser considerados como literatura originalmente escrita para crianças, fato que não exclui que os autores tenham pensado nelas, também, ao escreverem-nos. Há uma preocupação em suavizar essas narrativas e retirar elementos violentos ou obscenos, se forem comparadas a versões anteriores. O título do livro, *Contos das Crianças e do Lar*, evidencia que adultos e crianças ainda compartilhavam muitas coisas, inclusive a leitura e a audição dessas histórias. Contudo, como já mencionado brevemente no início do texto, justamente por estarem inseridos no processo de consolidação do que se entende por universo propriamente infantil, tornam-se referência do tipo de narrativa que agrada às crianças e contribuem para o próprio estabelecimento das bases da Literatura Infantil.

3 ENROLADOS: A INFÂNCIA QUE SAI DA TORRE

O filme de animação *Enrolados* é uma produção dos estúdios Disney, portanto norte-americana, lançada em 2010. A narrativa conta a história de uma princesa chamada Rapunzel. A sua mãe grávida fica muito doente e é curada pela flor do sol. Senhora Gothel utilizava secretamente essa mesma planta para se manter sempre jovem e bela. Ficando sem o seu elixir da juventude, a mulher rapta a bebê, cujos cabelos dourados conservam o poder da flor, a tranca numa torre e se passa por sua mãe. Rapunzel vive bastante solitária e nutre o desejo de sair do cárcere. Certo dia, Flynn Rider, um fugitivo que se chama José Bezerra na verdade, encontra a torre onde vive a jovem e a escala, entrando pela janela. Rapunzel faz um acordo com o rapaz para que ele a ajude a sair da torre e ver de perto as chamadas luzes flutuantes. Nessa jornada, os dois jovens se apaixonam, mas são impedidos de ficarem juntos. Além disso, depois de muitos percalços, a garota descobre que ela é a princesa perdida e se volta contra Gothel. José e Rapunzel lutam contra a bruxa e o rapaz fica gravemente ferido. São as lágrimas de Rapunzel que o trazem de volta à vida. Os dois voltam para o reino, onde a garota encontra seus pais e, assim, eles passam a viver felizes.

A relação com o conto fica evidente no desenrolar da trama como se pode ver: uma bebê raptada, uma bruxa, uma torre, lágrimas salvadoras, os nomes Gothel e Rapunzel são mantidos, entre outros elementos. Porém, algumas diferenças também podem ser vistas, pois Rapunzel é apresentada como uma “garota espirituosa” e, em vez do príncipe, surge um “charmoso criminoso” Flynn Rider.

Quadro 2 – A autodefesa de Rapunzel



Sinopse: Flynn Rider foge dos guardas do palácio de onde roubou a coroa da princesa perdida, encontra a torre de Rapunzel e a escala para se esconder. Rapunzel procura se defender como pode do intruso.

Tempo: 18:37 – 20:48

Dimensão visual

Flynn Rider encontra a torre escondida de Rapunzel em meio à floresta e escalando-a consegue adentrar pela janela que fica bem no alto. Ao entrar, é surpreendido por golpes de frigideira, dados por Rapunzel, que passa a fazer várias coisas para se defender dele. Depois de trancá-lo no armário, Rapunzel fala sozinha olhando-se no espelho.

Dimensão verbal

Flynn Rider: - Ai! Enfim sós querida!
 Rapunzel: - Ah!
 [Ruído de Rapunzel tentando trancar o intruso no armário]
 Rapunzel: - Está bem, está bem, está bem... Tem uma pessoa no meu guarda-roupa (preocupada). Tem uma pessoa no meu guarda-roupa! Tem uma pessoa no meu guarda-roupa (euforia)! Hã, hã, hã... Ah! Eu sou muito frágil para cuidar de mim mesma, né, mamãe? Pois é! Fala isso para a minha frigideira.

No filme, Rapunzel também sente medo do homem que invade a sua torre, como a personagem literária, porém, algo mais do que um pedido de casamento teria que acontecer para que ela não o temesse. Precisava confiar primeiramente nela mesma, como capaz de se defender e, depois, confiar nele. Mais que isso, ela já tinha um objetivo definido, ver as luzes brilhantes de perto. Por esse motivo, seu interesse primeiro no homem que entrara na sua torre estava relacionado à possibilidade de realizar seu sonho e este não tinha nenhuma relação com casar com o “príncipe” e “salvador”.

Num primeiro instante, Rapunzel escolhe uma frigideira como arma e age com violência sobre Flynn. A forma como a garota transporta o corpo dele, que está desmaiado, empurrando-o para dentro do armário, trancando os seus dedos na porta, entre outros acidentes que acontecem, são representados como momentos cômicos. A concepção moderna de infância que se tem pede que a violência e a promiscuidade sejam afastadas da criança e assim se tem pensado nos últimos séculos, a exemplo dos contos de fadas que foram sendo, neste sentido, suavizados ao longo do tempo. Em *Enrolados* as cenas de violência são bastante sutis, divertidas e buscam entreter o espectador, como mostrado no quadro 2. Porém, de uma forma ou de outra, mesmo que atenuados por essa veia cômica,

ÉREA
 ORTAÇÃO
 AMENTOS
 LIZADAS
 ABREU
 ardado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINAS:
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Meneses, e
 drs. Ruben L
 ativas da fusi
 ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 çou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no doi
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 eri-
 o r
 er-
 a
 LOU
 24 (L
 estabi

os atos violentos continuam presentes e são utilizados na resolução de problemas e situações conflituosas. O que pode implicar em uma banalização desse tipo de atitude.

Outra questão a ser destacada da cena é que Rapunzel faz chantagem com Flynn, escondendo a bolsa dele, para conseguir sua ajuda. Dessa forma, a jovem conta com o rapaz para atingir seus objetivos, mas é ela quem o obriga a fazer isso, sendo assim, tê-lo como “aliado” também é iniciativa e mérito seu. Rapunzel tenta convencer a mãe a deixá-la sair da torre, mas, como não consegue, também passa a agir sozinha e seguir o seu pensamento. Cabe destacar que, assim como a violência, a chantagem está revestida de justificativa. Ela “pode” chantagear para obter seus objetivos, pois ser ingênua, inocente e ter bons motivos justifica e “perdoa” a ação ilícita.

Quadro 03 – Rapunzel em contradição

	
<p>Sinopse: Rapunzel está experimentando pela primeira vez o mundo fora da torre. Alterna momentos de alegria e agitação com momentos de reflexão, pois, ao mesmo tempo em que está feliz pelas novas experiências vividas, está preocupada com a possível reação de sua mãe.</p>	
<p>Tempo: 31:10 – 33:04</p>	
Dimensão visual	Dimensão verbal
<p>Rapunzel explora a floresta, corre, pula, brinca e chora, alternando momentos de arrependimento e de euforia.</p>	<p>Rapunzel: - Eu não acredito no que eu fiz, eu não acredito! Eu não acredito no que eu fiz! Mamãe vai ficar furiosa. Mas o que os olhos não veem o coração não sente, né? - Poxa e agora? Ela vai sentir sim... - Isso é tão legal! - Eu sou uma péssima filha, eu vou voltar. - Eu não vou voltar nunca mais... - Eu sou um ser humano horrível! - Uhuuu! O melhor dia da minha vida!</p>

Rapunzel vivencia um intenso momento de aprendizagem ao se ver pela primeira vez fora da torre, tocando os pés na grama, que apenas avistava do alto, conforme se vê na cena mostrada no Quadro 3. Ela mesma parece não acreditar na coragem que teve em sair da clausura, pois, para que isso ocorresse, não somente teve de vencer o medo do mundo exterior, descrito como cheio de perigos por sua “mãe”, mas precisou desobedecê-la.

ÉREA
 ORTAÇÃO
 AMENTOS
 LIZADAS
 ABREU
 rdado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINAS:
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Meneses, e
 drs. Ruben L
 rativas da fusi
 o ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 pou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no doi
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 eri-
 o r
 er-
 a
 LO
 24 (L
 estabi

Diante da consciência de ter feito algo que Gothel não aprovaria, a garota passa a se dividir entre momentos de euforia, por ter conseguido deixar o lugar onde passara toda a vida, juntamente à alegria por estar tendo diferentes experiências, e o arrependimento de tê-lo feito, não desejando magoar sua “mãe”.

No conto Rapunzel, a personagem é concisa, uma vez que não há espaço para ambiguidade. Acontece que “a tendência à nitidez revela-se pela clareza e precisão com que personagens e situações são representadas; o conto de fadas não dá margem a insinuações, ambiguidades, distorções” (Volobuef, 1993, p. 101). Já a personagem do filme se mostra tanto mais insegura, quanto mais disposta a mudar sua condição, ao mesmo tempo em que faz críticas a si mesma e reflete sobre as suas ações. As características de uma narrativa fílmica permitem aprofundamentos e abordagens diversas, em função da duração e da necessidade de captar o espectador ao longo da trama.

Quadro 4 – Revelações

	
<p>Sinopse: Rapunzel e seus amigos estão numa situação de perigo. Num primeiro momento, a garota se arrepende de ter fugido da torre. Depois do desespero encontra a solução para o problema. Neste momento, alguns segredos de Flynn (José Bezerra) e de Rapunzel são revelados.</p>	
<p>Tempo: 47:21 – 49:00</p>	
<p>Dimensão visual</p> <p>Rapunzel, o camaleão e José Bezerra estão presos em uma caverna, que está enchendo de água. A jovem consegue livrá-los do perigo usando o seu cabelo mágico.</p>	<p>Dimensão verbal</p> <p>Rapunzel: - Isso é tudo culpa minha! Ela tinha razão, devia ter ficado em casa. Me desculpe... Me desculpe, Flynn! [Choro da Rapunzel] José Bezerra: - José! Rapunzel: - O quê? José Bezerra: - Meu nome mesmo é José Bezerra, uma hora você iria descobrir. Rapunzel: - O meu cabelo mágico brilha quando começo a cantar. José Bezerra: - O quê? Rapunzel: - Eu disse que meu cabelo mágico brilha quando começo a cantar.</p>

Em mais um momento de conflito na narrativa, Rapunzel sente culpa, fica triste e demonstra a sua fragilidade, em contraponto ao seu ato de coragem de ter enfrentado “a mãe” e de estar ao lado de Flynn e de seu inseparável camaleão, enfrentando situações de perigo fora da torre. A cena transcrita no Quadro 4 mostra quando a jovem, por própria iniciativa, usa do seu cabelo mágico para salvar a ela e seus companheiros. Esse momento representa não somente a maneira usada pela personagem para solucionar um problema, mas também que ela estaria aprendendo a sobreviver em um mundo que não lhe era familiar. Não está mais sozinha como na torre e, ao mesmo tempo, aprende a conviver.

A troca de segredos entre os personagens, por meio dos quais revelam quem realmente são, pode ser entendida como representação da importância da verdade e da sinceridade, aprendida por eles. Pode este, ainda, ser mais um exemplo do caráter pedagógico da narrativa fílmica, que, ao mesmo tempo, procura sugerir a importância desses valores na vida do espectador. Poderia ser ainda uma herança de versões dos contos que tinham intento de educar, como as de Charles Perrault, no século XVII.

Quadro 5 – Rapunzel e seu sonho

	
<p>Sinopse: Rapunzel fala com José sobre o que está sentindo por estar prestes a realizar o sonho de ver de perto as luzes flutuantes.</p>	
<p>Tempo: 1:03:12 – 1:03:39</p>	
<p>Dimensão visual</p>	<p>Dimensão verbal</p>
<p>Rapunzel e José estão em um barco, longe da ilha que é o reino onde seus pais verdadeiros moram. Ela parece não estar bem e, ao ser questionada pelo rapaz, expressa suas angústias.</p>	<p>José Bezerra: - Você está bem? Rapunzel: - Eu estou assustada. José Bezerra: - Por quê? Rapunzel: - Fiquei olhando pela janela dezoito anos e sonhava com o que eu iria sentir quando visse aquelas luzes subindo no céu. E se não acontecer da maneira que eu achei que fosse? José Bezerra: - Vai ser sim! Rapunzel: - Hum! E se for, e daí? O que eu faço depois? José Bezerra: - Acho que essa é a parte legal, tem que encontrar um outro sonho.</p>

Ao estar prestes a realizar o seu sonho de ver as luzes de perto, as quais acredita intuitivamente que se relacionam à sua história, Rapunzel novamente reflete sobre o que está vivendo e aprende algo novo. Diante da iminência do tão esperado momento, a garota diz estar assustada por não saber se as coisas irão acontecer da maneira como havia imaginado, ou, ainda, se tudo ocorrer bem, não sabe ao certo o que fará depois, qual será o seu propósito de vida. José diz que ela deve, então, procurar outro sonho e que esta é justamente “a parte mais legal”. Aqui também se percebe o envolvimento afetivo e a confiança que se estabeleceu entre as duas personagens, que, ao final da narrativa, se tornam de fato um casal. Essa confiança é estabelecida a partir do compartilhamento de experiência e aceitação daquilo que são verdadeiramente e não como a única relação impositiva e controladora que tinha anteriormente com Gothel. Como a “aposta” de Rapunzel em José se confirma, uma vez que ele permanece ao seu lado, pode sugerir um amadurecimento da personagem e uma afirmação de sua capacidade de autonomia.

Não se pode deixar de observar e comparar as idades em que cada uma das personagens, respectivamente, a do conto de fadas e a do filme, encontram o seu par romântico. Na primeira situação, isso se dá entre os 13 ou 14 anos e tão logo espera gêmeos. Na segunda situação, aos 18 anos, conforme mencionado na cena em questão, e a gravidez não ocorre desta vez. Essas significativas diferenças apontam, por um lado, para o aumento do período para a entrada no mundo adulto, o que um relacionamento amoroso sugere, e a tentativa de manter as crianças ainda mais afastadas de assuntos sexuais. Mas, por outro lado, a narrativa não pode ser isenta das questões relacionadas à sexualidade. Para ver isso, basta que se pense na dimensão visual da personagem: loura, olhos claros e expressivos, corpo bem definido, nariz arrebitado, semelhante à figura da boneca Barbie. Com as flores no cabelo, como na cena acima, torna-se ainda mais bela e atraente para José, que lhe olha com encantamento e, por que não dizer: desejo. Mais uma vez, aponta-se para a questão da existência de um paradoxo entre o discurso e a realidade em relação ao que é dirigido à infância.

Após descobrir a verdade sobre sua origem e perceber que Gothel não era sua mãe verdadeira e havia lhe enganado a vida toda, confirmando sua intuição, Rapunzel se revolta e discute com ela, como descrito no quadro seguinte.

Quadro 6 – A virada na história de Rapunzel



Sinopse: Rapunzel descobre que ela é a princesa perdida e questiona sua suposta mãe sobre o assunto.

Tempo: 1:14:30 – 1:15:42

Dimensão visual

Rapunzel e a senhora Gothel estão na torre quando a jovem descobre a sua real identidade. Então, tem uma dura conversa com a mulher que dizia ser sua mãe.

Dimensão verbal

Senhora Gothel: - Rapunzel! Rapunzel, o que está acontecendo aí?
 [Suspiros de Rapunzel]
 Senhora Gothel: - Você está bem?
 Rapunzel: - Sou a princesa perdida (murmurando).
 Senhora Gothel: - Ah! Por favor, fale alto Rapunzel, sabe que odeio quando resmungo!
 Rapunzel: - Eu sou a princesa perdida! Não sou? (gritando) Eu resmunguei, mamãe? Será que devo chamar você assim?
 Senhora Gothel: - Oh, Rapunzel! Você tem noção do que fala? Por que fazer uma pergunta ridícula dessas?
 Rapunzel: - Foi você então, o tempo inteiro!
 Senhora Gothel: - Tudo o que eu fiz foi para proteger você.
 [Som de Rapunzel empurrando Gothel]
 Rapunzel: - Passei a minha vida inteira me escondendo das pessoas que me usariam pelos meus poderes...
 Senhora Gothel: - Rapunzel...
 Rapunzel: - Eu deveria ter me escondido de... de você!
 Senhora Gothel: - Ele não vai estar lá esperando.
 Rapunzel: - O que você fez com ele?
 Senhora Gothel: - Aquele marginal vai ser enforcado por seus crimes.
 Rapunzel: - Não!
 Senhora Gothel: - Não, não! Fique tranquila, me escute! Tudo aconteceu como deveria ser, meu bem!
 Rapunzel: - Não, você errou sobre o mundo e errou sobre mim. E eu nunca vou deixar você usar meu cabelo outra vez.
 [Som do espelho se quebrando]

Há uma mudança no comportamento da jovem, que, diante da decepção de perceber quem realmente era a mulher que havia lhe criado, age com força e ira. Esse comportamento é “aceitável” na narrativa, pois trata-se de sua redenção e é o momento em que o bem começa a vencer o mal, mas não deixa de ser um momento de brutalidade. As palavras duras dirigidas a Gothel fazem parte da libertação da personagem. A história vai mostrando que a verdade sobre si mesma sempre esteve no coração de Rapunzel e que,

por meio de suas ações, ela conseguiu descobrir sua verdadeira identidade e tirou suas próprias conclusões, não precisando de ajuda para tanto.

Ela se fortaleceu como pessoa a partir da experiência de vida e de tudo o que aprendeu. De certa forma, representa um ritual de passagem para a vida adulta. Rapunzel percebe que Gothel só lhe fez mal, o que expressa por meio de sua fala: "Passei a minha vida inteira me escondendo das pessoas (...), deveria ter me escondido de você!". Este momento de aprendizagem talvez seja o mais significativo para a jovem, pois está diretamente relacionado a seu crescimento e sua constituição como sujeito.

Voltando às metáforas, "a infância que sai da torre" faz alusão à consolidação do "modelo moderno de infância" que chega à atualidade tendo sido responsável pela instituição dos direitos dos menores, pelo despertar de diversas áreas ao estudo da criança e todo o universo infantil formado. Questões sobre as quais já se debate e revisa, colocando no plural o termo dado a multiplicidade de "infâncias" que podem coexistir. Steinberg e Kincheloe (2004) apontam para a existência do que intitulam como "cultura infantil", construída por corporações e seus produtos, que exercem significativa influência sobre a criança, fato que coloca em análise a concepção de infância que traz consigo e que consequentemente ajuda a conceber.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe destacar, ainda, alguns pontos sobre como as narrativas aqui apresentadas representam as questões relacionadas às situações de conflito ou de aprendizagem pelas quais passam as suas personagens principais. Primeiramente, no conto de fadas, essas situações são vividas de modo mais intenso e os acontecimentos são mais trágicos. No filme há vários pequenos conflitos e situações que impõem dificuldades e são aparentemente menos cruéis, permeados pela veia cômica. Aparentemente o filme é mais suave e, portanto, mais próximo do imaginário, do que se pensa ser adequado às crianças, influenciados pela concepção moderna de infância, que postula o discurso de uma infância que deve ser protegida. Porém, a violência não é suprimida e se mantém presente.

As aprendizagens das personagens nos contos de fadas estão vinculadas ao universo que as cerca, ou seja, pelo qual são mediadas. Já no filme, as personagens têm mais

liberdade e autonomia para aprenderem por seus próprios erros e acertos e são chamadas a confrontarem a si mesmas, aos outros e ao mundo que as cerca. *Enrolados* (2010), por meio da construção de suas personagens e das relações que se estabelecem entre elas, assim como das falas inteligentes e irônicas, exige uma criança que seja capaz de compreendê-las, dotada de “expertise”. Ao mesmo tempo, influencia-a a ser ainda mais questionadora e, talvez, menos suscetível ao recebimento de limites. Stearns (2006, p. 144) diz que “as sociedades ocidentais modificaram alguns enfoques que tinham caracterizado sua visão de infância durante o século XIX, sem considerar o modelo moderno básico. Os comportamentos se tornaram mais flexíveis”. O comportamento das personagens dos filmes, de certa forma, representa isso e mostra também a diminuição da autoridade do adulto sobre a criança.

No início das tramas, as personagens se mostram obedientes, tanto no filme como no conto de fadas. Contudo, é justamente a não observância das regras impostas por seus responsáveis o que impulsiona o desenrolar da trama e o que causa mudança e as liberta. No longa-metragem, essa transgressão recebe uma maior ênfase e não é vista como algo ruim, uma vez que, na lógica da sociedade contemporânea, Rapunzel está certa em querer deixar a torre.

Dentre as muitas explicações para o surgimento da infância na modernidade, a de Corazza (2004) é particularmente instigante. Ela diz que fora necessário que o humano entrasse no pensamento da finitude, referindo-se ao pensamento renascentista, mantendo-o implicado em sua temporalidade para que a criança ocidental pudesse aparecer. Seria a criança, em suas palavras, o espelho que secretamente reflete o sonho da presunção infinita do humano que se descobria finito. Talvez, o que a autora tenha buscado dizer, em outras palavras, é que, se o centro do mundo passava a ser o homem e não mais o divino, a sua continuidade não estaria na vida eterna, mas no plano terreno, por meio de seus descendentes. Essa infância surgida teria se engendrado por meio do que Corazza (2004) chama de “dispositivo de infantilidade”, como sendo a qualidade, o estado, a propriedade, o modo de ser do infantil.

Fica evidente que este dispositivo está presente nos produtos culturais, mas neles opera de modos diferentes, de acordo com a concepção de cada época sobre o sujeito infantil. Nos contos de fadas, se inclina para caracterizar a infância dita “ideal”, inocente,

passiva. Atua no filme para a construção de uma infância ativa, que propõe mais elos entre a sociedade, e não apenas como ser submisso a ela. Como visto pelos dados obtidos na categoria analisada, nas narrativas contemporâneas sugere-se uma maior autonomia dos sujeitos em relação à construção de suas aprendizagens.

Ainda quanto à questão da aprendizagem, como descreve Diana Corso (2012), hoje a criança é chamada a formar os seus próprios valores, o que também se reflete nas narrativas, uma vez que as personagens do filme constroem seus valores na interação com o meio em que vivem. Por outro lado, no conto, esses valores estão mais vinculados aos adultos. Na narrativa fílmica, a personagem não segue a orientação dos mais velhos, mas seus próprios sentimentos e desejos. O que aprende com as situações de conflito se dá por meio das próprias reflexões, ou em discussões com os pares, como quando Rapunzel e Flynn conversam sobre suas experiências, mesmo que, ao final, a validade de suas ações seja reconhecida pelos adultos.

O valor histórico dos contos é inegável, como já se esforçava Robert Darnton (1986) para legitimar. Segundo ele, à medida que essas antigas histórias se espalharam, ultrapassando fronteiras sociais e os séculos, desenvolveram um enorme poder de resistência, mudando sem perder seu sabor. É o que faz com sejamos ainda levados a produzir e assistir um filme como *Enrolados* (2010), ainda que sejamos conhecedores da história da personagem Rapunzel. Ou seja, tanto a relação afetiva que já temos com a narrativa e o que se mantém dela, quanto os novos elementos que nos surpreendem e nos levam a novas experiências.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CORAZZA, S. M. **História da infância sem fim**. 2. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2004.

CORSO, D. **Entrevista Programa Autografando**. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Fq19NIGqqLw>. Acesso em: 23 set. 2013.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

ENROLADOS. Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Roy Conli. 2010. DVD. 100 min.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos de Grimm**. Tradução: David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

MERENGUE, A. L. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.

ROSE, D. Análise de Imagens em Movimento. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 343 – 364.

STEARNS, P. N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006. Tradução: Mirna Pinsky.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. George Eduardo Japiassú Brício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TATAR, M. **Contos de fadas: Edição Comentada e Ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013. Tradução: Maria Luiza Borges.

VOLOBUEF, K. Um estudo do conto de fadas. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 33, p. 99 – 114, 1993.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante,

(Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

BB ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H...

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató...
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

ON
973

mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)

página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



A FENOMENOLOGIA DA VOZ POÉTICA OU DO CARÁTER ONTOLÓGICO DA ORALIDADE PLENIFICADORA

Rafael Hofmeister de Aguiar
Daniel Conte

ESSE
COM O NOSSO
TEMPO!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês cada um mês cada um mês cada um mês

À GUIA DE INTRODUÇÃO OU SOBRE A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DA VOZ/PALAVRA NO PENSAMENTO RELIGIOSO E FILOSÓFICO OCIDENTAL E MÉDIO-ORIENTAL: AS ESCRITURAS DAS RELIGIÕES ABRAÂMICAS E A FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICOS

O conceito de oralidade plenificadora, em sua quinta-essência, institui-se em uma dimensão ontológica, sem, no entanto, perder o âmbito de instrumentalização¹ analítica da voz poética em performance. Por essa dupla dimensionalidade, antes de delimitar o conceito em si, abordaremos a compreensão ontológica da voz no pensamento religioso e filosófico ocidental, abarcando, sumariamente, as escrituras das religiões abraâmicas e os preceitos da filosofia pré-socrática (Anaxímenes e Heráclito), e, ainda, a perspectiva estrutural da voz poética em Paul Zumthor (1993, 2000, 2010). Como pano de fundo, mas, também, fundamentando o conceito, a obra poética ilustra, orienta e sistematiza a reflexão apresentada.

Por mais comum que possa parecer citar os versos iniciais do *Evangelho de João* em uma contribuição acerca da voz poética, entendemos que é importante retomá-los na abertura deste trabalho. Nesse sentido, o apóstolo João declara:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus.
Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (João 1:1-3).

Nos três versículos citados, o verbo/palavra erige-se como arquétipo, no sentido dos filósofos pré-socráticos da escola de Mileto, sendo origem de toda a existência, consubstanciando seu caráter ontológico. O verbo, entretanto, só possui um meio de se exprimir nesse *tempo antes do tempo* ao qual o discípulo se refere: a voz. Porventura, não é coincidência que o verbo *dizer*, atribuído a Deus na primeira pessoa do singular, permeia o ato da criação no primeiro capítulo do *Gênesis*, no qual aparece em dez ocorrências:

¹ Não se pode confundir instrumentalização com instrumentalidade. Na terceira parte deste trabalho, mencionamos a definição de instrumentalidade a partir da conferência *A questão da técnica*, de Martin Heidegger (2002c).

Nº do versículo	Versículo
3	E disse Deus: Haja luz; e houve luz.
6	E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.
9	E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.
11	E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.
14	E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.
20	E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.
24	E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.
26	E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.
28	E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.
29	E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.

Exceto as ocorrências nos versículos 28 e 29, todas as demais atribuem ao *dizer* o caráter criador, constituindo-se a voz como instância fundamental da existência. Da mesma forma, no versículo 11 da 41ª Surata do *Alcorão*, subjaz o mesmo caráter fundacional da voz: “Então, abrangue, em Seus desígnios, o firmamento quando este ainda era gases, e lhes disse, e, também, à terra: Juntai-vos, de bom ou de mau grado! Responderam: Juntamo-nos voluntariamente” (Alcorão sagrado). Por conseguinte, *en passant*, depreende-se que o papel fundamental da palavra na sua manifestação vocal é elemento originário na tradição mítico-religiosa abraâmica (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), permeando a cosmovisão ocidental e medio-oriental. Isso nos leva ao pensamento de Cassirer, que, ao analisar a palavra em sua fenomenologia genealógica, assevera que “a palavra se converte numa espécie de arquipotência onde radica todo ser e todo acontecer” (2017, p. 64).

As explicações sobre a existência, todavia, não se restringem à ontologia teológica. Rompendo com as mitificações, a filosofia, desde os seus prelúdios, ocupou-se da origem do ser, *ontos* (ὄντως). Nesse ínterim, a primeira escola da filosofia (a de Mileto) volta-se ao desvelar da causa originária da existência (*arché, ἀρχή*) e toda a discussão acerca do

ser constitui-se, então, como ponto central da chamada filosofia pré-socrática ou filosofia da *physis* (φύσις). Durante esse período da história do pensamento, por duas vezes, a voz parece estar implicada na geração do ser: uma, indiretamente, em Anaxímenes de Mileto; outra, diretamente, em Heráclito de Éfeso.

Anaxímenes, assim como seus predecessores de Mileto, Tales e Anaximandro, estava preocupado em definir a *arché* (ἀρχή). Para ele, o ar (*pneuma*, πνεύμα) é a substância de que todas as coisas se originam. Contudo, todo o seu pensamento é um tanto obscuro, uma vez que só restaram três fragmentos de sua obra e uma citação doxográfica de Simplicio. No fragmento três, ele declara, enigmaticamente, que “todo cosmo sopra e ar o mantém” (Anaxímenes, 1999, p. 57). Mesmo que a voz não esteja implicada no pensador pré-socrático, o seu fundamento físico está materializado: o ar; *grosso modo*, a voz constitui-se na “produção sonora do ar que provém dos pulmões e sai pela boca” (Aguiar; Conte, 2013, p. 18).

Não menos obscura é a filosofia de Heráclito, tanto que recebeu a alcunha de “o obscuro”. Conhecido pela concepção do ser como devir/vir-a-ser (tudo flui, *panta rei*, Πάντα ῥεῖ), o pensamento do efésio distende-se para uma complexidade que não se reduz à permanente transformação do ser: ele é o filósofo do *logos* (λόγος), inaugurando, destarte, a filosofia da linguagem. Toda a sua fragmentária obra foi alvo de exegeses por toda a história do pensamento ocidental. Ocupou a atenção, dentre outros, de Hegel (1999), Nietzsche (2011) e Heidegger (2002d). Dessas interpretações, a mais volumosa é a de Heidegger, que dedica uma obra inteira que procura decifrar o *logos* (λόγος) heraclítico. Interessa-nos, sobretudo, as contribuições heideggerianas, uma vez que se relacionam com a voz poética.

Heidegger lembra uma lição, em certo ponto já presente em *A filosofia na era trágica dos gregos* (Nietzsche, 2011), acerca dos pré-socráticos: o seu pensamento “ainda não é metafísica” (Heidegger, 2002d, p. 73). Assim, o *logos* (λόγος) heraclítico não é o absoluto que entrevê Hegel (1999), mas a palavra que o homem habita, o *légein* (λέγω)-dizer, ou, por assim dizer, a voz poética.

Toda essa digressão pode parecer fora de lugar para um ensaio acerca da oralidade e da voz em uma perspectiva literária. A proposta, entretanto, é pensá-las em uma dimensão fenomenológica, ultrapassando as perspectivas puramente estruturais e estru-

turantes, sem excluir a análise da estrutura como preparatória para uma interpretação mais profunda do poético em performance.

A VOZ POÉTICA EM PERSPECTIVA COMO ESTRUTURA E HISTORICIDADE: ORALIDADE, VOCALIDADE E PERFORMANCE EM PAUL ZUMTHOR

Em qualquer abordagem mais ou menos aprofundada acerca da voz poética, as contribuições do medievalista suíço Paul Zumthor (1993, 2000, 2010) são referências obrigatórias. Para ele, a voz possui uma historicidade, pois é fenômeno global vinculado à história do homem. Essa voz ultrapassa a articulação oral da língua e se faz como presença viva de um corpo em ação em um determinado contexto (Zumthor, 2000).

Para Zumthor (2000), a voz não se reduz à relação de sinonímia com a oralidade, porquanto ela extrapola o sentido linguístico de comunicação por meio da fala. A fundamentação para o estudo da voz encontra-se na história humana, desde as origens vocais da poesia nos cantos e danças rituais, passando pelas fórmulas mágicas e as narrativas míticas.

Zumthor (2000) destaca alguns aspectos do fenômeno vocal que merecem ser elencados. O primeiro deles se refere à materialidade da voz, ou seja, que ela “é uma coisa” (Zumthor, 2000, p. 99) e, portanto, possui traços descritíveis e interpretáveis. O segundo afirma que ela, a voz, “se situa entre o corpo e a palavra, significando ao mesmo tempo a impossibilidade de uma origem e o que triunfa sobre essa impossibilidade” (Zumthor, 2000, p.100). O terceiro apregoa que a voz se diz, sendo ela a linguagem do sonho, já que “Não se sonha a escrita; a linguagem sonhada é vocal” (Zumthor, 2000, p.100). Ainda, há de se destacar dois aspectos que se ligam à alteridade: a voz como “uma forma arquetípica, ligada para nós a um sentimento de sociabilidade”; e voz “implica ouvido”, em que “há dois ouvidos, simultâneos, uma vez que dois pares de ouvidos estão em presença um do outro, o daquele que fala e do ouvinte” (Zumthor, 2000, p. 101).

Na obra *Introdução à poesia oral*, cuja edição francesa é de 1983, Zumthor (2010) aborda o caráter de alteridade da voz. Mais do que ressaltar esse aspecto, o medievalista ensina que é através dela que os objetos do mundo adquirem um estatuto simbólico. É,

pois, na vocalização que o sujeito se liberta e passa a entender os objetos do mundo para além da coisificação, atribuindo a eles um significado simbólico.

A voz, como ensina Zumthor (2010, p. 11), “ultrapassa a palavra”. Isso se deve ao fato de que ela invoca a questão corpórea, pois emana de um corpo – que não é neutro; possui historicidade. Por outro lado, a voz ultrapassa o corpo do qual ela provém, uma vez que, como alerta o autor, o fenômeno vocal constitui-se em uma herança cultural, sendo, no inconsciente, uma forma arquetípica, pela qual emergem possibilidades simbólicas, não se rendendo à instrumentalidade.

É preciso, aqui, ressaltar essa não-instrumentalidade da voz, como ensina Sílvia Adriana Danvini (2008) no artigo *Voz e palavra – música e ato*. Para ela, um instrumento é comparável a uma prótese, que é utilizada para determinado fim, funcionando como um dispositivo técnico. Um instrumento ou um dispositivo técnico, como frisa a autora, é algo não-humano². Aliás, o limite entre corpo e instrumento é justamente aquilo que distingue o humano do inumano. A voz, por seu turno, é produzida por órgãos, mas tampouco é um órgão, já que não se pode confundir o órgão com aquilo que ele produz. Assim, a voz é produto do corpo, por meio dos órgãos que compõem o sistema fonatório. Ainda, como produção do corpo, a voz emana do sujeito, que só existe corporificado, ou seja, na sua natureza somática.

A voz, concebida para além das limitações de uma compreensão instrumental, em conjunto com a palavra, é impensável sem corpo e sujeito. Ela, todavia, como compreende a semiótica teatral, segundo Davini (2008), é marcada por polaridades nitidamente determinadas. Entre elas, constam corpo *versus* signo, constituindo-se um *entre* vazio. Contudo, ao materializar-se em corpo, a voz opera um movimento de ruptura com tais polaridades.

A ideia de voz como um meio, dominante no campo da semiótica teatral, pressupõe a existência de polaridades claramente definidas, tais como corpo e signo, um e outro, entre as quais fluem voz e palavra, de acordo com as exigências de uma e outra polaridade. Nesse sentido, a voz configura um *entre* vazio, um mero trânsito. Ao materializarmos esse *entre*, as polaridades desmoronam, não há mais intenção/voz, interno/superficial, corpóreo/incorpóreo. Há corpo, que produz fluídos, mag-

² Heidegger (2002c) aborda de maneira profunda a questão da técnica, alertando para a possibilidade e o perigo de o sujeito render-se à essência da técnica e da utilização do ser humano como instrumentalidade técnica.

netismo, calor, onda, partículas, imagem, olhar, voz; um corpo-palco da primeira confluência entre dimensão visual e acústica da cena (Davini, 2008, p. 312).

As ideias de Davini (2008), mesmo que ligadas especificamente ao campo do teatro, confluem com as concepções de Zumthor (2010), uma vez que entendem a voz como tendo seu lugar e historicidade no corpo e no sujeito. A autora entende a voz como uma produção do corpo, que se encontra na mesma categoria do movimento, mas, de certa forma, é maior do que o movimento por comportar a palavra e o discurso. Nas palavras de Davini (2008, p. 312), “[...] consideramos a voz como produção do corpo, na mesma categoria que o movimento. Porém, por constituir-se em lugar da palavra, a voz comporta uma capacidade de definição discursiva muito maior que o movimento”.

Ruth Finnegan (2008) corrobora a compreensão da voz como algo que se constitui no corpo. A estudiosa ensina que a voz é mais do que um mero meio de transporte de textualidade – daí a sua negação da instrumentalidade da voz. Assim, ela seria parte da própria substância textual que transporta.

A concepção de oralidade, assim como a voz, deve ser entendida para além da convencionalidade. A oralidade, por sua vez, como algo que ultrapassa a mera exposição oral, é entendida por Zumthor (2010, p. 35-36) em “quatro espécies ideais”, a saber: a) oralidade primária ou pura, em que, praticamente, inexistente o contato com a escrita; b) oralidade mista, em que a influência da escrita constitui-se como remota e fraca; c) oralidade secundária, marcada pela influência da escrita; e d) oralidade mecanicamente mediatizada, própria das reproduções pela técnica nos meios de comunicação, tal qual ocorre nos *CDs* e *DVDs* que apresentam espetáculos musicais, por exemplo.

Apesar de categorizar a oralidade nas quatro espécies ideais, o citado autor considera o conceito oralidade como redutor, pois ele não compreende a vivacidade da manifestação poética que advém por meio da voz, remetendo somente à constituição sonora. Para fugir ao reducionismo do termo *oralidade*, Zumthor (2010) utiliza a expressão *vocalidade*, que corresponderia à palavra poética enquanto voz viva que se une ao corpo, descobrindo-se como presença sonora, gestual e cênica. Enquanto a oralidade fica restrita à expressão oral, a vocalidade é mais ampla, já que inclui os outros aspectos, além dos sonoros, que permeiam a realização do ato de transmissão oral. A vocalidade, afirma o estudioso, “é a

historicidade de uma voz: seu uso” (Zumthor, 2010, p. 21) e a compreensão da voz em uso não se restringe ao fenômeno puramente sonoro.

Finnegan (2008, p. 28) partilha da preferência de Zumthor pela expressão vocalidade no lugar de oralidade. Ao afirmar que “todas as culturas reconhecem uma variedade de ‘gêneros orais’, ela expõe que “preferiria chamar de ‘gêneros vocalizados’”.

Davini (2008), por sua vez, ajuda a compreender a noção de vocalidade de Zumthor. Ela compreende que a vocalidade se realiza como a voz, como manifestação trans-individual e como histórica. Como ensina a autora,

O conceito de vocalidade, tal como definido por Paul Zumthor, vem superar o caráter individual e a-histórico dominante nos discursos vinculados à produção de voz e palavra em performance, considerando também a palavra do outro, dos outros em sua contingência social e histórica. Nesse sentido, entendemos por vocalidade a produção da voz e palavra por parte de um grupo dado em um tempo e lugar determinados (Davini, 2008, p. 313).

Percebemos, nessa ordem, que Davini (2008) se refere à vocalidade ligada à performance. Para Zumthor (2010, p. 31), a performance,

[...] é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário, circunstâncias (quer o texto, por outra via, com a ajuda dos meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição.

Na citação de Zumthor (2010), a performance aparece como momento em que a voz toma plena vivacidade e historicidade e se realiza na relação do *eu*, que pronuncia o poema, com o *outro*, que o recebe. É nesse ponto em que se manifesta aquela alteridade que o teórico suíço identifica na voz. Nessa ação, há dois eixos comunicacionais que se reconfiguram: o eixo do autor-locutor e o eixo da situação-tradição. Sendo assim, a redefinição que ocorre entre o autor-locutor se dá pelo fato de que o locutor que põe o poema em performance nem sempre é o autor do poema, mas, ao impostá-lo em sua voz, feita corpo por meio de toda uma gestualidade que pode entrar em jogo, ele acaba por redimensionar a recepção do texto, marcando-o com a sua interpretação e, de certa maneira, adquire um

estatuto de autoria. Já na questão da situação e tradição, um poema pode estar imbuído de significados que estão presos à tradição, mas que, no interior da situação performática, são *subvertidos* e são permeados por novos sentidos.

Além disso, a performance, como infere Finnegan (2002, p. 35), projeta mais do que “um evento acústico”, podendo “lançar mão simultaneamente de uma série de recursos multimodais”, ou seja, “o visual, o somático, o gestual, o teatral, o material – tudo pode fazer parte” da performance. Assim, o ato performático engendra não só os elementos linguísticos que atuam na transmissão do poema, mas também aqueles, denominados de formas sócio-corporais por Zumthor (2010, p. 86), que se ligam aos corpos que estão envolvidos na situação.

É preciso, também, dizer que formas linguísticas e não linguísticas da performance, assim como a própria performance, não são só elementos estruturais da representação oral (ou vocal) do poema, mas também elementos significativos. Quando Zumthor (2010, p. 85) afirma que “A performance é, pois, tanto um elemento importante da forma quanto constituinte dela” e acrescenta que, à sonorização – ocorrida no ato performático –, “o texto reage e se adapta, modifica-se”, ele parece estar dizendo que tanto formas linguísticas-auditivas como formas corpóreas-gestuais, entre outros elementos constituintes da performance, influem diretamente na transmissão e na recepção do poema, ou seja, interferem na significação do texto.

As formas linguísticas e extra-linguísticas utilizadas pelo poeta em performance se adaptam ao público, fenômeno proporcionado pelo “papel ativo dos ouvintes” (Aguiar, 2020, p. 270). Desvela-se, com isso, a alteridade da interpretação poética, mostrando que o público assume um importante papel no jogo textual que se estabelece com a interpretação e pode assumir, ainda, um papel de *coautoria* do poema.

Ademais, o próprio ato de tomar a palavra é carregado por uma carga persuasiva que torna a performance *impositiva* de um sentido do texto, via recursos linguísticos ou não linguísticos utilizados pelo locutor na sua enunciação poética para o receptor. Segundo Zumthor (2010, p. 30), “a intenção do locutor que se dirige a mim não é apenas a de me comunicar uma informação, mas de consegui-lo, ao provocar em mim o reconhecimento dessa intenção, ao submeter-me a força ilocutória de sua voz”.

Ainda, a performance “constitui o momento crucial em uma série de operações logicamente (mas nem sempre de fato) distintas” (Zumthor, 2010, p. 32), que são as cinco fases “da existência do poema”. Tais etapas, bem como as que participam da performance, são definidas da seguinte forma:

1. produção,
2. transmissão,
3. recepção,
4. conservação,
5. (em geral) repetição.

A performance abrange as fases 2 e 3; em caso de improvisação, 1, 2 e 3.

A primeira etapa diz respeito ao ato *criador* em si, em que o poeta, para usar a imagem parnasiana de Bilac (2023), “Torce, aprimora, alteia, lima/ A frase”. Isso não quer dizer que o poeta se coloque na impassividade e na solidão do claustro, nem que ele busque a perfeição formal. Antes, significa que este se constitui no ato de construção. A segunda corresponde ao momento em que a mensagem poética é enunciada, para usar o termo de Jakobson (2003), através de um canal. A terceira diz respeito ao momento em que o interlocutor se põe a *decifrar* os códigos que compõem a fase dois. A quarta abrange as formas de como a obra se perpetua, sendo, muitas vezes, tributária da reiteração que se caracteriza como última etapa do processo de existência do poema.

A performance corresponderia, como já enunciado por Zumthor (2010), à transmissão e recepção e, quando o poema é construído na improvisação, também à produção. No caso patativano, em alguns momentos, há a performance na produção, na transmissão e na recepção e, em outros, somente nas últimas duas. É salutar, dessa forma, pensar a performance, junto com a oralidade e vocalidade, no contexto do poeta cearense.

A VOZ PATATIVANA: UM CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ORALIDADE PLENIFICADORA

Da aridez do sertão desponta a voz de Patativa do Assaré: voz que funciona como canto de luta, consubstanciando o poeta em educador do seu povo, e também hino de devoção ao seu torrão natal. Essa voz, segundo assevera o professor Gilmar de Carvalho

(2009a, p. 117), é ressaltada, simbolicamente, pela cegueira adquirida progressivamente durante a sua vida.

A oralidade não seria decorrente de sua cegueira, no que ele também retoma uma tradição que passa por Homero, Aderaldo e Borges. A cegueira seria uma marca dos deuses para que ele fosse apenas voz, que aspira a dar conta da totalidade do real.

A voz patativana reveste-se de uma autoridade sobre os seus conterrâneos. A enunciação de Patativa, ocupante pleno de seu espaço e de seu papel como poeta, é essencial para o povo do Sertão, pois ela abriga o papel educativo revelador da verdade.

A figura de Patativa é fundamental na vida da Serra de Santana. Sua voz era ouvida nas festas, ele declamava seus poemas quando havia pessoas reunidas, dispostas a saber o que acumulava o poeta enquanto trabalhava a terra. Versos que muitas vezes eram registrados, à noite, à luz da lamparina, em cadernos, não porque ele desconfiasse de sua memória, mas como um exercício para mantê-los ainda mais fixados (Carvalho, 2009b, p. 144).

O que é hoje “palavra impressa”, “antes foi voz e vai continuar a ecoar sertão adentro” (Carvalho, 2009b, p. 116). Em outras palavras, a poesia patativana é marcada pela oralidade e se realiza na performance.

É pouco explorado o fato de que, embora tendo abandonado a viola, Patativa continua no terreno da oralidade. A agilidade do improviso, o inesgotável repertório de situações, as respostas instantâneas às sugestões recebidas fazem dele o repentista à capela, sem as cordas do instrumento musical, mas em sintonia com o prazer do ouvido, com a música da fala poética e com o caráter de arauto de verdades ancestrais (Carvalho, 2009b, p. 117).

O abandono da viola, ocorrido depois de junho ou julho de 1963, quando houve a sua última cantoria, segundo atesta o repentista João Bandeira em depoimento registrado no documentário *De campo e cantadores* (Aguar, 2015)³, não fez com que o poeta abandonasse o universo da cantoria. Pelo contrário, sua poesia reverbera esse universo, que é permeado pela oralidade.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42KBoCNNrow>. Acesso em: 24 jun. 2024

Aliás, o poeta nasceu e se criou em um ambiente em que reinava a oralidade. Segundo registra Carvalho (2009b, p. 137),

Patativa-voz pode ser compreendido a partir de um universo marcado pela oralidade em que se criou. Histórias que a mãe contava, inclusive uma Asa Branca anônima, da tradição, sobre a qual deve ter-se apoiado a versão de Gonzaga e Teixeira. Uma oralidade que se sustentava nas quadrinhas improvisadas pelo pai, como a que insultava um parente sovina que “desentortava prego e vendia cachaça como se fosse vinho do Porto” (Carvalho, 2009b, p. 137).

Cultor, portanto, dessa oralidade, Patativa “é um *performer*” que mantém, mesmo sem saber, “uma herança trovadoresca”. Ademais, sua obra, concretizada na vivacidade da voz, construído de uma vocalidade, habitava por todos os lugares pelos quais circulava, pois ele se constituía “um arauto que não” cantava “na praça, no mercado, nem no adro da matriz, mas em todos os lugares” (Carvalho, 2009b, p. 117).

Como dito anteriormente, são quatro as classificações de oralidade definidas por Zumthor (2010): primária, mista, secundária e mecanicamente mediatizada. Patativa, percebemos, está pulverizado nas classes elencadas pelo referido autor, e alça possibilidade de uma outra modalidade, chamada de oralidade plenificadora.

Durante o período em que foi cantador ao som da viola, a poesia patativana foi marcada, notadamente, por uma oralidade primeira. Como salienta Carvalho (2009b, p. 145), a poesia de Patativa do Assaré “foi transmitida oralmente, de 1930 a 1955, com fortes vínculos com seu público-receptor”. Desse período, poucas produções foram preservadas, o que talvez se deva à interrupção das fases quatro e cinco da existência do poema (conservação e repetição), às quais aludem Zumthor (2010). Gilmar de Carvalho (2009b, p. 143), por sua vez, registra algumas estrofes desse período rememoradas por Miceno Pereira, que, segundo o pesquisador, é “o único que consegue lembrar, de cor, uma estrofe inteira que teria sido dita por Patativa depois de uma cantoria que varia a noite inteira”, entre elas a que reproduzimos a seguir.

Eu venho duma brincadeira
Lá na casa de seu Pedro
E a farra não foi brinquedo
Tomei cana a noite inteira
Formei a maior touceira

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINAS:

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Menezes, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO I
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no do
to preveja
(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

Cachaça foi meu café
Eu saí do Catolé
Todo cheio de aguardente
Agora é que sou ciente
Que sou irmão do Zezé (Carvalho, 2009b, p. 144).

A história da relação patativana com a cantoria começou bem cedo. Ainda menino, Patativa vendeu uma ovelha para comprar uma viola, iniciando uma trajetória poética que o levou, aos 20 anos, a caminho do Pará, onde Antônio Gonçalves da Silva, por obra de José Carvalho de Brito, autor de *O matuto cearense e caboclo do Pará* (Brito, 1930), se transformou em Patativa.

Tanto é que a veia poética se manifestou no menino que vendeu a ovelha para comprar uma viola por meio de brincadeiras para distrair os serranos, improvisações de testamentos de Judas, peças orais, sem maiores implicações poéticas, rito iniciático que deveria afinar com o imaginário da serra de Santana, onde nasceu e onde era bem acolhido como menino violeiro, ágil no improviso, um deleite, o que justificaria o encantamento do parente Cazuzinha Montoril e a viagem a Belém do Pará, já em função de seu mavioso canto e de sua performance nas noites sertanejas (Carvalho, 2009b, p. 137).

No entanto, não é possível medir com exatidão o que é herança direta do Patativa cantador no que foi registrado em livro. Há de se ressaltar que, mesmo com o registro escrito, o autor continuou no campo da oralidade, exibindo uma prática poética performática. Carvalho (2009b, p. 144) observa que, embora Patativa rejeite a ideia de que a oralidade é “algo menor”, o poeta,

[...] talvez não leve em conta é que sua poesia traz as marcas dessa oralidade. É uma poesia para ser dita. Foi elaborada para os recitativos, nas noites da serra, nos terreiros das casas dos sitiantes, daí funcionando como palavra-semente, a ponto de se contar com mais de vinte poetas em exercício apenas na localidade.

É possível encontrar as oralidades mista e secundária na poética patativana. A primeira pode ser percebida na poesia cabocla, em que, apesar de ser difícil de se precisar exatamente, há, mesmo que seja de forma remota, uma influência da escrita. O poema *Aos poetas clássicos* corrobora tal interpretação, uma vez que demonstra que Patativa possuía conhecimento das composições poéticas eruditas.

Poetas niversitário,
 Poetas de Cademia,
 De rico vocabularo
 Cheio de mitologia;
 Se a gente canta o que pensa,
 Eu quero pedi licença,
 Pois mesmo sem português
 Neste livrinho apresento
 O prazê e o sofrimento
 De um poeta camponês (Assaré, 2004, p. 17).

Ademais, o próprio Patativa do Assaré revela que ele era “um leitor assíduo, cuidadoso”. Ele diz que leu “Até Camões, aquele... *Os Lusíadas*, de Camões, que é coisa intrincada” (Carvalho, 2009a, p. 51 – fala de Patativa do Assaré). Todavia, nos poemas caboclos, há uma clara oralidade representada, sobretudo, na linguagem do sujeito do Sertão. Essa linguagem é marcada por uma série de metaplasmos: apócopies, síncope, assimilações, entre outros fenômenos que denunciam a presença viva da voz.

Por outro lado, também se manifesta uma oralidade segunda, em que a influência da escrita é mais marcante, como o próprio poeta reconhece:

Ali [*Os Lusíadas*] é uma história muito bonita, mas pra quem não estudou muito, não é tão compreensível. Mas eu li todo e aprendi aquela forma de versificação dos *Lusíadas*. É tanto que naquele meu poema *O Purgatório, o Inferno e o Paraíso*⁴, a versificação é a mesma (Carvalho, 2009a, p. 51-52 – fala de Patativa do Assaré).

No trecho subsequente ao excerto transcrito da entrevista a Gilmar de Carvalho, Patativa cita uma estrofe do seu poema e a primeira de *Os Lusíadas*, com o intuito de proporcionar uma comparação entre a metrificação dos dois poemas. Ao analisarmos as primeiras estrofes dos textos camoniano e patativano, percebemos duas semelhanças na versificação: o uso do verso decassílabo e da oitava-rima (ABABABCC).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
As/	ar/mas/	e os/	ba/rões/	a/ssi/na/	lados					A
Que	da	Occidental	praia	Lusitana,						B
Por	mares	nunca	dantes	navegados						A
Passaram	ainda	além	da	Taprobana,						B
Em	perigos	e	guerras	esforçados						A

⁴ Patativa confunde-se com o nome do poema que se chama, na verdade, *O Inferno, o Purgatório e o Paraíso*.

Mais do que prometia a força humana B
 E entre gente remota edificaram C
 Novo Reino, que tanto sublimaram; C
 (CAMÕES, 2008, p. 13).

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Pe/la es/tra/da/ da/ vi/da/ nós/ se/guimos A
 Cada qual procurando melhorar, B
 Tudo aquilo, que vemos e ouvimos, A
 Desejamos, na mente, interpretar, B
 Pois nós todos na terra possuímos A
 O sagrado direito de pensar, B
 Neste mundo de deus, olho e diviso C
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso. C
 (Assaré, 2004, p. 43-44).

Para além das semelhanças técnicas de versificação, a comparação das primeiras estrofes de cada poema ressalta a semelhança no exórdio, ou seja, há a construção de uma proposição, parte básica da epopeia clássica, junto com a invocação e a narração (Berardinelli, 1992). A proposição serve como anúncio do que será tema da narração: no caso de Camões, a construção do Império Português e as navegações lusitanas; no de Patativa do Assaré, o imaginário popular acerca do Inferno, do Purgatório e do Céu.

No exame da poética patativana, é perceptível a influência do escrito sobre o oral. A título de exemplo, citamos dois poemas: *O poeta da roça* e *Caboclo roceiro*. Neles, há o uso do hendecassílabo: variante dos clássicos decassílabo e alexandrino, versos de gosto erudito e pouco afeitos às construções poéticas populares.

A performance patativana é permeada por uma quarta modalidade de oralidade: a mediatizada. Esta já se manifesta nas incursões radiofônicas que lhe proporcionaram a sua primeira obra bibliográfica: *Inspiração nordestina*, de 1956. É interessante, aliás, citar a história que deu origem ao primeiro livro de Patativa.

Na década de 1950, o poeta-agricultor ia, semanalmente, para a Feira de Crato-CE para vender sua produção no, então, “grande centro comercial do Cariri, atraindo pessoas de Pernambuco ao Piauí” (Carvalho, 2009a, p. 27). Nessas estadas em Crato, Patativa aproveitava para visitar a rádio Araripe e, conseqüentemente, transmitir, pelas ondas ra-

diofônicas, fragmentos de sua obra poética. Corria o ano de 1955 e, em uma dessas manhãs de feira,

[...] o “cratense”, mas, na verdade, natural do município de Araripe, José Arraes de Alencar, filólogo e funcionário do Banco do Brasil, radicado no Rio de Janeiro, ouviu um poema no programa apresentado por Teresinha Siebra. Gostou muito e quis saber de quem se tratava: “de um poeta de Assaré, chamado Patativa”, foi a resposta. José Arraes fez questão de conhecê-lo e fez chegar à rádio o recado para que ele passasse em sua casa. A proposta veio incontinenti: a publicação de um livro. Patativa, desconfiado, agradeceu e disse que não tinha meios para bancar os custos. Arraes se comprometeu a negociar com a editora e tratou de montar logo os originais preparados, convencendo Moacir, também funcionário do Banco do Brasil, filho do lendário Leonardo Mota, a datilografar os poemas (Carvalho, 2009a, p. 27).

Assim, *Inspiração nordestina* nasceu da confluência de oralidades, o que nos leva a pensar em um movimento recursivo delas. Há a oralidade primária como forma de composição patativana por meio da memorização que se transformou em oralidade mediatizada via transmissão da rádio Araripe, meio pelo qual José Arraes de Alencar tomou conhecimento do poeta assareense. Depois disso, houve uma volta àquela oralidade primeira, quando “todos os dias de feira, Patativa se encontrava com Moacir”, ditando-lhe os poemas que trazia na memória, “e o livro começava a ganhar forma” (Carvalho, 2009a, p. 27).

Todavia, como alerta Luis Tadeu Feitosa (2009, p. 163), a relação do poeta com a mídia é cercada de certa ambiguidade. Nas palavras do pesquisador, em seu diário de campo,

Muita ambiguidade cerca a relação de Patativa com a mídia. Ele, que teve a mediação do rádio nas primeiras apresentações públicas e até foi motivo de filme de Rosemberg Cariry, fala da mídia com ressalvas e tem comportamentos diferentes com as reportagens. Contou-me que seu encontro com a reportagem do jornal O Povo, dias antes [do dia 28 de fevereiro de 1999], foi muito bom. Sua performance na reportagem de Ana Terra para o Globo Rural foi das melhores, aparentando intimidade com a repórter. Com a reportagem daquele domingo, Patativa foi quase hostil. No entanto, concordou em acompanhar a equipe à Serra de Santana, na manhã seguinte [1º de março de 1999].

Apesar de toda essa relação ambígua com a mídia, ela se tornou um instrumento para transmissão e divulgação da poética patativana. Um exemplo disso é a execução de *Triste partida* em uma rádio e a audição de Luiz Gonzaga, que depois a gravou e a tornou conhecida no Brasil inteiro.

Outro momento em que o rádio acabou sendo fundamental para a trajetória de Patativa foi que, graças a ele, uma de suas composições, “Triste Partida” (Patativa reconhecia de forma relutante a parceria com João Alexandre, a quem atribuía a melodia), chegou a Luiz Gonzaga, já uma “estrela” consagrada pela Indústria Cultural brasileira. Um dia, enquanto a dupla cantava a música, quem captava a emissão e se emocionava com essa toada era Luiz Gonzaga. Ele logo quis saber quem era autor daquele canto dolente e, mais que isso, quis conhecê-lo. Soube que se tratava de Patativa do Assaré e marcaram um encontro em Crato, proximidade de sua terra natal, a então violenta cidade de Exu, onde as famílias Alencar e Sampaio travavam uma espécie de “*vendetta*” versão nordeste.

No dia marcado, Luiz quis comprar a gravação, algo comum na época. Patativa se recusou, peremptoriamente, até a dividir a parceria, mas concordou com a gravação, que veio em 1964. A “Triste Partida” se incorporou ao repertório do “filho de Januário”, e o canto de Patativa passou a ser amplificado nacionalmente (Carvalho, 2009a, p. 27-28).

Patativa do Assaré foi gravado por inúmeros outros artistas. A lista inclui nomes como Raimundo Fagner, Sérgio Reis, Rolandro Boldrin, Pena Branca e Xavantinho e Renato Teixeira. Além disso, o poema *Seca d’água* recebeu melodia de um grupo de 155 artistas, que tinha Fagner, Chico Buarque e Milton Nascimento à frente (Carvalho, 2009a; Aguiar; Renck, 2019). Essas interpretações, ou seja, a performance patativana, segundo informações de Carvalho (2009a, p. 201-202), foram registradas em seis álbuns próprios: *Poemas e canções* (1979), *A terra é naturá* (1981), *Patativa do Assaré* (1985), *Canto nordestino* (1989), *80 anos de luz* (1989) e *85 anos de poesia* (1994). Também houve participações nos discos *Soro*, de Raimundo Fagner, de 1979, *Massafeira Livre*, de 1980, e *Som Brasil*, de 1981 – estes últimos reúnem vários artistas, tais como Ednardo, Fagner e Belchior.

Patativa também participou de programas de televisão⁵, momentos em que emergiram uma oralidade mediatizada. Essas participações deram-se, sobretudo, após o lançamento de *Cante lá que eu canto cá* pela editora Vozes e após a já mencionada gravação de *Seca d’água*.

Ganhando expressão nacional, Patativa passou a receber convites e não deu conta de atender a todos. Disse poemas no Som Brasil, da Rede Globo, em 1981, programa conduzido por Rolandro Boldrin, um dos que gravaram “Vaca Estrela”. Ainda na Rede Globo, em 1993, contracenando com Jackson Antunes e declamando o poema

⁵ Entre elas, destaca-se a entrevista dada a Jô Soares e que está disponível em duas partes no *YouTube*: <https://www.youtube.com/watch?v=OCWScZc2mzY> e <https://www.youtube.com/watch?v=pt5UQZbmvQM&-feature=relmfu>. Acesso em: 29 out. 2012.

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO I
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-

“Lamento de um Nordestino”. Em 1994, deu entrevista no programa *Jô Soares Onze e Meia*, no SBT (Carvalho, 2009a, p. 34-35).

Não é possível, todavia, delimitar fases na construção poética patativana em que se inscrevem as quatro modalidades de oralidade; elas se permeiam. Por isso, foi cunhado o conceito de oralidade plenificadora.

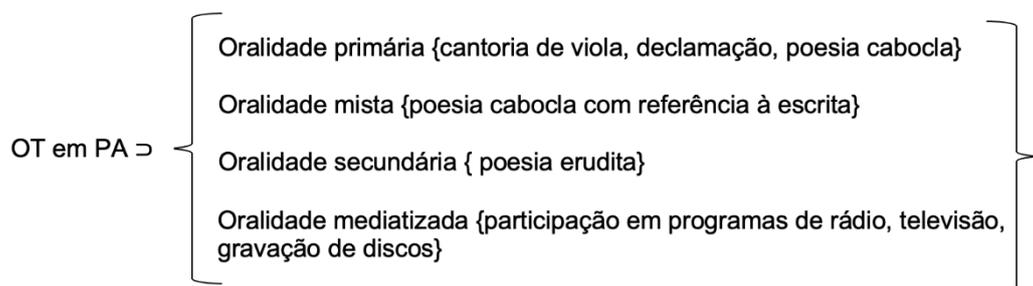
ORALIDADE PLENIFICADORA: UM CONCEITO PARA ALÉM DA INSTRUMENTALIDADE DA VOZ OU DOS ENTENDIMENTOS PREMILINARES

É preciso, antes de concluir este trabalho, definir o que entendemos como oralidade plenificadora (OP). Como foi abordado, na concepção de Zumthor (2010), há quatro tipo de oralidades, reiterando: oralidade primária (Op), oralidade mista (Oms), oralidade secundária (Os) e oralidade mediatizada (Omd). Essas categorias permitem operacionalizar as manifestações orais, enquadrando-as em uma das “quatro espécies ideais” (ZUMTHOR, 2010, p. 35-36), que se caracterizam como instrumentos analíticos que possibilitam delimitar a *coexistência* entre voz/oralidade e letra/escritura. Em tal perspectiva, a OP não se manifesta, simplesmente, como uma quinta “espécie ideal” ($OP \notin \{Op, Oms, Os, Omd\}$) nem como a soma das oralidades elencadas pelo filólogo suíço ($OP \neq \{Op+ Oms+ Os+ Omd\}$). A somatória das oralidades (Op, Oms, Os, Omd) corresponderia ao que podemos chamar de oralidade totalizadora ($OT = \{Op+Oms+Os+Omd\}$ ou $OT \supset \{Op, Oms, Os, Omd\}$).

O que diferencia a oralidade totalizadora da oralidade plenificadora? A OT se manifesta quando as quatro oralidades coexistem. Assim, Patativa do Assaré utilizou todas as espécies por toda a sua vida, sem que a opção por uma caracterizasse o abandono das outras, configurando a ocorrência da oralidade totalizadora, o que sistematizamos no diagrama da Figura 1.

ÉREA
ORTAÇÃO
AMENTOS
LIZADAS
ABREU
rdado, 160
21
ados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACI
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
aquecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO I
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-
LOI
24 (L
estabi

Figura 1 – Diagrama das oralidades de Patativa de Assaré



Fonte: elaborada pelos autores.

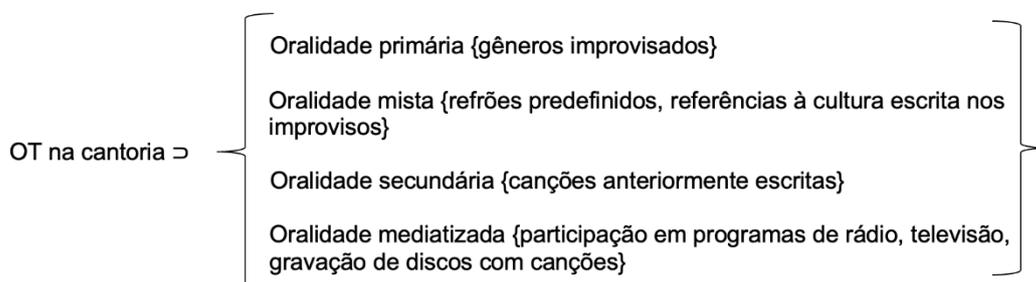
Outra ocorrência dessa modalidade (OT) ocorre na cantoria nordestina. Conforme levantamento de Aguiar (2020, p. 269), há 116 gêneros da cantoria, “compostos no improviso, sendo concomitantes às fases 1, 2 e 3 (produção, transmissão e recepção), valendo-se, por vezes, de refrãos predefinidos”, em que se manifesta, predominantemente, a oralidade primária e mista. Entretanto,

os cantadores podem ser solicitados pela plateia a entoar algumas canções de sua autoria ou de outrem. Nesse caso, ademais de demonstrar o papel ativo dos ouvintes, a performance descola-se da fase 1 (produção), concretizando as fases 2, 3, 4 e 5 (transmissão, recepção, conservação e repetição). Nesse ponto, confluem formas diferentes de oralidade/oralização, sobretudo a mista/secundária e a mediatizada. Isso ocorre pelo fato de as canções solicitadas pelo público poderem ter sido inicialmente compostas na escrita (oralidade mista/secundária) ou registradas em álbuns ou difundidas de forma oral em rádio ou televisão (oralidade mediatizada). Assim, nas canções, depara-se mais com a oralização (ou, muitas vezes, reoralização) do que com a oralidade em sentido restrito (Aguiar, 2020, p. 270).

Como é perceptível, as oralidades primária, mista, secundária e mediatizada coexistem na cantoria. Isso pode ser esquematizado no diagrama da figura 2.

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
iados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no do
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-

Figura 2 – Oralidades na cantoria



Fonte: elaborado pelos autores.

Com as explanações, definimos o que é oralidade totalizadora, sem diferenciá-la, todavia, da oralidade plenificadora, ou seja, o que caracteriza a OP. Aguiar (2020, p. 270) afirma que “ela refere-se não só à confluência das quatro formas de oralidade de Zumthor (2010) como também àquela que plenifica o ser de modo ontológico, emanando a voz como ‘um habitar pleno do sertanejo’⁶ (OP = {Op+ Oms+Op+Omd} U {habitar}). Assim, a oralidade plenificadora inclui a dimensão do habitar a palavra como espaço íntimo, outrossim, social do sujeito poético.

Não obstante, é preciso estabelecer como delimitar o que se enquadra no espectro do habitar poético, forma de não cairmos na armadilha do “certo sentimento íntimo” (Assis, 2023). Um dos caminhos é proceder uma análise fenomenológica da obra poética. De toda a gama de abordagens fenomenológicas, a que nos é mais próxima é a bachelardiana, em que a palavra/linguagem, o *logos* (λόγος) em uma perspectiva heraclítica, distante da concepção lógico-metafísica de Hegel (1999), funcionaliza o habitar poético; a voz poética como *légein* (λέγω)-dizer constitui-se no autêntico habitar do ser humano ou, como refere Heidegger, em sua conferência de 1951, tomando emprestado os versos de Hölderlin, “poeticamente o homem habita” (Heidegger, 2002a, p. 165).

A vantagem da fenomenologia de Bachelard é trabalhar com imagens poéticas delimitadas, fomentando a possibilidade de instrumentalizar a análise da obra poética. Sem embargo, essa viabilidade de instrumentalização, ou melhor, estruturação da investigação da poesia não concretiza uma instrumentalidade técnica, visando a *causa finalis* por meio

⁶ O trecho entre aspas simples provém de Aguiar e Conte (2013, p. 8).

de uma *causa efficiens* que efetua e manuseia a *causa materialis* e a *causa formalis* (Heidegger, 2002b). Como já salientamos em outro trabalho,

a perspectiva do autor [Bachelard] é ontológica, uma vez que o filósofo se volta às imagens poéticas que estabelecem uma funcionalidade de imersão no universo ôntico do sujeito que as escreve e/ou as lê, ou seja, essas figurações poéticas atuam como produtoras de efeitos de sentido que favorecem a colocação do ser no espaço e no tempo, levando-o a protagonizar a própria experiência íntima. No entanto, o autor foge da pretensão de investigar todas as imagens possíveis; ele delimita o seu universo de pesquisa ao exame das imagens simples, aquelas que manifestam um espaço de felicidade, o que vai nomear de topofilia, projetando os valores humanos daqueles espaços protegidos, operadores de refúgio para o ser (Aguiar; Conte, 2017, p. 73).

Aliás, essas imagens a que Bachelard se dedica foram analisadas no contexto da poética de Patativa do Assaré no artigo de que a citação anterior foi retirada. Convidamos o leitor interessado a consultá-lo, no intuito de se aproximar dos pormenores da nossa proposta de análise fenomenológica.

Ademais, outra possibilidade de análise do habitar poético dá-se a partir do pensamento de Heidegger. Aguiar (2010) realizou tal intento, permeando a análise linguística com as concepções do filósofo.

Heidegger (1990; 2002) afirma que o habitar do homem se revela pela linguagem, ou melhor, que o homem habita a linguagem. Uma das manifestações dela se dá através da língua e é, na transgressão à língua padrão, que a poesia de Patativa do Assaré descobre o ser-no-mundo do sertanejo. As transformações linguísticas, que, como demonstrado anteriormente, são inúmeras nos poemas do corpus deste trabalho, servem como elementos desveladores da essência do homem nordestino. Partindo da concepção aristotélica de essência, em que o pensador helênico diz que a essência de um ser é formada pela reunião de suas características fundamentais, podemos dizer que um dos caracteres que formam a essência do homem do sertão é a utilização de uma língua não-padrão carregada de metaplasmos (Aguiar, 2010, p. 62-63).

Com essa outra perspectiva de análise do texto poético, no intuito de identificar o habitar, avaliamos que delimitamos o escopo metodológico para a identificação da oralidade plenificadora em uma obra poética. Em síntese, é necessário, primeiramente, verificar a coexistência das “quatro espécies ideais” de oralidade para, posteriormente, analisar a

manifestação do habitar poético por meio de um olhar fenomenológico. Dessarte, quando essas duas condições se concretizam, estamos diante da oralidade plenificadora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. H. de. Um encontro de oralidades: os trovadores medievais galego-portugueses e os cantadores nordestinos brasileiros. *PRINCÍPIOS (SÃO PAULO)*, v. 39, p. 258, 2020.

AGUIAR, R. H. de. Entre língua, versos e moradia: o habitar de heidegger e a poesia de patativa do assaré. 2010. 100 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

AGUIAR, R. H. de.; CONTE, D. Patativa do Assaré: o canto ilimitado. *Agalia (A Corunha)*, v. 1, p. 161-179, 2013.

AGUIAR, R. H. de.; CONTE, D. Patativa do Assaré: um olhar fenomenológico sobre o espaço de sua poética. *LÍNGUAS & LETRAS (ONLINE)*, v. 18, p. 73-88, 2017.

AGUIAR, R. H. de.; RENCK, M. Era uma vez Patativa e o ressoar de seu canto.... In: BRITO, A. I. A. de; PINHEIRO, M. do S. (Org.). *Um sertão encantado: homenagem aos 110 anos de Patativa do Assaré*. 1ed. São Paulo: Árvore Digital, 2019, v. 1, p. 47-62.

ALCORÃO sagrado. Disponível em: <https://www.arresala.org.br/alcorao-sagrado/41-2>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ANAXÍMENES. Fragmentos. In: *OS PENSADORES. Os pré-socráticos*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1999.

ASSARÉ, P. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ASSIS, J. M. M. de. Instinto de nacionalidade. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/355080/mod_resource/content/1/machado.%20instinto%20de%20nacionalidade.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BÍBLIA sagrada. 2023. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/1>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BILAC, O. Profissão de fé. em: <http://biblio.com.br/default.asp?link=http://biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/profissaodefe.htm>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRITO, J. C. de. O matuto cearense e caboclo do Pará. Belém: Oficinas Graphics Jornal de Belem, 1930.

CAMÕES, L. de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

CARVALHO, G. Cem Patativa. Fortaleza: Omni, 2009a.

CARVALHO, G. Cantoria: performance e memória. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro. Fortaleza: UFC, 2009b.

CASSIRER, E. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DAVINI, A. Voz e palavra – música e ato. In: Matos, Cláudia Neiva de et al(org.).Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

DE campo e cantadores. Direção de Rafael Hofmeister de Aguiar. Produção de Rafael Hofmeister de Aguiar. Realização de Rafael Hofmeister de Aguiar. Roteiro: Rafael Hofmeister de Aguiar. Taquara: Independente, 2015. (43 min.), Digital, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42KBoCNNrow&t=1337s>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FEITOSA, L. T. Patativa do Assaré: a trajetória de um canto. São Paulo: Escrituras,2003.

FINNEGAN, R. Performance, poesia, música: o que vem primeiro. In: Matos, CláudiaNeiva de et al (org.). Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro:7Letras, 2008.

HEIDEGGER, M. Habitar, construir, pensar. In: Ensaios e conferências. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.

HEIDEGGER, M. ...poeticamente o homem habita. In: Ensaios e conferências. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: Ensaios e conferências. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002c.

HEIDEGGER, M. Heráclito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002d.

HEGEL, G. Wi. F. Crítica moderna a Anaximando. In: OS PENSADORES. Os pré-socráticos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1999.



JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

KANT, I. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NIETZSCHE, F. A filosofia na época trágica dos gregos. Porto Alegre: L&PM, 2011.

ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ZUMTHOR, P. A letra e a voz: a "literatura" medieval. São Paulo, 1993.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató
Los Alamos,
tiva para expl
va muito mais
chas quentes.
A técnica que
a apli...

(Continua... pág.)

ON

973

pagina)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
pagina)

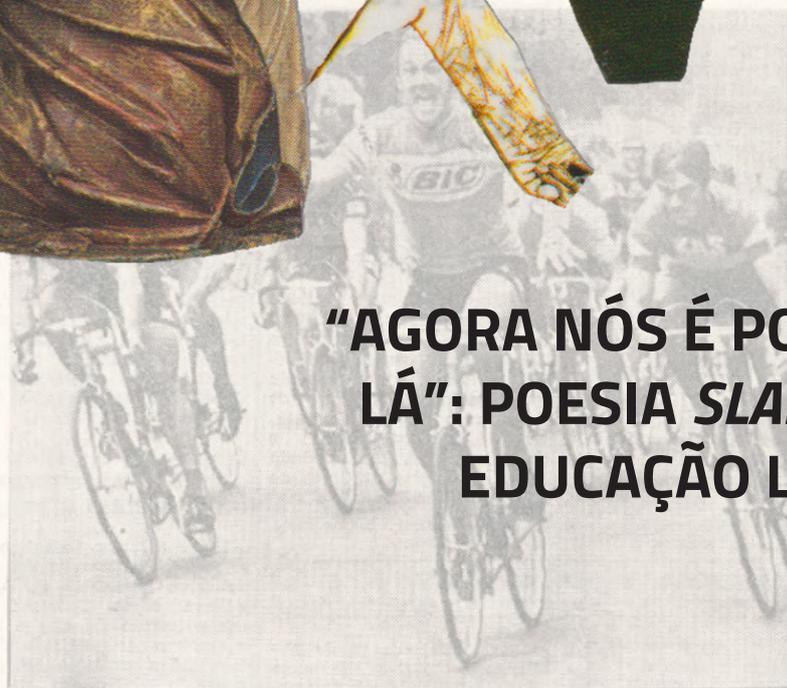
pagina)



“AGORA NÓS É POETA, QUE NEM ELES LÁ”: POESIA SLAM COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA EJA

Fernanda Rodrigues da Silva
Ernani Mügge

ESTAMOS
COM O NOSSO
TEMPO!



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês um crédito maior do que a sua conta

INTRODUÇÃO

As mudanças pelas quais a humanidade passa, nas mais variadas esferas, sempre provocam reflexões sobre as práticas pedagógicas. Atualmente, existem movimentos que promovem a valorização das produções literárias que, não raro, foram menosprezadas por não estarem de acordo com os padrões “eruditos”. É o caso da Poesia *Slam*, uma manifestação cultural artística que surgiu no Brasil em 2008 e ocupou as periferias e os espaços públicos, democratizando tanto a produção poética quanto o acesso a ela.

O *Slam* é um estilo de poesia oral e performática originário dos Estados Unidos, criado em 1984 em Chicago pelo poeta e trabalhador da construção civil Marc Kelly Smith. Inicialmente, Smith recitava seus poemas em bares de jazz, e a palavra “*slam*”, que em inglês significa “bater”, foi escolhida por ele para dar nome às competições de poesia realizadas nesse formato. O objetivo do *Slam* é engajar a plateia. Embora não tenha regras rígidas, ele apresenta três normas básicas: os poemas devem ser originais, sua apresentação não deve passar de três minutos, e as declamações não podem vir acompanhadas de música.

A poesia *Slam* exerce um papel emancipador, pois valoriza as diversas vozes, a partir de uma produção poética oral, autêntica e performática, que aborda temas sociais que, muitas vezes, são apresentados em forma de denúncia do sistema excludente, apontando e combatendo o racismo, a xenofobia, o feminicídio, a LGBTfobia e outras formas de opressão à diversidade. Considerando esses aspectos, é possível, desde já, afirmar que a poesia *Slam* pode contribuir com a formação do educando, pois, além de ser uma forma de produção textual, oral e artística, visa à criticidade e ao debate sobre questões sociais presentes na vida cotidiana do indivíduo.

A utilização desse tipo de produção em sala de aula prevê, entretanto, uma visão de educação muito mais dialógica do que mecânica e autoritária. Neste ponto, é possível recorrer a Paulo Freire (2020), para quem a educação precisa ser política, destituída de neutralidade, sendo a escola o lugar de emancipação e problematização, onde se constrói conhecimento a partir do respeito aos saberes e considerando o contexto dos estudantes. De fato, a educação não é a única forma de transformação social, mas, sem ela, não há como acontecer uma mudança de rumos. Sendo assim, a escola tem papel de protagonismo, configurando-se como um espaço de conexão e tradução do mundo. Essa prática – de

conectar o sujeito ao mundo e de traduzir o contexto social – é nomeada por Freire de educação libertadora.

Cabe salientar que as ideias de Paulo Freire são opostas à concepção de educação “bancária”, que se baseia na transmissão, deposição ou transferência de conhecimentos e valores, sem considerar a participação ativa do educando. Essa abordagem favorece a “cultura do silêncio”, que mantém o educador e o educando em lados opostos: o educador é o detentor do conhecimento, e o educando, um mero receptor de informações. Além disso, disciplina e autoridade são os pilares dessa concepção, o que limita a ação do educando, que não é estimulado a desenvolver suas capacidades e a exercitar seu protagonismo. Também não há estímulo ao exercício da crítica e da reflexão, o que favorece os interesses do poder vigente. Freire defende que a educação deve ser um processo dialógico, no qual educador e educando participem ativamente da construção do conhecimento, de forma horizontal, mas respeitando as diferenças individuais.

A educação libertadora busca promover a emancipação do indivíduo e da sociedade, tanto no campo intelectual quanto na ordem da prática. Para Freire, a consciência crítica é essencial para o desenvolvimento de um pensamento reflexivo e libertador. Assim, no cotidiano escolar, o docente precisa adotar ações pedagógicas que possibilitem ao estudante assumir papel ativo na construção do conhecimento e na elaboração de seu próprio caminho. Nesse sentido, a valorização da coletividade e a promoção do diálogo são fundamentais para a conscientização e a libertação do indivíduo, de modo a torná-lo apto a contribuir com a transformação da realidade.

É importante destacar que Paulo Freire dedicou parte de seus estudos à alfabetização de adultos. Ele elaborou metodologias que entendem o sujeito como agente principal da própria aprendizagem. Nesse processo, palavras da realidade dos alunos tomavam centralidade, promovia-se a leitura para além da decodificação, direcionando-a para a aquisição da palavra escrita e a compreensão do mundo. Essa concepção influencia a educação até hoje, levando muitos adultos a reingressarem na escola.

No Brasil, existe uma crescente preocupação, por parte dos educadores, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país ainda tinha 11 milhões de analfabetos em 2019. São cidadãos que têm 15 anos de idade

ou mais que não conseguem ler, escrever e formular textos. Apesar da diminuição desse índice, que passou de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019, ainda há uma necessidade de implementar ações que possam sanar o problema.

O expressivo número de pessoas sem acesso à cultura escrita aponta para a fragilidade da educação brasileira. Além das políticas de permanência dos estudantes na escola, já implementadas, é necessário dar atenção especial à EJA, enquanto o analfabetismo não for extinto. Qualificar o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade exige, entretanto, pesquisa e, a partir dela, a implementação de práticas que possam, de fato, surtir efeitos positivos.

Visto que a concepção de educação de Freire necessita de ferramentas que favoreçam a autonomia do sujeito, encontram-se na Poesia *Slam* possibilidades de favorecer práticas emancipadoras. Assim, o presente estudo tem como meta investigar de que maneira esse tipo de produção poética pode contribuir, na modalidade EJA, com a educação libertadora pensada por Paulo Freire.

A ação interventiva está fundamentada na articulação da proposta de Freire, no que concerne à alfabetização de adultos, e na metodologia de leitura pensada por Juracy Assmann Saraiva e Ernani Mügge (2006). As metodologias foram criadas em espaços, tempos e com objetivos distintos, no entanto, acredita-se que colocá-las em diálogo torna possível criar e inovar práticas para uma educação plural e de qualidade.

A escola em que a prática foi realizada localiza-se no estado do Rio Grande do Sul, em um município da Grande Porto Alegre. Durante os turnos manhã e tarde, a escola possui turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. À noite, oferece somente a modalidade EJA, tendo disponíveis as turmas de Etapa 1 a 6, correspondentes ao Ensino Fundamental. A turma na qual se desenvolveu a proposta foi a Etapa 1 e 2, que, pelos registros oficiais, tem 15 estudantes matriculados. No entanto, apenas entre seis e dez frequentam regularmente as aulas. Os estudantes da respectiva turma e a professora titular participaram da prática mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menor (TCLE MENOR), em caso de menores de idade, documentos que elucidam a dinâmica da prática bem como riscos e benefícios.

CRIANDO PONTES

A construção da proposta, conforme já explicitado, fundamentou-se na articulação entre o método freireano, referente à alfabetização de adultos, e a metodologia de leitura de Saraiva e Mügge (2006).

O método Freire foi pensado para alfabetizar adultos, partindo dos saberes e da realidade e conhecimentos do educando, entendendo que ele não é um vazio cultural. O método apresenta cinco fases, a saber: a) elaboração e aplicação do método; b) seleção de palavras, dentro do universo vocabular; c) criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se trabalha; d) elaboração de fichas indicadoras que ajudam os coordenadores do debate em seu trabalho; e e) elaboração de fichas nas quais aparecem as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

Em outra perspectiva está a metodologia de leitura de Saraiva e Mügge (2006), a qual tem por base a Estética da Recepção e prevê três etapas distintas: a) Atividade introdutória à recepção do texto; b) Leitura compreensiva e interpretativa; e c) Transferência e aplicação da leitura. A primeira tem a função de sensibilizar e motivar o estudante para a leitura do texto. É realizada, portanto, antes do contato dele com a materialidade escrita. A atividade pode ancorar-se em estratégias variadas, tendo como suporte outro texto como apelo, experiências pessoais, notícias, fatos da atualidade, músicas, filmes, telenovelas, documentários, brincadeiras. Já a segunda etapa tem como objetivo possibilitar a apreensão da significação do texto. Ela consiste em três níveis sucessivos e complementares, que se apresentam em forma de questões a serem respondidas: a leitura compreensiva, "qual a significação do texto?"; a leitura analítica, "como o texto diz aquilo que diz?"; e a leitura interpretativa, "qual o sentido do texto?". Por fim, na última etapa, que se refere à aplicação, é projetada a ampliação da experiência literária do leitor, investindo na correlação do texto com conhecimentos de outras áreas e manifestações culturais diversas, de maneira a estabelecer o diálogo entre o texto e o contexto estético-histórico e cultural, tanto do momento de sua produção quanto do de sua leitura.

Na convergência das duas concepções, o roteiro inicia com a busca pelo universo vocabular da turma, como descrito na primeira fase do método freiriano, a partir das observações e conversas com os estudantes. A observação, nesse processo investigativo, é

de suma importância, por ser o ponto de partida da prática. Durante a observação, também foi possível levantar a idade e algumas características de cada estudante.

Depois desse levantamento, foram estabelecidas as palavras geradoras, utilizando as observações da turma e os critérios elaborados por Freire (2020), caracterizando a segunda fase do método. Com as palavras geradoras definidas, selecionou-se um poema *Slam* que contemplasse o vocabulário e os interesses da turma. Definido o texto a ser explorado, construiu-se a primeira fase do roteiro de leitura, constituído por atividades introdutórias ao poema. Em seguida, partiu-se para a segunda etapa do roteiro de leitura, a qual prevê a compreensão e interpretação do texto. Esse estágio se articula com a terceira fase do método Freire, que se refere à criação de situações existenciais que dialogam com as palavras geradoras. Depois de passar por atividades que incorporam as palavras geradoras em diferentes formas, seguiu-se para a quarta fase do método Freire, qual seja, a “elaboração das fichas roteiros”, ainda dentro da segunda fase do roteiro de leitura. Por fim, contemplou-se a quinta etapa pensada por Freire, a “feitura das fichas de descobertas”, colocadas como a primeira atividade que inicia a etapa de “transferência e aplicação da leitura” do roteiro, fechando a última fase.

Cabe destacar que as atividades do roteiro de leitura foram norteadas pelas habilidades propostas para o 1º, 2º e 3º anos (correspondentes à Etapa 1 e 2 da EJA) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Regulamento Curricular Gaúcho (RCG), que estabelecem as aprendizagens essenciais para cada nível de ensino. O RCG veio depois da BNCC, a fim de complementar tais aprendizagens, considerando os aspectos regionais. Como também apresentado na BNCC e defendido por Freire, os conteúdos devem ser pensados a partir do cotidiano, das vivências e saberes. Foi por meio dessas perspectivas que a prática foi organizada, pois aprender

[...] é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta em uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. O que o educando transfere, em termos de conhecimento, é o que foi incorporado como resposta às situações de opressão – ou seja, seu engajamento na militância política (Luckesi, 1994, p. 66).

Nesse sentido, a intencionalidade da prática interventiva como um todo, desde a observação à efetivação do roteiro de leitura, teve como centralidade o aprimoramento dos conhecimentos a partir da realidade concreta dos educandos.

A coleta de dados ocorreu de forma presencial, junto com a observação das aulas, prevista para nove dias, e na execução da proposta de intervenção, a qual foi desenvolvida também em nove dias. A técnica de observação adotada foi a sistemática, desenvolvida a partir de um planejamento específico, tendo o diário de campo como instrumento para o registro das observações.

A análise dos dados coletados foi realizada via estratégia proposta por Laurence Bardin (2016), que apresenta o método de análise de conteúdo. A autora propõe a interpelação dos dados obtidos com base em uma organização dividida em fases: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, a qual versa sobre a organização do referencial teórico, a escolha dos conteúdos a serem analisados, a formulação da hipótese e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final.

RELATO DA PRÁTICA

“Voce é a diferenca na inducação
Parabens eu acredito em voce.
Educação com voce é revolução”
(Estudante A).

Ao largo do processo de investigação, uma preocupação sempre esteve presente: desempenhar uma prática pedagógica realmente significativa, capaz de transcender o papel, os propósitos acadêmicos, e que imprimisse, nos sujeitos envolvidos, as aspirações de uma pedagogia respeitosa, consciente e afetiva. Acreditamos que o pequeno texto que aparece como epígrafe desta seção, escrito a mão pelo estudante, legítima, de alguma forma, o intento. Além de afeto, as palavras do estudante, um adulto com idade superior a 40 anos, evidenciam a importância da pesquisa como um todo. Entendemos que o fato de ele ter utilizado as palavras “diferença” e “revolução”, referindo-se à educação, demonstra a importância da prática freiriana e o impacto que ela tem na formação do sujeito aprendente.

Acreditamos que esse retorno positivo – como de muitos outros durante a prática – aconteceu pela construção de um espaço fértil para a fala e para a escuta. Em todos os encontros, foram estabelecidas discussões espontâneas, o que se deve, defendemos, ao ambiente de valorização e de incentivo à livre expressão dos estudantes. Isso reforça, ainda, a importância da escuta e da reflexão, como refere Freire:

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sistema da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la (Freire, 2014, p. 114).

Por meio de uma escuta reflexiva e diária, a proposta foi tomando diferentes rumos. Embora o foco fosse o plano de execução do roteiro de leitura, muitas vezes os anseios dos estudantes alteravam o percurso. Como o ensino precisa ser respeitoso e valorizar os processos e intencionalidades dos educandos, sempre se zelou pela flexibilidade, o que, acreditamos, tornou-os mais autônomos.

Outra questão importante a considerar é o estado mental e físico em que muitos se encontravam nas aulas do turno da noite. Na EJA, frequentemente, os alunos chegam às aulas depois de um longo dia de trabalho. Além disso, precisam lidar, muitas vezes, com conflitos pessoais. Isso tudo torna o fazer pedagógico mais desafiador e faz com que o professor articule outros meios e dinâmicas de ensino. Ainda, para muitos, as aulas não têm só um papel formador, mas de convívio social. Nesse sentido, favorecer um espaço de compartilhamentos de ideias, conversas descontraídas e ambiente para a espontaneidade faz parte do cotidiano do educador da EJA.

OS PRIMEIROS ENCONTROS: DESCOBRINDO O *SLAM* E EXPLORANDO SENTIDOS E LINGUAGEM

As aulas foram iniciadas com assinatura do Termo de Livre Esclarecimento. Explicou-se que, como todo documento, deve-se atentar para seu conteúdo antes de assiná-lo e que é preciso sempre ficar com uma das vias. Alguns estudantes comentaram suas experiências em assinar documentos. Relataram que, muitas vezes, têm medo de serem enga-



nados e que saber ler e escrever será muito importante para a vida deles, pois poderão se apropriar do que está escrito. Os comentários levaram a uma discussão sobre as pessoas “más” que existem no mundo, que tentam enganar os outros para “tirar vantagem”.

Conforme estabelecido na primeira fase do roteiro, foram encaminhadas, em seguida, as atividades introdutórias à recepção do texto, com levantamento de hipóteses sobre o que é a Poesia *Slam*. Nenhum estudante soube diretamente o que era; alguns a relacionaram com a religião muçulmana. Em seguida, puderam assistir ao vídeo que explica as características desse tipo de poesia. Depois do vídeo, foram questionados novamente sobre o que era o *Slam*. A Estudante D gritou “é a diferença”; já o Estudante B respondeu: “O que eu consegui entender é que as mulheres precisam ter mais respeito, que a Maria da Penha, tem que se respeitar, né”, com o que todos concordaram. Logo, o Estudante B respondeu: “Fica só na cabeça né, não no papel”.

Em seguida, reproduziu-se novamente o vídeo, o que possibilitou abordar melhor sua temática. Após a segunda reflexão, apresentou-se um vídeo em que Ozazuma declama um poema oral. Ainda que não estivesse inserido em um contexto de batalha, o texto tinha semelhança com a poesia *Slam*. Os estudantes não quiseram conversar muito sobre ele, o que se deveu, possivelmente, ao fato de ser o primeiro encontro. Inicialmente, eles mostraram muita timidez, muitas vezes apenas acenavam com a cabeça e, quando questionados se tinham gostado, respondiam apenas que era “legal”. O Estudante B, no entanto, comentou o seguinte: “É igual os caras do trem, né”. Respondi que sim, que era do mesmo segmento de produção. Depois do intervalo, entregamos aos alunos uma cópia da letra do poema do Ozazuma e realizamos a leitura protocolada com os estudantes, desafiando-os a realizarem as questões programadas. Fez-se necessário esclarecer algumas perguntas com exemplos, para incentivá-los a participar mais ativamente das discussões. Na fase da leitura compreensiva e interpretativa, foram exploradas as palavras e sua significação. Para tal, retomou-se o texto por meio da leitura protocolada. Buscaram-se, ainda, as palavras geradoras no texto. O trabalho também constou de discussões coletivas, propostas de trabalho com as rimas, performances, exercícios de entonação, oralização e movimentos corporais. Um exemplo de exploração da linguagem foi a proposta coletiva de completar trechos do texto e discutir o sentido individual.

Dessa forma, pudemos aproveitar estes momentos para discutir sobre a variação linguística em nosso cotidiano e no próprio texto. Assim, perguntamos se um poema era feito somente com “palavras bonitas”, por pessoas cultas e consideradas inteligentes, ao que o Estudante A respondeu: “A poesia é de todos”. A resposta do educando rendeu muita discussão sobre cultura e arte. Também abordamos assuntos como o jeito pelo qual nos comunicamos no cotidiano, tanto na escola como na rua, bem como sobre o preconceito linguístico, que muitos relataram sofrer.

“ENTÃO É ISSO QUE O PAULO FREIRE FEZ?”

Desde o início, os estudantes demonstraram muito interesse em saber mais sobre Paulo Freire, pois, quando a prática foi iniciada, falamos sobre o educador, especialmente sobre a alfabetização de adultos em Angicos, Rio Grande do Norte. Como eles sabiam que a prática era voltada pelos métodos freirianos, antes de iniciarmos a fase com fichas-roteiros e de descobertas, entregamos aos estudantes um informativo sobre o educador, com a foto e maiores curiosidades, realizamos a leitura em conjunto e discutimos sobre a vida dele.

Em seguida, explicamos a ficha roteiro e retomamos a elucidação do método freiriano. Escrevemos no quadro o vocábulo SONHO e separamos as sílabas: SO-NHO. Então, realizamos a leitura de cada sílaba e apresentamos parte de sua família fonética, como: SA-SE-SI-SO-SU-SÃO e NHA-NHE-NHI-NHO-NHU-NHÃO. Pedimos que completassem as lacunas na folha e, por fim, discutimos sobre os significados e representações do vocábulo. Assim, a atividade seguiu com as palavras “escrever”, “responsabilidade” e “política”. Após, os estudantes tentavam combinar as diferentes sílabas para formar outras palavras – na atividade, os alunos poderiam adicionar letras que não estavam na ficha.

Essa proposta manteve a turma muito engajada do início ao fim. A vontade de encontrar e montar palavras era tanta que a conversa, algo rotineiro na turma, quase não acontecia. Percebemos, no entanto, que os estudantes ainda não tinham segurança ao realizar a atividade, pois, após a escrita da palavra, chamavam para ler e conferir se estava certo. Quando isso acontecia, solicitávamos que eles mesmos lessem o vocábulo ou o que

tinham a intenção de escrever e, então, indicávamos se estava certo ou o que havia faltado para que a escrita estivesse correta.

Depois de uma aula de conversa sobre Paulo Freire e nos moldes de uma educação libertadora, o Estudante A entregou, logo no início do encontro, a seguinte carta: “Professora Fernanda Na educação isso é uma deixou trezentas pessoas se alfabetizou em pouco tempo revolucionou o tempo passou mais não apagou os ensinamentos que ele deixou Paulo você revolucionou educação precisa de revolução”. Ele contou que chegou em casa comentando para a sua esposa (que estuda na EJA na turma Etapa 6) que Paulo Freire tinha revolucionado a educação brasileira. Conforme relatou, disse à mulher que, com o educador, os adultos aprenderam mais rápido e com consciência. Complementou que foi muito bom descobrir que Freire existiu e resolveu registrar em carta essa emoção. Então, pediu para a esposa transcrever suas palavras em forma de carta. Pedimos para ler o conteúdo da carta à turma, o que gerou mais uma conversa crítica e reflexiva sobre a educação brasileira nos tempos atuais.

“É O TERRORISMO LÍRICO REVIDANDO E RESISTINDO, POETAS VIVOS!”

Após preencher com sílabas as lacunas das fichas e descobrir palavras novas, realizamos uma prática com a Poesia *Slam*, no formato presencial. Convidamos um coletivo de poetas, da cidade de Porto Alegre, que vivem da arte das palavras, para se apresentarem à turma. É um grupo constituído por jovens, estudantes, negros, periféricos e artistas. Eles iniciaram a apresentação declamando um de seus poemas orais, com o qual já haviam participado em uma batalha. Os estudantes balançavam a cabeça positivamente e ficaram atentos. No final, aplaudiram com entusiasmo. Um dos integrantes apresentou outro poema, que teve uma recepção tão positiva quanto o primeiro. Os textos falavam sobre a vida de um negro no sul do Brasil, que tinha um grito “preto no sul, preto no sul, tem preto, tem preto, tem preto no sul”. Abordava, ademais, as relações de classe e a injustiça social, questões ligadas ao conceito de interseccionalidade. Após esse momento, explicaram o que era a Poesia *Slam*, enfatizando que ela deve ser autêntica e participar de uma competição.

Em seguida, uma das artistas sugeriu que produzíssemos um poema coletivamente e pediu a indicação de um tema. Os estudantes ficaram em silêncio por instantes. Então, a

ÉREA
ORTAÇÃO
AMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINAS:

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
rativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO I
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

Estudante D respondeu: “sonho”. Ela escreveu no quadro a palavra e pediu para que cada um falasse uma frase que remetesse ao tema. Todos participaram da atividade, uns mais engajados do que outros. Assim, coletivamente, foi criado o seguinte poema:

sonhar, e agora?
nunca pare de sonhar
sonhar é viver
sonhar um mundo melhor
quem acredita sempre alcança
sonho com conhecimento
desejo saúde, que deus me ajude
não deixe o sonho acabar
quem sonha alcança mais
o sonho não tem fim
eu vi os meus sonhos indo por água abaixo
saí catando meus passos
me sentindo um fracasso
eu sonho que esse dia nunca acaba
que esse momento dure pra sempre
seguir em frente

Logo que finalizamos o poema, ecoou o sinal para o intervalo, e a turma se dirigiu para o saguão da escola, espaço no qual planejamos uma intervenção artística dos convidados para todos os estudantes da instituição. A poeta iniciou apresentando o grupo, e, em seguida, os componentes apresentaram o mesmo poema oral que já tinham declamado para a turma. No final, todos aplaudiram entusiasmados. Embora muitos estudantes estivessem distantes no início, um grupo resolveu se aproximar para interagir, e alguns filmaram a apresentação com o aparelho celular. Depois do primeiro poema, os artistas provocaram a interação do público.

No encontro seguinte, conversamos sobre a importância de interagir com pessoas de fora da escola, sobre a riqueza destes momentos motivadores, o que deixou a turma animada. Logo, o Estudante A pediu atenção para entregar duas cartas aos poetas convidados do último encontro:

Tudo aconteceu na escola quando a professora começou a fala amanhã ninguém pode falta, vou trazer dois artista pra cantar poesia slamica Eu fiquei curioso eu não sabia o que era dois artista da periferia pra vocês eu não dou dez eu do nota mil vocês são sensacional verdadeiros artistas fora do normal que prazer que satisfação conheci dois artistas dos bons na escola ninguém pode faltá poesia slamica.



Eu fui pra Escola pra aprende muda a minha vida pra para de sofre mais no caminho alguém me disse assim Sonho de Advogado não é pra ti parece brincadeira mais e assim quase ninguém acredita em mim mais eu acredito pode aposta Vou luta pelos meus sonhos e Vou realizar Você ser um Advogado vou advoga não desisti do teus sonhos você chega la a minha força vem da poesia slamica.

O Estudante A manifestou estar emocionado ao entregar a carta, afirmando que havia sido uma experiência muito importante para sua vida. Agradecemos imensamente o retorno escrito da prática, garantindo que seria entregue aos poetas, o que foi feito.

“AGORA NÓS É POETA, QUE NEM ELES LÁ”

Como culminância do roteiro, propôs-se a escrita e apresentação de um poema *Slam*. Para a atividade, os estudantes usaram computador e fones de ouvido, valendo-se da ferramenta “digitação por voz”, do *Google Docs*. Os estudantes realizaram a atividade, mas precisaram de auxílio para dominar a ferramenta. Tendo em vista que não se trata de uma tarefa familiar a eles, a interação com o computador foi desafiadora. Percebemos, no entanto, muita vontade de aprender e de seguir a proposta de forma autônoma.

Depois da ambientação tecnológica, as criações começaram a surgir. O Estudante A disse que, apesar de gostar de política, iria fazer algo romântico. O Estudante B, por sua vez, resolveu criar um poema em homenagem à sua mãe e disse que, naquele dia, tinha acordado lembrando-se dela, uma mulher muito pobre, mas muito “boazinha”. Nesse momento, ficou com lágrimas nos olhos. Ele referiu que sua criação se fazia a partir do coração e se justificou usando um comentário meu, no qual disse que “poesia pode fazer sentir”. Para ele, comentou, o que fazia sentir era a sua mãe.

Já o Estudante E teve um processo mais descontraído. No início, disse que não ia fazer a atividade porque não sabia, que iria ficar ruim ou que não sabia falar sobre nada. Conversamos com ele sobre as coisas que já tínhamos visto sobre poesia, mas ele continuou se recusando a realizar a atividade. Depois, pediu auxílio para ler e verificar se estava de acordo com o que havíamos pensado e, como de costume, nossa interação com ele gerou muitas risadas, até que finalizou sua criação. A Estudante F também precisou de um pouco mais de incentivo para iniciar sua escrita. Apesar de já estar convencida da proposta, não tinha ideia da temática. Assim, o Estudante B disse para ela fazer sobre sua vida ou

sobre sua neta, sobre quem ela fala todos os dias. A aluna aceitou muito bem a sugestão e começou sua criação, que foi sobre sua vida. Como os colegas já haviam terminado seus poemas, ajudaram-na a terminar o texto. Ela iniciava uma frase e depois perguntava para a turma uma sugestão de rima. As palavras “só falta na bacia”, “sapecá” e “pinhão” foram sugestões da Estudante D, que é conhecida na sala por ser “boa” nas palavras que rimam. Inclusive essa estudante ganhou a competição de rimas que realizamos no sétimo encontro. O poema da Estudante F foi, portanto, uma construção coletiva.

A Estudante L foi uma surpresa até mesmo para a professora titular que acompanhou o processo e a criação dos poemas. No início, ela esclareceu algumas dúvidas conosco sobre o funcionamento do programa: como se “apagava” uma palavra e como mudava de linha. Questionada se ela iria precisar de mais alguma ajuda, respondeu que não, pois já havia decidido o que escrever.

Depois que todos terminaram suas produções, foram retomadas as regras da batalha de Poesia *Slam*: autoral, no máximo três minutos e sem acompanhamento musical. Além disso, assinalamos que a performance tem papel importante na apresentação, ou seja, na apresentação, todos deveriam tentar fazer gestos e cuidar da entonação das palavras, como havíamos praticado nos encontros anteriores. Os estudantes, entretanto, se recusaram a apresentar os poemas, pediram para que a mestranda os lesse. Ela acatou a sugestão da turma e, então, juntou-se aos estudantes, um de cada vez, para ensaiar a forma de apresentação: entonação, gestos na performance, etc. A Estudante F pediu para recitar o poema dela “de modo calmo” e sorridente; já o Estudante B pediu para colocar a mão no coração, e o Estudante E sugeriu ficar sério (mesmo dizendo isso rindo e brincando).

Com a formação de um júri composto por três mulheres (a professora titular da turma, uma estudante de outra etapa, de 68 anos, e uma estudante da turma que não demonstrou interesse em criar um poema), iniciou a “batalha de Poesia *Slam* da EJA”. Depois de cada apresentação, as juradas davam uma nota de um a dez, e a mestranda a anotava no quadro. Por fim, somamos juntos as notas no quadro e descobrimos que o vencedor era o Estudante E, que recebeu nota 10 das três juradas. O prêmio que damos a ele foi o livro de Bráulio Bressa, *Poesia que transforma*, de 2018.

Todos os estudantes parabenizaram o ganhador, e ele demonstrou estar envergonhado e orgulhoso de sua conquista. O Estudante A (pai) disse: “Esse é o primeiro livro

dele, hein!”. Por fim, como restavam alguns minutos para o final da aula, foi retomada a primeira atividade: – O que é poesia *Slam*? O cartaz foi novamente exposto, e a mestranda perguntou se concordavam com o que haviam escrito no primeiro dia. O Estudante B disse: “Tá tudo errado”. Quando perguntada sobre a resposta correta, a Estudante F afirmou: “Tem que falar sobre o que sente”. O Estudante A, por sua vez, declarou: “Precisa ter jurado, não pode ter música”. Questionados sobre o que mais fazia parte do *Slam*, o Estudante C disse: “Pergunta para o Estudante E, ele que ganhou!”. O estudante E respondeu dizendo que qualquer pessoa poderia fazer poesia, não precisa falar certo e pode falar sobre o que quiser. Por fim, foram questionados de como se sentiram ao criar seu próprio texto. O Estudante B respondeu alto e em bom tom: “Agora nós é poeta, igual eles lá”, referindo-se aos poetas convidados do encontro anterior.

CONCLUSÃO

A Poesia *Slam* se tornou um movimento para além de uma expressão das ruas. Com o tempo, passou a ocupar escolas e universidades, pois manifesta, de forma legítima, a arte relacionada a questões sociais e culturais do país. A oportunidade de pensar a sociedade de maneira poética e subjetiva, entretanto, em uma sociedade desigual, ainda é um privilégio de poucos. Contudo, seja por meio de pinturas e fotografias, seja pela voz do poeta periférico, a arte oferta, a cada sujeito, a possibilidade de avistar a vida sob uma perspectiva singular e dialógica.

A afetiva relação com os educandos e a participação engajada deles nas atividades foram favorecidas pelo respeito que procuramos imprimir ao encaminhamento das propostas. Antes de começar as atividades, apresentamos Paulo Freire, explicamos o método e, a cada início das aulas, apresentamos as tarefas do dia e como funcionaria a dinâmica. Por mais simples que sejam, esses gestos colaboraram para que os estudantes se sentissem respeitados como adultos, atores ativos e atuantes. Nos encontros, muitas vezes, eles mesmos percebiam que, caso não finalizassem uma atividade a tempo, o próximo passo seria prejudicado. Assim, assumiram a responsabilidade de dar bom andamento ao plano.

É importante destacar que este trabalho foi se construindo aos poucos, e que fomos aprendendo enquanto o executávamos. Assinalamos que, quando a pesquisa envolve a prática, por mais que teóricos e leituras de base a subsidiem, a investigação não está imune a surpresas. Como já mencionado, precisamos ser flexíveis e conscientes de que poderá haver imprevistos. Embora os resultados tenham sido positivos, existem três pontos a serem observados. O primeiro diz respeito ao uso da tecnologia. Embora estejamos na chamada era digital, contar com recursos do tipo é imprevisível, pois, em uma semana, a plataforma pode estar funcionando e, na outra, pode não estar. Por isso, os educadores precisam estar bem preparados para encontrar outras alternativas e não prejudicar seu planejamento. Outro aspecto diz respeito à criação do poema pelos estudantes. A interação com a tecnologia no ato da escrita por si só já foi bastante desafiadora, desde a procura pelas teclas no teclado ao domínio do cursor na ponta do dedo. Assim, tudo parecia ser mais difícil, o que exigiu tempo de aprendizado e adaptação. Embora a turma tenha conseguido realizar a tarefa de produzir poemas, acreditamos que as questões tecnológicas influenciaram o processo de criação, pois tivemos que auxiliá-los constantemente, diferentemente do que havia sido planejado: garantir a maior autonomia possível neste processo.

Por fim, o terceiro ponto se refere a uma situação bem presente na EJA: a falta de assiduidade dos estudantes. Por se tratar de um roteiro de leitura, é necessário respeitar a ordem de execução das propostas, o que é inviável quando sempre há estudantes faltando. Embora tenhamos conseguido organizar e respeitar as fases do método freiriano, algumas atividades poderiam ter sido mais bem exploradas com o seguimento planejado. De fato, são essas situações que fazem a prática ser única e favorável a reflexões maiores do que o previsto. No entanto, tais situações foram vistas como pontos de atenção, e não como problemas, pois a prática educativa sensível e crítica busca analisar, refletir e pensar em soluções.

Em suma, a produção do poema expressou a individualidade e autenticidade de cada um. Embora não o tenham apresentado, contemplando as características performáticas, os estudantes conseguiram criar textos únicos que dizem respeito a suas vidas e interesses. Ou seja, é uma prática que deve ser incentivada na EJA, pois ela possibilitou a escrita, a escuta, o diálogo e a avaliação. A proposta obteve resultados positivos e até mesmo

surpreendentes. Essa consideração resulta da constatação sobre o engajamento dos estudantes durante as atividades, discussões críticas, interação com uma literatura poética oral e performática e criação de poemas autorais. Entendemos, assim, que o percurso de pesquisa e o arcabouço metodológico desenvolvido permitiram evidenciar as contribuições que a Poesia *Slam* pode fornecer a uma concepção de educação libertadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

SARAIVA, J. A.; MÜGGE, E. (orgs.). **Literatura na escola**: propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante,

(Continua na 6.ª página)

ES EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

stina B
(Página 7)

BBB ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató...
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

ON

973

mediu...
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empres-
negócios
de Ango-
iativa do
Comer-
vão reu-
Marques,
página)

página)



THEATRUM MUNDI NA LITERATURA UNIVERSAL E EM MACHADO DE ASSIS

Isaque Gomes Correa
Juracy Assmann Saraiva

ESTAMOS
COM O NOSSO
TEMPO!

A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês um crédito maior do que a sua conta

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
aquecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO I
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-

O presente capítulo apresenta o *theatrum mundi* como *tópos* literário, tema que é focado pelo grupo de estudos “Ficção de Machado de Assis: sistema poético e contexto”, coordenado pelas professoras Dr.^a Juracy A. Saraiva (Feevale) e Dr.^a Regina Zilberman (UFRGS). Conforme detalhado a seguir, o *theatrum mundi* é uma metáfora que faz parte da cultura do Ocidente, segundo a qual o mundo é como um palco em que sujeitos desempenham papéis variados diante de uma plateia, constituindo aquilo que se pode chamar de mascarada social. Os sujeitos são, portanto, concebidos como atores sociais ou, até mesmo, como marionetes que agem perante um público. Esse público ou audiência é representado pela sociedade *in abstracto* ou, *in concreto*, pelos membros imediatos dos contratos comunicacionais firmados nas diversas interações do cotidiano.

THEATRUM MUNDI E SEU DESENVOLVIMENTO NO OCIDENTE

Cum in vita, tum in scaena
(CÍCERO, 18, 65)

Uma visão da vida social como um grande teatro percorre, há mais de dois milênios, a tradição ocidental. Referida pela expressão latina *theatrum mundi*, essa metáfora está presente em contextos filosóficos, religiosos e literários. A ideia de vida como um teatro aponta para o caráter do fingimento de ações ou atitudes humanas, salienta a aparência em vez da essência nas relações interpessoais e invoca o caráter coletivo e híbrido, não insular e uniforme, da experiência pessoal. Sob essa concepção, as pessoas se assemelham a atores e espectadores a atuarem em um mundo que se afigura como um palco diante de iguais.

Na literatura, enquanto arte da palavra que representa ou recria a vida humana e suas relações variadas, existe numerosa menção ao mundo como teatro, particularmente na narrativa que expõe “uma série de fatos ou acontecimentos vivenciados por personagens em determinado espaço e tempo” (Saraiva, 2003, p. 10). Em textos filosóficos e religiosos, o mesmo tópico se faz presente, embora em menor grau. Nesses diferentes contextos, a compreensão segundo a qual as pessoas são personagens que realizam um espetáculo sobre a terra não pode ser assumida de maneira literal. Afinal, o cenário teatral “apresenta fatos fictícios, a vida mostra, presumivelmente, fatos reais, que às vezes não

estão bem ensaiados”, escreve Erving Goffman (1997, p. 11, tradução nossa). Não obstante a observação do autor americano, a metáfora do *theatrum mundi* serve para melhor compreender a vida social real que, por sua vez, espelha-se na literatura.

A concepção de *theatrum mundi* remonta à Grécia antiga, perpassa a Idade Média e chega à contemporaneidade (Hoffmeister, 2009). Essa visão começou com os gregos, que concebem “o teatro como uma representação do mundo [que] funciona como um espelho dele. [Ela é] a ideia de que a arte e a vida possuem uma correlação e que uma influi na outra” (Falcó, 2016, p. 2, tradução nossa). Platão desenvolveu esse ponto de vista referindo-se aos homens como um brinquedo nas mãos dos deuses, que os manuseiam como marionetes. O mestre de Aristóteles acrescenta que, para participar do jogo divino, cada um precisa assumir o papel recebido (Platão, 1999).¹

Nos primórdios da concepção do *theatrum mundi*, Heráclito, na Antiguidade pré-socrática (séculos 7 ao 5 antes de Cristo), já comparara o curso do mundo a um menino que move peças sobre um tabuleiro. Diz ele: “O tempo é uma criança que brinca, movendo as pedras do jogo para lá e para cá [...]” (Heráclito *apud* Bornheim, 1993, p. 39). O filósofo associava as opiniões dos homens a uma brincadeira infantil diante dos olhos de um deus. Na contemporaneidade, Martin Heidegger (*apud* Larrosa, 2002, p. 108) lança a pergunta sobre o que Heráclito expressava quando se refere ao *aiôn* (eternidade) e responde:

[...] a sina do ser é ser uma criança, que joga, que joga o jogo de tabuleiro [...] Por que a criança grande joga o jogo do mundo, essa criança vista por Heráclito no *aiôn*? Joga porque (enquanto que) joga. O “por quê” desaparece do jogo. O jogo é sem “por quê”. Joga enquanto que (ao tempo que) joga. Segue sendo só jogo: o mais alto e o mais fundo.

Nessa interpretação, a pessoa está predestinada a jogar o jogo do mundo, e o jogo da simulação seria sua forma constitutiva no eterno devir heraclitiano, no fluxo constante enunciado pelo filósofo grego, que tomava o mundo como isento de uma unidade natural ou essencial.

¹ Platão (1999, p. 296) escreve a respeito dos jogos e dos papéis que cabem aos homens e mulheres desempenharem: “[...] enquanto o ser humano foi fabricado [...] para ser um brinquedo da Divindade, consistindo nisto efetivamente sua melhor parte [...] digo que todo homem e toda mulher devem percorrer todo o curso de sua existência desempenhando esse papel, divertindo se com os jogos mais excelentes, mas não entendendo seus jogos como os entendem hoje”.

A visão de que a vida se assemelha à encenação apresentada sobre um palco alcança o medievo procedendo da Antiguidade pagã e de ensinamentos dos escritores cristãos, tornando-se comum na Europa do final do século 16 (Curtius, 2013). Ela encontra sua versão na Bíblia, visto que São Paulo considerava a vida dos apóstolos perseguidos como uma peça de teatro, assistida pelos anjos e homens na qualidade de espectadores. No contexto, a alusão se faz ao circo romano: “Pelo que vejo, Deus reservou o último lugar para nós que somos apóstolos, como se estivéssemos condenados à morte, porque nos tornamos espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens!” (1 Coríntios 4,9).

Até a Baixa Idade Média,² essa concepção restringia-se a ver a vida como uma peça teatral. No século 12, porém, João de Salisbury elevou essa imagem ao nível do mundo como palco. Em *Policraticus*,³ ele escreve que o Senhor, os anjos e as almas virtuosas dos finados testemunham a agitação do mundano drama da fortuna que ocorre abaixo (Curtius, 2013). Cita os versos de Petrônio, que anunciam uma diversidade de papéis e apontam para o simulacro:

A multidão representa num palco: dá-se a um o nome de pai, outro chama-se filho, e há quem atenda pelo nome de rico. Logo depois, ao encerrar-se a página sobre esses papéis ridículos, volta o verdadeiro rosto, desaparece o simulado (João de Salisbury *apud* Curtius, 2013, p. 189)

É, pois, com João de Salisbury que metáfora assume forma plena. Com ele, o *scena vitae* torna-se um *theatrum mundi* propriamente. O autor amplia a noção grega da vida como simulação, em que os homens são títeres dos deuses, para abarcar o globo terrestre, da terra ao céu, “onde estão sentados os espectadores da representação terrena” (Curtius, 2013, p. 190).

O *theatrum mundi* enquanto *tópos* se faz, igualmente, presente em escritos de Martinho Lutero. O reformador toma a história do mundo como uma comédia de bonecos movidos por Deus. Segundo Curtius (2013), o protestante dizia que, na história, veem-se apenas máscaras humanas a agir. Também no contexto religioso, não muito depois de Lutero,

² O período que lhe é anterior, a Alta Idade Média, compreende os séculos 5 e 10.

³ Escrita por volta de 1160, *Policraticus* é considerado o primeiro livro medieval de teoria política. Pertence ao conjunto de textos destinados a aconselhar a casta governante, gênero conhecido como espelho de príncipes. Essencialmente, o texto define as responsabilidades dos reis e a relação que deveriam manter com os súditos (Bollermann; Nederman, 2016).

o Pe. Antonio Vieira, SJ, escreve: “Este mundo é um teatro, os homens as figuras que nele representam, e a história verdadeira de seus sucessos uma comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idades de sua Providência” (Vieira, 1983, p. 110).

A concepção de *theatrum mundi*, em suas diversas manifestações artísticas, era lugar-comum na Renascença e no Barroco (Curtius, 2013; Falcó, 2016). Na Espanha, Miguel de Cervantes, Baltasar Gracián e Calderón de la Barca trabalharam a ideia do *gran teatro del universo*.

Em *Dom Quixote* (II, capítulo 12), Sancho Pança zomba do uso feito pelo Cavaleiro Andante dessa imagem de *theatrum mundi*:

“Ótima comparação! – disse Sancho – apesar de não ser tão nova, que eu não a ouvisse já muitas e diversas vezes, como a do jogo de xadrez, no qual, enquanto dura, cada peça desempenha o seu papel especial, e, quando acaba, todas se misturam, se juntam e se baralham e se metem num saco, que é o mesmo que dar com a vida no sepulcro”. (CERVANTES, 2005, p. 54)

Curtius (2013) escreve que, em *Criticón* (capítulo 2), Baltasar Gracián concebe a natureza como o cenário da vida, como o cosmo em exibição. Em *A vida é sonho*, de Calderón de la Barca, o *tópos* é transferido para a esfera teocêntrica, abrindo a perspectiva do espectador para o mundo do além. O personagem Segismundo, príncipe encarcerado, fala em “sonhos do teatro do mundo que é para ele, prisioneiro, o vasto mundo da realidade” (Curtius, 2013, p. 191). Com efeito, a obra de Calderón traz a dimensão do mundo como um teatro, em que os personagens desempenham papéis ante um fundo cósmico.

Curtius (2013, p. 192) descreve assim este universo ficcional:

Calderón é o primeiro poeta que faz do *theatrum mundi*, dirigido por Deus, assunto de um drama sacro. Esse profundo pensamento esboçado como que ao acaso por Platão e quase perdido no enorme acervo de sua obra; essa ideia, que depois passou de teológica a antropológica – trivializando-se moralmente –, ressurgiu, na Espanha católica do século XVII, em luminosa palingenesia.

O crítico literário e filólogo alemão conclui que, na Espanha, a metáfora teatral, já desgastada pela tradição antiga e medieval, “volta ao teatro vivo e torna-se forma de ex-

pressão de um conceito teocêntrico da vida humana, desconhecido no teatro inglês e no francês” (Curtius, 2013, p. 192).

Relacionando a obra de arte à cosmovisão do mundo como teatro, Pol Borrell Falcó (2016, p. 16, tradução nossa) afirma:

Se supormos que a finalidade de toda forma artística (literatura incluída) é a de melhorar a vida de modo significativo (em termos de beleza, em termos sociais, etc.), então o emprego do tema *theatrum mundi* é provavelmente a melhor ferramenta que pode alcançar este fim.

Falcó (2016) põe em relevo que a metáfora do mundo como uma encenação é, ao mesmo tempo, uma ferramenta útil para o artista da palavra, que concebe sua arte como uma prática social, e uma forma de aperfeiçoamento humano, a partir da apreciação, pelo receptor, da obra produzida. Essa noção, não por acaso, reverbera nas reflexões atuais a respeito da arte literária, como em Saraiva (2003, p. 16), para quem as narrativas literárias buscam “projetar-se para além [delas mesmas] ao conceber um mundo fictício que permite ao homem compreender a si e às suas circunstâncias”.

Ideia semelhante foi expressa por Quintino Bocaiuva na metade do século 19, ao conceber o teatro, arte cênica que se aproxima da literatura, como uma escola em que o povo pode adquirir bons ou maus costumes, lições profícuas ou danosas. Para ele, a finalidade do teatro é a de, além de divertir e amenizar o espírito, “educar e moralizar a alma do público” (Bocaiuva, 1858, p. 14). Dessa forma, o teatro seria uma expressão vigorosa e eficaz por apresentar “ao homem o espetáculo vivo de suas próprias impressões, sentidos e manifestações, tais como ele sente que as sentiria e manifestaria nas mesmas circunstâncias” (*idem, ibidem*, p. 15). A mesma compreensão de arte cênica e literária foi expressa por Machado de Assis em “Ideias sobre o teatro”, quando afirma que “o teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo teatro grego; uma iniciativa de moral e civilização” (Assis, s.d., s.p., grifo do autor).

Entretanto, Machado de Assis capturou esta noção de um mundo teatral e a usou em escritos próprios. O escritor empregou a imagem transferindo-a para a realidade ou para as relações sociais, representando-a em narrativas de diferentes gêneros, mas, em particular, em dois de seus romances, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

Em análise do primeiro romance, Isaque Gomes Correa (2021) sustenta que a concepção de mundo como teatro está presente na representação da vida social feita por Machado de Assis (Correa, 2021), tanto de forma explícita quanto implícita. Para exemplificar seu argumento, ele refere que, na primeira versão de *Memórias póstumas*, impressa em 1881, consta uma epígrafe, retirada de *Como gostais*, peça de Shakespeare. Nessa peça, Jacques, o protagonista, declara que “O mundo é um palco” e compara os sete estâgios da vida humana a sete atos, com os seguintes termos:

O mundo é um grande palco
 E os homens e as mulheres são atores.
 Têm suas entradas e saídas,
 E o homem tem vários papéis na vida (Shakespeare, 2009, p. 932)

Recolhido na Tijuca, após a morte da mãe, Brás Cubas, o narrador autobiográfico de *Memórias póstumas* rende-se à hipocondria, “essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil” (Assis, 1986, p. 546), e associa-se a Jaques, a melancólica personagem de *Como gostais*. Assumindo uma encenação, “Brás Cubas vê a si mesmo no papel do misantropo, consumido por um sentimento que deve ser acalentado com racional volúpia. O próprio ambiente compõe o cenário para a imaginação ébria de tristeza: uma casa velha e abandonada, arvoredo, silêncio e ausência de companhia” (Saraiva, 2009, p. 70). Consequentemente, a associação à personagem de Shakespeare estabelece a filiação de Machado à tradição do mundo como teatro, enquanto a explícita atitude teatral de Brás Cubas reafirma a cosmovisão do escritor, segundo a qual as relações sociais são caracterizadas pela encenação.

Em *Dom Casmurro*, o leitor também se situa diante de um narrador autobiográfico, Bento Santiago, transformado no velho Dom Casmurro, que traz a concepção da vida como “uma ópera e uma grande ópera” (Assis, 1896, p. 817), com base em uma versão particular da história da criação. Nessa versão,

Satanás suplicou ainda, sem melhor fortuna, até que Deus, cansado e cheio de misericórdia, consentiu em que a ópera fosse executada, mas fora do céu. **Criou um teatro especial, este planeta**, e inventou uma companhia inteira, com todas as partes, primárias e comprimárias, coros e bailarinos (*Idem, ibidem*, p. 818, grifo nosso).

Em *Dom Casmurro*, a metáfora da vida como encenação de uma ópera é elemento central, revelando a concepção de que o mundo é um cenário onde os homens exercitam os papéis que lhes cabem.

Esta metáfora do *theatrum mundi* lança luz sobre as atuais sociedades do espetáculo e ajuda na interpretação de fenômenos coletivos recentes. Em um mundo compreendido como teatro, no qual as pessoas desempenham papéis ao modo de atores diante de uma plateia para a qual representam, reina a aparência, a construção de uma imagem do sujeito perante os demais. Ocorrem também processos de identificação e de demarcação de fronteiras, uma vez que a ideia de teatro é conjugada com a de uma quarta parede, sem a qual não haveria público nem espetáculo propriamente (Gadamer, 2015). A quarta parede mencionada é aquela abertura de todo representar, de toda apresentação teatral – a abertura dos palcos artísticos diante dos quais o público se situa para, em conjunto, formar o espetáculo. Essa parede aberta é a possibilidade “que produz a peculiaridade do caráter lúdico da arte” (Gadamer, 2015, p. 162). A quarta parede indica que representar é sempre representar para alguém. A diferença entre jogo e arte é que na última há sempre uma *representação para*, o que exige uma abertura ao outro, um representar para outras pessoas, uma consideração para com o espectador. Assim, o “representar para...” (Gadamer, 2015, p. 163) torna-se constitutivo para o ser da arte e, analogamente, perpassa as relações sociais.

Em resumo, os estudos em torno do *theatrum mundi* encontram respaldo na pesquisadora espanhola María de la Villa Moral Jiménez (2010, p. 65), para quem “o teatro da representação social é vida e a vida é simulação”. Logo, o mundo inteiro é um palco, e a vida é a arte de ser bem enganado; a representação que decorre dos papéis que as pessoas realizam nas diferentes esferas não é outra coisa senão o teatro dentro do teatro da vida, onde ocorre a conversão da pessoa em personagem. É também o que afirma a epígrafe deste capítulo, extraída de Cícero (*Cato Maior*, 18, 65): enquanto o homem vive, está num palco.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **Críticas teatrais**. (s.d.). Disponível em: <https://bit.ly/3IDFXZj>. Acesso em: 13 out. 2021.

ASSIS, M. de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 1986, p. 511- 639.

ASSIS, M. de. Dom Casmurro. In: ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 1986, p. 807- 844.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BHABHA, H. Freedom's Basis in the Indeterminate. In: RAJCHMAN, J. (Org.). **The Identity in Question**. New York: Routledge, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. 56. impr. São. Paulo: Paulus, 2005.

BOCAIUVA, Q. **Estudos críticos e literários: lance d'olhos sobre a comédia e sua crítica**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1858.

BOLLERMANN, K.; NEDERMAN, C. "John of Salisbury". In: ZALTA, E. N. (Ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/john-salisbury/>. Acesso em: 10 out. 2022.

BORNHEIM, G. A. (Org.). Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1993.

CERVANTES, M. de. **D. Quixote de La Mancha**. Segunda Parte. Vol. II, 2005. Disponível em: Acesso em: <https://bit.ly/3vTjDxv>. 6 jun. 2021.

CÍCERO. **Cato Maior de Senectute**: Catão, o Velho ou Diálogo sobre a velhice. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CORREA, I. G. **Concepção de vida social em Memórias póstumas de Brás Cubas**. Orientadora: Juracy Assmann Saraiva. 2021. 85 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2021.

CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FALCÓ, P. B. **The Use of *Theatrum Mundi* in Shakespeare's comedy *As You Like It***: The World as a Stage. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2016.

GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Editora Universitária São Francisco, 2015.

GOFFMAN, E. **Lá presentación de la persona en la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.

HOFFMEISTER, G. **World as a Stage**: *Theatrum Mundi*. The Literary Encyclopedia. 2009. Traduzido por Isaque Gomes Correa. Disponível em: <https://www.litencyc.com>. Acesso em: 28 jul. 2020.

LARROSA, J. **Nietzsche & a educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAL JIMÉNEZ, M. de la V. La (re)presentación de las identidades psicosociales en el teatro de la vida cotidiana (*Theatrum Mundi*). **Athenea Digital**, 17, p. 53-76, março 2010.

PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomis**. Bauru: Edipro, 1999.

SARAIVA, J. A. Literatura e cinema: encontro de linguagens. In: SARAIVA, J. A. (Org.). **Narrativas verbais e visuais**: leituras refletidas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

SARAIVA, J. A. **O circuito das memórias em Machado de Assis**. São Paulo: Edusp, Nankin, 2009.

SHAKESPEARE, W. **Como gostais / Conto de inverno**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VIEIRA, A. **Livro antepimeiro**. Edição crítica, prefaciada e comentada por José Van Den Beselaar. 2 v. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

NS EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

RA-INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

BBBÓ ÉLEBRE NIEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

ON
973

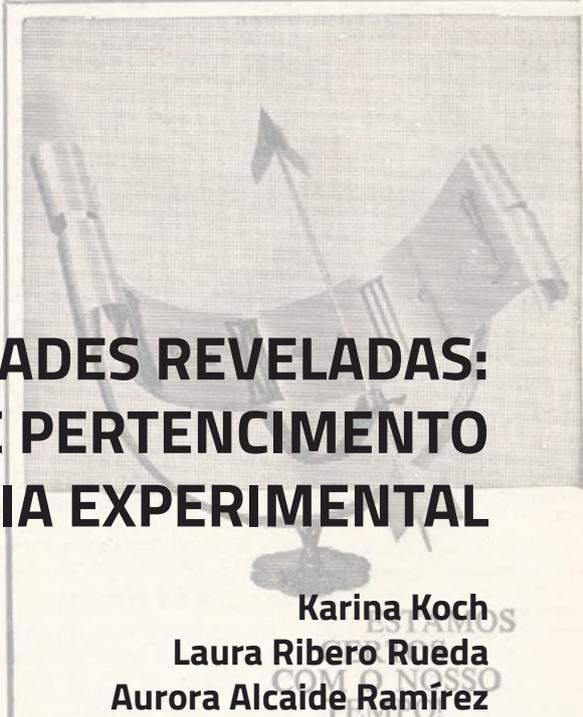
mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



TERRITORIALIDADES REVELADAS: ESPAÇO, TEMPO E PERTENCIMENTO NA FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL

Karina Koch
Laura Ribero Rueda
Aurora Alcaide Ramirez



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês cada um mês cada um mês cada um mês

INTRODUÇÃO

Pensar os espaços na contemporaneidade é pensar em uma lógica cada vez menos relacional, onde os percursos e deslocamentos acelerados sugerem uma alienação dos corpos em relação aos seus territórios. A percepção de que os tempos se aceleraram e os espaços se comprimiram reforça a ideia de uma redução da noção de pertencimento. Dentro dessa mesma lógica, a imagem fotográfica sofreu inúmeras mudanças desde a época do seu surgimento até a fotografia digital de hoje, quando vivemos em um mundo bombardeado diariamente por milhares de bits de fotografias.

As discussões envolvendo a passagem da fotografia analógica para a fotografia digital problematizam justamente uma produção fotográfica acelerada, e que resulta em acumulação de imagens. Em uma analogia à velocidade dos deslocamentos no espaço urbano, fotografar hoje em dia parece não envolver vínculos com a cena fotografada.

Observa-se, no entanto, uma mudança nos rumos da prática fotográfica contemporânea, propondo mudanças também nas relações entre os indivíduos e a paisagem urbana. São mudanças que o processo de produção de imagens vem sofrendo ao longo dos anos e que têm tido influência sobre a resignificação do espaço urbano, dentro da ideia de que a retomada das ruas e espaços públicos das cidades na sociedade atual, através da imagem fotográfica, evoca noções de pertencimento e configura novos e sensíveis olhares sobre a cidade.

Este texto propõe analisar, portanto, de que forma as relações entre os indivíduos e o espaço urbano podem ser traduzidas pela fotografia, refletindo sobre a dinâmica da sociedade contemporânea e sobre a prática fotográfica, em uma trajetória que busca associar a retomada dos processos históricos e experimentais em fotografia com a retomada de noções de pertencimento. Para isso, além de uma revisão teórica acerca do espaço, do tempo e da fotografia, serão analisadas formas de configurar o olhar para a cidade e refletir sobre o tempo, através do trabalho em fotografia *pinhole* de duas artistas brasileiras contemporâneas: Paula Trope e Tatiana Altberg.

O ESPAÇO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O espaço, como conceito, pode assumir diversas definições e características, dependendo do enfoque de cada ciência ou campo de estudo dentro do processo de conhecimento, sendo muitas vezes sinônimo de território e de lugar. Dentro de uma abordagem interdisciplinar a que este estudo se propõe, e longe de pretender encerrar as conceitualizações ou buscar uma definição única, o espaço irá abarcar esses diversos fragmentos teóricos para atender, aqui, à demanda dos estudos das relações sociais.

A partir de um entendimento das noções de espaço, território e lugar, é possível avançar para um entendimento da sociedade contemporânea urbanizada, representada aqui pela cidade, e de como os indivíduos passaram a desenvolver suas relações sociais a partir da globalização, para então refletir sobre possíveis caminhos a serem percorridos pensando na ideia de pertencimento e da cidade como organismo vivo, para além do espaço geográfico.

Do ponto de vista social, o espaço só tem sentido quando pensado a partir de uma relação criada com um indivíduo. Um espaço construído, um espaço vivido sob as mais diversas formas e limites, e sobre os quais se manifestam as mais variadas culturas. Do contrário, poderia ser apenas o espaço celeste ou qualquer porção do espaço físico ou geológico (Solinís, 2009). Uma sociedade, da mesma forma que inexistente sem um espaço sobre a qual se estabelecer, também depende dos indivíduos para poder se concretizar. Essa ideia se apoia na definição de Roberto DaMatta:

A sociedade aqui é uma entidade entendida de modo globalizado. Uma realidade que forma um sistema. Um sistema que tem suas próprias leis e normas. Normas que, se obviamente precisam dos indivíduos para poder se concretizar, ditam a esses indivíduos como é que devem ser atualizadas e materializadas. Aqui a sociedade é uma entidade que se faz e se refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais (1997, p. 13).

As relações sociais são, portanto, função dos indivíduos que fazem uso de um determinado espaço em um certo período de tempo. A definição de espaço, para Santos, seria:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINAS:

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (2014, p. 143).

A ideia de que o espaço é dinâmico reforça a sua característica ativa na construção das relações sociais, e não apenas um mero reflexo da sociedade ali estabelecida. A ação humana que age sobre ele e o torna um espaço habitado, por sua vez, é o que vai levar a desenvolver a noção de território (Santos, 2014).

Germán Solinís (2009) apresenta o território como sendo uma construção social que vai além de um simples espaço ocupado por grupos de indivíduos. O território, para este autor, pressupõe a existência de vínculos, e é um “espaço construído com um tecido intricável de experiências e significações, incorporando códigos, práticas e representações” (2009, s.p.). As representações, segundo Stuart Hall (2016), envolvem o compartilhamento de significados produzidos dentro de uma cultura através do uso da linguagem, igualmente compartilhada. Dessa forma, a construção de uma identidade social a partir destas relações vinculantes será determinada pelo modo como esses processos irão se desenvolver, o que se pode chamar de territorialização – ou a produção de um território. Da territorialização resulta uma qualidade de territorialidade, função direta deste compartilhamento de códigos, práticas e representações. Para Solinís, a territorialidade “é uma qualidade relacional dependente tanto do tipo de vínculos que a natureza dos corpos envolvidos possa chamar a estabelecer-se, quanto dessa mesma natureza” (2009, s.p.).

Outra questão importante é que existem diversas formas possíveis de a territorialização se desenvolver – inclusive em relação à escala –, bem como a territorialidade não é definitiva. Ambas “são funções dos vínculos que as configuram e concretizam no território” e “dependem da formação social e das relações sociais, legítimas ou não, que lhes dão forma” (Solinís, 2009, s.p.). Pode-se dizer, a partir disto, que a territorialização diz respeito à construção de um território, enquanto a territorialidade se ocupa de sua consolidação, a partir do grau de solidez de seus vínculos. E, quando se fala de construção de um território, isso não diz respeito apenas à sua composição física, mas também às suas marcas socioculturais: “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele o objeto da análise social” (Santos, 2014, p. 137).

A noção de território, muitas vezes, transpõe a de lugar. Para Anthony Giddens, “lugar é melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico

da atividade social como situado geograficamente” (1991, p. 28). Já Santos (2014) assume a ideia de lugar como sendo um espaço funcional para a sociedade, e não um mero espaço geográfico; é uma ideia que se aproxima à definição de Marc Augé para o lugar, ou o que o autor chama de lugares antropológicos: “esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos” (2012, p. 52). O conceito de lugar, para ele, ainda sugere a existência de relações sociais facilmente identificadas (Augé, 2014), ou seja, sempre há uma relação de pertencimento entre aqueles que o habitam e o seu território, as pessoas próximas e os outros, além de fronteiras materiais bastante visíveis (Augé, 2012). Solinís, por sua vez, acredita que a vinculação de território ao lugar se dá por conta de um enraizamento promovido pela noção de cultura e de identidade, “ligada a sentimentos de pertencimento e de apropriação, originados da relação lugar-sociedade” (2009, s.p.). Assume-se, portanto, território e lugar como sendo sinônimos, um espaço embebido culturalmente dentro do qual se desenvolvem relações sociais – território e lugar são, no âmbito desse estudo, entendidos como conceitos relacionais.

A noção de território, segundo Solinís (2009) sofre grandes mudanças a partir do momento em que surgem as aglomerações urbanas como estrutura territorial da sociedade moderna e urbanizada. Esse conjunto de aglomerações forma o que Santos (2014) chamou de rede urbana ou sistema de cidades, que já passa a absorver as ideias de produção de bens e serviços advindas do capitalismo.

Para esse autor, o surgimento dos aglomerados urbanos das cidades confere um novo panorama para a noção de território. Se no passado o território representava a unidade absoluta de um grupo, com suas características de cultura e identidade, e as relações entre diferentes territórios se limitava a um entorno físico ou geográfico, hoje os lugares assumem relações globais.

A cidade acaba sendo um tema recorrente dentro da produção fotográfica contemporânea, sendo importante refletir sobre os seus significados e suas representações. A compreensão da cidade, pensando em uma perspectiva interdisciplinar, pode envolver desde um território construído dentro de um espaço geográfico delimitado até uma estrutura de relações sociais que produz diferentes efeitos de sentido em seus habitantes. Para Kevin Lynch (2008), a cidade pode ser entendida como uma grande obra arquitetônica, construí-

da em uma escala bastante ampla, atravessada pelas percepções dos seus indivíduos. Ou seja, “não devemos nos limitar a considerar a cidade como coisa em si, mas sim a cidade enquanto percebida por seus habitantes” (Lynch, 2008, p. 12, tradução nossa¹).

A estrutura da cidade, em linhas gerais, tende a se manter estável ao longo do tempo. No entanto, segundo Lynch (2008), seus detalhes acabam seguidamente sendo alterados, conforme as mais diversas necessidades. Ser personagem de uma cidade, portanto, exige uma constante adaptação a estas mudanças, que garantam a identificação com este espaço e a manutenção dos vínculos.

As transformações pelas quais espaço e indivíduo passam ao longo do tempo fazem da cidade um organismo vivo embebido em memórias e recordações. Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013, p. 20), “a cidade é essencialmente passagem de tempos, sobreposição de espaços, descontinuidade de trajetórias e jogos de memória de seus habitantes”. Um verdadeiro tecido de tramas sociais, o cotidiano citadino acaba sendo moldado pelas práticas e ações de seus indivíduos. A cidade, enquanto território de desenvolvimento cultural, reflete as representações e a construção imaginária dos cidadãos que nela vivem. Ela acaba sendo um somatório dos muitos pontos de vista destes indivíduos (Silva, 2011).

De acordo com Rocha e Eckert (2013), o modo como se desenvolve a vida nas cidades depende dos vínculos estabelecidos por seus habitantes. A falta de adesão ao espaço e ao tempo vividos, ou a sua não identificação, pode estabelecer a imagem de uma cidade indiferente, agônica, violenta, hostil. Esses efeitos se devem a um novo formato de construção dos espaços e conformação dos territórios, onde se inserem as cidades, um efeito daquilo que se chama de globalização, que modificou também o modo como se desenvolvem as relações sociais na atualidade.

A globalização modificou tanto a percepção de tempo, que se acelerou, quanto a de espaço, que se comprimiu, à medida que as distâncias entre os diferentes espaços ao redor do mundo parecem ter se encurtado. O espaço global passa a ser um espaço de fluxos. Há uma sensação de que os indivíduos são impactados mesmo por eventos que ocorrem em lugares muito distantes. Compreender esses efeitos e as mudanças que trouxeram

¹ Do original: “no debemos limitarnos a considerar la ciudad como cosa en si sino la ciudad en cuanto percibida por sus habitantes”.

para a sociedade é um caminho necessário para o entendimento de como sujeito e espaço passaram a se relacionar.

Segundo Hall,

[...] a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado (2019, p. 39).

Essas complexas mudanças ocorridas em uma ordem global são normalmente associadas ao período que sucede a modernização – e que aqui chamar-se-á de pós-modernidade. No entanto, “geralmente se concorda que, desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações” (Hall, 2019, p. 39-40). Santos acredita que, já nessa época, o espaço vinha se tornando mais fluido e unificado, “todavia faltavam as condições de instantaneidade e de simultaneidade que somente hoje se verificam” (2014, p. 132). A sociedade informatizada, segundo o autor, passa a apresentar um tempo hierarquizado nos diversos territórios:

A simultaneidade entre os lugares não é mais apenas a do tempo físico, tempo do relógio, mas do tempo social, dos momentos da vida social. Mas o tempo que está em todos os lugares é o tempo do Estado e o tempo das multinacionais e das grandes empresas (Santos, 2014, p. 132).

Surgem, assim, as forças hegemônicas da pós-modernidade, aquelas que passam a manter o controle do espaço e do tempo social a partir de interesses políticos e econômicos. Servindo a esses interesses, difundiu-se a ideia da homogeneização do espaço e, da mesma forma, dos territórios, através da concepção de uma cultura unificada e uma identidade nacional. Os poderes dominantes, segundo Hall (2019), impuseram forçosamente a anulação das diferenças culturais, criando nações ilusoriamente homogêneas.

O controle por parte das forças hegemônicas permeia as fronteiras dos territórios, as bordas praticamente se diluem, dentro da ideia de que o espaço agora é um só. Os ritmos de trabalho e de deslocamento são acelerados, visando a maximização da produção de

bens e serviços e, em consequência, do lucro. Há uma facilitação da mobilidade e da circulação; o espaço, segundo Richard Sennett, “tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos por ele ou nos afastamos dele. [...] A condição física do corpo em deslocamento reforça essa sensação de desconexão com o espaço” (2016, p. 16-17). Como resultado, ao mesmo tempo em que surge certa sensação de liberdade, tem-se a alienação dos corpos em relação aos territórios, uma perda de referência espacial. Dessa forma, de acordo com Solinís (2009), as cidades acabam se tornando local de conflitos.

Servindo aos atores hegemônicos e imersos nas rotinas automatizantes do cotidiano, tendo seu espaço e seu tempo controlados por forças externas, os sujeitos da cidade acabam se desenraizando de seus territórios, enfraquecendo seus vínculos e cedendo à pressão da individualização. No cenário dos espaços urbanos, como consequência, “a praça, a avenida, a multidão, enquanto expressões públicas da cidade, foram substituídas pelas versões urbanas íntimas, [...] cedem lugar à habitação como espaço urbano da intimidade, espaço vedado, seguramente protegido” (Ferrara, 1999, p. 222).

Um indivíduo submetido às forças hegemônicas pós-modernas, que acaba perdendo o vínculo com seu território e que tem seu tempo e o seu espaço, controlados pelo domínio da produção, enxerga na rua um espaço de estranhamento e, por vezes, de hostilidade. Perde-se, aí, a noção de pertencimento. A livre circulação se sobrepõe aos estímulos sensoriais do corpo sobre o espaço, anula esses sentidos e geram o que Sennett chamou de “crise tátil” (2016, p. 262). O habitante da cidade passa a ser o habitante da casa, e a cidade é aquele território já desvinculado e marcado pela velocidade dos deslocamentos, cheia de espaços neutros que perderam as suas relações sociais.

FOTOGRAFIA, TEMPO E PERTENCIMENTO

Os efeitos da globalização sobre as relações entre indivíduos e seus territórios são causa direta das modificações que a modernidade tecnológica exerceu sobre a ideia de tempo. Sendo o controle do tempo a base para o controle do espaço, um esvaziamento do tempo é a condição primeira para o esvaziamento do espaço.

A mesma evolução tecnológica que acelerou os deslocamentos no espaço e modificou a percepção de tempo, também atribuiu à fotografia a noção de instantâneo. Para

propor essa convergência entre o tempo social e o tempo fotográfico, é interessante que se faça um breve resgate da história da fotografia.

O início da história da fotografia é comumente associado à invenção do daguerreótipo, em 1839. Embora este seja um marco importante, o historiador Boris Kossoy sugere que a questão é bem mais ampla:

A história da fotografia é centrada no estudo sistemático da fotografia em seu passado histórico: às causas que levaram ao seu advento em diferentes espaços numa mesma época, seu aperfeiçoamento técnico, sua adoção enquanto meio de informação e expressão, sua popularização e penetração nos diferentes setores da sociedade, sua expansão comercial e industrial, seu consumo e prática pelas diferentes classes sociais, sua evolução estética, tecnológica, sua abrangência e temática, seus autores consagrados e anônimos. Além destes e outros temas, é de decisiva importância a reflexão acerca dos usos e aplicações das imagens ao longo de sua história. Este é o objeto da história da fotografia (2007, p. 34).

O passado histórico da fotografia, nesse contexto, remete a duas descobertas preliminares, conforme citado por Philippe Dubois (2012, p. 129): “a primeira, puramente ótica (dispositivo de captação de imagem); a outra, essencialmente química, é a descoberta da sensibilização à luz de certas substâncias à base de sais de prata (dispositivo de inscrição automática)”.

As questões envolvendo a ótica da fotografia remetem ao dispositivo da câmera obscura, utilizado principalmente durante o período Renascentista, entre os séculos XV e XVI, muito antes de a fotografia de fato ser inventada. Esse tipo de aparelho servia para captar as imagens, projetá-las sobre uma tela ou papel, para que então o artista pudesse pintá-las ou desenhá-las com maior realismo e obedecendo as leis da perspectiva que os guiavam (Dubois, 2012). Os raios de luz que iluminavam a cena ou o objeto a ser reproduzido atravessavam um pequeno orifício situado em um dos lados da câmera. Em muitos casos, o dispositivo era construído em um tamanho que possibilitava inclusive a entrada do artista em seu interior.

No entanto, segundo Kossoy (2007, p. 49), “até que ocorressem as primeiras experiências que levariam à descoberta dos elos químicos necessários para a captura definitiva das imagens externas dos objetos que aí se formavam ainda se passariam vários séculos”. Essas experiências envolvendo a dimensão química começam a se desenvolver principal-

mente no final do século XVIII, buscando obter superfícies que fossem sensíveis à luz e capazes de fixar as imagens. As experiências de Niépce e de Daguerre no século seguinte, com utilização dos sais de prata permitem, finalmente, lançar as bases para o advento da fotografia (Fabris, 1991).

Essas pesquisas, segundo Annateresa Fabris (1991), são frutos de uma crescente demanda social por imagens no período que sucede a Revolução Industrial. É justamente nessa época que a imagem impressa se consolida, consequência dos ritmos de produção que estão sendo impostos. Kossoy acrescenta que, na esteira destes acontecimentos,

verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge, naquele processo de transformação econômica, social e cultural, uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística (2014, p. 29).

O daguerreótipo surge, portanto, no ano de 1839, para confrontar modos de produção tradicionais da época. Embora seus custos ainda fossem elevados, o dispositivo já consegue concorrer com os retratos feitos à mão. Mesmo assim, não atinge todas as camadas da sociedade.

As evoluções técnicas e o aperfeiçoamento tecnológico que envolvem a fotografia, a partir do momento da sua invenção, passam a caminhar no sentido de redução de custos de produção da imagem, visando ampliar a sua democratização, bem como na redução dos tempos de exposição – um retrato na época do daguerreótipo poderia levar vários segundos para ser produzido, enquanto que uma paisagem era ainda mais demorada, na ordem de minutos –, de forma a tornar o processo mais prático e ampliar suas possibilidades de usos e aplicações na sociedade da época (Dubois, 2012; Fabris, 1991).

A democratização da imagem fotográfica começa a se consolidar, segundo Fabris (1991), com o surgimento do cartão de visitas fotográfico, pequenos retratos propostos por Disdéri na década de 1850 do século XIX, colocando a fotografia ao alcance das classes menos favorecidas e suprimindo a sua ausência de retratos.

A passagem do século XIX para o XX inaugura “a era da imagem multiplicada para o consumo da massa. Consolida-se, a partir daquele momento, o que se convencionou chamar de ‘civilização da imagem’” (Kossoy, 2016, p. 61). A civilização da imagem tem início ainda no século XIX, com a invenção da fotografia, mas acaba por se consolidar com todo o desenvolvimento tecnológico que o seu consumo passou a demandar de forma crescente.

Uma vez encaminhada a questão da democratização da fotografia, o foco passa a ser a redução dos seus tempos de produção. Arlindo Machado (1984, p. 52) aponta que, “a tecnologia deu passos largos e rápidos e logo se fabricavam películas tão sensíveis que a velocidade de obturação pôde evoluir para níveis mais elevados. O desenvolvimento tecnológico mudou a dinâmica da fotografia”.

É neste momento que surgem as primeiras câmeras fotográficas portáteis, levando a prática fotográfica para além dos fotógrafos profissionais e atingindo a população em geral. Com isso, ocorre a massificação da produção de imagens e o surgimento do instantâneo fotográfico.

Segundo Machado,

A técnica fotográfica, desde o começo do século, tem feito progressos no sentido de reduzir o tempo de exposição a alguns milésimos de segundo, mas ainda assim é preciso considerar que a tecnologia se trai a si mesma: quanto mais aumenta a velocidade de obturação, mas proliferam também os referentes velozes (os veículos e projetos novos referentes fotográficos, atingem a velocidade supersônica), de modo que a corrida parece não ter fim, pelo menos até o limite da velocidade da luz (1984, p. 47).

A fotografia ainda experimenta um marco importante, no final do século XX, que foi a passagem para o meio de produção digital. Os papéis fotossensíveis e os filmes fotográficos dão lugar a sensores eletrônicos, cada vez mais evoluídos, capazes de reter imagens de altíssima qualidade, ao alcance de qualquer pessoa e com tempos de produção essencialmente reduzidos. Se antes a fotografia passava por diversas etapas até se materializar como objeto do mundo real, como a produção da imagem e sua posterior revelação e fixação em laboratório, o mundo digital permite que apenas um clique acumule bites de informação que se valem da materialização de uma fotografia. Nesse contexto, o tempo



fotográfico atinge as velocidades que o tempo social já experimenta, e a prática fotográfica já caminha para uma experiência acelerada e sem vínculos.

A FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL E A MUDANÇA DE PARADIGMAS

A fotografia experimental sempre existiu, de modo paralelo ao avanço tecnológico e à ascensão da fotografia digital. O que ocorre, nos dias de hoje, é justamente a sua utilização na problematização e questionamentos no que diz respeito à produção e circulação de imagens. A arte e suas obras, nesse contexto, sempre serviram ao seu período.

O domínio da técnica fotográfica, por sua vez, permite construir uma estética própria. Conhecer a técnica pressupõe o entendimento daquilo que Flusser (2011) chama de aparelho fotográfico. O aparelho fotográfico, para o autor, é um dispositivo dentro do qual está inscrito um programa, contemplando todas as possibilidades de se fazer uma fotografia. Essa gama de possibilidades é enorme, porém é limitada, e acaba por se tornar o desafio do fotógrafo, enquanto funcionário que opera esse aparelho. Conforme as fotografias vão sendo produzidas, as possibilidades diminuem, e aumentam as realizações. O fotógrafo, diz Flusser, “não trabalha com o aparelho, mas brinca com ele” (2011, p. 42).

Flusser defende a ideia de que o fotógrafo deve agir no sentido de esgotar as possibilidades do aparelho fotográfico, fazendo sobressair a sua intenção sobre o seu programa. Dessa maneira, “o fotógrafo exerce poder sobre quem vê suas fotografias, programando os receptores” (Flusser, 2011, p. 47). Por outro lado, o fotógrafo que se isenta de buscar conhecer o programa do aparelho fotográfico é por ele dominado porque, mesmo conhecendo aquilo que o alimenta – a cena ou objeto fotografado – e sabendo que a fotografia será o resultado na sua saída, ele desconhece o que acontece no interior desse programa.

Sobre a produção massiva de imagens, Vilém Flusser (2011, p. 78) diz o seguinte: “o aparelho é brinquedo sedento por fazer sempre mais fotografias. Exige do seu possuidor (quem por ele está possesso) que aperte constantemente o gatilho. [...] Fotografar pode virar mania”. A mania de fotografar, segundo ele, resulta em uma abundância de fotografias, num sentido de banalidade, principalmente se o fotógrafo apenas executa a prática fotográfica através de um gesto automático.

Buscando desautomatizar a produção fotográfica é sugerida a reflexão acerca da retomada dos processos fotográficos históricos e experimentais como possibilidades de subverter o programa do aparelho fotográfico (aqui, por aparelho fotográfico, considero a técnica fotográfica em si). Dessa forma, tornar-se-ia possível experimentar novas sensações de tempo, por que não dizer uma ritualização do tempo fotográfico como estratégia para retomada do controle do tempo social.

Segundo DaMatta,

Tanto o tempo (ou a temporalidade) quanto o espaço são invenções sociais. Não existe uma medida orgânica, natural ou fisiológica de uma categoria de pensamento e ação tão complexa quanto o espaço, do mesmo modo que não há um órgão do corpo para medir o tempo (1997, p. 30).

Ou seja, as construções dessas noções de tempo e espaço são criadas, impostas ou naturalmente, dentro da cultura da própria sociedade. Pensando nisso, o autor sugere a diferenciação entre a percepção de tempo ordinário, marcado pelo trabalho, pela família e pelo cotidiano, e do tempo ritualizado, das festas, das solenidades e das comemorações. Nos rituais, “o tempo medido e quantificado é substituído por uma duração vivida e concebida como emocional” (Damatta, 1997, p. 35). Ritualizar o tempo, dessa forma, permite deslocar os territórios para um espaço de significação, pode ser uma estratégia para a retomada do controle do tempo. É possível analisar, portanto, de que forma a fotografia pode agir como fenômeno de ritualização para essa retomada do tempo e do espaço individuais. A consequência esperada é despertar noções de pertencimento em relação aos territórios fotografados.

De acordo com o artista Arthur Omar (2014), novos métodos de criar imagens sugerem novas percepções, uma forma de ampliar os sentidos envolvidos que vão além do ato de ver, ou melhor, que antecedam o próprio ato de ver. A fotografia, para ele, deve envolver um processo de permanente descoberta.

Em um diálogo entre Luiz Eduardo Achutti e Marcia Tiburi (2012), surgem questões interessantes a respeito da fotografia dita analógica, aquele que precede a era digital (e que antes da fotografia digital, era apenas fotografia), abordada por eles como um momento ritualístico que experimentava um tempo distendido. Achutti destaca a ideia de que

as técnicas fotográficas originais, no sentido histórico do termo, despertam certa curiosidade em função de uma aleatoriedade que as permeia. E acrescenta que essas mesmas técnicas só podem ser valorizadas por aqueles que dominam a técnica fotográfica como um todo, uma abordagem semelhante à que trouxe através de Flusser (2011).

Uma fotografia do acaso, para Omar (2014), não deve ser entendida como aquela produzida sem qualquer cuidado, como um corpo errante vagando por caminhos aleatórios. Ela deve ser pensada, projetada, para que mesmo sujeita ao acaso ela pressuponha uma intencionalidade.

Pensando na fotografia experimental como vertente da arte contemporânea, Michel Poivert traz o seguinte:

Desde o início dos anos 1980 - e talvez hoje de uma maneira reativada pelas potencialidades dos novos dispositivos digitais - os artistas trabalharam por uma abertura do dispositivo fotográfico, através de mil desregulações, a fim de obter resultados frequentemente inéditos. Trabalhos sobre a própria matéria da imagem, metamorfoses dos espaços, renovação das práticas de montagem atingindo os limites do heteróclito. Essa fotografia, que qualifico voluntariamente pelo termo genérico "experimental", marcou por um tempo o caráter inovador da fotografia contemporânea. [...] A serviço de uma poética, por vezes crítica, por vezes onírica, a fotografia experimental desafia o uso da imagem, sonha com uma relação com o real construída sobre a subjetividade, arruína toda uma tradição de uma imagem definida pela sua continuidade descritiva. [...] Uma repetição, então, essa fotografia experimental, repetição de nossas obsessões em desafiar o visível até o ponto, por vezes, de transformar a técnica em fetiche. Mas nada de pejorativo em meu espírito: se a fotografia experimental instala a potência da tradição vanguardista na fotografia contemporânea, é provavelmente por que numerosos são os artistas que também trabalham a fotografia em outro sentido, transformando-a no coveiro da ideologia das rupturas históricas (2015, p. 139-140).

O uso do dispositivo da câmera obscura, inserido neste contexto, tem se tornado expressivo na fotografia brasileira contemporânea. Conforme apontam Victa de Carvalho e Antonio Fatorelli (2014), o resgate dos dispositivos de fotografia arcaica, no qual se inclui a fotografia *pinhole*, se apresenta na atualidade como um questionamento a problematizar a cultura digital, cuja evolução tecnológica modificou e compactou a noção de tempo entre a produção e a circulação de imagens e praticamente eliminou os seus suportes físicos, já que hoje em dia a maioria das fotografias fica retida nas memórias dos celulares e das câmeras digitais, muito mais do que na memória do sujeito fotógrafo.

A FOTOGRAFIA *PINHOLE* E A ARTE CONTEMPORÂNEA

A câmera de orifício ou *pinhole*, segundo a definição de Christopher James (2016, p. 25, tradução nossa²), é “basicamente um recipiente que pode ser feito totalmente à prova de luz para exposições, mas que também deve ser acessado facilmente para carregar o papel ou o filme, em um ambiente com luz de segurança”. Na lateral deste recipiente, que pode ser por exemplo uma caixa ou uma lata, é feito um pequeno furo com uma agulha ou um alfinete; este pequeno orifício deverá ficar coberto com uma fita até o movimento da exposição da câmera para obtenção da fotografia. Dentro da câmera, é colocado algum anteparo fotossensível, que poderá ser um filme ou papel fotográfico, por exemplo, onde será registrada a imagem.

A escolha por abordar a fotografia *pinhole* nesse estudo deu-se pelo fato de que ela reúne as duas técnicas que deram origem à invenção da fotografia: a projeção da luz dentro de uma câmera escura, através de um pequeno orifício, e a sensibilização de uma superfície fotossensível. Dependendo do formato do recipiente, as imagens produzidas podem apresentar características específicas, como distorções e imagens pouco nítidas. “São, portanto, leis físicas (as próprias para a projeção de raios luminosos numa superfície fotossensível) que determinam a relação entre os objetos de partida e seus efeitos no suporte fotográfico” (Dubois, 2012, p. 67). Quando utilizada uma lata de refrigerante como câmera, por exemplo, a superfície fotossensível colocada em seu interior irá acompanhar sua parede arredondada. A imagem produzida, da mesma forma, produzirá distorções arredondadas nas formas fotografadas.

As fotografias produzidas através desta técnica necessitam ainda passar pelo processo de revelação e fixação de imagem em um ambiente propício, da mesma maneira que ocorria com a técnica fotográfica original. Dessa forma, através da *pinhole* é possível experimentar um novo tempo fotográfico, como forma de problematizar os efeitos da globalização sobre o espaço, sobre o tempo, sobre os corpos e sobre a fotografia.

A artista visual e fotógrafa brasileira Paula Trope é uma das representantes do movimento contemporâneo de retomada dos processos fotográficos históricos como forma de

² Do original: “*basically a container that can be made totally light tight for exposures but that can also be accessed easily for loading paper or film in a safelight environment*”.

problematizar questões do espaço e do tempo. A influência da sua formação em cinema é bastante clara nos seus projetos em fotografia, onde questões sobre o tempo são trazidas através de narrativas fotográficas e também pela utilização da técnica da câmera de orifício. Além disso, Trope trabalha também a relação entre os corpos e os espaços que estes ocupam.

Na década de 1990, Trope realizou uma série fotográfica utilizando a técnica da *pinhole*, com câmeras feitas de latas e como suporte fotossensível o papel fotográfico colorido. A artista convidava meninos moradores de rua na cidade do Rio de Janeiro para serem fotografados; ao aceitarem, eles também eram desafiados a produzirem eles mesmos uma fotografia com as “câmeras-furinho”, registrando algo nas ruas que tivesse importância para eles (Figura 1). De acordo com as curadoras independentes em fotografia Ângela Magalhães e Nadja Peregrino, “seu objetivo foi trazer à tona uma identidade diferente daquela dos personagens que vagueiam pela cidade, sem conseguir encontrar o seu lugar no mundo” (2014, p. 22). Em uma espécie de jogo, que propõe uma troca fotográfica, ela humaniza e dá visibilidade a esses sujeitos.

Figura 1 – Paula Trope, tríptico da série “Os meninos”, 1994.



Fonte: Acervo livre do site do MAM.³

³ Disponível em: <https://mam.org.br/acervo/1995-003-000-trope-paula/>. Acesso em: 03 out. 2022.

Nesta série, a estética da fotografia *pinhole*, com suas imagens borradas e com pouca nitidez, remete a uma opacidade que cobre a realidade das comunidades periféricas, como algo que se deseja esconder. A pesquisadora em arte contemporânea Luciana Guimarães Dantas, ao analisar o trabalho de Paula Trope, coloca que o uso de câmeras de orifício na sua produção imagética propõe um questionamento sobre o ato de ver: misturando processos técnicos com questões de outras esferas, como a política ou a estética visual, por exemplo, são produzidos dispositivos que provocam a percepção e suscitam variações na experiência sensível do sujeito fotógrafo (Dantas, 2014).

Dessa forma, além da sensação de um tempo desacelerado, o trabalho da artista problematiza as experiências corporais e visuais na produção imagética, através da percepção do próprio sujeito sobre a imagem da cidade.

Outra fotógrafa brasileira que vem trabalhando as questões da fotografia como uma ferramenta para desenvolver um olhar e um pensamento críticos sobre o espaço urbano é Tatiana Altberg, coordenando o coletivo fotográfico Mão na Lata, formado por um grupo de crianças e adolescente da comunidade da Maré, no município do Rio de Janeiro (Altberg, 2006).

Altberg definiu o Mão na Lata como “um espaço de trocas de experiência, convivência e compartilhamento de mundos”. Para ela, a imagem fotográfica torna possível a autorreflexão e a formação de um discurso capaz de “potencializar ou reconfigurar o modo como a pessoa se reconhece como sujeito e a sua maneira de observar e de se relacionar não só com a sua própria vida, mas com o mundo” (2014, p. 157).

O projeto, envolvendo um cruzamento entre fotografia e educação, tem como objetivo manter um espaço onde os jovens possam trocar experiências sobre o seu cotidiano, além de desenvolverem um olhar crítico e até mesmo poético em relação ao seu território, tendo como base a influência cultural e artística (Altberg, 2014).

A escolha da fotografia *pinhole* como ferramenta de produção imagética pelos alunos, utilizando câmeras de construção simples a partir de latas, se justifica em função de sua forma de trabalho bastante lúdica – os alunos constroem a própria câmera –, além do fato de que permite que questões técnicas, como a dificuldade em manusear equipamentos fotográficos modernos, sejam facilmente resolvidas. Altberg destaca ainda a possibilidade



de as câmeras serem construída com materiais recicláveis e de baixo custo, o que seria adequado em se tratando de uma comunidade carente (Altberg, 2013). Para ela,

A construção manual do dispositivo fotográfico é um ato subversivo [...]. Nos tempos em que vivemos, com aparelhos digitais estruturalmente cada vez mais complexos, porém, com funcionamento cada vez mais simples e facilmente reduzidos a um click, fazer a sua própria câmera é como burlar a “automaticidade do aparelho” (2014, p. 159-160).

A fotógrafa e coordenadora do projeto acrescenta ainda que, desde a construção da câmera até a produção das imagens, “o tempo vai sendo tecido lentamente, e esquecemos um pouco da correria do cotidiano” (Altberg, 2014, p. 160). O surgimento cada vez mais intenso de novas tecnologias de imagem, de comunicação e de deslocamento acabam mudando a nossa sensação do tempo, como se as horas do dia fossem aceleradas e não tivéssemos mais tempo suficiente para tudo o que se tem a fazer. Dessa forma, a fotografia *pinhole*, com seu formato artesanal e seu tempo expandido, cria um contraponto a essa questão da velocidade do cotidiano. O modo como ela é produzida exige do sujeito fotógrafo paciência. Os longos tempos de exposição e o controle da quantidade de luz que vai penetrar a lata pelo furo da agulha, bem como as características da imagem formada, permitem que se crie um novo tipo de relação com o espaço fotografado (Figura 2). A possibilidade de ver e de sentir esse espaço permite ao indivíduo situar-se e criar vínculos com o território explorado. Essa noção de pertencimento contribui, ainda, para uma reflexão sobre nossas relações com a cidade, o modo de habitar e de olhar a paisagem urbana.

ÉREA
ORTAÇÃO
AMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINAS:

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO I
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no do
to preveja

(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

Figura 2 – Rafael Oliveira, “Praça Nova Holanda” [entre 2011 e 2013].



Fonte: Altberg, 2013, p. 92.

Diante dessas experiências com câmeras artesanais, fica clara a sua ligação com a velocidade dos deslocamentos a que estamos submetidos diariamente na sociedade atual, como forma de criar um contraponto que suscite reflexões acerca das relações entre sujeito e espaço e das formas de olhar sobre a cidade.

CONCLUSÃO

No contexto da globalização e da sociedade pós-moderna, tanto a aceleração do tempo e dos deslocamentos quanto a evolução tecnológica do dispositivo fotográfico e da noção de instantâneo digital modificaram profundamente a experiência sensorial e corporal do indivíduo fotógrafo, principalmente no que diz respeito à maneira de olhar para o espaço das cidades. Fotografar hoje em dia é uma prática aparentemente tão fácil e tão banal que, muitas vezes, a cena fotografada é praticamente efêmera – esquecemos dela tão rápido quanto ela nos despertou interesse. Nesse sentido, pensar as novas potencialidades fotográficas e reconfigurar os modos de ver e produzir imagens tem sido assuntos urgentes no âmbito da arte contemporânea.

Todo o processo envolvido na fotografia *pinhole*, desde a captura da fotografia com as câmeras artesanais até a produção da imagem final, exige tempo e envolvimento. Um tempo desacelerado e que desperta a sensibilidade, que permite que se criem relações

com o espaço fotografado, uma verdadeira experiência de ritualização do tempo. A prática de um tempo dilatado através da fotografia permite olhar para a cidade de modo mais sensível, e perceber nela detalhes que a rotina apagaria.

A imagem fotográfica, ela mesma, tem percorrido um caminho crítico em relação aos modos de sua produção e de sua recepção pelo espectador. Tanto as relações sociais pós-modernas quanto a fotografia sofreram os impactos da globalização, e ambas tentam percorrer este caminho de retorno para o sensível. Refletir a prática fotográfica contemporânea, imersa em uma ideia de velocidade que provoca a alienação dos corpos e das suas relações com os territórios, torna claro que essa mesma prática fotográfica é uma busca constante pela retomada de processos experimentais e de tempos de produção mais lentos que, dessa forma, permitem uma reconexão entre os indivíduos e os seus territórios. A retomada do controle do tempo social, através da fotografia, permite a retomada do controle do próprio espaço, um movimento de retorno que permite recriar vínculos outrora perdidos com as ruas das cidades.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E.; TIBURI, M. **Diálogo/fotografia**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

ALTBURG, T. (Coord. e Ed.). **Mão na Lata e Berro D'água**: um ensaio fotográfico sobre a obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ALTBURG, T. (Org.). **Cada dia meu pensamento é diferente**. Rio de Janeiro: Nau, 2013. 204 p. il.

ALTBURG, T. **Mão na Lata: Imagens e Narrativas**. In: COSTA, A. A. (Org.). **Possibilidades da Câmera Obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo, 2014. 261 p. il. p. 154-171.

AUGÉ, M. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. 111 p.

AUGÉ, M. **O antropólogo e o mundo global**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 151 p.

CARVALHO, V. de; FATORELLI, A. A câmera escura na fotografia brasileira contemporânea. In: COSTA, Ana Angélica (Org.). **Possibilidades da Câmera Obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo, 2014. 261 p. il. p. 46-53.

DAMATTA, R. **A casa & a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, L. G. Ver e brincar, mirar e se admirar. In: COSTA, A. A. (Org.). **Possibilidades da Câmera Obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo, 2014. 261 p. il. p. 54-71.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Tradução Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma).

FABRIS, A. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, A. (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. (Coleção texto & arte, v. 3).

FERRARA, L. D. **Olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Comunicações).

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991. Tradução Raul Fiker. (Biblioteca básica).

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 64 p.

JAMES, Christopher. **The Book of Alternative Photographic Processes**. 3. ed. Boston, USA: Cengage Learning, 2016.

KOSSOY, B. **Os Tempos da Fotografia: o Efêmero e o Perpétuo**. 2. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LYNCH, K. **La imagen de la ciudad**. Versión castellana de Enrique Luis Revol. 1. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

MACHADO, A. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES, A.; PEREGRINO, N. Ofício de Viver. In: COSTA, A. A. (Org.). **Possibilidades da Câmera Obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo, 2014. 261 p. il. p. 10-29.

OMAR, A. **Antes de Ver**: Fotografia, Antropologia e As Portas da Percepção. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

POIVERT, M. A fotografia contemporânea tem uma história? **Palíndromo**, n. 13, jan/jul 2015, p. 134-143. Tradução Andrea Eichenberg.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. (Org.). **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 294 p., il.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 176 p. (Coleção Milton Santos, 7).

SENNETT, R. **Carne e Pedra**. Tradução Marcos Aarão Reis. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. 417 p.

SOLINÍIS, G. O que é o território ante o espaço?. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, C. R. S. (orgs). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea**: o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, 2009. Livro digital.

TROPE, P. **Tríptico da Série Os meninos**. 1 fotografia, 1994. Disponível em: <https://mam.org.br/acervo/1995-003-000-trope-paula/>. Acesso em: 03 out. 2022.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

stina B (Página 7)

ABBO ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató...
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

973

mediu...
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D'sportos, na página 9)



MEMÓRIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NA BATINGA SUL (BROCHIER, RS, BRASIL)

Thais Gaia Schüler
Magna Lima Magalhães
Roswithia Weber



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês em cada mês do que a sua conta

INTRODUÇÃO¹

A Batinga Sul constitui um pequeno território rural situado no interior do município sul-rio-grandense de Brochier, no sul do Brasil. Habitado por cerca de 270 pessoas, tem por base econômica principal a agricultura, desde os primórdios da colonização teuto-brasileira deste território, ocorrida por volta de 1870, e a agroindústria.

A localidade tem forte apelo identitário teuto-brasileiro, baseado em um processo de estabelecimento de famílias provenientes de colônias da região do Vale do Rio dos Sinos. A utilização do termo colônia, no recorte empírico deste estudo, adota as ideias de Giralda Seyferth (1990), designando uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo ou por particulares, com caracterização econômica associada à ruralidade. A afirmação da identidade teuto-brasileira, seja através do uso recorrente do dialeto Hunsrückisch² ou das festas populares, constitui um traço cultural manifesto também na forma de relação com o território local, conforme abordado em publicações anteriores (Schüler, Magalhães, 2021). Na década de 1980, entretanto, é descoberto e estudado nesse território o sítio arqueológico RS-TQ-58, cujos vestígios materiais indicaram ser este um dos sítios de presença humana mais antigos do estado do Rio Grande do Sul. O local é, atualmente, turisticamente aproveitado, suscitando novas práticas identitárias na Batinga Sul.

Este artigo, oriundo das pesquisas desenvolvidas no mestrado acadêmico e integrando parte de dissertação originada, tem o intuito de discutir a possível relação estabelecida entre as atividades turísticas locais e a memória da comunidade acerca do território da Batinga Sul. Para tanto, a seção que segue propõe a articulação teórica dos conceitos de turismo arqueológico e memória, norteadores da investigação, para além de estabelecer os procedimentos metodológicos utilizados. A seguir, em “Paisagem e o território da Batinga Sul”, são apresentadas as principais características históricas e paisagísticas da

¹ O texto está vinculado ao trabalho de mestrado intitulado *As coisas, as pessoas e o lugar: um estudo das memórias da comunidade de Batinga Sul a partir de vestígios arqueológicos*, defendido no PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale em 2019, sob orientação da prof. Dra. Magna L. Magalhães e coorientação da prof. Dra. Roswithia Weber.

² Jussara Maria Habel (2017) afirma que um dialeto deve ser considerado uma língua, já que possui fonemas, léxico, sintaxe e gramática. Para a autora, a diferença entre uma variação linguística (dialeto) e uma língua estaria relacionada a estruturas de poder que dão a esta ou àquela o status de língua oficial. Propondo a utilização do termo “língua de imigração” para referir-se ao Hunsrückisch (ou Hunsbucklisch), Habel (2017) explica ser esta uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central.

localidade, retomando-se também as culturas pré-coloniais reveladas com o estudo do sítio RS-TQ-58. "Turismo na Batinga Sul" é um subcapítulo que analisa o turismo localmente desenvolvido, articulando-o com a realidade do contexto do turismo arqueológico do estado do Rio Grande do Sul. Por fim, antes das considerações finais, "Memória e turismo na Batinga Sul: a construção de um entre-lugar" propõe relacionar a memória da comunidade local a partir do turismo arqueológico à ideia de entre-lugar, conceito central dos estudos de Homi Bhabha (1998).

BASE TEÓRICA E METODOLÓGICA

A base teórica adotada nesta pesquisa, assim como a determinação dos procedimentos metodológicos, toma por conceitos transversais as noções de memória e de turismo arqueológico.

A memória abrange um conjunto de fenômenos que não são homogêneos e cujos acontecimentos tendem a escapar de uma linearidade temporal, segundo Stella Bresciani (2001), com função de dar sentido ao passado e à descontinuidade. Para Pierre Nora (1993), a noção de memória é variável, desacelerada, múltipla, individual e, ao mesmo tempo, coletiva, subjetivada e enraizada no concreto, enquanto a história é de todos e de ninguém, já que se trata de uma construção relativa. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (1990), a memória é uma construção coletiva do passado, realizada nas condições sociais que o grupo vivencia no presente, as quais remetem à ideia de lembrança do passado, como se passado e presente fossem construídos de forma simultânea, tendo a memória a função de explicar e justificar os fatos que ocorrem no tempo presente. Constitutiva do coletivo, a seletividade e a negociação das diversas memórias individuais trazem, segundo Michel Pollak (1989), a necessidade de análise dos atores sociais e processos relacionados aos vestígios memoriais, frequentemente expressos em situações de disputa.

Halbwachs (1990) destaca, ainda, que a memória não se estabelece somente como o resultado da rememoração de eventos reais das lembranças individuais; as memórias são tecidas a partir das diversas formas de interação que os indivíduos de uma sociedade mantêm uns com os outros. Assim sendo, elas têm uma função importante de reforço à coesão social, de continuidade e de estabelecimento de comunidades afetivas, resultantes

de um processo de constante negociação com as memórias individuais. Esse processo apresenta forte ligação com dois marcos sociais: os marcos temporais, ligados a fatos ou acontecimentos considerados significativos para a comunidade, e os marcos espaciais, relacionados a lugares específicos.

Na concepção de Pollak (1989), a memória de um grupo relaciona-se a três elementos fundamentais: acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Essa teoria enfatiza que o acontecimento pode ou não ter sido vivenciado pelas pessoas, mas que, ainda assim, elas podem contribuir para a preservação de determinada memória vinculada a um espaço de lembrança. A memória coletiva seria, assim, a responsável pela expressão de certos valores culturais comuns a um grupo, pois, ao se constituir de uma seleção de feitos e marcos, ela expressa os critérios que tal grupo utiliza para fazer essa seleção (Halbwachs, 1990). Se tomarmos a questão por esse ponto, perceberemos que a existência de uma memória individual é utópica, sendo toda a memória uma construção coletiva e cultural.

Analisando as práticas sociais e sua influência na determinação das funções e da eficácia da memória, emerge a importância atribuída pela sociedade aos lugares de memória como condensadores tópicos para compensar a perda da memória como algo coletivo e espontâneo, seguindo a teoria de Nora (1993), que considera os lugares de memória como restos nostálgicos de rituais de uma sociedade sem rituais.

Referente ao turismo arqueológico, David Ortega Lopez e Yolanda Collado Moreno (2018) compreendem que este não se configura como uma prática nova, sendo o passado uma curiosidade humana que se relaciona, como fenômeno coletivo, ao *Grand Tour* do século XVIII e que terá em locais da antiguidade clássica (Grécia e Itália) e Oriental (Egito), importantes pontos referenciais. É verificável, segundo os autores, a ocorrência de um interesse contemporâneo pelo turismo arqueológico relacionado ao Turismo de Interesse Especial que emerge nos anos 80 como uma alternativa ao turismo massificado do segmento Turismo de Sol e Praia. No Turismo de Interesse Especial, o turista demanda serviços relacionados à identidade cultural do destino, valorizando o desenvolvimento sustentável local e a ideia de maior exclusividade nos serviços.

Lopez e Moreno (2018) entendem o interesse pelo patrimônio arqueológico como elemento central na delimitação conceitual do Turismo Arqueológico, que pode se manifestar tanto no deslocamento a sítios quanto a museus que detenham os acervos dessa

natureza. Consideram, ainda, a ocorrência de deslocamentos motivados pela aquisição de artefatos arqueológicos, mas também a ocorrência de visitação a locais de interesse arqueológico relacionado ao aprofundamento do conhecimento acerca de determinada destinação (Lopez; Moreno, 2018).

No Brasil, estudos sobre turismo arqueológico têm sido desenvolvidos pelos principais centros de arqueologia do País como importante estratégia de extroversão desse patrimônio. A delimita o conceitual de Turismo Arqueológico adotada no Brasil refere-se ao deslocamento de visitantes a sítios arqueológicos onde são encontrados vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pr -históricas e/ou históricas, passíveis de visita o terrestre ou aquática (Manzato, 2007).

Nesse sentido, o Ministério do Turismo do Brasil (Mintur) considera o Turismo Arqueológico como um subsegmento abrangido pelo Turismo Cultural. No entanto, estudos de casos relacionados ao aproveitamento de áreas de interesse arqueológico pré-colonial que vem sendo desenvolvido no País, a exemplo da Batinga Sul, tem o aproximado do Ecoturismo (Souza, 2012), cuja delimita o conceitual é o desenvolvimento de atividades turísticas relacionadas à vivência do ambiente natural. Alguns *cases* apresentam, ainda, características relacionadas ao Turismo de Base Comunitária (TBC), modalidade turística que recebe considerável atenção no cenário nacional por atribuir à comunidade local o poder decisório acerca dos rumos das atividades de turismo.

Cabe salientar o caráter qualitativo da abordagem, enfatizando sua natureza aplicada. Dessa maneira, em termos de metodologia, a pesquisa caracteriza-se como descritiva quanto aos objetivos, concentrando-se nas "características de uma determinada popula o ou fenômeno" (Prodanov; Freitas, 2013). Privilegiou o estudo de caso com coleta de dados em campo em termos técnicos-procedimentais, para além da pesquisa bibliográfica e documental.

PAISAGEM E O TERRITÓRIO DA BATINGA SUL

A Batinga Sul insere-se na região de divisa entre os Vales do Rio Caí e do Rio Taquari, no Rio Grande do Sul. Pertencente ao município de Brochier, está muito próxima   região de Serra Velha, em Montenegro, e   região do Morro dos Cavalos, em Paverama.

O relevo local é marcado pela ocorrência de morros e colinas e a região é banhada pelo Arroio Santa Cruz e, dependendo da quantidade de chuvas, as áreas de altitude mais baixa são alagadas. O clima subtropical é bastante úmido, ficando a umidade relativa do ar entre 75 e 85%. Os verões locais são quentes e o inverno, embora seja considerado brando nos estudos climáticos (Bissa; Dias; Catharino, 2009), castiga com geada, umidade e neblina – a localidade está na área de abrangência das Florestas Deciduais Estacionais, que tem por principal característica a demarcação de duas estações climáticas bem definidas: uma muito chuvosa e outra bastante seca.

A paisagem, originalmente composta pela floresta decidual, hoje chama a atenção pela ocorrência de vastas plantações de acácia e eucalipto para a produção de carvão vegetal. A comunidade utiliza os diferentes ciclos agrícolas que marcaram o desenvolvimento econômico do território em questão desde o início da colonização teuto-brasileira como marcadores temporais da memória coletiva, mas, no momento, a silvicultura representa a atividade econômica mais importante da região.

O município de Brochier, segundo Vitor Hugo Garais (2006), era conhecido por Vila dos Franceses e pertencia a Triunfo até a emancipação de Montenegro, em 1873, quando São João dos Brochier passa a ser o 9º distrito montenegrino. A área central desse município é banhada pelo Arroio Brochier, cujas águas nascem na localidade do Morro Nova Paris. A historiografia relacionada ao município trata como início efetivo de ocupação europeia das terras brochienses o ano de 1832, com o estabelecimento de dois irmãos de origem francesa: Augusto³ e João Honório⁴ Brochier. Provenientes de Marselha, na França, eles teriam desembarcado no Porto das Laranjeiras (atual Cais do Porto de Montenegro) e adentrado cerca de 25km na mata nativa para se fixarem às margens de um arroio que nos anos seguintes seria denominado de Arroio dos Franceses (atual Arroio Brochier).

No que concerne à colonização teuto-brasileira, o processo de instauração de famílias na região de entorno do atual município de Brochier ocorreu a partir da década de 1850⁵ por

³ Nascido em 27 de janeiro de 1814 e falecido em 04 de novembro de 1887, segundo dados que constam na lápide de sepultamento.

⁴ Em francês, Jean Honoré, nascido em 1º de maio de 1804 e falecido em 04 de maio de 1887. A grafia “Brochier” também se constitui como uma naturalização, sendo “Brouchier” a grafia francesa original, segundo Fauth (1985).

⁵ Na datação fornecida por Garais (2006). A datação torna-se variável de acordo com o autor. Na concepção de Musskopf (1995), foi 1866.

meio da expansão das colônias da região do Vale do Rio dos Sinos⁶. De acordo com Muskopf (1995), o ano de 1866, com a chegada da família de Jakob Augustin, é considerado o ano base de início da colonização de origem alemã na região de Brochier. Provenientes da colônia de *Teewald*, equivalente à atual Linha Herval (município de Dois Irmãos), a família Augustin instalou-se na região correspondente à localidade de Pinheiro Machado (então chamada de *Neu Frankreich*, Nova França). Nos anos seguintes, por meio de uma colonização privada das terras que faziam parte da Fazenda Brochier, outras famílias vieram, resultando no desenvolvimento de várias localidades que circundam o que hoje é a área central do município. Por volta do ano de 1870⁷, as comunidades teuto-brasileiras procedentes das colônias do Vale dos Sinos começam a se instalar na região da Batinga Sul. Na ocasião, a área se chamava, de acordo com a Família Herzer, “Dois Irmãos na Fazenda dos Brochier”.

Na década de 1980, estudos arqueológicos que vinham sendo desenvolvidos na região do Vale do Caí pela equipe do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro identificaram, nas terras da Batinga Sul, um abrigo sob-rocha com vasto material arqueológico. As escavações e a análise do material lítico e faunístico que se seguiram indicaram se tratar de um dos locais com indicativo de datação de presença humana mais antigos do estado do Rio Grande do Sul e foi batizado de RS-TQ-58 Alfonso Garivaldino Ribeiro Rodrigues⁸.

O sítio em questão registra, arqueologicamente, dois momentos distintos de ocupação humana anterior à colonização: o primeiro relaciona-se à tradição tecnológica Umbu, ocupação mais antiga do estado do Rio Grande do Sul e que se caracteriza pela dispersão de sítios arqueológicos pelo território sul-rio-grandense, normalmente localizados próximos a fontes de água, sendo as ocupações mais antigas, de acordo com Gislene Monticelli *et al.* (2005), localizadas no extremo oeste do estado. A confecção de artefatos líticos e a longa permanência dos padrões desses artefatos indicam a continuidade da tradição Umbu até cerca de 2500 anos antes do presente, sendo a ponta de projétil o objeto diag-

⁶ A colonização alemã do estado do Rio Grande do Sul tem por marco inicial a chegada de 43 imigrantes provenientes do noroeste da Alemanha na antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual município de São Leopoldo, no Vale dos Sinos, em 25 de julho de 1824.

⁷ Datação estimada com base na fundação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana na localidade (1890) na antiguidade dos túmulos do cemitério local (1880), na fundação da Sociedade de Canto (1986) e nos depoimentos orais coletados.

⁸ RS refere-se ao estado do Rio Grande do Sul, TQ refere-se à bacia hidrográfica do Rio Taquari e 58 é o número do sítio identificado na região. O nome Afonso Garivaldino Ribeiro Rodrigues refere-se ao nome do proprietário das terras à ocasião de identificação do sítio arqueológico.

nóstico. O nomadismo, a caça e a coleta, assim como a busca por abrigos sob-rocha e a céu aberto predominam nos padrões de habitação desses grupos humanos. É importante destacar a ocorrência de grafia rupestre em baixo relevo (petróglifos⁹) associada a alguns sítios de tal tradição tecnológica.

O segundo momento de ocupação humana do sítio RS-TQ-58 é atribuído a grupos de tradição tecnológica Taquara, cujos registros mais significativos se relacionam às terras do planalto e da serra. De acordo com Silvia Copé (2013), nas regiões de maior altitude, as habitações subterrâneas produzidas são o vestígio mais característico, enquanto nas regiões de menor altitude, sendo o caso de nossa zona de estudos, a presença Taquara relaciona-se à frágil e incipiente cerâmica produzida.

Os movimentos emancipatórios ocorridos na década de 1980 criaram, em 1988, o município de Brochier do Maratá, que, já no ano de 1992, separa-se para formar o que hoje são os municípios de Brochier e Maratá. Em 2010, o município de Brochier tinha uma população aproximada de 4970 habitantes, conforme dados do Censo 2010, sendo que um terço habitava a área rural; na Batinga Sul, residiam não mais de 120 pessoas.

TURISMO NA BATINGA SUL

A Batinga Sul começou a receber turistas em 2016¹⁰, por iniciativa do projeto “Caminhos Franco-Germânicos”, uma proposta de roteirização turística de base histórico-cultural desenvolvida pelos, então, alunos¹¹ do Curso Técnico em Guia de Turismo da Escola Estadual Técnica São João Batista¹². A proposição inicial, principiada em 2015, envolvia a estruturação de quatro itinerários turísticos dentro do município de Brochier¹³.

⁹ São gravuras esculpidas em baixo relevo em paredes rochosas de arenito ou basalto, criadas por raspagem ou picoteamento (Lima, 2005).

¹⁰ Referimo-nos ao desenvolvimento de turismo na concepção de uma atividade organizada e geradora de renda, uma vez que antes desse ano a localidade recebia fluxos espontâneos de trilheiros que utilizavam motos, o que era considerado muito incômodo pelos moradores locais.

¹¹ Paulo Ricardo Fetzner (morador da localidade), Daniela Carneiro e Juliane Solange Fernandes.

¹² Localizada no município vizinho de Montenegro.

¹³ Para a adequada comercialização dos itinerários, em 2016, foi criada a Microempresa Individual (MEI) MasBah Turismo e Aventura, que, desde então, comercializa e operacionaliza o receptivo dos roteiros em Brochier e na Batinga Sul.

O primeiro deles, nomeado "*Willkommen zu Brochier*" ("Bem-vindo a Brochier"), enfatizava a parte central do município e foi criado com base no conceito de *city tour*, destacando a área urbana e privilegiando a forma panorâmica. O segundo, intitulado "*Free Walk Brochier*", foi concebido baseado no modelo de *Free Walk*, consagrado nas principais cidades turísticas do mundo. A atividade consistia na caminhada e na contemplação panorâmica dos principais atrativos da área urbana do município, sem fixação de preço, sendo o pagamento efetuado por contribuição espontânea dos turistas. O terceiro itinerário, "Preces e Epitáfios", tinha enfoque religioso, desenvolvido pela abordagem da arte cemiterial e foi consolidado com base na monografia *Memória, Arte e Preservação: uma visita ao cemitério Católico de Brochier*, do Professor local Vitor Hugo Garaeis¹⁴.

Batinga Sul entra em cena no quarto itinerário. Então denominado Paleotrilha, objetivava o aproveitamento do sítio arqueológico RS-TQ-58 Afonso Garivaldino Rodrigues. Apesar da ênfase na valorização do patrimônio arqueológico, as caminhadas de longo percurso (5 a 14 km) em mata fechada, passando por cachoeiras e trilhos, são desenvolvidas estabelecendo o ecoturismo como segmento central na atratividade do produto. Apesar disso, também encontra importância na associação com práticas de turismo rural, como a visita a fornos de carvão, a degustação de produtos coloniais e o contato com o(s) modo(s) de vida do meio rural da região a partir da Propriedade Fetzner.

Segundo as pesquisas de Carolina de Souza (2012), a maioria dos sítios arqueológicos aproveitados turisticamente no Brasil são relacionados à Arqueologia Histórica e desenvolvem estratégias de uso de edificações protegidas por instrumento legal, majoritariamente localizados em áreas urbanas (Souza, 2012). Quando referentes ao período pré-colonial, o uso turístico de sítios relaciona-se àqueles de maior visibilidade e tamanho, como sambaquis e rupestres, nos quais é possível uma identificação mais objetiva de vestígios por parte dos visitantes (Souza, 2012). Constituem-se como trabalhos referenciais no Brasil as ações turísticas desenvolvidas no Sambaqui da Beirada (Kneip; Crancio; Francisco, 2017) e no Sambaqui da Tarioba (Oliveira, 2011), ambos no Rio de Janeiro; nos museus a céu aberto da Ilha do Campeche (Chamas, 2008), no Estado de Santa Catarina; nas visitas em sítios rupestres em Carnaúba das Dantas (Nóbrega; Araújo, 2015; Ferreira,

¹⁴ GARAEIS, V. H. **Memória, Arte e Preservação: uma visita ao cemitério Católico de Brochier**. Monografia de Especialização em Novas Abordagens para o Ensino de História. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas (RS), 2004.

2013), no Rio Grande do Norte; no oeste do sertão do Estado de Alagoas, envolvendo os municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado, Piranha e Pão de Açúcar (Alfonso, 2012), entre outros.

A referência nacional em termos de turismo em sítios pré-coloniais é o Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí (Alfonso, 2012; Veloso, Cavalcanti, 2007). O Parque ganhou popularidade pela pesquisa desenvolvida pela equipe da arqueóloga Niède Guidon, para quem a chegada do ser humano ao continente americano ocorreu há cerca de 30 mil anos. Os sítios arqueológicos dessa região são Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1991, e o planejamento do turismo local envolve, segundo Veloso e Cavalcanti (2007), amplas ações que visam à proteção natural e arqueológica. A criação da Fundação do Homem Americano para o acompanhamento de ações de gestão e captação de recursos pode ser mencionada como uma das amplas ações de conscientização e envolvimento da comunidade local, assim como de incentivo ao desenvolvimento social e econômico, paralela às ações de manejo e infraestrutura do parque (Oliveira Filho; Monteiro, 2009).

No Rio Grande do Sul, estado que registra em seu território 3732¹⁵ sítios arqueológicos, o turismo arqueológico também tem destaque. O grande ícone turístico do estado é o Parque Histórico Nacional das Missões, principalmente o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, tombado pelo IPHAN em 1938 e declarado Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO em 1983 (Souza, 2012). O registro de ações de extroversão relacionadas à arqueologia missioneira realizado por Moraes (2012) demonstra ser esse parque a referência estadual também no que se refere às ações de extroversão do patrimônio arqueológico. Nossa pesquisa *in loco* (realizada em agosto de 2016) mostra que esse sítio histórico recebe constante trabalho paisagístico, investimento em infraestrutura local e de acesso, musealização *in situ*, oferta agregada (espetáculo Som & Luz e loja de souvenirs), elaboração de material e de ações pedagógicas, entre outros relevantes componentes relacionados ao uso turístico.

Outros sítios arqueológicos históricos, como a Casa Gomes Jardim, em Guaíba (Monticelli *et al.*, 2008), além de sítios na região urbana de Porto Alegre e de Pelotas relacionados ao Programa Monumenta, são, também, significativos em termos de atratividade e de uso turístico no estado do Rio Grande do Sul.

¹⁵ Segundo informações do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN em outubro de 2020.

Quanto ao uso turístico de sítios pré-coloniais no estado, a pesquisa que realizamos ao longo dos anos de 2017 e 2018 (Schüler; Magalhães; Weber, 2020) indicou raras ocorrências dispersas pelas regiões turísticas do estado (Quadro 1), apresentando significativa aproximação operacional com o ecoturismo e o turismo de aventura.

Quadro 1 - Sintetização de dados sobre os sítios pré-coloniais com utilização turística no estado do Rio Grande do Sul

Sítios pré-coloniais que recebam fluxos turísticos, ainda que irregulares e espontâneos				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradição tecnológica e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Sambaqui do Capão Alto (RS-LN-19)	Litoral Norte Gaúcho	Xangri-lá	Tradição Sambaquiana. Pesquisas ocorridas na primeira metade da década de 1980 (Wagner, 2009 ¹⁶).	Motivação turística associada ao Turismo de Sol e Praia; Localização urbana e central; Impactos antrópicos em decorrência da visitação sem controle ou mediação.
Sítios pré-coloniais que sejam promovidos por órgãos de gestão turística enquanto atrativos locais				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradições tecnológicas e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Sítio Capivara ou Capivari I (RS-C-43)	Vale do Rio dos Sinos	Lindolfo Collor	Tradição Umbu. Pesquisas ocorridas entre 1985 e 1986 (Jacobus & Rosa, 2013 ¹⁷) e 2005 (Dias, 2009)	Localização urbana e central; Promovido como atrativo turístico a partir de projeto de valorização patrimonial da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE);
Parque Arqueológico do Homem do Planalto das Araucárias (PAHPA): RS-PE-42 e outros	Campos de Cima da Serra	Pinhal da Serra	Tradição Taquara. Pesquisas ocorridas entre 2005 e 2009 (Bisinella, 2012 ¹⁸)	Conjunto de sítios de habitações subterrâneas; Primeiro Parque Arqueológico do RS; Projeto de uso turístico originado pelas pesquisas da UFRGS entre 2005 e 2009, com financiamento da Usina Hidrelétrica de Barra Grande (BAESA); Promovido pelo IPHAN e pela Prefeitura Municipal.

¹⁶ WAGNER, G. P. **Sambaquis da barreira da Itapeva uma perspectiva geoarqueológica**. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre (RS), 2009, 241f.

¹⁷ JACOBUS, A. L.; ROSA, A. O. Antigos habitantes do quadrante patrulhense e os animais. In: **Antropologia**, n.70, 241-254, São Leopoldo (RS): Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), 2013.

¹⁸ BISINELLA, C. A. **Por uma arqueologia fenomenológica**: experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS). Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre (RS), 2012, 252f.

ÉREA
 ORTAÇÃO
 MENTOS
 LIZADAS
 ABREU
 ardado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINAS:
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Menezes, e
 drs. Ruben L
 rativas da fusi
 ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 pou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no do
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 eri-
 o r
 er-
 a
 er-
 LOI
 24 (L
 estabi

Sítios pré-coloniais que integram roteiros turísticos comercializados				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradições tecnológicas e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Conjunto de sítios na Comunidade de Criúva (RS 74, 75, 76 e outros)	Uva e Vinho	Caxias do Sul	Tradição Taquara. Pesquisas ocorreram na década de 1960 e no início dos anos 2000 (Corteletti, 2008 ¹⁹)	Roteiro turístico originado a partir das pesquisas de pesquisa acadêmica; Motivação turística associada ao segmento ecoaventura e ao turismo em espaço rural.
Afonso Garivaldino Rodrigues (RS-TQ-58) na localidade de Batinga Sul	Vale do Caí	Brochier	Tradições Umbu e Taquara. Pesquisas ocorreram na década de 1980 e em 2005 (Dias, 2009)	Roteiro turístico originado a partir de pesquisas de nível técnico; Motivação turística associada ao segmento ecoaventura e ao turismo rural.
Abrigo da Pedra Grade (RS-SM-07)	Central	São Pedro do Sul	Tradições Umbu e Guarani. Pesquisas ocorreram na década de 1980, em 2002 e 2012 (Zuse, 2009 ²⁰)	Maior conjunto de petróglifos do estado do RS; Fluxos espontâneos sem mediação gerou grandes impactos no patrimônio.

Fonte: Schüler, Magalhães, Weber (2020)

O turismo desenvolvido na Batinga Sul ainda é incipiente, com ocorrência esparsa de grupos, cujos dados estatísticos vêm sendo compilados pela operadora²¹. A aplicação da metodologia de hierarquização de atrativos²², realizada no estudo de 2017 e 2018, indicou baixo potencial de atratividade pela dificuldade de identificação dos grafismos. Por outro lado, o local apresenta aspectos expressivos capazes de interessar visitantes oriundos de lugares do próprio país que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, com potencial de atração de fluxos turísticos regionais e locais. O sítio arqueológico RS-TQ-58

¹⁹ CORTELETTI, R. **Patrimônio Arqueológico de Caxias do Sul**. Porto Alegre (RS): Nova Prata, 2008.

²⁰ ZUSE, S. **Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio da Pedra Grande e entorno**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), São Paulo (SP), 2009, 278f.

²¹ De acordo com esses registros, de 2016 a agosto de 2019, foram recebidos cerca de 200 passageiros divididos em 11 grupos, a maioria proveniente da região metropolitana de Porto Alegre.

²² A metodologia de hierarquização de atrativos consiste em um instrumento de planejamento turístico elaborado pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR) e adaptado pelo Ministério do Turismo do Brasil e busca estabelecer uma quantificação a partir de uma análise qualitativa. Considera, para tanto, o grau de uso atual (insignificante, pequeno, médio ou grande), a representatividade (nenhuma, elemento comum, pequeno grupo de elementos similares, raro), o apoio local e comunitário (nenhum, apoiado por pequena parcela, apoio razoável, apoiado por grande parte da comunidade), o estado de conservação (péssimo, regular, bom, ótimo), a infraestrutura (inexistente, existente em estado precário, existente necessitando intervenções/melhorias, em ótimas condições) e o acesso (inexistente, existente em estado precário, existente necessitando intervenções/melhorias, em ótimas condições).

não apresenta singularidade, sendo sítios dessa tradição comuns no Rio Grande do Sul, embora as datações para presença humana na região sejam muito antigas.

A mediação turística exerce papel significativo na atribuição valorativa e no controle de impactos do atrativo. No caso da Batinga Sul, o apoio comunitário é razoável, sendo possível identificar interesse da comunidade pelo desenvolvimento do turismo, uma vez que este favorece o comércio de produtos desenvolvidos pelas propriedades, apresentando-se como uma possibilidade de complementação de renda. Desde outubro de 2019, a empresa responsável pelo desenvolvimento do turismo na região vem convidando a comunidade da Batinga Sul a participar das trilhas sem custo, como maneira de extroversão e inclusão comunitária no processo turístico.

Cabe considerar que da ausência de infraestrutura *in situ* decorrem fatores antrópicos de degradação relacionados a visitas sem acompanhamento e à própria atividade rural do entorno, que compromete a paisagem circundante, a qual se encontra em estado regular. O acesso ao local é precário, somente sendo possível a pé.

MEMÓRIA E TURISMO NA BATINGA SUL: A CONSTRUÇÃO DE UM ENTRE-LUGAR

O desenvolvimento de atividades turísticas, ainda que incipientes, repercute diretamente sobre os modos de vida das populações autóctones dos locais onde são desenvolvidas. Como fenômeno social presente em diferentes contextos do mundo globalizado, o turismo confere sistematização de ações sobre determinado território, reconfigurando lugares e características culturais e econômicas.

O processo de transformação de um lugar pelo e para o desenvolvimento do turismo pode ser abordado pelo viés da turistificação, compreendida como um processo de alteração do espaço geográfico visando adequá-lo ao turismo (Barros, 1998). Autores como Issa e Dencker (2006) e Cruz (2007) abordam os processos de turistificação pela perspectiva da apropriação do espaço pelo turismo e das profundas alterações na forma de a comunidade local se relacionar com o espaço, promovendo uma reordenação para a interação entre território, paisagens e pessoas locais com os fluxos de padrões, pessoas e capital externo. Por essa abordagem, a turistificação de um espaço impacta a própria síntese da identidade

da comunidade receptora, uma vez que reconfigura as estruturas locais para os interesses e necessidades daqueles que vem de fora. Destaca-se, contudo, que nem todo local que desenvolve o receptivo turístico é necessariamente um local turistificado. De acordo com Anderson Pereira Portugal (2004), para ser considerado turistificado, um local deve apresentar: atração de um contingente significativo de visitantes para o local; instalação de equipamentos de serviços especializados para uso dos visitantes; uso de equipamentos locais pelos visitantes de modo a interferir no ritmo da vida dos habitantes; substituição do comércio tradicional pelo comércio voltado para o turismo; comércio informal também afetado pelas demandas turísticas; alteração na estrutura residencial, voltando-se para a demanda dos visitantes.

Assim, pela análise do produto turístico local e pelas características apontadas por Portugal (2004), o sítio RS-TQ-58 (e quiçá a própria Batinga Sul) não pode ser considerado um território turistificado, ainda que o desenvolvimento do turismo local atribua novas formas de relação da comunidade com o território. As relações estabelecidas entre as atividades turísticas locais e a comunidade parecem sustentá-lo como um novo *locus* de reminiscências da memória coletiva local.

A noção de lugar de memória, proposta por Pierre Nora (1993), interessa particularmente neste ponto da discussão. Segundo o autor, lugares de memória emergem em momentos de ruptura com o passado, articulando a consciência do esfacelamento da memória, mas geram movimentos de “despertar” de novas memórias como meio de fortalecimento de grupos sociais. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (Nora, 1993, p. 12) e impõem aspecto nostálgico. Para que sejam constituídas coletivamente, as memórias precisam se alimentar do que é tecido no âmbito da subjetividade, constituída das experiências individuais, mas vividas no âmbito coletivo. Os lugares de memória contemplam registros daquilo que os transcende; são espaços que fixaram determinadas memórias, locais onde os grupos humanos se reconhecem, formando sentidos de pertencimento. Assim sendo, têm valor não só por sua constituição material, mas por seu sentido simbólico.

Essa noção não pode ser apreendida senão associada à discussão do autor sobre história e memória, segundo a qual a história é uma reconstrução acerca do passado e a memória é um fenômeno vivo e heterogêneo, alimentado por lembranças descontínuas,

vulneráveis e latentes. Quando oposta à história, a memória refere-se ao que é vivido pelos grupos que a compartilham, baseados na lembrança e na interpretação de um passado historicizado: a memória relaciona-se mais ao grupo vivo que a mantém, e menos à historiografia oficial, por isso ganha forças locais marcadas pela violência do colonialismo.

Buscando estabelecer uma relação de estudos entre o espaço turístico e os estudos pós-colonialistas, Antônio Carlos Castrogiovanni (2007) propõe a análise do lugar turístico valendo-se das categorias de “lugar”, do ponto de vista de Milton Santos (1996), de “não lugar”, de Marc Augè (1994), e de “entre-lugar”, forjada por Homi Bhabha (1998). Por essa abordagem, o “lugar” é uma porção apropriada do espaço vivido e reconhecido como possuidor de uma importância para a identidade de um grupo, afirmando-se na oposição ao “global”. Trata-se de um produto da interação humana produzido pela sociedade em sua coletividade, o qual recebe atribuição de valor pelos indivíduos, composto de uma rede de sentidos e padrões (Castrogiovanni, 2007).

A ideia de “não lugar” de Augè (1994) desenvolve-se no contexto dos estudos sobre alteridade. O autor indica a existência de “não lugares” como oposição ao conceito de lugares, referindo-se aos espaços de grande circulação de pessoas, locais caracterizados pela aceleração do tempo e pela solidão e anonimato dos sujeitos; são espaços de comunicação, de circulação e de consumo, cheios de pessoas e de funções, onde o global penetra no local. Segundo Castrogiovanni (2007, p. 20):

Para Augè (1994, p.80) ‘el espacio del viajero sería el arquetipo del No-lugar’, ya que el viaje construye una relación ficticia entre el mirar y el paisaje. Esta relación que ocurre a partir de formas simbólicas como fenómenos, acciones, rituales, manifestaciones verbales significativas, crea otro espacio intermedio producido y empleado por sujetos inmersos en una temporalidad.

Ainda consoante Castrogiovanni (2007), o lugar turístico seria um espaço dialético entre as culturas de visitantes e visitados, mais relacionado à categoria de “entre-lugar” de Bhabha (1998), compreendido como espaço de articulação da diferença cultural e da assimilação dos outros. No turismo, o “entre-lugar” configura-se um espaço construído entre os “lugares”, como um ponto de intersecção de conjuntos de relações significativas para uma sociedade em determinado momento histórico, produzido da relação entre objetos e sujeitos com turistas. Nesse contexto, os turistas são sujeitos nômades que produzem

ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1

E OFICINARI

ENSA NACIO
em à tarde, n
de Meneses, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do

OSPE
TIR

tentativa p
quecidas d
de Los Ala
çou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.

CO I
O M
CÍCIO

de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con

ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO

es
eri-
o r
er-
a
er-

LOI
24 (L
estabi

ações colonizadoras sobre o território que visitam, intervindo sobre a cultura, os valores e as relações dos sujeitos locais:

El espacio turístico parece estar caracterizado por el diálogo entre las formas y los sujetos de un lugar insertado en el tiempo y en la complejidad del mundo manejado por la comunicación. Mediante la globalización, la comunicación parece establecer nuevos sentidos a los lugares produciendo un espacio inmaterial que, en el caso del turismo, puede ser categorizado como algo posible de ser denominado Entre-Lugar (Castrogiovanni, 2007, p. 09).

Considerando a teoria de Castrogiovanni (2007), na análise do contexto turístico da Batinga Sul e especificamente do sítio Afonso Garivaldino Rodrigues, cabe considerar o encontro de, ao menos, três identidades. Trata-se da figura do turista, o forasteiro proveniente de uma região metropolitana, com hábitos ligados aos processos de globalização, que experimenta os recursos locais como forma de entretenimento. Por outro lado, há a comunidade local, prestadora dos serviços oferecidos ao turista, autor-representada pela identidade teuto-brasileira, com forte ligação com o território, com a paisagem e com hábitos ligados à herança geracional, ainda que com acesso à cultura global. A terceira identidade emerge nos vestígios arqueológicos, relacionados a um passado humano que não encontra relação identitária direta nem com turistas nem com a comunidade local, mas que se constitui como o eixo central desses encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marcada pela autorrepresentação teuto-brasileira, a memória coletiva da comunidade da Batinga Sul é frequentemente relacionada ao período de ocupação do território em questão por seus antepassados, ocorrida a partir de 1870, e às subsequentes etapas de desenvolvimento econômico local. Nesse contexto, a descoberta de um sítio arqueológico relacionado ao período pré-colonial nessas terras faz emergir uma presença pretérita que passa a se tornar cada vez mais constante em decorrência de seu uso no desenvolvimento de atividades turísticas locais.

Objetivando discutir a possível relação estabelecida entre as atividades turísticas locais e a memória da comunidade acerca do território da Batinga Sul, este estudo permitiu inferir que as ações de desenvolvimento turístico da região surgiram por iniciativa

privada e relacionadas justamente à valorização do sítio arqueológico mencionado, ainda que associado a outros segmentos turísticos, como o Ecoturismo e o Turismo Rural. Esse processo de uso turístico foi analisado, inicialmente, sob a luz do conceito de turistificação, termo que se mostrou não aplicável à realidade estudada, ainda que o desenvolvimento do turismo tenha atribuído novas formas de relação da comunidade com o território.

As relações estabelecidas entre as atividades turísticas locais e a memória da comunidade parecem sustentar o sítio arqueológico como novo *locus* de reminiscências da memória coletiva local, apresentando aproximação teórica com o que Nora (1993) trata por lugar de memória. A Batinga Sul configura-se, assim, não em um espaço turistificado, mas um entre-lugar (Castrogiovanni, 2007), um ponto de intersecção de conjuntos de relações significativas para uma sociedade em determinado momento histórico, produzido pela relação entre objetos e sujeitos com turistas.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO, L. P. **Arqueologia e turismo: sustentabilidade e inclusão social.** Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (SP), 2012.
- AUGÈ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** São Paulo: Papyrus, 1994.
- BARROS, N. C. C. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens.** Recife (RN): Editora Universitária da UFPE, 1998.
- BHABHA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte (MG): UFMG, 1998.
- BISSA, W. M.; DIAS, A. S.; CATHARINO, E. L. Reconstituição paleoclimática do vale do Rio Caí, nordeste do Rio Grande do Sul, com ênfase nas ocupações humanas. In **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.19, p.143-154, São Paulo (SP), 2009.
- BRESCIANI, S. **Memória e (res) sentimento.** Campinas: Unicamp, 2001.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, no-lugar y entre-lugar: Los ángulos del espacio turístico. In **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 16, n.01, marzo, p.5-23, 2007. Disponível em <http://estudiosenturismo.com.ar/PDF/V16/v16n1a01.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

CHAMAS, C. A. P. C. **A gestão de um patrimônio arqueológico e paisagístico: Ilha do Campeche/SC.** Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC), 2008.

FAUTH, I. O. Brochier: 5° Distrito de Montenegro. In KAUTZMANN, M. E. **Montenegro de Ontem e de Hoje**, vol.3, p.311–346. São Leopoldo: Rotermond: 1985.

FERREIRA, D. A. **O turismo arqueológico em debate: Diagnóstico do uso do patrimônio arqueológico no município de Carnaúba dos Dantas/ RN.** Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (RN), 2013.

GARAEIS, V. H. Brochier: os fragmentos de memórias e identidades da colonização francesa no Rio Grande do Sul. In **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 38, p. 59–68, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

ISSA, Y. S. M. M.; DENCKER, A. F. M. Processos de Turistificação: Dinâmicas de inclusão e exclusão de comunidades locais. In **IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, Universidade de Caxias do Sul (RS, Brasil), 2006.

KNEIP, L. M.; CRANCIO, F.; FRANCISCO, B. H. R. O Sambaqui da beirada (Saquarema - Rio de Janeiro). In **Revista de Arqueologia**, v.5, n.1, p.41-54, 2017. Disponível em: <http://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/67>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LIMA, T. V. **Estudo das representações rupestres do Rio Grande do Sul, Brasil.** Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre (RS), 2005.

LOPEZ, D. O.; MORENO, Y. C. Arqueoturismo ¿un fenomeno en auge? Reflexiones acerca del turismo arqueologico en la actualidad en España. In **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.16, n. 3, p.599-615, 2018. Disponível em http://www.pasosonline.org/Publicados/16318/PS318_04.pdf. Acesso em: 12 out. 2018.

MANZATO, F. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. In: **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.5, n.1, p.99-109, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2007.05.008>. Acesso em: 10 out. 2018.

MONTICELLI, G. *et al.* Um sítio arqueológico inédito em Lavras do Sul/RS. In: **Revista Textura**, n.11, p.5-10, 2005. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/752>. Acesso em: 10 jun. 2017

MUSSKOPF, E. H. **Brochier Maior a Gente Que Faz**. Novo Hamburgo: Editora Echo, 1995.

MORAES, T.V. Breve análise sobre a arqueologia missioneira e as ações de extroversão (1980-1995). In: **Revista Tempos Acadêmicos** - Dossiê Arqueologia Histórica, n.10, p.164-171, 2012. Disponível em <http://periodicos.unesc.net/historia/article/view/1118/1077>. Acesso em: 15 jun. 2017.

NÓBREGA, W.R.M; ARAÚJO, F. Cultura, turismo e desenvolvimento: reflexões acerca do potencial arqueológico no município de Carnaúba dos Dantas (RN). In: **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.8, n.1, p.93-114, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19172>. Acessado em: 13 dez. 2017.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**, n.10, p.7-28, 1993, São Paulo (SP). Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 25 abr. 2018.

OLIVEIRA FILHO, R.C.; MONTEIRO, M.S.L. Ecoturismo no Parque Nacional Serra da Capivara: trata-se de uma prática sustentável? In: **Revista Turismo em Análise**, v.20, n. 2, p.230-250, 2009. Disponível em <http://www.journals.usp.br/rta/article/view/14183/16001>. Acesso em: 13 jan. 2018.

OLIVEIRA, R.A. **Memórias da ocupação indígena no Estado do Rio de Janeiro**: um estudo de caso do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba. Dissertação de Mestrado em Memória Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), 2011.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PORTUGUEZ, A. P. Turismo, Planejamento Socioespacial e Patrimônio Histórico-Cultural. In: PORTUGUEZ, A. P. (Org.). **Turismo, Memória e Patrimônio Cultural**. São Paulo (SP), Roca, p.3-31, 2004.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo (RS): Feevale, 2013.

SCHÜLER, T. G.; MAGALHÃES, M. L.; WEBER, R. Turismo arqueológico em sítios pré-coloniais no Rio Grande do Sul – Brasil. In: **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.18, n.03, jul-set, p.473-488, 2020.



SCHÜLER, T. G.; MAGALHÃES, M. L. Uma História Ambiental da Batinga Sul - Rio Grande do Sul (Brasil). In: **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña** (HALAC), v. 11, p. 276-305, 2021.

SOUZA, C. G. S. **O Turismo Arqueológico na Preservação do Patrimônio Cultural**: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis – GO. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, Rio de Janeiro (RJ), 2012.

VELOSO, T. P. G. CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. In: **Revista de Arqueologia**, n.20, p.155-168, 2007. Disponível em <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/232>. Acesso em: 03 ju. 2017.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante,
(Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

stina B
(Página 7)

ABBO ÉLEBRE NIEMA

ágina 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ante Américo
cional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...
(Continua...
pág.)

ON

973

mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá-
negócios
de Ango-
iativa do
Comer-
vão reu-
Marques,
página)

página)



PLATAFORMAS DIGITAIS E PRÁTICAS ALTERNATIVAS: OS IMPACTOS DA DEPLATAFORMIZAÇÃO NO CASO ALLAN DOS SANTOS

ESTAMOS
CERTOS
COM O NOSSO
Eduardo Gabriel Velho
Sandra Portella Montardo

A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês um crédito maior do que a sua conta

1 INTRODUÇÃO

Allan dos Santos é um blogueiro bolsonarista conhecido por ser o fundador do Terça Livre (com auge de 1,2 milhões de inscritos no YouTube e mais de 500 mil seguidores no Twitter e Instagram), um dos maiores canais do YouTube de apoio à direita conservadora da América Latina. Utilizando esse veículo e seu alcance como influenciador digital, Allan dos Santos ganhou visibilidade espalhando desinformação, discursos de ódio e realizando ataques a figuras públicas através de suas contas em plataformas digitais (G1, 2020a; Veleda, 2022). Devido a essas práticas, Allan se tornou suspeito e foi um dos investigados pelo Inquérito das *Fake News* (2020), que foi conduzido pelo Supremo Tribunal Federal para investigar a disseminação de desinformações contra os ministros da Corte. Desse modo, o blogueiro está foragido do Brasil desde julho de 2020 (G1, 2020a), quando lhe foi executado um pedido de prisão preventiva.

É também, desde 2020, que diversas medidas foram tomadas pelo poder judiciário e pela gestão das plataformas digitais para impedir que Allan continuasse a propagar esse tipo de conteúdo (G1, 2020a; Estado de Minas, 2021; Mendes, 2021). Com isso, seus perfis de influenciador digital e, também, os do Terça Livre foram pouco a pouco sendo desligados da Internet, ora por pedido da justiça, ora pela própria ação das plataformas, de modo que suas contas no Facebook, Instagram, PayPal, Telegram, Twitch, Twitter, Wix, YouTube, dentre outras, foram sendo gradualmente tiradas do ar (Carta Capital, 2022). Tal como ocorreu com Allan dos Santos, destaca-se o fenômeno da “deplataformização” (*deplatforming*), que se refere aos acontecimentos e consequências de quando entidades ou figuras públicas que possuem grande visibilidade são permanentemente desligadas das plataformas convencionais (*mainstream*) (Rogers, 2020; Jhaver *et al.*, 2021). Os estudos sobre deplataformização investigam a efetividade dessas estratégias de moderação e governança, bem como as consequências dessas medidas (Rogers, 2020; Innes; Innes, 2021; Jhaver *et al.*, 2021).

Embora deplataformizar seja uma medida capaz de reduzir a circulação de informações prejudiciais (Ali, 2021), destaca-se que Allan desafiou a justiça diversas vezes, pois criou várias contas novas no Instagram, Telegram, Twitter e YouTube, o que lhe fora impedido pela determinação legal (Istoé, 2022; Teles, 2022; Veleda, 2022). A maior parte dessas contas foram logo detectadas e removidas, mas, ainda assim, o blogueiro segue

com 35 mil seguidores no Gab (*microblog*), 190 mil seguidores no Gettr (*microblog*), e 76 mil seguidores no Parler (*microblog*), que são plataformas alternativas (*alt-tech platforms*) e com regras mais flexíveis do que as plataformas convencionais. Essas plataformas estão pautadas por uma noção equivocada de “liberdade de expressão”, de forma que funcionam como alternativas às plataformas convencionais (Instagram, Facebook, TikTok, YouTube, etc.), pois possuem estrutura técnica e modelo de negócio que viabilizam a publicação de informações prejudiciais (geralmente) sem qualquer tipo de consequência (Labarbera, 2020; Keulenaar; Burton, 2021).

O teor dos conteúdos produzidos por Allan dos Santos já são bem conhecidos, sendo denominados pela justiça brasileira como suspeitas de serem atividades criminosas (G1, 2020a). Conforme o conteúdo que foi coletado para este estudo, Allan defende a existência de um governo comunista global, questiona a legitimidade da derrota de Donald Trump nas urnas, difunde propaganda antivacina, dentre outras desinformações e discursos de ódio. Inclusive, o blogueiro justifica que não fugiu do Brasil por causa das investigações do Inquérito das *Fake News*, mas que se “exilou” nos Estados Unidos para se proteger e conseguir denunciar um suposto “plano” organizado pelo STF, cujo objetivo era, supostamente, implantar escutas ilegais (inclusive em sua casa) para recolher provas que pudessem justificar uma cassação do mandato de Jair Bolsonaro (Bergamo, 2020). Além de não apresentar provas, Allan disse que esse plano foi conduzido pelo STF com o auxílio do PT e das embaixadas da China e da Coreia do Norte no Brasil.

Contudo, ao invés de analisar esse problema da desinformação, este trabalho busca investigar as estratégias que Allan dos Santos adotou para contornar as medidas de deplataformização que lhe foram imputadas. Assim, esse trabalho está focado na questão da “controversa”, que D’Andrea (2020) sugere ser de extrema importância para estudar os fenômenos de plataforma. Segundo o autor, não basta entender os sentidos que circulam nas plataformas digitais (nesse caso, as desinformações), mais do que isso, o pesquisador precisa também observar como as materialidades produzem impacto na construção desses sentidos. Tendo isso em vista, esse estudo está centrado na ideia de que Allan dos Santos está lucrando com a desinformação e o discurso de ódio, tal que, conforme vazamento (Marchesini, 2021), ele havia recebido 26 mil reais da Twitch apenas com suas transmissões ao vivo.

Desta forma, o tema deste trabalho é a deplataformização de Allan dos Santos. A pergunta de pesquisa é a seguinte: de que forma a deplataformização impactou as práticas *online* de Allan dos Santos? Os objetivos são (a) construir uma linha do tempo dos acontecimentos, medidas e embates que estão envolvidos à deplataformização de Allan dos Santos, (b) medir os impactos dessa deplataformização em termos de número de seguidores e (c) investigar as estratégias que foram adotadas pelo blogueiro para contornar essas medidas. Para tanto, este trabalho se desdobra em um estudo de caso pautado pelos métodos digitais (*digital methods*) (Rogers, 2013). Assim, utiliza-se os métodos “quali-quantitativos” de Janna Omena (2019) e a proposta de “*search as research*” elencada por Richard Rogers (2019).

Quanto a organização deste artigo, em primeiro momento, realiza-se uma aproximação aos aspectos teóricos que envolvem plataformas digitais, deplataformização e plataformas alternativas. Em seguida, a proposta de “*search as research*” é utilizada para construir uma linha do tempo dos embates ocasionados pelas medidas de deplataformização contra Allan dos Santos. Após essa etapa, o serviço Internet Wayback Machine é utilizado para recuperar e analisar algumas métricas das contas de Allan dos Santos que foram desligadas da internet. Por fim, esses dados foram utilizados para conduzir uma análise das práticas de autopromoção adotadas pelo blogueiro em suas plataformas alternativas (Telegram e Gettr).

2 PLATAFORMAS DIGITAIS, DEPLATAFORMIZAÇÃO E PLATAFORMAS ALTERNATIVAS

De acordo com Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 3), as plataformas digitais são “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”. Os estudos sobre deplataformização também definem que as plataformas podem ser divididas entre convencionais (*mainstream*) (Instagram, Facebook, TikTok, YouTube etc.) e alternativas (*alt-tech*) (BitChute, Telegram, Gab, Gettr etc.). As plataformas convencionais fazem parte do ecossistema de plataformas das Big Five, já as plataformas dependem menos desse ecossistema.

As plataformas alternativas se caracterizam como plataformas com regras mais flexíveis pautadas por uma noção equivocada de “liberdade de expressão”, e também funcionam como alternativas as plataformas convencionais, pois possuem estrutura técnica e modelo de negócio que viabilizam a publicação de informações prejudiciais [geralmente] sem qualquer tipo de consequência (Labarbera, 2020; Keulenaar; Burton, 2021). Os estudos sobre deplataformização se relacionam com a questão das plataformas alternativas pois é recorrente que figuras públicas desligadas das plataformas convencionais se refugiem nesses espaços (tal como ocorreu com Allan dos Santos). Nesse sentido, a deplataformização se refere aos acontecimentos e consequências de quando entidades ou figuras públicas que possuem grande visibilidade são permanentemente desligadas das plataformas convencionais (Rogers, 2020; Jhaver *et al.*, 2021). Os estudos sobre deplataformização investigam a efetividade das estratégias de moderação dessas plataformas, bem como as consequências dessas práticas de governança (Rogers, 2020; Innes; Innes, 2021; Jhaver *et al.*, 2021).

Os estudos que investigam sobre a efetividade da deplataformização enquanto estratégia de moderação demonstram que essa ação é sim capaz de reduzir a circulação de informações prejudiciais, mas não é capaz de erradicá-la, e também possui diversos efeitos colaterais. Esses desligamentos já demonstraram ser efetivos em reduzir a circulação de conteúdos negativos entre as conexões que estavam mais próximas dessas contas (Ali *et al.*, 2021), mas não foram capazes de erradicar esses conteúdos. Isso ocorre porque uma das consequências da deplataformização é que as contas removidas podem migrar para as plataformas alternativas, e quando isso acontece, essas novas contas podem ser ainda mais tóxicas do que eram (Rogers, 2020; Ali *et al.*, 2021), entretanto, sob a penalidade de perder a visibilidade e o alcance possibilitados pelas plataformas convencionais (Forsberg, 2021).

A deplataformização também possui como consequência a proliferação de *minion accounts* (“contas de lacaios”), que consistem em contas de apoiadores que podem gerar diversas interações negativas em resposta ao encerramento da conta (Innes; Innes, 2021). Fica evidente que a deplataformização possui como principal consequência o desenvolvimento de estratégias que estão pautadas em evitar a punição das plataformas digitais. Nesse sentido, outra possível estratégia é a utilização de mensagens codificadas com o objetivo de evitar ser detectado pelos algoritmos de moderação das plataformas convencionais (Innes; Innes, 2021). Da mesma forma, também é possível que atores maliciosos

utilizem a visibilidade das plataformas convencionais somente para circular *links* de plataformas alternativas que não tomam ações de moderação, de forma que essa estratégia ainda acaba por popularizar esses serviços alternativos (Innes; Innes, 2021).

Ali *et al.* (2021) entendem que a deplataformização é sim uma estratégia viável para reduzir a circulação de informações prejudiciais, mas deve ser planejada tendo em vista esses efeitos colaterais, o que inclui pensar esse problema para além das plataformas convencionais. Aqui incide a questão do ecossistema de plataformas alternativas, que viabilizam a circulação de conteúdos negativos, pois dependem menos da infraestrutura das Big Five e estão pautadas por uma relativização da “liberdade de expressão”.

Por fim, embora a migração para plataformas alternativas tenha como impacto a perda de visibilidade e uma base de seguidores consideravelmente menor (Forsberg, 2021), ressalta-se que essas contas geralmente permanecem *online* sem receber qualquer tipo de punição e também passam a publicar conteúdos ainda mais negativos (Rogers, 2020). Embora essas plataformas entendam que seus serviços estejam contribuindo para o bem comum, destaca-se que essas plataformas são conhecidas como núcleos da extrema direita (Fry, 2020; Labarbera, 2020). Com isso, embora esses serviços sejam capazes de proporcionar espaços para a liberdade de expressão, os quais inclusive já foram ferramentas essenciais para jornalistas e ativistas que enfrentaram a censura (Walker, 2020), é importante que haja comprometimento em coibir os usos negativos desses sistemas.

3 UMA LINHA DO TEMPO PARA A DEPLATAFORMIZAÇÃO

Com o objetivo de construir uma linha do tempo dos acontecimentos, medidas e embates que estão envoltos à deplataformização de Allan dos Santos, o método de “*search as research*” desenvolvido por Rogers (2019) foi utilizado. A proposta desse método é incorporar a utilização de motores de busca como o Google na construção metodológica de uma pesquisa científica. Desta forma, embora esse tipo de ferramenta seja uma “caixa preta”, pois não há como saber os detalhes acerca do seu funcionamento, destaca-se que utilizá-lo com o objetivo de recuperar informações através de palavras-chave pode ser uma medida bastante produtiva para coletar informações relevantes acerca de um objeto de pesquisa. Trabalhos mais antigos como o de Fragoso (2015), inclusive, propõem o uso de “buscas em cascata” para coletar informações e evidências acerca de um determinado

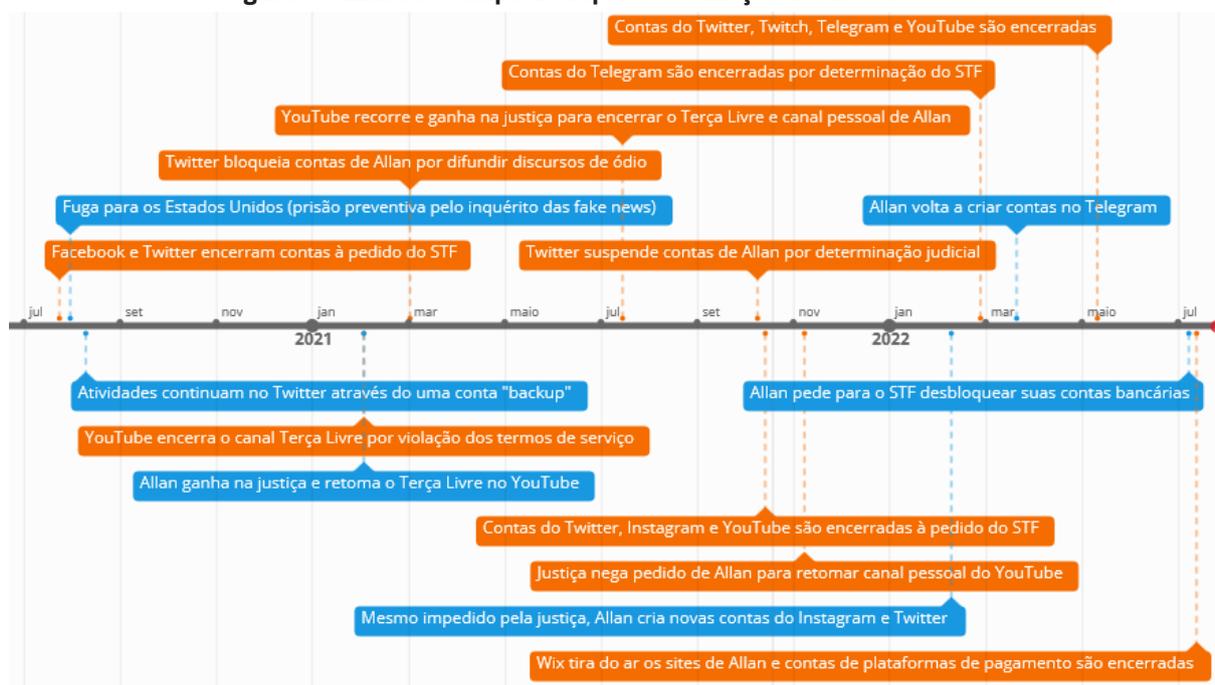
ÉREA
ORTAÇÃO
UMENTOS
LIZADAS
ABREU
ardado, 160
21
ados, 207
1
E OFICINAS:
ENSA NACIO
em à tarde, n
de Menezes, e
drs. Ruben L
ativas da fusi
ministro do
OSPE
TIR
tentativa p
quecidas d
de Los Ala
ou a perf
ndidade cal
armazenar
ser viável,
calculável.
CO I
O M
CÍCIO
de adminis
tto Mayor,
assembleia
e ao projec
ado pela A
que no doi
to preveja
(Con
ESTAB
OS TI
DO II
ECONC
ANGO
es
eri-
o r
er-
a
er-

assunto. Desta forma, com o objetivo de construir essa linha do tempo de acontecimentos, o Google foi utilizado para buscar notícias acerca de questões relacionadas a deplataformização de Allan dos Santos. Esse labor ocorreu através de buscas que permutaram, com filtros de ano a ano (2020, 2021, 2020), a seguinte busca avançada:

"allan dos santos" ("suspenso" OR "banido" OR "desligado" OR "tirado do ar") ("twitter" OR "youtube" OR "instagram" OR "telegram" OR "twitch" OR "facebook" OR "paypal" OR "sites")

Utilizado essa estratégia de busca, diversas notícias e matérias de veículos de imprensa foram selecionadas pela curadoria dos pesquisadores, de forma que os acontecimentos mais importantes foram analisados e organizados em uma linha do tempo. Nesse sentido, a figura 1 ilustra essa linha do tempo que foi desenvolvida tomando como base essas fontes selecionadas (Carta Capital, 2022; Couto, 2021; Estado de Minas, 2021; Fávvero; Cubas; Barbosa; Mangabeira, 2020; Folha de São Paulo, 2021; G1, 2020a; G1, 2020b; G1, 2021; Gazeta do Povo, 2021; Istoé, 2021; Muniz, 2022; Poder360, 2022; Santos, 2021; Teles, 2022; Uol, 2021; Veleda, 2022; Vivas; Losekann, 2022).

Figura 1 – Linha do tempo da deplataformização de Allan dos Santos



Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme fica evidente nessa linha do tempo, a deplataformização de Allan dos Santos foi um processo repleto de embates, em que o blogueiro desafia a justiça por diversas vezes, criando novas contas em plataformas das quais ele já havia sido desligado. Essas medidas foram possíveis, pois, em 31 de julho de 2020, Allan fugiu para os Estados Unidos em razão de um pedido de prisão preventiva (“exílio”, diz o blogueiro). Estando fisicamente distante da ação judicial brasileira, foi possível para ele realizar essas contramedidas sem ter a sua liberdade restringida – e também porque ele não se encontra na lista de foragidos da Interpol para que haja qualquer extradição para o Brasil (Estado de Minas, 2022).

As primeiras contas a serem desligadas foram as do Facebook e Twitter, de forma que levou mais de um ano depois desses acontecimentos para que o canal Terça Livre (seu carro-chefe) fosse suspenso do YouTube. Não existem registros de que Allan tenha tentado criar novas contas no Facebook, mas para o Twitter, e principalmente o Instagram, o blogueiro resistiu às punições criando diversos novos perfis (15 contas do Instagram, diz o blogueiro). Inclusive, a primeira punição aplicada pelo Twitter somente limitou que sua conta não pudesse mais criar *tweets* próprios, de forma que ele ainda conseguia realizar *retweets* de conteúdos produzidos por outros perfis. Assim, Allan conseguiu crescer uma conta *backup* do Twitter que ele tinha desde 2009, somente repostando esses conteúdos em sua conta principal que estava limitada de criar novas publicações próprias (Fávero; Cubas; Barbosa; Mangabeira, 2020).

Da mesma forma, o desligamento de suas contas no YouTube também foi uma operação conturbada. Primeiro, em janeiro de 2021, o YouTube suspendeu o canal Terça Livre por ação própria em razão de infração dos Termos de Serviço da plataforma. Logo após, Allan ganha na justiça e consegue recuperar sua conta até julho do mesmo ano, quando o YouTube recorre à justiça e ganha o direito de encerrar o Terça Livre e o canal pessoal de Allan na plataforma. Poucos meses depois, o blogueiro tenta recorrer à decisão alegando que a punição não poderia se estender a sua conta pessoal, cujo argumento foi refutado pela justiça. Não aceitando a derrota, Allan cria um novo canal do YouTube, o Artigo 220, que foi suspenso pela plataforma em outubro de 2021.

Já em fevereiro de 2022, Allan foi desligado do Telegram a pedido do STF. Esse caso gerou grande repercussão pois a plataforma ignorou os pedidos da justiça brasileira por vários meses, até que finalmente realizou o banimento das contas do blogueiro na plata-

forma (G1, 2022). De 2021 até os primeiros meses de 2022, Allan prosseguiu com sua estratégia de recorrer à justiça para tentar reobter seus acessos, e também continuou a criar novas contas periodicamente, as quais duravam alguns poucos meses. Em algum momento de 2022, Allan parece ter desistido dessa estratégia, de forma que voltou sua atenção para as plataformas alternativas, as quais, com exceção do Telegram, ainda não foram alvo de qualquer tipo de punição ou ação legal. Por fim, em julho de 2022, Allan ainda possuía uma conta ativa no Instagram, mas declarou derrota em seu perfil no Gettr afirmando que havia “perdido tudo”, inclusive suas contas bancárias, plataformas de pagamento e sites que estavam hospedados na plataforma Wix (Poder360, 2022).

4 INVESTIGANDO OS IMPACTOS DA DEPLATAFORMIZAÇÃO

Com o objetivo de medir os impactos dessa deplataformização em termos de número de seguidores, o serviço Internet Wayback Machine (IWM) foi utilizado para recuperar informações sobre as contas de Allan dos Santos que foram desligadas das plataformas digitais. O IWM é um *web crawler* que realiza a indexação periódica de sites, de forma que torna possível acessar páginas da web que já foram excluídas, ou mesmo ter acesso às múltiplas versões de uma mesma URL através do tempo (Rogers, 2019). Utilizando o IWM, é possível ver como o Google era em 1998, logo quando a página foi publicada; também é possível acessar vídeos que já foram deletados do YouTube; ou contas do Instagram e Facebook que já foram removidas. É claro que esse serviço não realiza uma cópia completa dos sistemas que estão por trás das páginas da web (por isso não há como fazer uma busca utilizando o motor do Google de 1998, por exemplo), apenas salva periodicamente *snapshots* daquilo que um navegador de internet já foi capaz de carregar (áudios, imagens, vídeos, textos, *scripts*, etc.).

Para realizar essa recuperação, partiu-se dos *links* para as contas de Allan dos Santos que já estavam vinculadas nas matérias e notícias que foram obtidas na etapa anterior desse estudo. Essas contas, que em sua maioria já não estão mais *online*, foram recuperadas através do IWM. Utilizando essa ferramenta, obteve-se o número de seguidores e a informação acerca do tempo de vida dessas contas, como data de criação e data de desligamento (aproximada). A seguir, para obter um maior número de contas, os *links* para outros perfis de Allan dos Santos que estavam disponíveis nas páginas recuperadas pelo IWM também

foram recuperados. Sabe-se que essas contas que foram identificadas são apenas uma fração do conjunto completo, conforme Allan afirma no Instagram que sua conta atual já é a 15ª na plataforma. Com isso, a tabela 1 ilustra os resultados dessa investigação.

Destaca-se que a coluna “Data do acesso” indica que o IWM foi utilizado para recuperar as informações da conta nessa data em específico. Da mesma forma, o total de seguidores é respectivo ao número existente nessa mesma data. Buscou-se sempre o *snapshot* mais recente para cada conta, de forma que é garantido que, até essa data de acesso, a conta ainda estava *online*. Ainda assim, nem todas as contas que foram identificadas puderam ter suas informações recuperadas, de modo que essa tabela é apenas uma parte dos perfis de Allan dos Santos. Por fim, o sinal “≅” indica uma data aproximada.

Tabela 1 – Contas de Allan dos Santos nas plataformas digitais

Plataforma	Usuário	Data de criação	Data do acesso	Seguidores	Desligada
Twitter	allanldsantos	jun. 2009	14 jun. 2021	285K	Sim
Twitter	tercalivre	nov. 2014	16 set. 2021	515K	Sim
Twitter	allantercalivre	out. 2015	25 jun. 2020	364K	Sim
Twitter	tvartigo220	set. 2021	01 out. 2021	7238	Sim
Instagram	allansantosbr	≅jun. 2018	19 nov. 2020	401,2K	Sim
Instagram	tercalivre	≅abr. 2019	18 fev. 2021	531,1K	Sim
Instagram	novoallan15	≅jul. 2022	22 jul. 2022	21,3K	Não
YouTube	tercalivre	≅nov. 2014	08 dez. 2020	1,17M	Sim
YouTube	TerçaLivresLive	≅fev. 2020	26 jan. 2021	89,1K	Sim
YouTube	Artigo 220	≅out. 2021	23 out. 2021	79K	Sim
Facebook	tercalivre	nov. 2014	13 nov. 2020	453,5K	Sim
Gab	tercalivre	nov. 2016	22 jul. 2022	24,1K	Não
Gab	allantercalivre	jul. 2018	22 jul. 2022	35K	Não
Gettr	allansantosbr	jul. 2021	22 jul. 2022	191,3K	Não
Gettr	tercalivre	jul. 2021	22 jul. 2022	81,7K	Não
Rumble	tercalivre	≅jul. 2021	22 jul. 2022	849	Não
Parler	AllanDosSantos	jul. 2020	22 jul. 2022	76,2K	Não
CloutHub	allandossantos	nov. 2021	22 jul. 2022	5150	Não
CloutHub	guerradeinformacao	mar. 2022	22 jul. 2022	1303	Não
Telegram	tercalivre	≅set. 2015	03 fev. 2022	50,99K	Sim
Telegram	allandossantos	nov. 2019	01 fev. 2022	128,31K	Sim

ÉREA
 ORTAÇÃO
 AMENTOS
 S
 LIZADAS
 ABREU
 ardado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINAS:
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Menezes, e
 drs. Ruben L
 rativas da fusi
 ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 çou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no doi
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 ri-
 o r
 er-
 a
 er-
 LOI
 24 (L
 estabi

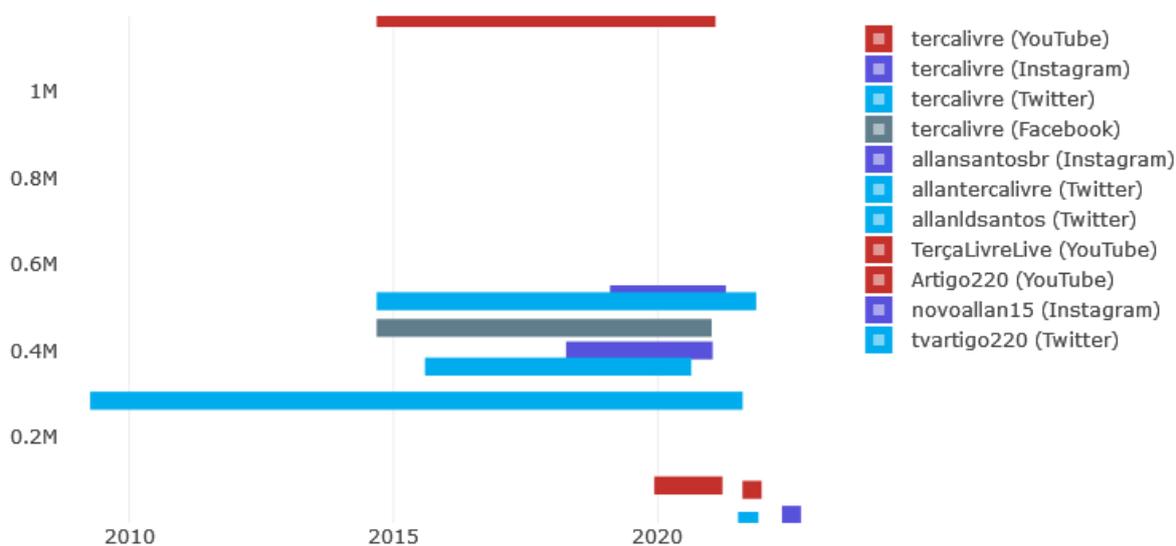
Plataforma	Usuário	Data de criação	Data do acesso	Seguidores	Desligada
Odysee	tercalivre:3	≅mai. 2022	22 jul. 2022	80	Não
Spotify	Guerra de Informação	≅mar. 2022	22 jul. 2022	?	Não
BomPerfil	allansantosbr	jan. 2021	22 jul. 2022	11,2K	Não
Anchor	allandossantos	mar. 2022	22 jul. 2022	?	Não

Fonte: Elaborada pelos autores.

Desse ponto, esses dados foram analisados em perspectiva dos métodos “quali-quantitativos” apresentados por Omena (2019), os quais propõem a visualização de dados através de gráficos capazes de ilustrar padrões e recorrências. A proposta dessa abordagem é criar visualizações que representam fenômenos macroscópicos, de forma que essas estruturas são analisadas não pelo seu potencial estatístico, mas sim pela capacidade de ser um “mapa” para esses padrões e recorrências. Assim, as figuras 2 e 3 são visualizações desenvolvidas para facilitar o entendimento da tabela 1.

Destaca-se que as barras coloridas representam o tempo de vida das contas de Allan dos Santos, desde a “Data de criação” até a “Data de acesso”. O eixo vertical indica a quantidade de seguidores que a conta possuía no momento da data de acesso. Por fim, as legendas à direita representam as contas na ordem do gráfico (de cima para baixo).

Figura 2 – Total de seguidores em relação ao tempo de vida das contas (plataformas convencionais)



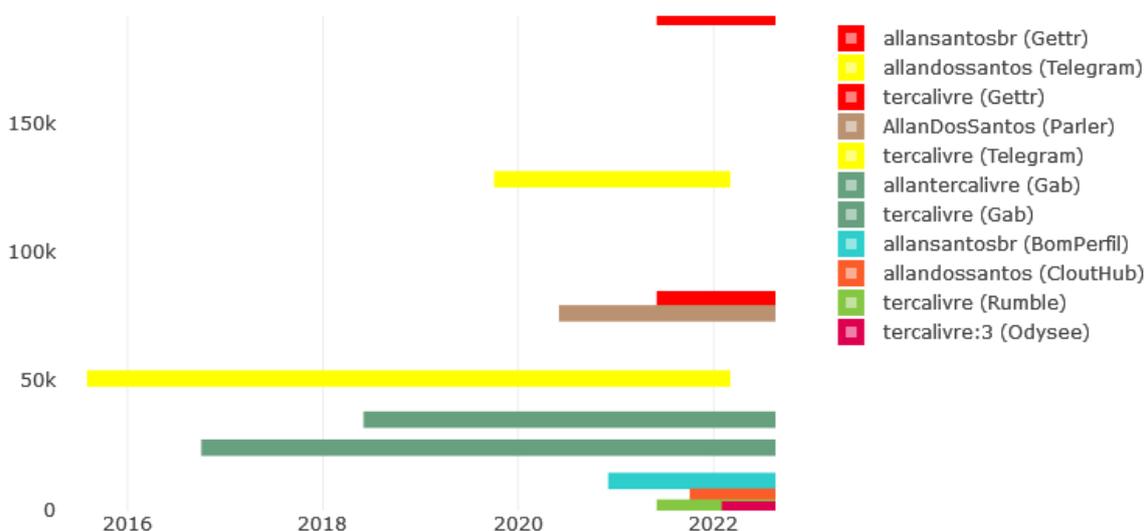
Fonte: Elaborada pelos autores.

ESCRITURAS CRÍTICAS

ÉREA
 ORTAÇÃO
 AMENTOS
 S
 LIZADAS
 ABREU
 ardado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINARI
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Meneses, e
 ds. Ruben L
 rativas da fusi
 ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 çou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no doi
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 ri-
 o r
 er-
 a
 er-
 LOI
 24 (L
 estabi

Conforme está ilustrado na Figura 2, o canal Terça Livre do YouTube é onde Allan possuía o maior alcance, com quase 1,2 milhões de inscritos. Logo a seguir, estão as contas homônimas para o Twitter e Instagram, que possuíam aproximadamente 500 mil seguidores cada. Destaca-se, também, que as contas que foram criadas por Allan dos Santos após o ano de 2020 possuíam quantidade de seguidores e tempo de vida consideravelmente menores do que o resto do conjunto, de forma que se mantiveram *online* por apenas alguns meses. Das plataformas em que Allan foi desligado, apenas o seu mais novo Instagram ainda permanecia em atividade, com aproximadamente 21 mil seguidores.

Figura 3 – Total de seguidores em relação ao tempo de vida das contas (plataformas alternativas)



Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto às plataformas alternativas de Allan dos Santos, destaca-se que apenas suas contas do Telegram foram desligadas, de forma que todas as outras contas ainda permaneciam em atividade. Até o momento dessa pesquisa, o Gettr era a plataforma onde Allan possuía mais visibilidade, com um total de 190 mil seguidores, ainda mais do que os 128 mil inscritos que ele obtivera em seu canal do Telegram. Além disso, fica evidente que após o ano de 2020 o blogueiro investiu em criar contas de diversas plataformas alternativas, de forma a garantir mais opções no caso de possíveis desligamentos.

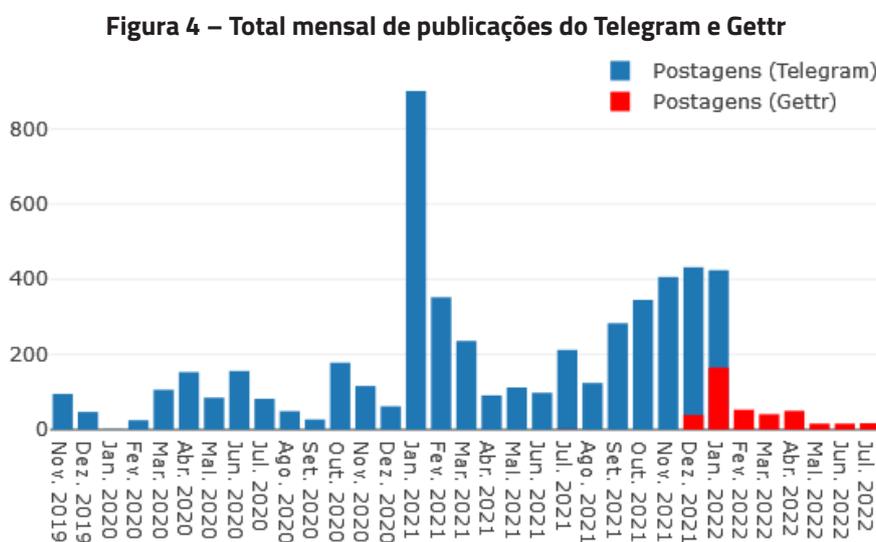
Desse ponto, vale questionar como Allan estava obtendo lucro com suas atividades, já que não possuía mais canal do YouTube, sites, acesso às plataformas de pagamento ou mesmo suas contas bancárias. A próxima seção investiga esses aspectos em vista das estratégias de autopromoção que foram adotadas pelo blogueiro.

ESCRITURAS CRÍTICAS

5 PLATAFORMAS E ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE AUTOPROMOÇÃO

O objetivo dessa etapa é investigar as estratégias que foram adotadas por Allan dos Santos para contornar as medidas de deplataformização que lhe foram imputadas. Para tanto, todas as publicações das contas pessoais do Telegram (@allandossantos) e Gettr (@allansantosbr) do blogueiro foram recuperadas utilizando suas respectivas APIs. Essas plataformas foram selecionadas, pois, das plataformas alternativas que pertenceram à Allan dos Santos, essas foram as que alcançaram maior quantidade de seguidores. Assim, após o desligamento da conta do Telegram de Allan, o Gettr passou a ser a principal mídia social do blogueiro.

Com isso, através de um programa que foi desenvolvido para acessar as APIs sistematicamente, obteve-se 5.204 publicações do Telegram e 398 publicações do Gettr. Somando o conjunto de publicações de ambas as plataformas, esses dados compreenderam o espaço de tempo entre novembro de 2019 e julho de 2022. Para esse estudo, os dados analisados foram o texto das publicações e suas respectivas datas de criação. A figura 4 ilustra o total mensal de publicações de Allan dos Santos nessas plataformas analisadas.



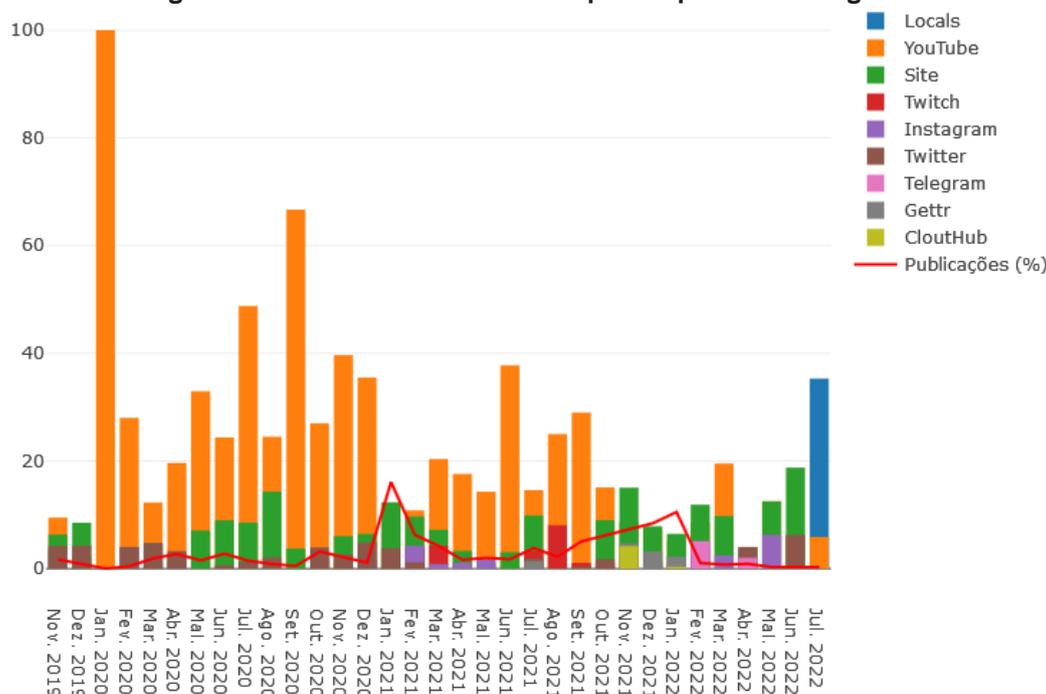
Fonte: Elaborada pelos autores.

É desde janeiro de 2021 que Allan começou a ser mais ativo no Telegram, possivelmente como estratégia para compensar a perda de visibilidade ocasionada pelos frequentes banimentos que tomou. Já a sua conta no Gettr, embora tenha sido criada em julho de 2021, só começou a ser utilizada em dezembro do mesmo ano. Em julho de 2022, houve

apenas uma postagem nessa plataforma, na qual Allan acusa a Polícia Federal e a justiça brasileira de estarem censurando-o em função do seu trabalho como autopromovido jornalista. Para aumentar a visibilidade, o blogueiro escreveu essa postagem em inglês, e também solicitou que a mensagem fosse compartilhada pela plataforma. Como resultado, essa publicação alcançou 12.371 curtidas, 696 comentários e 2.634 repostagens, que são números consideráveis dadas as dimensões do Gettr.

Em seguida, para investigar os impactos da deplataformização nas práticas de autopromoção de Allan dos Santos, obteve-se o percentual mensal de publicações do Telegram e Gettr com *links* para as plataformas digitais mais utilizadas pelo blogueiro. Essa proposta assume que o Telegram e Gettr de Allan são utilizados como veículos de divulgação dos conteúdos que ele produz. Conteúdos esses que já foram monetizados através de assinaturas pagas (Twitch e *sites*), campanhas de financiamento coletivo (Apoia.se), plataformas de anúncios (YouTube) ou doações de apoiadores (PIX, PayPal, Bitcoin, etc.). Nesse sentido, a figura 5 ilustra o percentual mensal de publicações com *links* para as plataformas digitais em que Allan esteve mais presente. Destaca-se que essa medida contabiliza quaisquer *links* para páginas de plataformas digitais, não somente para as contas que o blogueiro detém, pois isso seria operacionalmente inviável.

Figura 5 – Percentual mensal de links para as plataformas digitais



Fonte: Elaborada pelos autores.

Observa-se no gráfico que Allan realizava diversas publicações com *links* para o YouTube, mas esse número diminuiu notavelmente nos últimos meses de 2021 e início de 2022. Já os *links* para os seus sites apareceram consistentemente na amostra. Em seguida, foi verificado que Allan não apenas publicava *links* para os seus próprios perfis (autopromoção), como também os utilizava para divulgar conteúdos ou contas de pessoas e entidades que se alinhavam as suas pautas ideológicas.

Todavia, desde o primeiro desligamento dos seus canais no YouTube em janeiro de 2021, Allan passou a privilegiar a autopromoção de seus conteúdos por via de *links* para seus próprios sites Wix. Foram verificados *links* para 11 sites que pertenceram a Allan dos Santos, os quais foram todos tirados do ar após a Wix desligar sua conta em julho de 2022. Esses sites continham pedidos de doação e conteúdos exclusivos para apoiadores pagantes, de forma que, após seu banimento no YouTube e no Twitch, parece ter sido sua principal forma de monetizar conteúdo. O blogueiro também utilizava sua visibilidade no Telegram e Gettr para divulgar suas novas contas em plataformas convencionais, as quais permaneceram *online* por alguns poucos meses.

Em julho de 2022, Allan ainda utilizava a marca Terça Livre, mas já não contava mais com Twitch, YouTube, sites Wix ou contas em plataformas de pagamento. O arranjo mais recente que Allan utilizou para monetizar suas atividades foi a publicação de conteúdos através do Locals, uma plataforma alternativa de financiamento coletivo. Além disso, o blogueiro também utilizava as plataformas CloutHub e Rumble para fazer transmissões ao vivo de um programa de *podcast* intitulado “Guerra de Informação”, o qual foi posteriormente publicado em sua conta no Spotify (que ainda permanecia ativa durante o desenvolvimento desse estudo). Allan dos Santos também estava divulgando seu endereço Bitcoin para receber doações de apoiadores.

Essas práticas de monetização estavam centralizadas em sua conta pessoal do Gettr, em que o blogueiro divulgava *links* de acesso para esses conteúdos. Por mais que Allan tivera contas no BomPerfil, Gab e Parler com um número expressivo de seguidores, esses canais foram utilizados apenas esporadicamente, mas, ainda assim, representam outros espaços nos quais o blogueiro pode se refugiar no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse foi um estudo acerca da temática deplataformização de Allan dos Santos. Os objetivos foram (a) construir uma linha do tempo dos acontecimentos, medidas e embates que estão envoltos à deplataformização de Allan dos Santos, (b) medir os impactos dessa deplataformização em termos de número de seguidores e (c) investigar as estratégias que foram adotadas pelo blogueiro para contornar essas medidas. Para finalizar o capítulo, retoma-se a questão de pesquisa: de que forma a deplataformização impactou as práticas online de Allan dos Santos?

Em conformidade com os postulados de Forsberg (2021) sobre os possíveis impactos da deplataformização, uma das consequências positivas no caso de Allan dos Santos foi a progressiva diminuição da sua visibilidade conforme as punições foram sendo aplicadas. Desta forma, ficou evidente que a deplataformização precisa ser um processo contínuo, o qual exige que novas medidas sejam adotadas periodicamente para contrapor as estratégias desses atores maliciosos que buscam retomar sua visibilidade nas plataformas. Ali *et al.* (2021) entendem que a deplataformização é sim uma estratégia viável para reduzir a circulação de informações prejudiciais, mas deve ser planejada tendo em vista possíveis efeitos colaterais, o que inclui pensar esse problema para além de uma única plataforma. No caso de Allan dos Santos, houve diversas tentativas de retorno às plataformas convencionais, mas como essas novas contas foram banidas depois de poucos meses, o blogueiro foi perdendo sua visibilidade, até que deixou de investir nessa estratégia. Com isso, destaca-se a importância de as plataformas se manterem vigilantes para contrapor as possíveis investidas desses tipos de atores, pois conforme foi verificado nesse estudo, depois de sucessivos banimentos é difícil que eles retomem a visibilidade que já tiveram.

Innes e Innes (2021) também ressaltam quanto aos possíveis efeitos colaterais da deplataformização, que, no caso de Allan dos Santos, manifestaram-se sob forma de uma migração quase que completa para as plataformas alternativas, que foram utilizadas, inclusive, para monetizar conteúdo. Ainda assim, questiona-se acerca da viabilidade de lutar com a disseminação de informações prejudiciais através de plataformas alternativas. Para alguém como Allan dos Santos, que já teve um canal do YouTube com mais de 1 milhão de inscritos, talvez seja possível que ele tenha fidelizado uma base de apoiadores que venha a segui-lo em não importa qual plataforma. Mas, para novos influenciadores digitais

que ainda não conquistaram esse tipo de público, questiona-se acerca da viabilidade de “crescer” através das plataformas alternativas. Também é importante lembrar que desde que o Telegram acatou os pedidos do STF para suspender contas que espalhavam desinformação pela plataforma (G1, 2022), ficou evidente que as plataformas alternativas não são “intocáveis”, de tal modo que conforme ganhem popularidade, torna-se plausível pensar que elas também passem a estar sujeitas às mesmas responsabilidades que incidem sobre as plataformas convencionais.

Por fim, a principal limitação desse trabalho está na baixa qualidade das fontes e dados que foram analisados, os quais representam apenas uma pequena parcela dos acontecimentos contemporâneos que estão envoltos a deplataformização de Allan dos Santos. É claro que lidar com informações incompletas pode ser um desafio inerente a esse tipo de estudo, mas ainda assim representa uma limitação da pesquisa. Além disso, algumas das notícias e matérias que compuseram a base de fatos para esse estudo são originárias de sites noticiosos menos reconhecidos. Com isso, ainda que esses conteúdos tenham sido selecionados através de uma curadoria atenta, podem não consistir em referências ideais para esse tipo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALI, S. *et al.* Understanding the Effect of Deplatforming on Social Networks. In: **13th ACM Web Science Conference**. 2021. p. 187-195.
- BERGAMO, M. **Blogueiro bolsonarista Allan dos Santos diz que fugiu do Brasil para se proteger**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/blogueiro-bolsonarista-allan-dos-santos-diz-que-saiu-do-brasil-para-se-proteger.shtml>. Acesso em: 20 out. 2022.
- CARTA CAPITAL. **Banido de plataformas, Allan dos Santos mantém conta no Instagram há 2 meses**. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/banido-de-plataformas-allan-dos-santos-mantem-conta-no-instagram-ha-2-meses/>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- COUTO, M. **Terça Livre: canal bolsonarista “dobra” YouTube e volta ao ar**. 2021. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/canal-bolsonarista-terca-livre-dobra-you-tube-e-volta-ao-ar-140759391.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

D'ANDRÉA, C. F. de B. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos.** 2020.

ESTADO DE MINAS. **Allan dos Santos é suspenso do Twitter por “discurso de ódio”.** 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/01/20/interna_nacional,1230897/allan-dos-santos-e-suspenso-do-twitter-por-discurso-de-odio.shtml. Acesso em: 25 jul. 2022.

ESTADODEMINAS. **Allan dos Santos: saiba porque o blogueiro bolsonarista não é extraditado.** 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/06/13/interna_politica,1373118/allan-dos-santos-saiba-por-que-o-blogueiro-bolsonarista-nao-e-extra-ditado.shtml. Acesso em: 20 out. 2022.

FÁVERO, B.; CUBAS, M. G.; BARBOSA, J.; MANGABEIRA, M. **Bolsonaristas suspensos pelo STF driblam bloqueio e crescem nas redes com críticas à corte.** 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-suspensos-pelo-stf-driblam-bloqueio-e-crescem-nas-redes-com-criticas-corte/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **YouTube aponta violação de regras e encerra canal bolsonarista Terça Livre.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/02/youtube-encerra-canal-bolsonarista-terca-livre-por-tempo-indeterminado.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FORSBERG, V. L. **“Don’t trust the media—it costs lives.”: A corpus linguistic study of the mainstream media criticism and deplatforming discussion in the Swedish far-right alternative media.** 2021.

FRAGOSO, S. D. Huehuehue eu sou br: spam, trollagem e grieving nos jogos on-line. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia.** Vol. 22, n. 3 (jul./set. 2015), p. 129-146, 2015.

FRY, M. The Alt-Right: A Discourse Analysis/Deplatforming and the Role of Social Media in the Regulation of Speech. **Culminating Projects in English.** 2020.

G1. **Contas de bolsonaristas em redes sociais são retiradas do ar após decisão de Moraes.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/24/contas-bolsonaristas-em-redes-sociais-sao-retiradas-do-ar-apos-decisao-de-moraes.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

G1. **Blogueiro bolsonarista alvo de inquéritos no STF diz que deixou o Brasil.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/31/blogueiro-bolsonarista-alvo-de-inqueritos-no-stf-diz-que-deixou-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

G1. **Perfil de Allan do Santos no Instagram e canal Terça Livre no YouTube são retirados do ar por ordem judicial.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/14/perfil-de-allan-do-santos-no-instagram-e-canal-terca-livre-no-youtube-sao-retirados-do-ar-por-ordem-judicial.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GAZETA DO POVO. **Jornalista Allan dos Santos tem contas suspensas pelo Twitter.** 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/jornalista-allan-dos-santos-tem-contas-suspensas-pelo-twitter/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

INNES, H.; INNES, M. De-platforming disinformation: conspiracy theories and their control. **Information, Communication & Society**, p. 1-19, 2021.

ISTOÉ. **YouTube e Twitter desativam novos perfis criados por blogueiro Allan dos Santos.** 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/youtube-e-twitter-desativam-novos-perfis-criados-por-blogueiro-allan-dos-santos/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

JHAVER, S. *et al.* Evaluating the effectiveness of deplatforming as a moderation strategy on twitter. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**, v. 5, n. CSCW2, p. 1-30, 2021.

KEULENAAR, E.; BURTON, A. G.; KISJES, I. Deplatforming, demotion and folk theories of Big Tech persecution. **Fronteiras**, v. 23, n. 2, p. 118-139, 2021.

LABARBERA, G. Deplatforming and the rise of the alt-tech video hosting platform BitChute in 2020. **Masters of Media**. 2020.

MARCHESINI, L. **Allan dos Santos recebeu R\$ 26 mil da Twitch, indica vazamento.** 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/allan-dos-santos-recebeu-r-26-mil-da-twitch-indica-vazamento>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MENDES, L.; ANGELO, T. **YouTube derruba canal usado por Allan dos Santos após suspensão do Terça Livre.** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/youtube-derruba-canal-usado-por-allan-dos-santos-apos-suspensao-do-terca-livre/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MUNIZ, M. **Allan dos Santos aciona novamente STF para tentar desbloquear contas bancárias.** 2022. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/allan-dos-santos-aciona-novamente-160625247.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OMENA, J. J. **Métodos Digitais.** 2019.

PODER360. **Allan dos Santos diz que perdeu tudo e pede ajuda financeira**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/allan-dos-santos-diz-que-perdeu-tudo-e-pede-ajuda-financeira/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Fronteiras**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.

ROGERS, R. **Digital methods**. MIT press, 2013.

ROGERS, R. **Doing digital methods**. Sage, 2019.

ROGERS, R. Deplatforming: Following extreme Internet celebrities to Telegram and alternative social media. **European Journal of Communication**, v. 35, n. 3, p. 213-229, 2020.

SANTOS, R. **Juiz nega pedido para reativar canal de blogueiro bolsonarista no YouTube**. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-nov-08/juiz-nega-pedido-reativacao-canal-blogueiro-bolsonarista>. Acesso em: 25 jul. 2022.

TELES, L. **Após ser banido do YouTube, conta de Allan dos Santos no Twitter é suspensa**. 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/timeline-eleicoes-2022/allan-dos-santos-terca-livre-twitter-suspenso/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

UOL, **YouTube ganha na justiça direito a retirar canal “Terça Livre” do ar**. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/youtube-retira-canal-do-terca-livre-do-ar/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

VELEDA, R. **Allan dos Santos burla bloqueio no Instagram e ofende Moraes em blues**. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/allan-dos-santos-burla-bloqueio-no-instagram-e-ofende-moraes-em-blues>. Acesso em: 25 jul. 2022.

VIVAS, F.; LOSEKANN, M. **Após ordem de Moraes, Telegram bloqueia perfis de Allan dos Santos**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/26/apos-ordem-de-moraes-telegram-bloqueia-perfis-de-allan-dos-santos.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

WALKER, S. **“Nobody can block it”**: how the Telegram app fuels global protest. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2020/nov/07/nobody-can-block-it-how-telegram-app-fuels-global-protest>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MELHORA A POSIÇÃO DE GISCARD D'ESTAING

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

Jacques Chaban-Delmas, na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de se defrontar com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada hoje pelo vespertino «France Soir» mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, (Continua na 6.ª página)

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

tagem de João Rosa, na página 3)

RA-INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

BBB ÉLEBRE NEMA

(Página 23)



DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ional de Belém, o administrador-geral
mentos do conselho de administração
o Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
varria do Estado na cidade do Porto

ÃO DE ENERGIA CALC...RREST

or NIGEL H

as eno
idades
vo Mé
rés
e

zadas p...
laborató
Los Alamos,
tiva para expl...
va muito mais
chas quentes.
A técnica que...
a apli...

(Continua... pág.)

ON

973

mediu
página)

MBIQUE

R Q UES,
ram-se já
temas a
empresá
negócios
de Ango
iativa do
Comer
vão reu-
Marques,
página)

página)



TEMPOS DE DISCRIMINAÇÃO E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA: DESAFIOS DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE ANTIDISCRIMINATÓRIA

Marluci Meinhardt
Alissom Roberto Brum
Saraí Patrícia Schmidt



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gravura a bater ao «sprint» todos os demais concorrentes à chegada a Almeria, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swerts permaneceu com a camisola amarela, encontrando-se Joaquim Agostinho na 10.ª posição, a uns escassos dez segundos do corredor belga (Desenvolvimento em D^osportos, na página 9)



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
cada mês cada um mês cada um mês do que a sua conta

INTRODUÇÃO

Práticas investigativas voltadas ao território escolar têm apontado a necessidade da produção de estudos mais pungentes sobre os processos de ensino-aprendizagem focados em problematizar, sobretudo, a situação de uma determinada racionalidade pedagógica que ainda parece permear no bojo sistema do educacional, ecoando na conduta de muitos/as docentes no embasamento de seu compromisso escolar contemporâneo. Tal contexto torna-se discutível e complexo tendo em vista que é sobre este entendimento racional no qual, muitas vezes, pautam-se ações formativas que buscam promover a socialização e a integração dos/as educandos/as na sociedade e na própria cultura (Bittar, 2007). Essa educação racional abordada, por vezes, dentro de uma lógica tecnicista, conteudista e disciplinar – que facilmente direciona a um olhar homogeneizador e enclausurador das diferentes formas de ser e estar no mundo – pode acabar por desconsiderar aspectos singulares que marcam a trajetória individual de cada pessoa - de cada estudante. Educar nesta perspectiva, portanto, não só pode conduzir a uma visão limitada das múltiplas existências que coexistem e que habitam os diferentes cotidianos, como pode conduzir a um auto olhar formatado em parâmetros postos como ideais para se estabelecer enquanto gente e até mesmo para reconhecer o outro como gente no mundo. Nesse sentido, é necessário deslocar a educação deste lugar de extrema racionalização e enquadramento das subjetividades que permeiam o território escolar, admitindo a maior potência dos processos de ensinar e aprender por meio das diferenças. Assim, como alerta Larrossa (2003, p. 56), é preciso ter cuidado para não “submeter a lógica da infância ao perigo implacável do nosso mundo, converter as crianças em uma projeção dos nossos desejos, de nossas ideias e de nossos projetos”.

Logo, uma educação que emerge em “raciocínios técnicooperativos” não condescende com princípios emancipatórios - que apoiam e propiciam um ensino libertador em sala de aula, direcionado a pensar criticamente sobre as diferentes situações de vida e suas relações com o estado democrático e próprio exercício da cidadania (Bittar, 2007, p. 321). Longe disso, é uma forma de ensino que municia ferramentas que operam dentro de uma logicidade “exacerbadamente competitiva, consumista, individualista e capitalista selvagem” (Bittar, 2007, p. 321). Conforme Bittar (2007, p. 321), “Quem vive sob este modelo de educação não ‘recebe educação’, verdadeiramente, ‘padece educação’”. A situação se

complexifica ainda mais, quando se tem intrínseco neste cenário um compromisso escolar direcionado a promover uma educação para os Direitos Humanos. Sem dúvidas, a reflexão e a compreensão sobre a noção de Direitos Humanos é, hoje, um grande desafio educacional, estando posto, por exemplo, nas próprias competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – que aponta o dever da escola no desenvolvimento de atividades que levem os/as estudantes a exercitarem “a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos”, por meio da aceitação e do reconhecimento “da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2018, p. 10). Contudo, conforme observado por Pescarolo (2013, p. 125), os/as professores/as apresentam, por vezes, uma narrativa pronta que exterioriza e afirma este entendimento sobre sua responsabilidade na promoção de uma cultura dos direitos humanos, mas “sem de fato internalizarem e adotarem práticas cotidianas coerentes com esse discurso, como se estivessem simplesmente reproduzindo o discurso oficial, falando o que esperam que eles digam como bons educadores”.

Considerando esse contexto da educação contemporânea aliado ao desafio acadêmico de potencializar a relação Educação e Direitos Humanos o artigo tem como objetivo compartilhar a experiência coletiva da pesquisa acadêmica quando pesquisadores e pesquisadoras dividem suas inquietações teórico-metodológicas e buscam construir juntos possibilidades da investigação. O Grupo de Pesquisa Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura, vinculado aos Programas de Pós Graduação em Processos e Manifestações Culturais e Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale/RS, tem sido um dos vetores da relação entre a Universidade e a comunidade escolar, tendo como foco de suas ações a construção de uma educação antidiscriminatória, pautada na problematização e combate as diferentes formas de discriminação que podem permear o território escolar. No trabalho de campo, o levantamento de dados é construído coletivamente e socializado na busca de um itinerário científico que promova o diálogo e troca entre pesquisadores e pesquisadoras. Essa construção metodológica amplia e potencializa o agir coletivo na pesquisa acadêmica em tempos que recorrentemente vivemos a cultura do sucesso individual. Cabe esclarecer que a experiência de formação docente descrita nesse artigo integra o convênio Educação Antidiscriminatória estabelecido entre a Universidade e a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, assim como constitui

o processo de construção de duas dissertações desenvolvidas no Grupo de Pesquisa e que tomam como objeto de estudo o território escolar na relação com a formação para os Direitos Humanos.

Em tempos nos quais se faz necessário reafirmar a defesa em prol dos Direitos Humanos e de práticas pedagógicas que não apenas os respeitem, mas também que os promovam, é fundamental que se repense o papel da escola e de seus profissionais na compreensão e na legitimação desses direitos. Uma educação para os Direitos Humanos precisa, mais do que nunca, ter em vista uma ótica mais afetiva e dialógica na busca por práticas de ensino e aprendizagem que tragam todos os marcadores sociais da diferença. Portanto, pensando em uma educação que vai além da reprodução e da apreensão do conhecimento, isto é, que aja em “respeito ao educando, no sentido de que o educando vá se construindo como gente, em lugar de ir se reprimindo e virando coisa” (Freire, 1983, p. 1), entendemos a necessidade de colocá-la em um lugar de acolhimento, de produção de sentidos e de formação e afirmação das identidades. Como diz Larrossa (2017, p. 188), “a educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma como o mundo recebe aqueles que nascem”.

E é partir dessa perspectiva que surge a Exposição Virtual *Criança na Mídia: Tempos de Discriminação e Direitos Humanos*, que – ao protagonizar a criança como um sujeito de direitos –, objetiva sensibilizar as equipes pedagógicas, sobretudo das escolas da rede pública de ensino do município de Novo Hamburgo/RS, para a importância de se assegurar uma educação antidiscriminatória no território escolar. Sendo assim, por meio da Exposição Virtual, intentou-se promover, junto aos professores/as, formas mais sensíveis e subjetivas para se refletir e propiciar diálogos sobre a condição de vida e existência dos estudantes. Uma produção, portanto, que parte justamente da necessidade de – enquanto adultos, docentes e equipes pedagógicas – olharmos e captarmos as singularidades presentes no território escolar, dado que a invisibilização de tais singularidades pode ser produtora de silenciamento e violência nos cotidianos das escolas e nos processos de ensino e aprendizagem.

Ademais, a Exposição Virtual é um trabalho que surge e sustenta-se a partir da perspectiva interseccional, que, conforme Akotirene (2019, p. 35), “leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências” (Akotirene, 2019, p. 35).

Deste modo, a interseccionalidade foi tida, aqui, como uma ferramenta teórica-metodológica que instrumentaliza a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do patriarcado, tendo em vista que tais marcadores sociais da diferença são fundamentais para a construção de uma educação saudável, produtora de sentido e garantidora de direitos.

Posto isto, este estudo, inspirado nas diretrizes da pesquisa-ação (Thiollent, 1986) -, apresenta um relato crítico e interdisciplinar da relação entre Educação e Direitos Humanos, que, amparado em contribuições como de Carla Akotirene, Jorge Larrossa e Eduardo Bittar, problematiza a necessidade de uma educação antidiscriminatória nas escolas, guiada para os Direitos Humanos e abarcando os marcadores sociais da diferença. Para tanto, a redação deste trabalho buscará expor, mesmo que brevemente, o processo metodológico que culminou na criação do conjunto de fotografias e em seu posterior formato de Exposição Virtual, bem como de que forma a Exposição pode corroborar para a articulação de ações que busquem uma educação antidiscriminatória no território escolar.

EXPOSIÇÃO VIRTUAL CRIANÇA NA MÍDIA

O processo de criação das fotografias e da Exposição Virtual orientou-se a partir da metodologia da pesquisa-ação (Thiollent, 1986). Segundo Thiollent (1986, p.7), essa é uma "linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação". Sendo assim, é uma proposta investigativa que se estrutura e sistematiza-se em quatro etapas subsequentes de elucubração: exploratória, planejamento, ação e avaliação.

O período exploratório, "consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou 'diagnóstico') da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações" (Thiollent, 1986, p. 48). Portanto, foi neste estágio do estudo em que procurou-se entender de que forma vem se dando, atualmente, a compreensão e a vivência dos Direitos Humanos na sociedade e qual tem sido o papel da escola na constituição de uma cultura mais democrática e cidadã.

A vista disso, o relatório desenvolvido pelo Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), em parceria com Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH), sobre a percepção dos brasileiros com relação aos direitos humanos, trouxe dados

importantes para se entender e para se demonstrar o contexto que envolve a problemática que se buscou, aqui, pesquisar e intervir. O estudo, que abrangeu todo território nacional no ano de 2014, revela, por exemplo, que quando se questiona sobre o que é cidadania, que 23,2% dos respondentes não sabem defini-la, assim como 11,6% apresentam respostas vagas sobre o conceito e que ainda 1,6% dos entrevistados expressam uma visão negativa sobre o que de fato ela vem a representar na sociedade (Radmann *et al.*, 2014). Contudo, a situação se complexifica ainda mais quando se pergunta sobre quem a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) protege, sendo inquietante constatar que apenas 48,3% dos participantes afirmaram ser um documento que protege integralmente todo sujeito humano, visto que para muitos são direitos que resguardam apenas bandidos (10,4%), presidiários (4,7%), sujeitos menos favorecidos (4,3%), indivíduos negros (3,7%) e políticos corruptos (3,4%) (Radmann *et al.*, 2014).

Ademais, ainda neste mesmo relatório, foi inquirido ao grupo investigado sobre os direitos de igualdade, indagando-se, dentre o elenco prévio de alguns artigos da Declaração, se havia algum que não se julgava um direito humano. As respostas, aqui, igualmente entrelaçam a pungência da problemática que se busca estabelecer e compreender neste trabalho, uma vez que direitos que mantem, por exemplo o tratamento igual entre pobres e ricos (11,2%), a igualdade entre brancos e negros (9,2%) e a igualdade entre homossexuais e heterossexuais (7,3%), não são, na opinião dos entrevistados, um direito preservado pela Declaração (Radmann *et al.*, 2014).

Todavia, o não cumprimento das leis de paridade e a própria cultura de diferenciação e discriminação que está enraizada na sociedade, são fatores que contribuem para que tal entendimento solidifique-se, visto que o tratamento igual entre pobres e ricos (53,1%), negros e brancos (64,5%) e homossexuais e heterossexuais (30,8%), estão classificados entre os mais violados no Brasil (Radmann *et al.*, 2014). O fato é que o Brasil “continua sendo o país do mundo onde mais LGBT são assassinados: uma morte a cada 29 horas” (Oliveira; Mott, 2022, p. 2). Uma nação na qual, “em 2019, os negros [...] representaram 77% das vítimas de homicídios” (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 49), sendo que “em quase todos os estados brasileiros, um negro tem mais chances de ser morto do que um não negro” (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 52).

Outrossim, ainda neste contexto exploratório, também foi relevante atentar para informações expostas no relatório Bem-estar e Privações Múltiplas na Infância e na Adolescência no Brasil, um levantamento divulgado pela UNICEF Brasil no ano de 2018. Nesse documento é possível constatar que “aproximadamente 50% da população de crianças e adolescentes do país têm seus direitos violados de uma maneira ou outra; e que 19% registram ao menos uma violação definida [...] como extrema” (Paz; Arévalo, 2018, p. 151). Não obstante, esses dados ficam ainda mais lamentáveis quando esse contexto de violência ganha proporções diferentes de acordo com a cor. Neste sentido, “crianças e adolescentes negros registram uma taxa de pobreza ou violação de direitos de 58%, em comparação com 38% dos brancos; e uma taxa de pobreza extrema de 24%, em comparação com 13% dos brancos” (Paz; Arévalo, 2018, p. 151).

Nesta mesma acepção, a pesquisa Bem-Estar Infantil: direitos das crianças e satisfação com seus contextos de vida, formada por uma amostra de 2.676 entrevistas, expõem dados relevantes para se refletir sobre o cenário da segurança e da dignidade dos infantes em nosso país. Segundo o relatório, “a maioria das crianças e adolescentes não se sentem (24%) ou não se acham totalmente seguras (53%) no Brasil” (Bedin; Sarriera, 2020, p. 79), sendo que para 17% “os direitos das crianças no Brasil não são respeitados” (Bedin; Sarriera, 2020, p. 80). Ademais, “53% dos participantes responderam não saber ou não ter certeza se conhecem seus direitos”, sendo que para 16,4% a escola não propiciou, ou 27,9% pouco incentivou conhecer e discutir sobre (Bedin; Sarriera, 2020, p. 60).

Esses índices, que cercam a problemática do trabalho, advertem, portanto, para a urgência na realização de ações que contornem tanto as famílias quanto as escolas, no sentido de possibilitar falar sobre os direitos humanos, “a dar a conhecer o ECA e a Declaração dos Direitos das Crianças e a trocar experiências e situações para que as crianças se sintam escutadas e com sensação de abertura de pais e professores para serem respeitadas e incentivadas” à requererem sua dignidade (Bedin; Sarriera, 2020, p. 80). Por conseguinte, frente aos achados deste primeiro estágio da pesquisa-ação, que nos permitiu ter uma visão ampla sobre a temática e a problemática investigada, parte-se então para as fases de planejamento e ação. O planejamento diz respeito a como iremos agir em relação àquilo que foi detectado no período exploratório do estudo. Sendo assim, os acadêmicos do Grupo de Pesquisa Criança na Mídia reuniram-se em busca de possíveis estratégias.

Bittar (2007, p. 315), nesse contexto, aponta que “se a intenção for a de pesquisar a mais apropriada concepção de educação para os direitos humanos, deve-se desde logo dizer que educar só tem sentido enquanto preparação para o desafiar”. Para o autor, ações que visam a compreensão e a vivência dos Direitos Humanos precisam, acima do que tudo, “sensibilizar e humanizar” (Bittar, 2007, p. 316). Isso implica em ir além dos conteúdos disciplinares e discussões pontuais em sala de aula, mas em “desconfirmar a presença da opressão permanentemente transmitida pela própria cultura” (Bittar, 2007, p. 316), afirmando e preparando para uma “cultura centrada no convívio plural e na aceitação da diversidade, no respeito à dignidade da pessoa humana e na preocupação com a justiça social” (Bittar, 2007, p. 319).

Tem-se, perante o exposto, o quão fundamental é a compreensão e a reflexão dos direitos humanos no território escolar, a partir de um enfoque próximo e particular das condições de vida experienciadas diariamente pelos estudantes. Olhar para esses direitos tendo como base um olhar sobre a/o estudante é o que possibilitara promover uma postura mais *empoderada*, crítica e cívica sobre as situações que tangenciam seu cotidiano. Os direitos humanos, embora universais, precisam ser apreendidos e ressignificados sobre as diversas circunstâncias e carências que os circunscrevem no mundo. “Isto implica uma prática pedagógica capaz de penetrar pelos sentidos”, como, por exemplo, “nas dimensões do ver (uso do filme, da imagem, da foto na prática pedagógica)” diária (Bittar, 2007, p. 323).

Foi nessa perceptiva que emergiu a ideia inicial da Exposição. A proposta, que teve origem no ano de 2018 - período em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos comemorava 70 anos de existência -, envolveu estudantes das redes estadual, municipal e privada do município de Novo Hamburgo/RS, que representaram os 30 artigos da Declaração em uma sessão de fotos no estúdio fotográfico da Universidade Feevale. Inicialmente, a produção resultou em uma Exposição itinerante, percorrendo as diferentes escolas do município e demais espaços públicos e privados da região, convidando a comunidade a refletir sobre a relação infância, direitos humanos e discriminação.

ÉREA
 ORTAÇÃO
 AMENTOS
 S
 LIZADAS
 ABREU
 ardado, 160
 21
 iados, 207
 1
 E OFICINAS;
 ENSA NACIO
 em à tarde, n
 de Meneses, e
 drs. Ruben L
 ativas da fusi
 ministro do
 OSPE
 TIR
 tentativa p
 quecidas d
 de Los Ala
 çou a perf
 ndidade cal
 armazenar
 ser viável,
 calculável.
 CO I
 O M
 CÍCIO
 de adminis
 tto Mayor,
 assembleia
 e ao projec
 ado pela A
 que no doi
 to preveja
 (Con
 ESTAB
 OS TI
 DO II
 ECONC
 ANGO
 es
 eri-
 o r
 er-
 a
 er-
 LOU
 24 (L
 estabi

Figura 1 - Exposição em circulação nas escolas



Fonte: Grupo Criança na Mídia (2019).

Entretanto, com o surgimento da pandemia do Coronavírus (Covid-19), que colocou o mundo em isolamento social no início do ano de 2020, vindo a fechar as escolas e a compor o ambiente remoto de ensino, resolveu-se ressignificar a proposta da Exposição física para uma versão virtual¹, para que os docentes e os educandos pudessem continuar tendo acesso as imagens, de modo a seguir promovendo reflexões e trabalhos a partir da DUDH. Neste outro formato, realocado dentro do site do Grupo de Pesquisa, além das imagens, disponibilizou-se materiais de apoio para cada artigo da Declaração, como dicas de livros, filmes, séries, vídeos e músicas, com o objetivo de contribuir e de ampliar ainda mais as discussões a partir de outras manifestações da cultura e da arte. Bittar (2007, p. 324), sobre esta decisão, aponta que a “experiência ético-estética reabilita o potencial transformador da educação”, isto é, “explorando-se poesia, literatura, pintura, cinema, teatro”, é possível tornar “a sala de aula um laboratório de ideias”, mesmo que virtualmente.

ESCRITURAS CRÍTICAS

Figura 2 - Exposição Virtual



Fonte: Grupo Criança na Mídia (2022).

¹ Disponível em: <https://criancanamidia.com.br/exposicao-virtual-1/>. Acesso em; 23 jun. 2024.

Após a efetivação da Exposição Virtual, encaminhou-se as escolas um convite para o uso deste novo espaço, juntamente com um tutorial² de como acessá-lo. Em seguida, incentivamos as escolas a enviarem alguns relatos de como os/as professores/as estão articulando esse material no seu exercício pedagógico diário. Estas experiências nos permitiram avaliar e analisar qualitativamente (fase final da pesquisa-ação), como este trabalho tem contribuído para a promoção de uma cultura dos direitos humanos no território escolar. Contudo, tendo em vista o formato expositivo curto desta redação, será apenas apresentado, e não analisado, algumas dessas práticas.

Assim, dentre os relatos que nos enviaram, pode-se destacar atividades que trabalharam diversos temas importantes, especialmente no combate aos preconceitos e à discriminação no território escolar. Um exemplo foi a atividade intitulada “Mulheres na Matemática”, na qual uma turma de quarto ano dedicou-se exclusivamente a pesquisar sobre as mulheres protagonistas na matemática, visto que até hoje, esta é uma área que evidencia majoritariamente os homens como protagonistas. A turma citou vários nomes de mulheres que fizeram importantes descobertas nesta ciência exata, colaborando para a equidade de gênero e a valorização das mulheres na ciência.

Outro relato importante diz respeito à inclusão do tema Direitos Humanos nos planos pedagógicos, em que muitos professores e professoras relataram que após visitarem a Exposição Virtual, atentaram para a importância de incluir tal tema em todas as atividades propostas durante o semestre e também em todos os componentes curriculares, visto que o compromisso sobre a noção desses direitos “é, simultaneamente, meio e fim” (Maia, 2007, p. 99) de qualquer atividade pedagógica voltada a uma visão crítica do mundo. Neste sentido, a inclusão dos Direitos Humanos no planejamento semestral das escolas que tiveram acesso à Exposição, mostrou-se um resultado efetivo no exercício pedagógico - já que tal tema é inerente aos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, só se pode aprender e ensinar quando os direitos básicos de todo e qualquer cidadão esteja sendo respeitado e garantido.

Por isso, não basta que os Direitos Humanos existam somente como um documento, uma conquista histórica ou um ideal político da humanidade, é essencial criar espaços que ensinem e afirmem perante as pessoas o que lhes é devido enquanto cidadãos. A própria

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5R_Qh4waPGw&t=8s. Acesso em; 23 jun. 2024.

Declaração defende a compreensão sobre os direitos que a constitui, neste sentido, o entendimento sobre os Direitos Humanos vem a ser, também, um Direito Humano. Portanto, conforme pondera Zenaide (2007, P. 16), “a educação enquanto bem e direito, assim como a crença na igualdade como conquista e utopia de todos é o que vai dinamizar todo um conjunto de compromissos em relação à educação em e para os direitos humanos”. Nesta mesma perspectiva, a fundadora e primeira presidente da Rede Brasileira de Direitos Humanos, Margarida Genevois (2007, p. 10), reitera que: “não basta reconhecer e afirmar os direitos no plano político e jurídico. É preciso realizar, acima de tudo, um trabalho de formação, que atinja corações e mentes”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Exposição Virtual Criança na Mídia: Tempos de Discriminação e Direitos Humanos é um importante marco na direção da construção de uma educação catártica, que produza sentido na vida de crianças e adolescentes e fortaleça suas identidades, buscando a garantia dos seus direitos enquanto cidadãos, especialmente para as escolas do município de Novo Hamburgo/RS, que foram diretamente envolvidas nesta ação. Os/as professores/as participantes deste trabalho expuseram, por exemplo, que - a partir do trabalho com a Exposição - os/as alunos/as puderam ampliar “o olhar para o diferente (além de suas crenças, valores e costumes), conseguindo compreender valores relativos à coletividade, à resolução de problemas, ao respeito, ao diálogo e à compreensão” (Professor/a, informação verbal³). Além disso, pontuaram a importância de

educadores e pais/responsáveis dialogarem com seus alunos/filhos sobre direitos humanos desde o início de suas vidas. Devemos pensar que, não podemos promover respeito se não praticamos o respeito, não podemos desconstruir preconceitos se somos preconceituosos, não podemos formar para a cidadania ativa se não a exercemos e sequer conhecemos nossos direitos (Professor/a, informação verbal).

A partir da sensibilização para a articulação entre Direitos Humanos e Educação, e das práticas pedagógicas relatadas após o trabalho com a Exposição, consideramos que

³ As fontes serão preservadas, sendo identificadas apenas como professor/a em todas as suas aparições. Vale destacar, ainda, que tais citações são oriundas de informações verbais, assim sinalizadas e grafadas da forma como as normas da ABNT sugerem.

não tem sentido separar a garantia de direitos, os marcadores sociais da diferença e a formação docente. Ambos necessariamente andam juntos, buscando a construção de uma educação que apoiada na diferença, possa também fazer a diferença. Sabe-se dos muitos desafios enfrentados por professores e professoras em todo o país, e por isso mesmo, a necessidade de se olhar para tais desafios na busca de construções de caminhos possíveis para lidar com eles e transformá-los em novas realidades. Em suma, considera-se que a exposição aqui apresentada aliada a experiência de formação docente anteriormente descrita, pode ser uma ferramenta ética e política no auxílio a tais desafios, e que os Direitos Humanos não podem estar à margem dos Planos Políticos Pedagógicos, mas o contrário: os Planos Políticos Pedagógicos precisam estar amparados nos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- BEDIN, L. M.; SARRIERA, J. C. (Coord.). **Bem-estar infantil: direitos das crianças e satisfação com seus contextos de vida**. Porto Alegre: Ideograf, 2020.
- BITTAR, E. C. B. Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CERQUEIRA, D. (Coord.) *et al.* **Atlas da violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.
- FREIRE, P. Entrevista inédita de Paulo Freire [Entrevista concedida à jornalista Marta Luz] **Juazeiro Panorama**. Bahia: Rádio Juazeiro, 24 abr. 1983. Programa de Rádio.
- GENEVOIS, M. Prefácio. In: SILVEIRA, R. M. G. *et al.* **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 9-12.
- LARROSA, J. O enigma da infância” em *Pedagogia Profana*. **Belo Horizonte. Autêntica**, 2003.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Autêntica, 2017.

MAIA, L. M. Educação em direitos humanos e tratados internacionais de direitos humanos. In: SILVEIRA, R. M. G. *et al.* **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 85-102.

OLIVEIRA, J. M. D. de; MOTT, L. (organizadores). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021**. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

PAZ, J.; ARÉVALO, C. **Bem-estar e Privações Múltiplas na Infância e na Adolescência no Brasil**. Brasília: UNICEF Brasil, 2018.

PESCAROLO, J. K. Direitos Humanos na Escola: Entre Reproduções e Transformações. **Sociologias Plurais**, Paraná, v. 1, p. 123-143, 213.

RADMANN, E. (equipe) *et al.* **Direitos Humanos: Percepções da Opinião Pública**. Porto Alegre: IPO – Instituto Pesquisas de Opinião, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

ZENAIDE, M. de N. T. Introdução. In: SILVEIRA, R. M. G. *et al.* **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 15-25.

CARGA AÉREA

PARCELAS DE CARGA
TRANSPORTES E VIAGENS
AGÊNCIA ABREU

Luiza — Av. de Liberdade, 100
Tel. 32 00 31
Ferreira — Av. dos Aliados, 207
Tel. 3 75 21

Jornal do Comércio

FELTROS
INDUSTRIAIS

molas e comprimidos
— Algodão —

CASA CHAVES GAMINHA

Luiza — Av. dos Aliados, 207
Tel. 3 75 21

SOBRE OS AUTORES

Alissom Roberto Brum é bacharel em Publicidade e Propaganda e mestre e doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale com bolsa integral da Capes. Desde 2014, dedica-se ao desenvolvimento de atividades que integram pesquisa e extensão universitária, com ênfase na relação entre mídia, educação e imagem. É pesquisador no grupo “Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura” e na “Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências”. Atualmente, seus estudos exploram as conexões entre Educação em Direitos Humanos e Alfabetização Midiático-Visual no ambiente escolar, investigando possibilidades de integração por meio da fotografia e suas tecnologias.

E-mail: alissom-r-brum@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8781261256003922>

Aurora Alcaide Ramírez es Doctora en Bellas Artes por la Universidad de Granada (2003), desde 2005 es profesora titular en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Murcia. Es directora del Grupo de Investigación *Arte y Políticas de Identidad*, subdirectora de la revista homónima y colaboradora en el Grupo de Investigación *Linguagens e Manifestações Culturais* de la Universidade Feevale, Brasil. Coordina así mismo el Grupo de Innovación Docente sobre *Arte y Desplazamiento: MOVE* y el *Máster Universitario en Producción y Gestión artística* de la UM. Actualmente participa en los proyectos de investigación “Território Nômade: Migrações, Transições e Deslocamentos na Fotografia Contemporânea” y “Práticas artísticas colectivas y de contexto en entornos locales. Vías de inclusión social ante la crisis global”. Explora desde la teoría y la práctica artística la pintura abstracta y expandida, la antropización de la naturaleza, las poéticas del desplazamiento, el arte colaborativo y las relaciones entre arte, memoria e identidad cultural. Aúna así su actividad docente, con la investigadora y la artística, enriqueciéndose con las sinergias que se van generando entre estos tres ámbitos.

E-mail: alcaide@um.es

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0612517504750045>

CV UM: <https://portalinvestigacion.um.es/investigadores/331856/detalle>

Jornal do Comércio

Claudia Gisele Masiero possui graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2007). É especialista em História Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo e Mestra em Processos e Manifestações Culturais (2014), pela Universidade Feevale. Realizou doutoramento em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, é tutora EaD na Universidade Feevale e autora de três obras infantis *Bissexto: tempo de poesia e pastel de vento: poesia e alimento*, ambos pela editora Ateliê de Histórias, e *Azoury em: expedição estrelas distantes*, pela editora Asinha.

E-mail: claudiamasiero@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8492166020912808>

Claudia Schemes é graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 1987), mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP, 1996) e doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2006). É professora dos cursos de graduação em História e Moda e do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. É editora da Revista Práxis e autora dos livros "Festas Cívicas e Esportivas: Um Estudo Comparativo dos Governos Vargas e Perón" (Ed. Feevale, 2005) e "Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos" (Ed. Feevale, 2003), entre outros. Atualmente, desenvolve projetos de pesquisa na área de moda e design inclusivo para pessoas com deficiência visual.

E-mail: claudias@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2019632516405974>

Cleber Cristiano Prodanov é graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 1987), mestre (1992) e doutor (1998) em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Foi Secretário de Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do Estado do Rio Grande do Sul de 2011 a 2014. Atuou na Universidade Feevale de 1995 a 2024, como professor titular e do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, Diretor do Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas – ICET, Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação e Pró-Reitor de Inovação, sendo responsável pela criação do Feevale Techpark, Hub One de Inovação e do Museu Nacional do Calçado -MNC. Exerceu o cargo de Reitor da Universidade entre 2018 e 2024, além de ser Vice-Presidente do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung) no mesmo período. Atualmente, é pesquisador do grupo de Cultura e Memória da Comunidade, membro do Conselho Estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia do RS, consultor na área de educação, inovação e negócios, sendo o fundador e CEO da empresa Inovatsi.

E-mail: ccprodanov@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5384877936416724>

CARGA AÉREA
 TRANSPORTES AEROPORTUÁRIOS
 TRANSMANHAUTOMÁTICA
 VIAGENS
 SERVIÇOS AEROPORTUÁRIOS
AGENCIA AEREU
 Rua — Av. de Liberdade, 110
 Tel. 32.09.31
 Fone — Av. 24
 Tel. 32.09.31

Jornal do Comércio

FELTROS INDUSTRIAIS
 tecidos e complementos
 — Algodão —
CASA CHAVES GAMINHA
 Rua

Cristina Ennes da Silva possui doutorado em História Ibero-Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS, 2007), graduação em História (1994) e mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 1997). É coordenadora dos cursos de História e Pedagogia e professora permanente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. É tutora do Programa de Educação Tutorial (PET/Interdisciplinar) do MEC e bolsista do Fundo Nacional de Educação (FNDE). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Cultura e Memória da Comunidade. Tem experiência em pesquisa histórica, com foco em temas como memória, imaginário, identidade, representação, história medieval, história local, história da região mineradora do Rio Grande do Sul, história do mundo do trabalho, lazer, infância e história do tempo presente, além dos usos do passado na contemporaneidade.

E-mail: crisennes@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7837979692837308>

Daniela Cristina Menti é mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE (CNPq) e graduada em Design de Moda pela Universidade de Caxias do Sul (2013), além de ter licenciatura em Design de Moda com pesquisa focada na construção do feminino na arte pelo IFRS - Campus Farroupilha (2018). Possui MBA em Gestão de Projetos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2015) com ênfase em projetos de moda no modelo Fast-Fashion.

E-mail: danielamenti@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6223374684773156>

Daniel Conte é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana e Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua como professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale nos Programa de pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais e em Indústria Criativa. É Professor convidado no Programa de pós-graduação em Letras da UFRGS na linha de pesquisa Pós-colonialismo e identidades. Como pesquisador, está vinculado aos grupos de pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais e Indústria Criativa (Universidade Feevale) e ao SUTRA - Subalternidades, Transculturalidade e Perspectivas Decoloniais da Universidade Federal de Pernambuco, ademais de ser parecerista e membro de corpo editorial de importantes revistas científicas no Brasil.

E-mail: danielconte@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1006151597195479>

As poucas indicações de ligeira melhoria verificadas sobretudo no 1º trimestre dos valores divergem, não modificaram a tendência geral do mercado das ações, que continuou a saber características de baixa

ANGOLA-MOÇAMBIQUE

... (text partially obscured)

A PRIMEIRA ETAPA DA VUELTA — Uma pequena ... (text partially obscured)

ESTAMOS CERTOS COM O NOSSO TEMPO!

CARGA AÉREA
 TRANSPORTES AEROPONIAIS
 TRANSPORTES AEROPONIAIS
 VIAGENS
 SERVIÇOS ESPECIALIZADOS
AGENCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 100
 Tel. 32 00 21
 Porto — Av. dos Aliados, 287
 Tel. 3 75 21

Jornal do Comércio

Director: CARLOS MACHADO

FELTROS INDUSTRIAIS
 tecidos e comprimeiros
 — Algodão —
CASA CHAVES GAMINHA
 Lisboa — Tel. 3 75 21

Eduardo Gabriel Velho é Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (CNPq). É professor universitário no Instituto Infnet e na Atitus Educação. Possui formação nas áreas de desenvolvimento web e comunicação digital, com ênfase em estudos de plataforma e análise de dados. Está na área de desenvolvimento web desde 2013, trabalhando principalmente com tecnologias baseadas em JavaScript e Python. No campo acadêmico, utiliza programação e algoritmos de análise de textos para pesquisar acerca da difusão de informações prejudiciais na internet.

Website em: <https://eduardovelho.com>.

E-mail: Eduardo.velho@icloud.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1744776981100322>

Ernani Mügge é graduado em Letras Português - Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), Especialização em Linguística do Texto pela mesma Universidade (1993) e mestrado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). É doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolveu projeto de pós-doutorado em Cultura e Literatura (PNPD/CAPES). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no curso de Letras e no PPG em Processos e Manifestações Culturais. Também integra o quadro docente do curso de Letras do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Atua no Grupo de Pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais, constituído pelas linhas de pesquisa "Linguagens estéticas: processos e produção" e "Aquisição e desenvolvimento da linguagem". Entre outras publicações, é co-autor dos livros *Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental (Artmed)*, *Texto literário: resposta ao desafio da formação de leitores (Oikos)*, *Escrituras do imaginário nas literaturas em língua portuguesa (Trajetos Editorial)*, *Adolescências: tecituras contemporâneas entre literatura e psicanálise (Oikos)* e *Migrações alemãs para o Brasil: História e Literatura (Oikos)*. Publicou três obras ficcionais: *Percalços* (2000), *Instantes* (2004) e *Pretérito (re)visitado* (2017). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e metodologia de ensino da literatura.

E-mail: ernani@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7629543459378453>

TOM PROUXO
 As poucas indicações de ligeira melhoria verificadas sobretudo no 1º trimestre dos valores diversos, não modificaram a tendência geral do mercado das ações, que continuou a saber caras, embora de baixa liquidez.

ECONOMICO
ANGOLA-MOÇAMBIQUE
 O comércio exterior angolano registou um crescimento de 10,2% em 1973, em relação ao mesmo período de 1972.

ESTAMOS CERTOS COM O NOSSO TEMPO!

COTAGGOS NA PAGINA 24

Jornal do Comércio

Fernanda Rodrigues da Silva é doutoranda em Educação pela UFRGS, na Linha de Pesquisa Arte, Linguagem e Currículo. Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, com bolsa Capes (PROSUC) e graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela UFRGS. Foi bolsista de Iniciação Científica do projeto Literatura brasileira e ibero-americana: ecos da cultura e do projeto Literatura brasileira contemporânea: espaço de ressonância da cultura. Professora da Educação Básica na Escola de Aplicação Feevale.

E-mail: fernanda.rodrigues@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1425713586208198>

Isaque Gomes Correa é Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Tradutor e revisor de textos de textos do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Formou-se em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Viveu em Moçambique no biênio 2007 e 2008, atuando como voluntário internacional, onde publicou artigos em jornais e revistas locais e nacionais sobre cultura, linguagem e identidade. Entre suas publicações, destacam-se: "O ser do homem: razões do pessimismo e do otimismo na contemporaneidade" (EDIPUCRS, 2015; reimpresso em 2017), "Revisão de textos na era digital: o que e como revisar" (PUB Editorial, 2019) e "Vida social em Memórias póstumas: dissimulação, encenação e espetáculo" (PUB Editorial, 2023).

E-mail: isaque.correa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3509722167147998>

Juracy Ignez Assmann Saraiva é doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990) e realizou pós-doutorado em Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (2000). Possui mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente, é professora e pesquisadora na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, onde também já coordenou o Mestrado Profissional em Letras e o Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais. Além disso, atua como professora convidada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 2, do CNPq, líder do grupo de pesquisa "Ficção de Machado de Assis: Sistema Poético e Contexto" e participa do grupo "Linguagens e Manifestações Culturais". Suas pesquisas na área de Letras concentram-se na obra de Machado de Assis, na leitura e na metodologia do ensino de literatura. Em 2011, recebeu o prêmio Pesquisador Destaque da Área de Letras do RS, concedido pela FAPERGS e instituições parceiras.

E-mail: juracy@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9592907834868372>

CARGA AÉREA
 TRANSPORTES AEROPORTUÁRIOS
 TRANSMISSÃO TELEGRÁFICA
 TELEFONIA
 SERVIÇOS TELEGRÁFICOS
AGÊNCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 100
 Tel. 32 00 31
 Porto — Av. de Almeida, 107
 Tel. 1 74 21

Jornal do Comércio

Director: CARLOS MACHADO

FELTROS INDUSTRIAIS
 tecidos e complementos
 — Alentejo —
GASA CHAVES CAMINHA
 Lisboa — Faro

Karina Koch é mestra e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (2021) e possui pós-graduação em Docência Universitária no Século XXI (EaD, 2019) pela mesma instituição. Possui graduação em Fotografia pela Universidade Feevale (2019) e em Engenharia de Energia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2012). Tem experiência nas áreas de Artes, com ênfase em Fotografia e Processos Fotográficos Alternativos, e em Engenharia, com foco em eficiência energética. Além disso, participa do projeto de pesquisa "Território Nômade: Migrações, Transições e Deslocamentos na Fotografia Contemporânea".

E-mail: karina.koch@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9239610571824931>

Laura Ribero Rueda possui doutorado e mestrado pelo programa Arte, Território e Cultura da Mídia da Universidade de Barcelona, na Espanha. Realizou pós-doutorado em Poéticas Visuais pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul e bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Jorge Tadeo Lozano, em Bogotá, Colômbia. Atualmente, é professora e pesquisadora na Universidade Feevale, nos cursos de graduação em Artes Visuais e Fotografia e no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais. Coordena o grupo de pesquisa "Linguagens e Manifestações Culturais" nesta mesma universidade. É professora e pesquisadora convidada no Mestrado em *Producción y Gestión artística* e no grupo de investigação "*Arte y Políticas de Identidad*", da Universidade de Múrcia, Espanha. Sua pesquisa se concentra na área de Artes Visuais, com foco na arte contemporânea, fotografia, processos de criação, produção artística e estéticas migratórias.

E-mail: laurarueda@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9274197281064435>

Magna Lima Magalhães possui graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1995) e doutorado pela mesma instituição (2010). Atualmente, é professora da Universidade Feevale, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e no Curso de História. É líder e pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade e membro da Red Internacional de Investigación y Aprendizaje: Memoria y Narración. Tem experiência na área de História, com ênfase nos temas de memória, história, identidade e associativismo negro. É autora do livro *Associativismo Negro no Rio Grande do Sul* (2017).

E-mail: magna@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8030701386970471>

As poucas indicações de ligeira melhoria verificadas sobretudo no 1.º trimestre dos valores diversos, não modificaram a tendência geral do mercado das ações, que continuou a saber caracterizadas de baixa.

ANGOLA-MOÇAMBIQUE

Comunicação

CARGA AÉREA

TRANSPORTES AEROPORTUÁRIOS
S.A. — S. Paulo
AGÊNCIA ABREU
Linha — Av. de Liberdade, 100
Tel. 32.00.31
Fone — Av. de Almeida, 107
Tel. 3.74.21

Jornal do Comércio

Director: CARLOS MACHADO

FELTROS INDUSTRIAIS

tecidos e complementos
— Algodão —

GASA CHAVES CAMINHA

tecido — Felpo

Marluci Meinhart é graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2017), é especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental da mesma universidade, com bolsa integral do Ministério da Saúde e estágio optativo realizado na Unidade Básica de Saúde Fluvial de Abaetetuba, Pará (2020). Mestre (2023) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, com bolsa integral da Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura, possui experiência e interesse nas áreas de educação, docência e saúde.

E-mail: malu.meinhart@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6582351507899453>

Rafael Hofmeister de Aguiar realizou estágio de pós-doutorado em Filologia Galega pela Universidade de Vigo (Galícia/Espanha) e um doutorado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua pesquisa abrange a história da voz poética desde os trovadores galego-portugueses até os poetas do Brasil Colônia, concluída em 2018. Além disso, possui mestrado em Processos e Manifestações Culturais, com ênfase em Literatura, História e Comunicação, pela Universidade Feevale, onde sua dissertação se concentrou na poética da voz em Patativa do Assaré. Sua formação acadêmica iniciou-se com a graduação em Letras - Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 2010. Atualmente, é professor e pesquisador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rolante, liderando o grupo de pesquisa "Estudos historiográficos, multiculturais e comparatistas em poéticas da voz e da performance". Além disso, é membro do Grupo de Investigación BiFeGa da Universidade de Vigo e colaborador da I Cátedra Internacional José Saramago na mesma instituição.

E-mail: rafael.aguiar@rolante.ifrs.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4848113639180231>

Rogério de Vargas Metz é Doutor em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale. Além disso, é membro ativo do grupo de pesquisa "Cultura e Memória da Comunidade" registrado no CNPq, onde sua pesquisa concentra-se na interseção entre comida e cultura. Sua trajetória acadêmica inclui graduações em Administração (2012) e Gastronomia (2017) pela mesma instituição, além de um mestrado em Processos e Manifestações Culturais.

E-mail: rogeri_metz@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0027629294680247>

Roswithia Weber possui graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 1996, mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora na Universidade Feevale. Suas pesquisas concentram-se na História Regional do Brasil, explorando os processos de construção de identidades locais, assim como questões relacionadas à identidade étnica e às relações interétnicas. Além disso, investiga a intersecção entre identidade e turismo, ampliando o entendimento sobre o impacto do turismo na formação e representação das identidades locais. É membro do Instituto Histórico de São Leopoldo.

E-mail: roswithia@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0815974008264471>

Saraí Patrícia Schmidt é Jornalista com Doutorado (2006) e Mestrado (1999) em Educação na linha dos Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente dos Programas de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural da Universidade Feevale. Coordena o grupo Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura com diretório no CNPq e é co-fundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências. Atualmente, é coordenadora do Convênio Educação Antidiscriminatória por meio da parceria da Universidade Feevale e a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (2021- 2024).

E-mail: saraischmidt@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8995332160303604>

Sandra Portella Montardo é doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Fez Estágio de Doutorado na Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, em Paris (2003-2004). Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Feevale no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Indústria Criativa. Foi secretária executiva da Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), Gestão 2011-2013. Atua como Coordenadora do GT Comunicação e Cibercultura da Associação Nacional dos Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Foi Coordenadora do GP Comunicação e Cultura Digital na Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom) (2016-2017). É líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Consumo Digitais (c3dig). É bolsista de Produtividade do CNPq - Nível 2. Tem experiência na área de Comunicação Digital e socialização online, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação digital, plataformas digitais, inclusão digital e linguagem e memória em mídias digitais.

E-mail: sandramontardo@feevale.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8777914359430078>

CARGA AÉREA
 IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO
 TRANSITO FREIGHTMENTS
 VIAGENS
 SECCOES ESPECIALIZADAS
AGENCIA ABREU
 Lisboa — Av. de Liberdade, 100
 Tel. 32 00 21
 Porto — Av. dos Aliados, 207
 Tel. 3 75 21

Jornal do Comércio

Director: CARLOS MACHADO

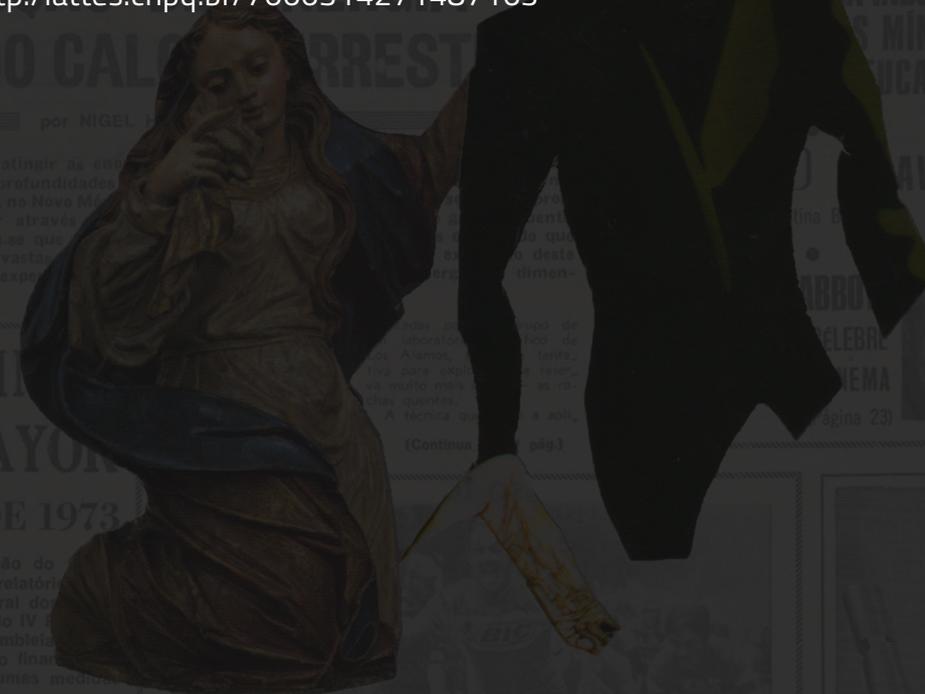
FELTROS INDUSTRIAIS
 macios e comprimeidos
 — Alendões —
GASA CHAVES GAMINHA
 Lisboa Porto

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E CORREIO: RUA DO LUZ DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE, 4 — LISBOA 4 • TELEFONE FIXO 36885 — TELEF. NA 125174 • PROPRIEDADE DO JORNAL DO COMÉRCIO S. A. S. R. L.

Thais Gaia Schüler é Doutora em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Bolsa CAPES-PROSUC) com período sanduíche no Doutorado em Ciências da Cultura da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Portugal), com financiamento CAPES-PDSE. Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Bolsa CAPES-PROSUC, 2019). Especialista em Memória Social e Identidades pela ULBRA (2007) e em Educação Especial e Educação Inclusiva pela UNINTER (2017). Graduada em Bacharelado em Turismo - ênfase em Planejamento pela UCS (2005). Licenciada em Turismo, Lazer e Hospitalidade pelo Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes da UERGS (2012) e em História pela UNINTER (2018). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em História e Natureza da Universidade Federal do Pará (GRHIN - UFPA) e da rede Portuguesa de História Ambiental-REPORT(H)A. Professora auxiliar convidada da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Portugal.

E-mail: thaischuler@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7666314271487163>



A primeira tentativa para atingir as profundidades da Terra se realizou a 20 milhas de Las Alamos, no Novo México, onde se começou a perfurar através da crosta terrestre. A esta profundidade calcula-se que se encontra a superfície, armazenando vastas quantidades de calor, o que poderá ser usado para gerar energia elétrica. (Continua na 6.ª página)

O conselho de administração do Banco Pinto & Sotto Mayor, no relatório apresentado à assembleia geral dos accionistas, refere-se ao projecto do IV Plano de Fomento aprovado pela Assembleia Nacional e lamenta que no domínio financeiro o referido projecto preveja algumas medidas. (Continua na 6.ª página)

ESTABELECIDOS OS TEMAS DO II ENCONTRO ECONOMICO ANGOLA-MOÇAMBIQUE
 LOURENÇO MARQUES, 20 (L) — Economistas de ambos os países, reunidos em Lisboa, acordaram os temas a serem discutidos no encontro que a Comissão de Cooperação Económica e Industrial de Angola e Moçambique, criada pelo Conselho Nacional e Industrial, se vão reunir em Lourenço Marques. (Continua na 4.ª página)

A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peleman, belga, que operava na terceira e última etapa de todos os demais concorrentes à chegada a Alentejo, foi o vencedor da 1.ª etapa da «Vuelta». Roger Swantz parou-se com a segunda etapa, interrompendo-se também Agostinho na 10.ª etapa, a sua terceira das etapas da corrida. (Desenvolvimento em «Desporto», na página 9)

ESTAMOS CERTOS COM O NOSSO TEMPO!

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
 1906 1974

HOJE 40 páginas
 NO 3.º CADERNO
 automobilismo

COTACÕES NA PÁGINA 24

MELHORA A POS DE GISCARD D'ES

R. e
das
Es-
taing, distanciou-se
mais um ponto à frente
do seu rival gaullista,

EM FACE DA CRISE

RA PETROLÍFERA S DIFICULDADES USTRIA DE PLÁSTICOS

(tagem de João Rosa, na página 3)

INDÚSTRIA S MÍNIMOS UCALIPTO

(Página 4)

AVALI

(Página 7)

ABBO
ÉLEBRE
NEMA
(Página 23)



RENDA NACIONAL-CASA DA MOEDA PARA O CHEFE DO ES...
ante Américo
Nacional-Casa
de Meneses, e os demais elementos do conselho de administração...
empresa pública,
s, drs. Ruben Leitão e Ramiro Farinha, e José Manuel Chartens, que foram...
recoer-lhe exemplares
rativas da fusão das duas empresas e da inauguração, a efectuar amanhã à tarde, com a presença
o ministro do Interior, da Livraria do Estado na cidade do Porto

OSPECCÃO DE ENERGIA TIR DO CALO ARREST

por NIGEL H

tentativa para atingir as eno
aquecidas das profundidades
de Los Alamos, no Novo Mé
çou a perfurar através
cidade calcula-se que
armazenando vastas
ser viável, as exper
calculável.

CO PIR O MAYOR

CÍCIO DE 1973

de administração do
otto Mayor, no relatório
assembleia geral do
e ao projecto do IV R
vado pela Assembleia
que no domínio finan
cto preveja algumas medidas

(Continua na 6.ª página)

ESTABELECIDOS OS TEMAS DO II ENCONTRO ECONÓMICO

ANGOLA-MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES,
24 (L.) — Encontram-se já
estabelecidos os temas a
ser discutidos por empresá
rios e homens de negócios
do Moçambique e de Ango



A PRIMEIRA ETAPA DA «VUELTA» — Eddy Peelman, da Bélgica, que aparece na gra...



CE
COM
TE

ISBN:
978-65-86341-35-5